

B E N M O O N

Dental

**A história de um
homem, um cachorro
e uma amizade que
salvou a vida dos dois**



Denali

B E N M O O N

Denali

**A história de um homem, um cachorro
e uma amizade que salvou a vida dos dois**

Tradução

Edmundo Barreiros

 Planeta

Copyright © Ben Moon, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Edmundo Barreiros

Título original: *Denali: a Man, a Dog, and the Friendship of a Lifetime*

Todos os direitos reservados.

Preparação: Franciane Batagin

Revisão: Diego Franco Gonçalves e Vanessa Almeida

Diagramação: Anna Yue

Capa: Rafael Brum

Imagem de capa: Cortesia do autor

Créditos das imagens: p. 117 e 118 – © Vivian Moon, p. 132 – ©

www.lisaskaff.com, p. 133 – © Jeff Johnson, p. 134 – © Ian Yurdin, p. 157

– © Dan Higgins, p. 190 – © Christine Taylor, p. 250 – © Giles Clement,

p. 273 – © Whitney Hassett, p. 287 – © Page Stephenson. Todas as

demais imagens são cortesia do autor.

Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moon, Ben

Denali [livro eletrônico]: um homem, um cachorro e a amizade de uma vida / Ben Moon; tradução de Edmundo Barreiros. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.

ePUB

ISBN 978-65-5535-618-2 (e-book)

Título original: *Denali: a man, a dog, and the friendship of a lifetime*

1. Moon, Ben – Biografia 2. Relação homem-animal 3. Cães 4. Animais de estimação I. Título II. Barreiros, Edmundo

1. Moon, Ben - Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Sumário

UMA SEGUNDA OPINIÃO

1 À PRIMEIRA VISTA

2 NOVOS COMEÇOS

3 VIDA DE ESCALADOR ANDARILHO

4 PRIMEIRO SANGUE

5 O DIAGNÓSTICO

6 A BATALHA

7 A BOLSA

8 A VOLTA À VIDA

9 CONEXÕES

10 OUTRA ONDA

11 A BATALHA DE DENALI

12 DIMINUINDO A VELOCIDADE

13 FICANDO SOZINHO

14 ACEITANDO O LUTO

15 UM NOVO COMEÇO COM NORI

DENALI CONTINUA VIVO

BEN MOON

Uma segunda opinião

E quando uma pessoa que você ama entrar pela porta, mesmo que isso aconteça cinco vezes por dia, fique completamente louco de alegria.

– David Dudley

— Se você decidir não realizar o procedimento, Ben, a taxa de recorrência de seu tumor vai ser de 50% ou mais.

As palavras do dr. Ahmad ecoavam desconfortavelmente em minha cabeça enquanto eu, em minha van, atravessava a hora do rush em Portland, rumo à costa, sentido oeste. Eu o havia procurado para ter uma segunda opinião sobre o assunto, mas recebi a pior notícia possível, a que eu mais temia. Agora eu precisava chegar ao oceano – subir a cordilheira costeira, afastando-me do calor do verão e da claustrofobia que sempre sinto em cidades – para descarregar o peso surreal daquilo tudo. Só um corpo de água tão imenso quanto o oceano Pacífico seria poderoso o suficiente para esse serviço.

Ao meu lado na van estava meu querido Denali, uma mistura muito bonita de husky com pit-bull e meu companheiro constante pelos últimos quatro anos e meio. Ele entrou em minha vida com apenas oito semanas, em um momento no qual eu não me sentia capacitado para criar um filhote; ainda assim, o destino percebeu que eu precisava do suporte e da companhia dele mais do que qualquer coisa. Eu não tinha ideia do quanto me apoiaria nele durante as tribulações que vieram a seguir.

Quase exatamente um ano depois de levá-lo para casa,

minha mulher, Melanie, me trocou por outro homem e destróçou minhas perspectivas de futuro. Com apenas 25 anos naquela época, eu não sabia muito bem o que fazer com a minha vida, e Denali se tornou o único amigo para quem eu poderia expressar todo o meu sofrimento. Ele aguentou muitas das minhas lágrimas e incontáveis abraços enquanto eu me esforçava para compreender essa nova realidade. Nós nos tornamos tão inseparáveis quanto duas almas podem ser.

Quando ficou óbvio que Melanie não iria voltar para casa, empacotei minhas coisas e, com Denali ao meu lado, parti para trabalhar em um fabricante de equipamentos de escalada em Bend, Oregon, uma cidade recreativa em High Desert. Preparei uma cama para colocar na traseira do meu Subaru, utilizando tecido e espuma de colchões de proteção em rochas (peças dobráveis que podem ser levadas para escaladas curtas, que não exijam cordas; elas são colocadas na base para amortecer quedas). Denali e eu vivemos por quase um ano nesse veículo, enquanto eu começava uma nova carreira como fotógrafo de natureza e aventura. Ele era o colega de quarto perfeito, se enfiando debaixo das cobertas quando o gelo se formava por dentro das janelas. Denali se ajeitava ao meu lado, compartilhando calor e amor, o que fez com que, aos poucos, eu comesse a curar meu coração despedaçado. Ele nunca se aborrecia quando eu refletia sem parar sobre os mistérios das mulheres e as decepções amorosas. A ciência agora nos diz que a conexão com os caninos reduz nosso cortisol ao mesmo tempo que libera oxitocina. A devoção cuidadosa e atenta de Denali e seus efeitos sobre mim foram uma prova poderosa disso.

Eu havia sido diagnosticado com câncer colorretal estágio 2, uma doença raramente associada a alguém de apenas 29 anos. Minha visita ao cirurgião gastrointestinal foi em busca de uma segunda opinião sobre qual procedimento era apropriado para remover a massa cancerígena, e ele tinha certeza de que a remoção do meu reto e ânus era um

procedimento necessário para garantir a cicatrização adequada do tecido saudável e reduzir as chances de recorrência do tumor. Isso significava que, como ele me disse, eu precisaria de uma colostomia permanente. A ideia de fazer cocô em um saco plástico pelo resto da minha vida era difícil de entender, especialmente levando em conta meu estilo de vida, que girava em torno de escalar, surfar e fotografar atletas de alto nível em seus locais favoritos. Tenso, aguardei por sua recomendação e mal conseguia respirar enquanto rezava para que ele me dissesse que a colostomia não era necessária.

A gravidade de me ver cara a cara com a minha mortalidade abalou minhas estruturas, e de repente me vi longe do ritmo de viagens entre os rochedos e as ondas do oeste norte-americano, fotografando um grupo de pessoas com ideias semelhantes às minhas, que valorizam uma vida de aventuras mais que os confortos materiais de um salário fixo e uma hipoteca. De muitas maneiras, viver na estrada era fácil, devido à falta de complexidade. Mas o caminho criativo tem seu próprio conjunto de desafios, e eu me esforçava muito para equilibrar as contas quando resolvi ter apenas a fotografia como fonte de renda pela primeira vez. Embora os ganhos de um freelancer novato mal dessem para encher o armário de comida na van, existiam também os benefícios e recompensas de acordar longe do ruído da civilização, em um lugar que eu escolhi, e permitir que os ciclos do sol e do clima ditassem as atividades de cada dia. Buscar as horas mágicas de luz do dia e encontrar o enquadramento perfeito frequentemente me levaram a lugares de beleza indescritível e me trouxeram amizades para a vida inteira. Essa rotina e a minha vida com Denali se tornaram tudo para mim até que o câncer pulou do escuro e me pegou pelo pescoço.

Câncer colorretal.

A palavra *câncer* sozinha já era muito aterrorizante. Eu não tinha noção de que o bombardeio de indignidades físicas,

emocionais e burocráticas endêmicas às indústrias médica e de seguros aqui nos Estados Unidos quase me afogariam. No auge dos meus 20 anos, eu me sentia invencível. Ninguém nessa idade imagina um diagnóstico de câncer, muito menos quando essa doença é normalmente associada a pessoas vivendo seus anos de aposentadoria. Ainda mais devastador para o meu ego jovem, o câncer de cólon carrega ao mesmo tempo um estigma e sintomas que a maioria das pessoas prefere não discutir em público.

À medida que o trânsito diminuía e os subúrbios davam lugar às florestas costeiras, meu humor melhorava e eu começava a antecipar um vislumbre do oceano Pacífico cintilando através das árvores. Durante minha infância no oeste de Michigan, o lago Michigan era meu oceano. Perto da extremidade sul da cidade, à beira do lago de Grand Haven, há um local em que a estrada passa acima das dunas e a vista sempre me atingia como quatro doses de *espresso*, enquanto a extensão do lago oferecia fôlego novo para superar qualquer desafio que eu enfrentasse.

Com a realidade da batalha à frente começando a amadurecer, chegar ao Pacífico foi um ótimo lembrete de que, apesar de tudo que ainda aconteceria, existiam poderes muito maiores em jogo. Minhas preocupações – uma morte precoce de câncer *versus* uma vida longa com o fardo de usar um saco de cocô – de algum modo se tornaram insignificantes quando comecei a sentir a atração das correntes e o ritmo das marés ditados por uma lua que circundava centenas de milhares de quilômetros acima. Paramos em um trecho de praia ao norte do famoso cartão postal de Haystack Rock, em Cannon Beach, e, enquanto vestia a bermuda de surfe, Denali olhava preocupado. Ele sempre esteve sintonizado com minhas

preocupações, frequentemente muito antes que eu mesmo tomasse consciência delas, e ele não havia tirado os olhos de mim desde que fui diagnosticado apenas alguns dias antes. Quando comecei a correr na areia em direção ao mar, cada passo empurrava o choque mais para o fundo. Meu corpo, eu sabia, nunca seria o mesmo com um saco de cocô pendurado em minha barriga. Denali me acompanhou passo a passo.

Desacelerei quando as correntes me puxaram pela cintura e mergulhei na congelante água a dez graus Celsius. Ao emergir, me sentindo refrescado, percebi que Denali ainda estava ao meu lado, nadando com determinação porque, a essa altura, estava fundo demais para ele ficar em pé. Com a pele formigando do batismo gelado, fiquei imóvel, olhando fixamente para o horizonte reluzente, com meu desespero lentamente sendo substituído por um sentido de determinação.

Algumas ondas grandes surgiram à frente, e vi os olhos de Denali se arregalarem ao perceber que estava fora de sua zona de conforto. Enquanto a primeira onda se aproximava, ele fez a volta e começou a nadar loucamente na direção da praia. Ele estava impulsionado pelo medo, mas ainda assim em sintonia perfeita com a onda, e quando ela o alcançou, Denali deslizou em sua movimentação com a graça de um golfinho, e a superfície vítrea continuou em frente, empurrando-o antes de liberá-lo na parte rasa. Ri alto, alegre de ver meu cachorro pegar sua primeira onda, e percebi que existia uma lição no que estava acontecendo: somos impotentes para enfrentar os *swells*^[1] inesperados da vida, e há momentos em que a única escolha é abandonar a percepção de que estamos no controle e simplesmente nos deixar levar pela onda.

Repassei a situação várias e várias vezes na cabeça. Eu seria capaz de escalar com uma colostomia? Surfar as ondas que eu ainda tinha que explorar? Amar uma mulher? Ou ter uma mulher atraída por mim? Abracei Denali e ele me olhou com uma confiança que me deu esperança de que, de alguma

maneira, eu ia passar por tudo aquilo.

Nós vamos surfar e sair dessa onda juntos, pensei. Obrigado, Denali.

DENALI

1

À PRIMEIRA VISTA

Um cachorro é, antes de tudo, um instrumento de crescimento pessoal: ele existe para aliviar as ansiedades existenciais, transmitir lições sobre amor e amizade e ensinar você a ser uma pessoa melhor.

– David Dudley

Depois de terminar um curso de medicina esportiva na Universidade Estadual de Grand Valley, me mudei dos Grandes Lagos para o Oregon com Melanie, a mulher com quem tinha acabado de me casar com a idade sensata e jovem de 23 anos. Ela tinha 20. Nunca havíamos visitado a Costa Oeste antes, mas a nossa atração pelas montanhas e pelo litoral do noroeste do Pacífico parecia uma boa razão para se libertar do alto Meio-Oeste.

Após a cerimônia de casamento, fomos morar em Grand Haven, que já era minha cidade praiana favorita há muito tempo, e foi ali no lago Michigan que surfei minhas primeiras ondas, nas águas do interior e sem sal. Apesar disso, logo fiquei inquieto vivendo tão perto de onde tinha crescido, e desejava fortemente estar perto daquelas falésias que via nas revistas. Lendo atentamente guias do noroeste do Pacífico, fiquei maravilhado com os picos de montanhas impressionantes, áreas de escalada abundantes e diversas atividades recreativas. Sonhava com uma mudança para o

oeste em direção a essas montanhas, ao oceano Pacífico e às aventuras sobre as quais eu lia apenas nos guias.

Alguns meses depois do casamento, um velho amigo se mudou para Aloha, no Oregon. Espremida entre Beaverton e Hillsboro, e cheia de redes de lojas automotivas e de concessionárias, Aloha era um nome inadequado para um subúrbio industrial de Portland. Durante um telefonema, contei meu desejo de me mudar para o oeste, e ele se ofereceu para alugar um quarto no apartamento em que estava ficando. Parecia a oportunidade perfeita de fazer a mudança que eu estava imaginando.

Melanie e eu empacotamos as nossas coisas, enfiamos todas elas em nosso Isuzu Rodeo e seguimos para o sul pela US 31. Atravessamos a área urbana de Chicago e seguimos para o noroeste, até as longas e estreitas vias da Interestadual 94 nos levarem às planícies congeladas de Dakota do Norte, e antes de pararmos em Bozeman, Montana, por uma noite.

Minha sensação era de alívio, à medida que o oeste parecia nos dar boas-vindas com seus moradores simpáticos e algumas paisagens incríveis. Contemplava com admiração a paisagem de Coeur D'Alene, em Idaho, antes que a direção hidráulica congelasse e os faróis se apagassem na cidadezinha bucólica de Ritzville, Washington, quando o alternador do carro deu problema. Era fim de semana, por isso ligamos para todas as lojas de autopeças até encontrar um mecânico que pudesse trazer uma substituta e instalar na manhã seguinte.

Enquanto jantávamos em um restaurante vagabundo, mas caseiro, nosso atendente perguntou para onde estávamos indo.

— Portland! — disse eu, empolgado por estar livre do plano e sufocante Meio-Oeste.

— Cara, como eu queria ir embora desta cidade — respondeu ele, baixando a cabeça. — Mas não posso.

Fiquei intrigado com esse sentimento de resignação enquanto revia lembranças de meus colegas de turma

arrumando empregos em fábricas e se mudando para casas ao lado das de seus pais.

Era noite quando Melanie e eu passamos com nosso SUV barulhento e engasgado pelo rio Willamette, atravessando a ponte Marquam no noroeste de Portland. Uma névoa pairava baixa e sufocante, obscurecendo a maior parte da cidade. O recorde de dias seguidos sem sol foi quebrado durante as três semanas seguintes. “Bem-vindo ao Oregon”, dizia a placa na estrada. Apesar do ar lúgubre, eu estava empolgado por estar em um lugar que oferecia tanto potencial ao ar livre.

Durante as três primeiras semanas em nossa casa nova em Aloha, um subúrbio a sudoeste de Portland, o sol ainda precisava aparecer. *Quem chamou este lugar de Aloha se ele não tem sol?!*, eu costumava pensar. Nosso apartamento era perto da Canyon Road e, em uma manhã, quando peguei a mesma estrada para o leste em direção ao centro de Portland, o sol finalmente perfurou a obscuridade para revelar a incrível silhueta coberta de neve do monte Hood, que se erguia à frente como um monumento. Apesar de quase um mês vivendo no Oregon, eu não tinha ideia de que havia uma montanha tão perto. Meu coração disparou com a ideia de praticar snowboard naquelas deslumbrantes encostas brancas e, um dia, escalar até seu cume.

Na semana seguinte, parei em uma loja de equipamentos e encontrei no balcão um guia de escaladas do parque Smith Rock. Depois de folheá-lo, perguntei sobre ele ao dono da loja.

— Parece um lugar fantástico para escalar. É perto daqui? Qual é a melhor época para escalar lá?

— Smith fica a cerca de três horas a sudeste daqui. É uma área incrível. Você pode escalar por lá o ano inteiro, desde que não esteja nevando — respondeu ele.

Minha curiosidade foi atiçada e comprei o guia na mesma hora. Ainda não sabia o quanto aquela área de escalada especial significaria para mim nos anos seguintes.

Depois de mostrar o guia a Melanie, concordamos que

precisávamos fazer uma visita, e viajamos três horas pela Cordilheira das Cascatas, chegando a Smith Rock no fim da tarde. Ele estava completamente escuro devido à cobertura densa de nuvens. Enquanto armávamos a barraca, pude sentir uma presença muito forte, mas não havia nada visível para preencher as lacunas da minha imaginação. Dormi um sono inquieto, ansioso demais com a perspectiva de um dia explorando uma verdadeira área de escalada, uma novidade para quem havia crescido nos Grandes Lagos. O ar de High Desert tinha um cheiro familiar de sálvia e outro aroma desconcertantemente conhecido. Era o fedor que eu, mais tarde, descobri serem bagas de zimbro, embora tivesse reconhecido por me lembrar da época em que o gato adotado de minha mãe esvaziava a bexiga em minha cama e nos cantos mais profundos de meu armário.

Ao amanhecer, abri o zíper da barraca para me aliviar, e a vista do lado de fora foi tão chocante que perdi instantaneamente a vontade de fazer xixi. Em vez disso, tentei absorver a magnificência da gigantesca área íngreme de rocha avermelhada que cercava o acampamento. Olhei para o rio que fazia uma curva na encosta do cânion e, na luz do início da manhã, meus olhos procuraram encontrar as vias escaláveis nas paredes íngremes. Eu estava ao mesmo tempo eufórico e nauseado com a sensação intimidante. Aquelas paredes de tufo vulcânico eram muito mais majestosas que qualquer outra coisa que eu já tinha visto ou considerado subir.

A escalada “tradicional” utiliza *camalots*^[2] posicionados em fendas com laterais paralelas e *nuts*^[3], ou pequenas escoras de alumínio que são enfiadas em lugares estreitos dentro da fenda. Todo esse equipamento é removido depois da escalada. Já a “escalada esportiva” depende de ancoragens permanentemente presas a uma parede de pedra, prendendo cordas em costuras^[4] que são atadas às chapeletas na parede da rocha, espaçadas a qualquer distância entre um e sete

metros, dependendo do terreno. Isso significa que, se você está um metro e meio acima de seu último ponto clipado, vai cair no mínimo três metros, além da quantidade extra que seu peso estica a corda antes que a queda seja interrompida. A escalada esportiva costuma ser feita em paredes, nas quais os apoios para mãos e pés são pequenas saliências ou reentrâncias, e nenhuma fenda é segura o suficiente para usar *camalots* ou *nuts* removíveis.

Para esquentar e sentir o estilo de escalar as escarpas verticais, tentei algumas vias mais fáceis e percebi que a dificuldade em cada nível era grande, e o espaçamento entre as chapeletas às quais eu prendia minha costura era muito maior do que já havia experimentado. Cada vez que encontrava um lugar para me prender à chapeleta seguinte, percebia que meus pés estavam bem mais altos do que um corpo de distância ou mais além do meu último ponto de proteção, o que significava que eu mergulharia por cerca de sete metros se caísse. Agarrei as pequenas ondulações com mais força e subi cuidadosamente, torcendo para que a borracha aderente das sapatilhas de escalada permanecesse agarrada às pequeninas saliências de rocha que pareciam prestes a quebrar a qualquer momento devido ao meu peso corporal. Eu estava tão concentrado em chegar à ancoragem no alto da escalada que perdi uma das chapeletas. Tremia de medo no longo laço de corda que pendia solto entre o nó em minha cadeirinha e o último ponto de proteção muito abaixo. Respirei fundo e, com dedos dormentes, me clipei à ancoragem e dei um suspiro de alívio. *Uau, pensei, foi para isso que me mudei para o oeste.*

Enquanto Melanie e eu nos estabelecíamos no Oregon em nosso novo casamento e nossa nova casa, comecei a querer um cachorro. Passava horas lendo livros sobre cães e pesquisando as raças que seriam mais apropriadas para a vida ao ar livre pela qual eu ansiava. Algumas raças eram mais atraentes que outras, mas achei que seria injusto adotar

qualquer cachorro até realizar totalmente o sonho de passar meus dias escalando e explorando as praias e desertos do oeste.

A cidade não é lugar para um cachorro, pensei. Preciso esperar até nos mudarmos para algum lugar no qual eu e meu cão possamos nos sentir livres. Sem trânsito, sem coleiras obrigatórias... só ar puro, espaço para andar e uma vida que nos permita estar juntos o dia inteiro.

Em um domingo de novembro, Melanie me convenceu a parar com ela no abrigo local de animais, garantindo que seria uma passada rápida, só para ver quais tipos de cães estariam disponíveis quando eu estivesse pronto para adotar. Contrariando meus instintos, concordei, e logo estávamos andando pelos corredores de concreto do Abrigo de Animais Bonnie L. Hays, impressionados pela cacofonia de cachorros ganindo e latindo. Uma pilha de filhotes ainda de olhos fechados subia uns sobre os outros à minha direita, e os olhos tristes e apáticos de um cão velho e abandonado me olhavam do outro lado. Logo me senti tomado pelo desamparo e pelo cheiro forte de antissépticos. Meu único pensamento era deixar aquele lugar desolado. Enquanto procurava a saída e já emocionalmente distante, segui apressado por um corredor com fileiras de gaiolas.

De repente, o estado calmo de um filhote me fez parar onde eu estava. Sentado sozinho em uma gaiola posicionada ao nível dos olhos, ele estava me observando em silêncio. Sua presença curiosa e calma fez meu coração ganhar vida. Surpreso pela sensação em meu peito, continuei andando e passei por ele. Enquanto caminhava, ouvi um “woof!” resolutamente emergir de sua gaiola. Eu sabia que ele estava falando diretamente comigo e não ia me deixar passar sem reconhecer o momento de conexão que nós já havíamos compartilhado.

Suspirei e sussurrei enquanto dava outra olhada para o filhote:

— Está bem, amigo, fale comigo.

Ele era marrom e preto, com marcas simétricas na testa e tinha olhos que pareciam circundados por delineador. Ergueu uma pata e a ofereceu para mim atravessando as barras da gaiola, atraindo-me para mais perto dele. Agora que tinha toda a minha atenção, inclinou a cabeça e as orelhas moles caíram para um lado enquanto ele fixava seus grandes olhos castanhos nos meus. Seu olhar era firme, já sugerindo a personalidade de uma alma antiga que eu conheceria em breve.

Oi. Você parece legal. Hum, por que você olha para mim? Acabei de ser deixado neste lugar! Preciso de alguém para me libertar. Aqui fede e estou cheio de todos os ganidos e latidos. Droga. Ah, bom, você está finalmente me notando! Oi, de novo. Ei, você parece estar precisando de um amigo. Deixa eu sair daqui que vou te amar para sempre.

Recuperando o fôlego, olhei para a etiqueta de identificação em sua gaiola. Ela dizia:

BROOKLYN
MISTIÇO DE HUSKY E PIT-BULL
MACHO – 8 SEMANAS

Que bom, pensei. Este não pode ser o cachorro certo para mim. Fiquei momentaneamente aliviado, pois estava planejando adotar uma fêmea, e um pit-bull terrier era uma raça que eu

não tinha nem considerado. Mas, enquanto estava ali parado, senti uma ligação inegável já se formando. Encontrei um funcionário do abrigo, que rapidamente resumiu o que sabia sobre o passado de Brooklyn.

— Houve muito interesse por esse sujeitinho. Duvido que ele vá ficar aqui por muito mais tempo — disse ele. — Uma mulher o adotou da ninhada de um vizinho quando ele tinha seis semanas e o trouxe para cá duas semanas depois quando perceberam que não conseguiriam lidar com um filhote.

— E a parte pit-bull dele? Cachorros machos não são mais agressivos? — perguntei de modo inconveniente, procurando desculpas para não o levar para casa.

— Mestiços de pit-bull podem ser animais de estimação incríveis — disse o funcionário. — E se forem castrados e corretamente treinados, machos não devem ter problemas com agressividade. A mãe dele era pit-bull, mas não sabemos sobre o pai. Um labrador retriever é nosso melhor palpite, mas, sinceramente, não temos ideia. Quer levá-lo para a área de brincadeiras para ver se vocês se dão bem?

Concordei e então levamos o filhote para a outra sala, onde conheceria Melanie. Removi a guia depois que fechamos a porta, e o pequeno Brooklyn saiu correndo pelo perímetro da sala de concreto, passando veloz por Melanie e pelo atendente antes de se debruçar aos meus pés. Rolou de costas, com as patas bem abertas, e olhou para mim com uma confiança que indicava o amigo leal que se tornaria. Enquanto mastigava meu cadarço, eu soube no fundo da alma que tínhamos sido feitos um para o outro – não havia nenhuma dúvida disso. Todas as minhas hesitações anteriores derreteram, e soube em meu coração que aquele ser peludo estaria em minha vida pelos anos seguintes.

Minha infância foi vivida fora do sistema convencional de uma cidade, nas profundezas das florestas de Michigan. Os cachorros de nossa família se tornaram tanto meus companheiros de aventura quanto meus confidentes, e os anos vividos na tranquilidade da floresta com um cão ao meu lado instauraram em mim um amor pela solidão e pelo tempo ao ar livre na natureza.

Nessa época, nunca fui a uma igreja tradicional, com um pastor. Em vez disso, minha família se reunia em casas diferentes nas manhãs de domingo e noites de quarta-feira para estudar os ensinamentos de Cristo que serviam como fundamentos de nossa fé. Antes de adotarem essas crenças, meus pais tinham feito parte de algo muito diferente.

Eles se conheceram no Colorado no início de seus vinte anos, em uma reunião de uma seita comunitária chamada Meninos de Deus. Casaram-se três semanas depois. Após entrarem na seita, foi exigido que eles entregassem todos os seus bens terrenos para o líder do culto. Só com a roupa do corpo, meus pais distribuíam panfletos e pediam dinheiro nas ruas enquanto perambulavam pelos estados sulistas do Alabama, do Arizona, do Texas e de Louisiana.

Depois de um ano, eles se tornaram céticos em relação às doutrinas do grupo, se libertaram da lavagem cerebral do culto e se mudaram para o estado natal de meu pai, Michigan. Ficaram perdidos por algum tempo e, com um empréstimo dos meus avós, acabaram comprando oitenta hectares de florestas na zona rural, a oeste do estado. Eu ainda era bebê quando eles deixaram o culto, por isso tenho poucas lembranças daquela época, até que nos instalássemos na propriedade, mas minha certidão de nascimento ainda guarda uma marca daquela época: logo acima do meu atual nome do meio, Robert, há um nome rabiscado, Seeds (Sementes), que me foi dado pela seita ao nascimento. Meus pais abandonaram as religiões organizadas até que um encontro casual com um casal de pastores itinerantes de uma fé sem

denominação os ajudou a recuperar sua espiritualidade.

A família de Melanie seguia os preceitos da mesma fé, e por isso rapidamente me aceitaram como um deles logo que nos conhecemos.

Durante a minha infância, eu era sensível. Exageradamente sensível. E como uma criança que tem essa característica, eu absorvia a ansiedade da minha mãe. Isso pode ter começado no útero, enquanto ela e meu pai tramavam a saída do culto para o qual tinham dado todos os seus bens, e por meio de sua experiência traumática com meu nascimento. Entrei no mundo com saudáveis 4,65 quilos, respirando o ar quente e úmido dos riachos do sul de Nova Orleans. Fundado nos anos 1700 e reconstruído mais tarde, em 1939, a algumas quadras de onde fica hoje o Superdome, o Hospital Charity era um local de ensino que foi condenado e desativado depois do furacão Katrina. Durante meu nascimento, enfermeiras se recusaram a permitir a entrada do meu pai na sala do hospital e amarraram minha mãe enquanto uma série de residentes obstetras permaneceu ao lado do leito e assistiu enquanto o médico responsável explicava cada passo do processo.

Quando cheguei no terceiro ano da escola, fui tomado pela ansiedade por causa das conversas sobre a guerra. No fim dos anos 1970, os tópicos no jantar frequentemente giravam em torno da Guerra Fria ou das lembranças de meu pai no Vietnã. Apesar de ter sido chamado para a guerra, o destino deu a ele um emprego administrativo, trabalhando no recrutamento para os oficiais. Mesmo assim, esse assunto me aterrorizava. A guerra e as mortes eram temas que não conseguia entender e me assustavam. Tinha medo de perder meus pais ou minha irmã, Miranda, e de morrer. Estava sentindo e absorvendo informações muito além da minha compreensão, mas

entendia sua gravidade.

Nós vivíamos entre a agora desativada base da Força Aérea K. I. Sawyer, em Marquette, e uma base da Guarda Nacional Aérea em Battle Creek. Quando os caças a jato roncavam no céu, eu encostava e apertava minhas costas magras na parede da casa para me esconder embaixo das calhas, torcendo para que os pilotos não pudessem me ver em suas missões de treinamento. Em vários momentos, enquanto estava no andar de cima e os F-15s voavam muito baixo, pude ver as máscaras dos pilotos. Abaixava rapidamente no chão, convencido de que eles iam cair pela janela do meu quarto.

Quando não estava lidando com o medo da morte e dos conflitos, ou então com as tarefas intermináveis da fazenda, me refugiava lendo todos os livros sobre a natureza que podia encontrar. Desenhava elaboradas paisagens submarinas, sonhando poder um dia explorar as profundezas aquáticas como meu herói Jacques Cousteau. A localização remota de nossa pequena fazenda de subsistência significava que brincar com amigos raramente era uma opção. Em vez disso, eu confiava na minha imaginação para me manter ocupado.

Por mais que essa inventividade fosse uma fonte de entretenimento e aventura em nossa propriedade, minha mente superativa podia transformar o desconhecido em uma fonte de medo paralisante. Eu era também extremamente tímido, característica que me seguiu durante os meus anos de adolescência, frequentemente me fazendo evitar atender o telefone, com medo de me relacionar com outro ser humano. Isso preocupava minha mãe, especialmente quando eu não atendia ligações importantes, como na ocasião em que meu pai se machucou no trabalho e precisou ir para a emergência. Essa foi uma das poucas vezes em que ouvi minha mãe falar palavrão, e a sua explosão de raiva estava diretamente relacionada a mim.

Como era a filha mais nova de três meninas, a diferença de idade entre ela e as irmãs mais velhas era muito grande. Seus

pais eram alemães extraordinariamente severos que nunca toleraram nenhuma discordância por parte das filhas. Eles sempre a lembravam de que ela havia sido um acidente e que eles queriam um menino. Às vezes, penso se minha mãe sente que merece ser amada. “Faça o que digo e não me questione” era seu método de comunicação, e ela levou isso adiante quando criou a mim e a minha irmã. À medida que cresci, comecei a questionar e discordar dela, e frequentemente a via em silêncio e chorando, um mecanismo de defesa que usava para evitar confrontos desde que eu era pequeno.

Por minhas próprias experiências em hospitais, posso imaginar como meu nascimento deve ter sido frio e solitário para minha mãe, presa à cama e tomada por contrações enquanto me empurrava para este mundo. Com uma entrada tão sem cerimônia na vida, não foi surpresa para mim sentir tão cedo o peso do mundo. Sofria de escoliose e má postura, e frequentemente me perguntava se isso era consequência da tentativa de me esconder, um resultado de minha timidez e meu medo de ser visto. Minha estrutura frágil cedia sob o peso de tudo.

Aos oito anos, tinha fortes dores no peito, um aperto tão intenso entre meus músculos intercostais que fui parar no consultório médico várias vezes. A cada nova visita, o médico desprezava meus sintomas, e a ansiedade que me dominava mesmo tão jovem nunca foi diagnosticada.

Tinha medo de decepcionar meus pais e era aterrorizado pela possibilidade de meus colegas me rejeitarem por usar roupas de segunda mão, por ser magro demais, nerd ou obcecado por tocar em banda, e me preocupava que meus colegas de turma me provocassem por não saber o suficiente sobre cultura pop ou programas de TV. Tinha medo também de chorar em frente às outras crianças e que elas vissem o quanto eu era sensível.

“Meninos não choram” é tudo o que me lembro de minha professora do quinto ano dizer depois que comecei a chorar

pela terceira vez em sala de aula naquele dia.

Para mim, depressão é uma série de obstáculos aparentemente contínuos que inibem a tranquilidade que desejo. Não sei exatamente quando a depressão jogou seu primeiro véu pesado sobre a minha mente jovem, mas ela roubou aqueles momentos preciosos de maravilhamento infantil. Há um instante tardio na infância quando nossa inocência se perde para sempre; o meu chegou cedo demais e só percebi isso anos mais tarde, enquanto olhava fotografias de minha infância. Ali estava o pequeno Ben, de olhos azuis arregalados de curiosidade e brilhantes de alegria inocente. Então, por volta dos cinco anos, esses olhos começaram a carregar um peso e uma consciência da morte, da raiva e da dor, um entendimento de que todos vamos morrer, ou pior ainda, vamos para o inferno.

Algumas pessoas dizem que o maravilhamento infantil, aquela imersão completa no momento presente, é similar ao que experimentam adultos sob a influência de substâncias psicodélicas. Toda a ansiedade e as preocupações do lado esquerdo do cérebro, o medo de não pertencer, de não se adequar, a preocupação de que os outros não gostem de nós e a desconexão que sentimos quando nos tornamos adultos é substituída nesses momentos por uma sensação de autoaceitação e conexão com outros seres. Essa é uma sensação que os cães dominaram, de algum modo permanecendo no presente enquanto se apresentam para oferecer apoio sem nenhum traço de julgamento. Ou melhor, isso acontece a não ser que eles não tenham tido sua aventura diária ao ar livre.

Ainda não tenho certeza se minha depressão na infância se devia ao desequilíbrio de serotonina, que parece acontecer com familiares próximos, ou se estava relacionada ao fluxo avassalador de estímulos emocionais que vêm com uma mente altamente perceptiva.

Enquanto crescia, lidava com a ansiedade, com os

hormônios habituais da adolescência e também com hábitos obsessivo-compulsivos, seguindo rotinas estranhas de contar passos, acender e apagar luzes e repetir expressões ou pequenas ações até sentir que tinha algum controle sobre minha situação.

Como vivíamos em uma área remota, nunca existiam oportunidades para escapar muito do escrutínio de minha mãe. Não havia mensagens de texto nem mídias sociais. Eu tinha que agonizar sobre um bilhete manuscrito, ou usar o telefone discado da família para ligar para uma garota de quem eu gostasse.

Escapar para festas distantes era quase impossível, e, como todos os meus amigos da escola tinham números de telefone de longa distância, minha mãe examinava minuciosamente as contas à procura de qualquer número desconhecido e cobranças de interurbanos, me perguntando se eram telefonemas para garotas. Embora usasse um fio muito grande e arrastasse o telefone para o meu quarto, precisava sussurrar na ligação para que ela não me escutasse falar.

Esses aspectos de minha infância me deixaram mal preparado para navegar por uma sociedade na qual a maioria dos jovens conseguia seus encontros no fim do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Minha mãe tinha medo de que eu conhecesse uma garota que fosse má influência e me afastasse de nossas crenças. Ela me questionava constantemente, como se falar ao telefone com uma garota pudesse engravidá-la.

Enquanto meus colegas pareciam resignados às limitações da vida de cidade pequena, eu sempre me senti inquieto, sabendo que havia mais na vida do que eu havia experimentado em minha criação protegida. No início, a floresta parecia imensa para mim, mas sempre soube que havia muito mais a explorar além de meu quintal.

Minha mente está conectada de um jeito que me faz analisar constantemente meu ambiente, observando as

emoções dos outros enquanto contemplo meus próprios sentimentos e me prendendo em minha cabeça até saber o suficiente para agir. Às vezes, a dificuldade de expressar meus sentimentos para outros humanos me deixa ansioso e paralisado. Esse turbilhão de sensações se acalma ao simplesmente acariciar as orelhas do meu cachorro. Amo seus tranquilizantes suspiros de contentamento e a forma como oferece amor e apoio sem precisar me questionar para que eu tenha uma resposta. Apertar a minha cabeça contra a do meu cachorro e compartilhar um momento silencioso apenas respirando é um dos atos mais fundamentais e centralizadores para mim. Parar nesse momento apenas para respirar e se conectar com um ser que me ama na mesma medida muda o rumo de um dia que até então parecia esmagador e fortuito.

Essa conexão profunda com meu companheiro animal começou na infância. Havia Justus, o mestiço de border collie que foi o primeiro cachorro de minha família; Jasper, um gato malhado magro e elegante que sobreviveu durante anos na floresta às múltiplas mudanças e batalhas com gatos de rua duas vezes seu tamanho; e Chassie, uma labradora retriever preta que amava se divertir – e comer. Apesar de ser uma criança tímida e sensível, que até o fim da adolescência morria de medo de atender o telefone, eu ficava à vontade me divertindo na floresta atrás de nossa casa com Justus ou Chassie. Cães são mestres da empatia e da comunicação não verbal, e eu conseguia liberar minha ansiedade e timidez com meus companheiros caninos (e felino), explorando a floresta e fingindo ser Luke Skywalker ou um grande homem da floresta.

Justus era um cão que gostava mais da vida ao ar livre, e sua presença fazia com que eu me sentisse seguro em nossa propriedade remota na floresta. Nossa casa ficava longe de nossos vizinhos e não havia opções consistentes de companheiros para brincar, por isso rapidamente aprendi a

valorizar a companhia de cachorros. Eu gostava da companhia de Justus, e com ele ao meu lado minha mãe me deixava brincar na mata sem supervisão, procurando tesouros nas fileiras de pinheiros e nos riachos que serpenteavam pela floresta.

Nós vivíamos a cerca de quinhentos metros de uma estrada de terra rural, e durante os invernos duros de Michigan a entrada de carros ficava intransitável, especialmente para nosso Chevrolet Blazer enferrujado com tração em duas rodas. Meu pai usava um velho motoneve SkiDoo para puxar a mim e a minha irmã mais nova, Miranda, para casa em um trenó modificado, com as laterais elevadas para acomodar as compras, a roupa para lavar e qualquer outro suprimento para nossa moradia remota.

Ao lado da entrada da casa, havia uma área em que máquinas velhas e materiais de construção tinham sido descartados, uma imagem comum na área rural em torno de onde cresci. Eu estava indo a pé para casa em um dia quente e seco de setembro, depois de o ônibus escolar ter me deixado, quando fui interrompido por um muro de fumaça que subia do monte de lixo, a escuridão cobrindo a entrada de carros. Tentei passar rastejando por baixo do ar espesso para conseguir chegar em casa e contar para minha mãe que o monte de lixo estava pegando fogo, mas estava tão denso que era impossível passar. Em pânico, percebi que ia precisar encontrar um novo caminho para casa. Correndo pela mata adentro, procurei uma trilha ou um ponto de referência familiar. No alto, percebi um pequeno avião voando em círculos e senti uma pressão em meu peito. Desejei que Justus estivesse ali para me conduzir de volta para casa e me proteger dessa nova ameaça no alto. Chorando, tentei ficar fora de vista sob as copas das árvores, sem perceber que era um avião do serviço florestal enviado para dar uma olhada no fogo. Por fim, eu me vi em nosso quintal e, abraçando Justus, contei para minha mãe entre soluços:

— O monte de lixo está pegando fogo! Tem um avião me seguindo! Eles me seguiram até em casa!

Quando Justus estava velho, um amigo da família estava criando uma ninhada de filhotes. Sentindo a forte ligação que sempre havia tido com cães, quis desesperadamente levar um filhote para casa. Implorei a meus pais para ficar com um, mas eles me disseram que nós não podíamos adotar um segundo cachorro enquanto Justus ainda estivesse vivo.

Depois que Justus morreu, uma mulher que trabalhava com meu pai em uma equipe de construção de casas de madeira nos ofereceu um filhote de labrador preto, e fiquei louco de alegria. Chassie, de orelhas moles e caídas e uma personalidade que adorava diversão, era alguém com quem eu podia andar durante meus anos esquisitos do início da adolescência, quando eu construía fortes nas profundezas da floresta atrás de nossa casa, procurando o carvalho branco ou o pinheiro perfeito para subir. Ela era considerada parte da família e tinha permissão de entrar em casa. Eu me sentia mais seguro na presença de cães e, felizmente, ela estava sempre ao meu lado.

Por volta dessa época, quando eu tinha doze anos de idade, minha família fez uma viagem de férias para Washington D. C. para visitar minha tia. Era a primeira vez que eu experienciava uma cidade grande, e enquanto passeávamos pelos locais históricos e museus, quis documentar a admiração que sentia. Peguei uma câmera portátil simples e capturei as primeiras fotos de minha vida, em um pequeno filme 110, cada quadro medindo apenas 1,6 centímetro de comprimento. Fiquei tão fascinado com as imagens dessa viagem que enviei minha primeira foto para um concurso de fotografias da revista *Parade*. Mais tarde, hesitei em me inscrever em aulas de fotografia no Ensino Médio, temendo que fosse caro demais e uma pressão no orçamento apertado com o qual vivia minha família. Minha exposição ao mundo fotográfico se limitava às revistas *National Geographic* e *Life*,

assim como aos livros sobre natureza pelos quais eu era obcecado.

Infelizmente, não havia fotografos em minha família para me orientar, mas minha mãe documentava bem nossa família com sua compreensão sólida de composição. Meu pai tinha um olhar editorial nato, e as fotos de seu tempo no Vietnã sempre me atraíram para o que ele havia experimentado lá.

Um amigo da família chamado Ernie percebeu meu interesse por esse mundo e me deu uma Polaroid de formato médio série 100. Embora nunca a pusesse para funcionar, costumava pegá-la e imaginar que era um fotógrafo. Tenho essa câmera até hoje.

Embora meus amigos animais fossem companheiros maravilhosos, o que eu ansiava profundamente era camaradagem humana. Enquanto estava na escola, desejava a aceitação de ser parte de um time. Minha mãe também me proibia de praticar esportes de equipe no fim do Ensino Fundamental, então, em vez disso, eu me concentrei em ler livros e ensaiar trompete para a banda da escola, na qual participei do quinto ao décimo ano. Não tinha consciência de minhas habilidades atléticas antes dos meus 11 anos, quando finalmente convenci minha mãe a deixar que eu fizesse corridas de *cross-country*. Por meio delas, aprendi a forçar corpo e mente a passarem pela dor e pelo desconforto. Essa força interior recém-descoberta me deu mais confiança depois de anos sendo o Napoleon Dynamite nerd, magrelo, sempre vítima de implicâncias, derrubado pelos jogadores de futebol e provocado por ser diferente.

Como era de se esperar, tirei tudo isso de meu método na primeira metade de meu ano de calouro na faculdade, com seis meses de festas abastecidas à repressão. Mas, depois disso, odiei como meu corpo se sentia e, por sugestão de Sheri G., colega de quarto de minha primeira amiga de faculdade, eu me inscrevi para tentar uma vaga na equipe de novatos de remo da faculdade.

Quando criança, o que eu mais queria era ser socialmente aceito, ser parte de uma comunidade e ser bom o bastante em alguma coisa para ser reconhecido como especial. A equipe preenchia todas essas necessidades. Mais tarde, com Denali ao meu lado, eu descobriria uma sensação similar de comunidade e confiança por meio da escalada, da fotografia e do surfe.

Remar é cansativo: dentre todos os esportes, é um dos mais difíceis exercícios para todo o corpo. Uma prova tem 2 mil metros e leva menos de seis minutos para uma tripulação rápida. Depois dos primeiros quinhentos metros você atinge a barreira anaeróbica, então recua quando está prestes a explodir, e segura isso por quatro minutos de dor intensa e ácido láctico, então acelera outra vez para os últimos quinhentos metros, sintonizando o momento da remada final para cruzar a linha de chegada com o seu colapso. Tudo isso é feito enquanto você se concentra na sincronia perfeita com os outros tripulantes do barco.

Ainda assim, quando o estado de fluxo, aquela onda mágica, é alcançado, de repente o barco parece se lançar para a frente com vontade própria. A respiração fica mais fácil, e o sangue torna a fluir para suas pernas deficientes em oxigênio conforme os momentos se unem em um raro uníssono.

Nossa tripulação não tinha orçamento para viajar de avião e participar de regatas, então a cada competição nós nos amontoávamos em grandes vans, indo a qualquer lugar que estivesse de três a quinze horas de viagem. Esses percursos semanais também despertaram meu amor pela estrada aberta e por ver pessoas e lugares além da paisagem na qual eu tinha sido criado.

Durante minha última temporada, o treinador deixou que eu pegasse emprestado seu barco para uma só pessoa, uma maravilhosa embarcação de madeira para corrida feita à mão, da marca Stämpfli, construída na Suíça para entrar em uma prova individual, que é uma corrida de 4 mil metros contra o

relógio na qual o único adversário de verdade é a própria pessoa. A corrida era organizada pela Universidade Estadual de Ohio e tinha um grupo sólido de competidores, muitos dos quais eu conhecia bem da Universidade de Michigan devido a nossas competições frequentes contra as equipes das Dez Grandes. Enquanto me aquecia remando rio acima na direção da largada, comecei a ouvir pessoas inoportunas nas margens e em outros barcos. Percebi que estavam rindo de meu barco, uma bela obra de arte com seu trabalho em madeira e remos de madeira combinando. Todos os outros competidores tinham barcos e remos de alta tecnologia de fibra de carbono, e o meu parecia uma relíquia.

Eu não dei a mínima para eles e me concentrei em meu equilíbrio e na pontada que sentia de uma contusão recente no tendão por trás do joelho. Tanto a dor quanto as provocações ajudaram a aliviar a pressão, e eu tinha poucas expectativas, já que essa era a maior prova individual de que participava. Durante os vinte minutos da corrida, me esforcei o máximo possível sem agravar a contusão, e me concentrei apenas em ultrapassar os dois competidores à minha frente. Eu saboreava a sensação de independência e de como o barco de meu treinador respondia bem a cada impulso de energia que eu empregava para remá-lo adiante.

Uma hora depois do fim, eu estava parado na margem com meus colegas de equipe assistindo a outro evento quando o locutor começou a ler os resultados dos cinco primeiros. Eu tentei não ter muita esperança quando ele disse os tempos do quinto lugar, depois do quarto... Finalmente ele chegou ao primeiro e disse:

— Ben Moon, da Universidade Estadual de Grand Valley.

Eu fiquei atônito. Como era possível? Eu fui quarenta e cinco segundos mais rápido que o segundo colocado contra quase cinquenta competidores. Nosso treinador, Richard Laurance, estava exultante quando brincou:

— Foi o barco, você sabe que foi meu barco!

A mesma concentração mental e intuição foi o que me levou a superar o câncer, aceitar desafiadores projetos de filmes e todos os obstáculos da vida desde então.

Em meu último ano na faculdade, nossa equipe era muito rápida. Era a temporada de 1997, e nossa tripulação masculina compartilhava uma química especial. Nenhum de nós era muito dotado fisicamente nem tinha qualquer experiência anterior com o remo, e éramos franzinos pelos padrões peso-pesado de remadores, com a média de 1,82 metro de altura e 82 quilos. Nós éramos os azarões em todos os sentidos da palavra.

O treinador Laurance ficou maravilhado com a maneira como oito caras pequenos de uma modesta universidade pública com um programa de remo pouco conhecido ganharam todas as competições de oito em que entramos até o campeonato no fim da temporada. Nós competimos de igual para igual com as Dez Grandes e as escolas da Ivy League, igualando-nos a remadores com bolsas de estudo e da seleção nacional, até chegar ao pódio das medalhas e às grandes finais nas regatas universitárias de maior prestígio no país.

Quatro anos de competições e treinamentos expandiram meu ponto de ruptura mental, meu fator X, muito além de qualquer limiar de dor que pudesse imaginar. Remar transformou a estrutura de 65 quilos de um adolescente magrelo em um homem musculoso de 80 quilos, com grandes ombros e dorsais. Eu agora tenho uma cintura de 76 centímetros, mas quando estava remando tinha de usar jeans tamanho 44 para acomodar meus glúteos e coxas musculosos graças às cinco ou sete horas diárias de treinamento. Aprendi a forçar meu limite além de minhas barreiras mentais e físicas pelos outros caras em meu barco de oito pessoas. Eu não podia desistir, para não decepcionar os outros. Não só me encaixava na comunidade, como me sentia necessário.

Remar, para mim, foi um meio não apenas de liberar toda a ansiedade de meu corpo, mas também de concentrar minha

energia em alguma coisa fora de mim mesmo. Meu corpo ficou mais forte, minha escoliose ficou quase imperceptível, e eu finalmente consegui sair de minha cabeça. A cada remada, eu liberava o medo e a paralisia que sentia enquanto crescia. Meus anos de remador também me encorajaram a largar minhas raízes em Michigan e me mudar para o oeste, uma escolha que me apresentou a Denali. A amizade iria continuar a encorajar meu crescimento em minha jornada até a idade adulta, me dando confiança para me arriscar no desconhecido.

Depois de meu encontro feliz e inesperado com Denali, o funcionário do abrigo me informou que precisavam de um dia para refletir sobre a decisão. No dia seguinte, senti com ainda mais força que ficar com Denali era a melhor escolha. Melanie estava trabalhando, por isso fui de carro sozinho até o abrigo e assinei a papelada de adoção enquanto garantia ao atendente que eu tinha uma casa amigável para cães. *Ah, droga, pensei. O que vou dizer a meu locador?* Eu sabia bem que nosso contrato explicitamente proibia cães, mas justifiquei rapidamente essa decisão para mim mesmo. Não tenho como negar o que sinto por esse filhote *peludo... ele pertence a mim, e isso é uma coisa da qual tenho certeza. Vou resolver os detalhes depois.*

Enquanto eu dirigia para casa, ele se sentou com nobreza em meu colo, olhando para mim.

Obrigado. Você parece legal. Por favor, não me abandone como o último humano fez, está bem? Vou te amar para sempre. Por favor, não me leva de volta para aquele lugar horrroso! É muito

barulhento e assustador.

Quando ele se encostou em meu peito, meu coração se encheu de emoção. Senti que aquele era o início de uma amizade rara, do tipo que desafia explicações e, de algum modo, simplesmente parece certa. Mal sabia eu com que frequência me apoiaria nessa amizade nos anos seguintes, e como encontraria esse apoio caloroso e constante em resposta.

Eu o chamei de Denali, como a grande montanha no Alasca cujo nome vem da palavra koyukon *deenaalee*, que significa “o alto”; ele também representava a natureza que eu desejava para minha própria vida.



NOVOS COMEÇOS

Quando Denali tinha três meses de idade, eu o apresentei às paredes sagradas de Smith Rock. No início, Denali ficou confuso com a escalada.

Por que você amarra minha coleira em raízes de árvores na base da parede, depois você se amarra a uma corda diferente, e aí me deixa aqui embaixo?

Ele gania e latia, tentando me dizer que eu devia descer. Depois de algum tempo, ele reconheceu que eu sempre voltava para ele e abanava o corpo inteiro, me recebendo com excitação em minha volta ao solo. Eu o abracei e, enquanto ele lambia cada centímetro do meu rosto, sonhei que minha outra companheira de vida ficasse tão feliz quanto Denali ao me ver.

Melanie e eu nos casamos sete meses depois de nos conhecermos. Em uma noite fria de primavera em Grand Haven, em meio ao fundo arenoso de minha praia favorita, eu a pedi em casamento no escuro. Minhas motivações vinham além do meu coração, como se tivesse alguém me empurrando pelas costas e eu estivesse impotente para resistir. Parecia o passo lógico que eu precisava dar na vida. A base mais saudável para um casamento teria que vir de um

local de amor inegável.

A família de Melanie valorizava a diversão ao ar livre, algo que eu sempre tinha desejado. Em vez de fazer snowboard, escalar e praticar mountain bike, minha família concentrava suas energias na necessidade, garantindo que a horta crescesse e o freezer estivesse abastecido de caça. Meu pai era um provedor e me ensinou a caçar, a pescar e a trabalhar duro, todas habilidades de vida que hoje valorizo, mas não tínhamos recursos financeiros para viajar e esquiar ou passar as férias nos trópicos.

A mãe de Melanie me cobria de elogios, e embora as coisas não estivessem indo bem, meu desejo mais profundo era que alguém afirmasse que eu estava no caminho certo. Esse estímulo ao relacionamento não era familiar, pois minha mãe não permitia que eu saísse com garotas no Ensino Médio.

Eu estava terminando um estágio no hospital local sob a supervisão do principal treinador esportivo e de um cirurgião ortopédico que inspecionava a saúde de todos os atletas de uma escola de Ensino Médio próxima. Minha graduação na Universidade Estadual de Grand Valley, os exames da comissão de treinamento esportivo, meu aniversário de 23 anos e a data do casamento se acumularam, com todo o estresse possível, e aconteceriam durante o período de algumas semanas. Eu estava tendo ataques paralisantes de ansiedade e não tinha ideia do que fazer.

Marquei uma consulta com o médico da família que eu via desde pequeno e descrevi meus sintomas: sobrecarga, insônia e dores no peito. Sem hesitação, ele diagnosticou minha condição como ansiedade e me deu uma cartela de ansiolítico. Então, com Melanie sentada ao meu lado e a mesma franqueza de quem dá um diagnóstico de câncer, ele perguntou:

— Você tem certeza de que está se casando com a pessoa certa?

Fiquei muito surpreso com a ousadia da pergunta para

reagir. Ri de nervoso e respondi para aliviar a estranheza que pairava no ar:

— Tenho, é claro!

No período logo antes das núpcias, minha intuição era quase sempre uma cacofonia de alertas estridentes, mas eu era muito teimoso para dar atenção a eles. Eu me casaria de qualquer jeito, embora lamentavelmente não tivesse experiência com relacionamentos românticos.

O casamento foi realizado no jardim dos fundos da casa onde Melanie tinha sido criada, com a presença de mais de cem pessoas. O corredor de cadeiras do meu lado era formado apenas por meus pais, minha irmã, meu padrinho e um amigo com quem eu havia crescido e que gostava da irmã mais nova de Melanie.

Não culpo ninguém por me casar com a pessoa errada por razões diferentes do amor, só a minha própria ingenuidade teimosa. Passei pelas formalidades como gado sendo conduzido por um curral.

Depois do casamento, conciliei meu trabalho de treinamento esportivo na escola com um bico em uma loja de equipamento para esportes de aventura chamada Earth's Edge, a alguns quarteirões do Lago Michigan. Naqueles dias, escalada, snowboard, mountain bike e mochilões estavam ocupando a maior parte de meus pensamentos. Eu estava empolgado demais com a liberdade de dar asas a essas paixões recém-descobertas para prestar qualquer atenção às necessidades de meu casamento.

Lendo a revista *Climbing*, fiquei pasmo com as imagens de tirar o fôlego de escaladas aparentemente impossíveis. Eu sonhava tentar um dia escalar aqueles locais. Tinha passado horas em academias de escalada e estava em êxtase com a oportunidade de fazer isso ao ar livre pela primeira vez, testando minhas habilidades de novato em uma escalada curta e pendente no parque Devil's Lake, em Wisconsin.

Depois de ler uma resenha sobre as melhores câmeras para

se usar nesse esporte, senti o impulso de comprar minha primeira câmera fotográfica de filme e encomendei uma Yashica T4, de operação simples. Mal sabia eu o papel importante que essa curiosidade criativa viria a ter.

A sensação de liberdade que experimentei enquanto bailava pelas paredes verticais de rocha de Smith Rock era um contraste drástico com a outra realidade que eu estava encarando: a deterioração de meu relacionamento com Melanie. A frequência crescente de nossas brigas fez com que eu me sentisse aprisionado e solitário, com uma frustração no fundo de meu peito, uma sensação de perda de controle. Só conseguia pensar em escalar e viver a vida que, mesmo sem saber como explicar, reconhecia estar do lado de fora. As finanças ficavam mais apertadas a cada dia enquanto eu me esforçava para encontrar um emprego correspondente a meu diploma recém-obtido de medicina esportiva. Procurei trabalho na minha área por toda a cidade, mas só encontrava bicos temporários como personal trainer em academias apertadas, em cargos para os quais eu, depois das milhares de horas investidas para trabalhar com atletas, era qualificado demais.

Comecei a dar aulas de escalada em uma academia moderna que oferecia esse esporte, mas ela estava ligada a uma rede específica de empresas nesse ramo e, por isso, eu precisava usar uma camisa polo branca, da Adidas, enquanto ficava pendurado por uma corda para montar vias de escalada na parede. Homens também não tinham permissão de tirar a camiseta enquanto escalavam, por mais quente e suarento que ficasse o local. Tudo parecia controlado, e isso reprimia meu espírito.

Uma inquietude se acumulou à medida que tomei plena consciência de que a vida suburbana simplesmente não servia para mim. A frustração de trabalhar em empregos inferiores a minha habilidade me fez voltar aos projetos de construção nos quais tinha ajudado meu pai quando adolescente, e

comecei a montar a estrutura de casas para um construtor local.

O inverno no noroeste do Pacífico também não melhorava o meu humor, e a aversão de Denali pela chuva incessante de Portland parecia ainda mais forte que a minha. Ele se recusava a sair até que sua bexiga simplesmente não conseguisse aguentar mais. Se a grama estivesse lamacenta, ele se abaixava sobre ela com duas patas na calçada, as outras duas mal tocando a grama, e fazia xixi no gramado tendo apenas um contato mínimo com o solo enlameado. Era como se ele quisesse evitar um contato prolongado com a umidade para não sugerir que, na verdade, gostava do clima chuvoso. A aversão de Denali pela chuva era igual ao seu desconforto na cidade, mas ele ganhava vida assim que parávamos no nosso acampamento em High Desert para um fim de semana de escalada em Smith.

Denali amadureceu depressa e, por volta dos nove meses de idade, começou a desenvolver a confiança para se tornar um companheiro de escalada mais aventureiro. Fui convidado para uma viagem até Needles, uma linda meca de granito ao sul do Vale Yosemite na Sierra Nevada. A equipe incluía Tony Yaniro e Sue Nott, escaladores lendários, e Jim Thornburg, renomado fotógrafo de escaladas. Para chegar aos cumes de granito onde ficavam as escaladas, todo dia percorríamos uma subida de seis quilômetros morro acima. O último quilômetro e meio exigia subir por rochedos de granito que pareciam intimidar o jovem Denali. Hesitante e chorando no início, ele acabou percebendo que era mais rápido simplesmente aprender como superar cada um dos obstáculos do que ser carregado por eles.

Essa foi a primeira vez em que testei realmente meu joelho em escaladas depois de uma cirurgia de reparação do ligamento cruzado anterior, e também minha última viagem com Melanie antes que as coisas realmente desmoronassem. Fiquei frustrado com pequenas coisas nessa viagem, e nós

discutíamos com regularidade. Eu me distraía com a beleza das escaladas perfeitas de granito, aprendendo com Tony, seguindo o mestre da escalada enfiada após enfiada nas fendas perfeitas de granito. Jim Thornburg pediu para tirar uma foto minha em uma aresta assustadora – basicamente o canto de cinquenta metros de um prédio sem nenhum lugar de verdade onde se segurar. Subi essa parte da escalada com uma careta no rosto enquanto Jim fazia imagem após imagem. Uma delas acabou como uma foto de página inteira na *Climbing*. Mal sabia eu o quanto o trabalho de Jim e essa viagem influenciariam minha própria carreira na fotografia.

Certa noite, de volta ao acampamento, eu estava procurando Denali quando percebi que ele tinha entrado em nossa barraca. *Espere, o zíper da porta não estava fechado? Eu sempre fecho para impedir a entrada dos mosquitos*, pensei.

Olhei com mais atenção e percebi que Denali havia usado as garras para rasgar a porta de tela da barraca.

Um labrador preto em nosso acampamento estava fazendo bullying com Denali, então ele foi se esconder no lugar mais seguro e conveniente que pôde encontrar. Os mosquitos acabaram me achando.

Quando voltamos para a cidade, senti a vida cotidiana triturar meu moral até suas maiores profundezas. O estresse de encontrar um emprego em uma cidade opressora, equilibrar as finanças quando o dinheiro nunca parecia ser suficiente e nunca realmente amar e me conectar com minha parceira acabou comigo.

As discussões entre mim e Melanie puxavam os dois para baixo. O mau humor era mútuo, e nós dois começamos a nos desviar do caminho, Melanie em ação, e eu em minha imaginação. Nós dois trabalhávamos na academia de escalada, e Melanie começou a se interessar por um dos funcionários de lá, um recepcionista alto e de cabelo comprido chamado Brody. Eu não era páreo para suas mentiras aveludadas e seu charme fácil, e não é surpresa que Melanie tenha embarcado

na fantasia de um homem que a seduzia com todas as qualidades que ela achava que eu era incapaz de oferecer.

Mesmo quando Denali era filhote, ele espelhava meus estados de ânimo. Sempre observador e sintonizado, ele reagia com ansiedade em relação à situação entre mim e Melanie roendo rodapés e destruindo cestas em nosso apartamento enquanto nós estávamos no trabalho. Denali podia ver nitidamente a disfunção do casamento, mas eu estava tão perto de tudo que minha ansiedade me impedia de ler os sinais.

Eu sonhava com uma mulher que conseguisse me entender, que brilhasse em minha escuridão e trouxesse esperança ao meu coração. Mas agora percebo que a felicidade começa dentro de nós, que apenas nós mesmos somos responsáveis por nossas ações. Ainda assim, um toque amoroso ou uma palavra de estímulo na hora certa podem alterar para sempre o curso de nossa vida. Naqueles momentos solitários em que eu me sentia incompreendido e invisível, a presença de Denali me ajudava a manter os pés no chão. Por pior que eu me sentisse em relação às brigas constantes ou ao clima e os negócios da cidade que me deprimiam, uma viagem para Smith Rock ou para a praia me fazia sentir humano outra vez. Denali deixava de ser apático e ansioso na cidade e se tornava uma companhia brincalhona e entusiasmada em meio à extensão de High Desert ou da costa do Oregon.

Melanie era a salvadora de sua família. Ela sempre pegava um avião para ir cuidar do pai durante suas separações com a mãe, cuidava de seu irmão pequeno sempre que ele tinha problemas com doença mental e da irmã quando ela enfrentou transtornos alimentares. Como técnica em emergências médicas, ela estava presente quando um homem desabou no chão devido a um ataque cardíaco. Sempre me perguntei por que ela nunca conseguiu se conectar comigo nem fazer grandes tentativas de me ajudar em minha própria

luta contra a depressão. Em vez disso, Melanie me menosprezava e fazia com que me sentisse inadequado para os desafios que eu enfrentava sem os recursos para superá-los.

Sua falta de empatia com minha condição fez com que eu me sentisse invisível e incompreendido, e eu levantava a voz em frustração. Enquanto esperava que Melanie respondesse, eu era tomado por uma sensação de que estava desconectado de meu corpo. Eu me retirava para dentro de mim mesmo, me enroscando dentro de minha mente. Aprendi cedo esse mecanismo de defesa quando minha mãe tirou minha capacidade de decidir por mim mesmo. Lá, nos confins do espaço solitário de minha cabeça, ouvia baixinho Melanie me censurar por não ser capaz de encontrar um emprego na minha área.

Enquanto esses disparos passavam assoviando acima de minha cabeça, Denali se encolhia perto, observando do perímetro e se assegurando de que eu estava bem. Sua presença fazia com que o espaço parecesse seguro, como Justus fazia quando explorávamos a floresta durante minha infância. Denali era, sem sombra de dúvida, um cachorro macho, um cara que nem sempre conseguia demonstrar suas emoções. Sua indiferença típica de husky acentuava essa aparência. Ainda assim, ele sempre me puxava para fora, para o ar livre, para movimentar o meu corpo e escalar. Isso me tirava da confusão e da ansiedade que giravam em minha cabeça, oferecendo uma breve trégua do turbilhão emocional que consumia a casa.

Eu me esforçava para dar sentido a minha vida, que parecia ser um navio do qual eu não era mais o capitão. Cuidava de nossas finanças e examinava cada compra enquanto tentava administrar variáveis concretas que estavam dentro de minha capacidade de controlar. Para a frustração de Melanie, eu discordava de compras que considerava frívolas, embora fossem itens que ela alegava precisar. Depois que ela

perguntou se tínhamos dinheiro para substituir seus tênis de corrida e eu disse não, ouvi ela fazer um comentário rancoroso com um cliente da academia de escalada.

— Eu preciso de um par de tênis novos, mas Ben não me deixa comprar.

Depois, quando comprei meu primeiro equipamento fotográfico “de verdade”, que custou aproximadamente mil dólares, ela ficou furiosa. A câmera de filme que comprei era uma Nikon N90 usada com duas lentes zoom rápidas. Melanie ficou horrorizada com a despesa e isso pareceu reforçar sua opinião de que eu era egoísta, mas, olhando para trás, parece que meus instintos subconscientes de sobrevivência tinham despertado meus desejos criativos para me preparar para um novo caminho inesperado. Comprei o equipamento na Pro Photo Supply em Portland exatamente na mesma semana em que descobri que o relacionamento de Melanie com Brody tinha se tornado íntimo.

Minha única aula de fotografia foi uma caminhada fotográfica de uma hora naquela mesma semana, com meu amigo Matt Menely. Ele tinha estudado em uma escola de fotografia e havia publicado imagens de Tommy Caldwell e outros escaladores, e eu estava ávido para aprender com ele. Quando fiz minha compra na Pro Photo, liguei para Matt a fim de pedir recomendações de lentes para começar. Ele me mostrou como usar os ajustes da câmera para expor minhas imagens corretamente, lições que levei comigo ao longo dos anos enquanto aperfeiçoava meu ofício. A primeira foto que fiz em slide foi da torre da Union Station vista da Broadway Bridge. Em todas as vezes que passei de bicicleta por essa ponte nos anos seguintes me lembrei daquelas humildes fagulhas que arderam de maneira fortuita e agradável no momento em que meu relacionamento queimava completamente.

Depois que terminou a lição com Matt, fui andar pela Pioneer Square, onde estava acontecendo uma manifestação a

favor de Al Gore e anti-Bush. Era novembro de 2000 e os habitantes de Portland estavam furiosos devido à infame recontagem da eleição presidencial. Eu fiz algumas imagens da manifestação e revelei o filme Provia no caminho de volta para Beaverton. Empolgado com meu trabalho, mostrei orgulhoso as fotos para Melanie. Ela não se impressionou, e sua falta de entusiasmo por minha paixão recém-descoberta me deixou arrasado.

Naquela mesma noite, até depois do jantar, fiquei louco de empolgação com o primeiro gostinho que tive do mundo da fotografia. Melanie, então, me passou um bilhete escrito à mão sobre a mesa. Comecei a lê-lo, percebendo que ela havia listado todas as suas necessidades que eu não havia atendido durante nosso relacionamento. Pareceu um pouco irônico que ela nunca tivesse comunicado essas necessidades no momento em que eram demandadas e só estivesse fazendo isso naquele momento, quando já estava a caminho da porta. Enquanto eu lia o bilhete, contive as lágrimas e me senti um fracasso completo. Melanie, então, deu o golpe final. Ela me contou que tinha frequentemente fingido orgasmos comigo, torcendo a faca já cravada em minha barriga.

Enquanto permanecia sentado em silêncio atônito, Denali começou a arfar ruidosamente ao mesmo tempo que se deitava apoiado em minha perna. Olhei para ele e percebi que ele sentia toda a minha dor. *Obrigado, amigo. Por favor, não tente enfrentar isso, pensei. Eu só queria que você pudesse levar tudo isso embora.*

Eu posso! Por favor, me deixe fazer isso. Nós só precisamos ir embora deste lugar. Estou aqui para você, amigo.

Durante o verão, Melanie e eu estávamos planejando uma

viagem para escalar no leste da Sierra Nevada e, em seguida, ir para a cidade recreativa de Bend, na região de High Desert. Conhecida por ser uma cidade agradável, Bend é lembrada pelo rio Deschutes, que cruza sinuosamente seu centro, com acesso fácil a snowboard, mountain bike, escalada, caiaque em corredeiras e praticamente toda atividade ao ar livre, com exceção do surfe, e eu esperava que pudéssemos ter um novo começo ali. Em antecipação à viagem, deixei meu emprego na construção, empolgado com o período e a nova vida que havia à frente. Meus pais vieram de Michigan para o feriado de Ação de Graças, então, com a ajuda de Miranda e seu namorado, que vivia em Portland, levamos todos os nossos bens maritais para um depósito em Bend. Denali estava agindo com desinteresse o dia inteiro, e imaginei que ele estivesse nervoso depois de ver todo o empacotamento. Mas, quando Denali começou a vomitar e a ter diarreia, não percebi que a causa de sua doença repentina era sua intuição de que havia um ciclone no horizonte.

Na noite da grande mudança, Melanie me deixou no apartamento e disse que ia ficar na casa de Brody naquela noite. Por reflexo, arranquei a aliança de casamento do dedo e gritei, enquanto a jogava no painel de nosso Subaru:

— Faça o que quiser!

Melanie entrou aos tropeções em nosso quarto por volta das 4h da manhã cheirando a bebida e revelou que estava transando com Brody. Se foi apenas uma confissão ou um desabafo com intenção vingativa, suas palavras fizeram com que eu me sentisse mal fisicamente, e corri ao banheiro para vomitar descontroladamente. Denali também não estava bem, e me seguiu de perto até o banheiro. Olhou para mim com uma expressão desamparada enquanto eu vomitava no vaso sanitário.

Ei, cara, como posso ajudar? Essa situação está

horrível. Também estou passando mal. Aqui, me deixe experimentar isso...

Denali lambeu minha mão, depois foi em frente e lambeu meu rosto sujo de vômito. Então, apoiando o peso do corpo em mim, deslizou até encontrar uma posição e deitou ao meu lado.

Para evitar o confronto, Melanie pegou o carro e desapareceu na manhã de domingo enquanto meus pais foram a um encontro bíblico – eu disse a eles que estava passando muito mal para ir junto –, e fiquei fora pelo resto do fim de semana de Ação de Graças. Com a família reunida, minha mãe perguntou onde Melanie estava. Nesse momento, tive que dar a notícia para os meus pais e, finalmente, para mim mesmo de que Melanie estava se relacionando com outra pessoa.

Agora reconheço que se ela tivesse compartilhado os itens de sua lista comigo mais cedo, eu talvez não tivesse tido a maturidade ou a capacidade para absorvê-los, ou a habilidade para mudar sem a ajuda de aconselhamento externo.

Como todas as nossas coisas haviam sido levadas para Bend antes da viagem pela qual eu estava ansioso havia meses, tudo o que tínhamos estava armazenado, menos duas grandes bolsas North Face, um grande colchão de proteção e uma caixa cheia com nossos suprimentos de comida e cozinha. Eu esperava que, de algum modo, nós pudéssemos simplesmente partir em viagem e que aquele pesadelo fosse ser apenas um sonho bobo. As esperanças se evaporaram na terça-feira após o Dia de Ação de Graças. Cheguei em casa depois de um longo e chuvoso dia de trabalho no canteiro de construção de estruturas e encontrei um bilhete no lugar da bolsa de Melanie me informando que ela tinha ido embora e que tudo estava acabado entre nós.

Por mais que sentisse a iminência de sua partida, o vazio

que se deu quando isso se tornou realidade me abalou até o âmago. Eu tinha crescido em uma família profundamente religiosa e conservadora na qual o casamento era inquestionavelmente um compromisso para a vida inteira, sendo o divórcio o fracasso absoluto de um relacionamento.

Abatido, mas pragmático, rapidamente aluguei um apartamento por perto, na esperança de ali conseguir resolver as coisas com Melanie. Meu apartamento era perto da Sunset Highway, uma das principais vias leste-oeste que conectava a metrópole de Portland com as Coast Ranges, portão para o oceano Pacífico. Dentro do despretensioso complexo suburbano, a decoração de meu novo espaço de moradia era típica de um apartamento de um quarto, inteira com carpetes beges, paredes muito brancas e uma lareira a gás. Era um lugar onde eu podia derramar lágrimas anônimas enquanto tentava colocar a minha vida no eixo.

Tentei me instalar, com meus bens, naquele local esparso. Os potes de comida e de água de Denali estavam no chão de linóleo da cozinha, perto de sua coleira costurada à mão a partir de uma corda de escalada e das peças de equipamento favoritas de Denali: um arremessador de bolas e uma bola de tênis em frangalhos. Denali e eu descansávamos em um colchão dobrável de acampamento que, junto com meu agora arcaico desktop e seu monitor de tubo, fazia com que a sala parecesse estranhamente espaçosa. Dormíamos nesse lugar improvisado em um colchão de proteção de 0,45 por 1,20 metro. Era impossível dormir, e toda noite, segurando Denali apertado contra meu peito, eu derramava uma torrente de lágrimas e lutava com a traição dolorosa e a culpa cheia de vergonha pelo que poderia ter sido.

À medida que eu dominava a indiferença do lado husky de Denali com abraços apertados e atraía suas tendências de pit-bull por aproximação, ele se tornava um especialista em dormir de conchinha durante aquelas noites intermináveis cheias de lágrimas. Durante o meu entorpecimento e a minha

confusão, descobri que ele era o amigo com quem eu podia compartilhar minhas emoções em estado bruto enquanto me esforçava para dar sentido àquela nova e assustadora realidade. O sonho americano de um casamento, uma casa e uma família tinha sido, até bem recentemente, meu roteiro óbvio de vida, mas agora era uma promessa vazia cheia de becos sem saída e autoestradas desativadas.

— Somos só você e eu, Denali — sussurrava eu. — Só você e eu.

Sempre fui bom em solucionar problemas, e essas circunstâncias drásticas me motivaram a procurar soluções. Melanie concordou com meu pedido para nos encontrarmos e conversar em meu apartamento novo e, quando ela se sentou ao bar de fórmica, fez um comentário sutilmente condescendente.

— Esse lugar é legal — disse ela.

Significado: “Como você conseguiu dinheiro para isso?”. Minha tentativa de um jantar romântico e caro à base de sushi veio em seguida, e o resultado foi igualmente infrutífero.

Eu li inúmeros livros de autoajuda e sobre relacionamentos depois que Melanie foi embora, na esperança de dar sentido ao que havia acontecido. Era fácil culpá-la pela infidelidade, e esses livros confirmaram para mim que ela estava errada. Eu sentia vergonha e culpa pelo fracasso do casamento, mas estava chocado demais para olhar no espelho e perceber minha parte no afastamento de Melanie.

Fotocopiei páginas dos livros de autoajuda que, eu achava, provavam que as ações de Mel estavam erradas, torcendo para que ela as lesse. Meu desespero fez com que minhas tentativas fossem patéticas – de algum modo, esperava que meu “diagnóstico” de suas motivações para o caso com Brody fizesse ela mudar de ideia milagrosamente. Mesmo assim, não fiquei surpreso quando ela dispensou minhas tentativas com desdém.

Melanie sugeriu uma consulta com um terapeuta de casais,

atizando uma fagulha de esperança. Que se apagou na primeira sessão. Parecia que a motivação dela era simplesmente me incitar a ter um ataque de gritos, torcendo para que uma explosão minha de raiva pudesse justificar suas ações. Quando estávamos cara a cara, ela contou que, sim, tinha dormido com Brody.

Ouvi em silêncio e tentei absorver a notícia nada surpreendente, mas ainda assim excruciante.

— Obrigado por me contar — disse eu, surpreso com o tom de minha voz que pareceu forte e calmo.

Assustada, ela olhou para mim esperando que eu explodisse de frustração. Em vez disso, inspirei lentamente e assenti. Por dentro, meu estômago estava em fúria com um calor que me despedaçou após sua confissão do que eu já sabia.

O objetivo de nossa segunda sessão foi me contar que ela queria ir embora, que não iria voltar e queria o divórcio. O aconselhamento era simplesmente um local seguro para ela me contar o que queria e o que tinha feito, mas não havia nenhuma oportunidade para minha contribuição, muito menos nenhuma esperança de reconciliação.

Na semana seguinte, Melanie pediu com naturalidade as chaves da unidade de armazenamento em Bend, mencionando que só queria pegar algumas roupas e pertences. Desconfiei imediatamente que ela não estava contando toda a verdade, então perguntei se ela queria levar Denali junto com ela na viagem, sabendo que mencioná-lo poderia revelar a sua verdadeira intenção.

Minha intuição se revelou correta quando Melanie perguntou se eu poderia ir buscar uma caixa de pertences meus que ela tinha pegado por acidente no armazenamento. Fui ao seu apartamento e fiquei surpreso ao examinar o lugar. Pude ver, pela fresta de uma porta aberta no corredor, que todos os nossos móveis estavam ali, incluindo a nossa cama. Todos os itens que ela considerava seus estavam ali, e mesmo

assim o lugar parecia estranhamente montado. Depois de espiar sua geladeira vazia e sem uso, percebi que todo o esquema do aluguel era uma fachada, e supus que ela estivesse ficando na casa de Brody o tempo todo.

Melanie seguiu na direção do divórcio. Nenhum esforço de reconciliação era páreo para o que ela estava encontrando em seu novo romance com Brody. Minhas tentativas constantes de mostrar que eu podia mudar eram recebidas apenas com desprezo, e lentamente comecei a reconhecer que a imagem que Melanie tinha de mim não se assemelhava em nada com o homem que eu sabia ser.

Depois de muitas outras tentativas desanimadoras de reconquistá-la, juntei meus cacos de dignidade e aceitei a inutilidade da tarefa. No interior do que parecia ser uma névoa de dor e confusão, olhei para dentro e vi, pela primeira vez com clareza impressionante, a depressão contra a qual eu havia lutado por tanto tempo em minha vida.

Estava a caminho de ministrar um workshop de escalada quando ouvi um anúncio na Rádio Pública Nacional, divulgando um teste clínico para depressão na Universidade de Saúde e Ciência de Oregon, um prestigiado hospital universitário no qual, quatro anos mais tarde, a gravidade de meu tumor canceroso seria determinada. Liguei nervosamente para o número e logo fui inscrito no teste de estudo que eles fariam. Durante a consulta, a equipe me contou que era um teste para estudar a eficácia de endorfinas para combater a doença mental. Contei para o psiquiatra que, na faculdade, eu havia descoberto que remar na equipe foi uma grande ajuda para conter a negatividade. Ele me disse que eu provavelmente estava deprimido apenas pela situação da separação com a Melanie, e concordei que aquele era realmente um momento difícil. Decidido a encontrar uma solução, falei sobre a minha juventude e que tinha lutado contra a ansiedade e a depressão desde novo.

Contei a ele que era consumido por temores de aniquilação

nuclear quando tinha cinco anos, durante os dias da Guerra Fria, que tinha dores fortes no peito aos onze anos devido à ansiedade e que tinha enfrentado um transtorno obsessivo-compulsivo bem grave na adolescência.

Informei a ele que meus dois pais tomavam doses baixas de Zoloft. Reconhecia que doenças mentais eram sinal de perigo e uma doença preexistente para empresas de seguro, e disse a ele que estava hesitante em tomar antidepressivos por essa razão. Ele respondeu, então, que não me inscreveria no programa e receitou um regime de Zoloft.

— Você compra o remédio com essa receita se você quiser — disse ele. — Acho que pelo menos ajudaria a passar por esse problema com sua ex.

Em vez disso, minha mãe pediu ao médico da família que aumentasse sua dose, e por quatro anos ela cortou seus comprimidos em dois e compartilhou as metades comigo, para que eu pudesse tomar o remédio sem que isso aparecesse em meu histórico médico.

Quando deixei de me sentir culpado em relação a esses sentimentos novos e desconhecidos de “felicidade”, os antidepressivos me ajudaram a voltar à vida. Para aqueles que não sofrem de depressão, essa sensação de felicidade está mais perto de um estado de ânimo “normal”, mas para mim era uma novidade. Porém, muito mais poderoso que qualquer produto farmacêutico era o estímulo que eu obtinha simplesmente acariciando as orelhas de Denali e vendo sua reação amorosa. Um estudo feito por cientistas da Universidade do Missouri mostrou que acariciar cães provoca um pico nos níveis de serotonina de seres humanos, e era esse mesmo neurotransmissor que meus antidepressivos estavam afetando. Com a combinação potente dos remédios e a amizade constante de Denali, aos poucos consegui sair das profundezas e comecei a me movimentar além da simples sobrevivência. Comecei a sentir novamente a beleza que existe em viver.

Pedi para voltar para o meu emprego na construção, e meu chefe me deixou começar imediatamente. Ele enxergou claramente pelo que eu estava passando, e fiquei agradecido por não perguntar detalhes. Apesar de não usar meu diploma da faculdade, eu gostava de poder levar Denali comigo para o trabalho todos os dias. Ele ficava na traseira do Subaru em sua cama, com o bagageiro aberto. Se estivéssemos em uma área com pouco trânsito, eu frequentemente o deixava circular pelo canteiro de obras.

Denali encontrou seu primeiro gato por volta dessa época em uma área de construção em Coast Ranges. Segurei Denali perto do gatinho, deixando que ele cheirasse a bolinha de pelos. Em vez de uma saudação amigável, o gatinho arranhou seu focinho, fazendo com que sangrasse. O gato saiu correndo e Denali foi atrás, dando início à missão de sua vida: a de comer pelo menos um gato. Ele nunca teve sucesso, mas com certeza tentou.

Depois disso, quebrou o dedinho da pata passando por uma pilha de pedras ao perseguir um esquilo. No consultório do veterinário, havia um gato enorme em uma gaiola no corredor, e, quando passamos, uma pata emergiu do interior e atacou Denali. Ele ganiu de dor, e vi que o gato havia deixado uma garra inteira enterrada em seu focinho. Gatos reforçavam constantemente a noção de que existiam para lhe fazer mal, então a melhor solução para Denali foi expulsá-los para longe.

Por volta da época em que pedi para voltar ao meu emprego na construção, também comecei a dar aulas de escalada à noite na sede mundial da Nike em Beaverton, em um prédio conhecido pelos funcionários como “Lance” – isso antes que a Nike dispensasse o ciclista Lance Armstrong quando este admitiu ter se dopado durante a carreira. Como um alívio para a dor emocional, eu estava treinando muito para aperfeiçoar a minha própria escalada e logo fiz a via mais difícil até aquele momento, uma escalada esportiva íngreme e

atlética chamada Aggro Monkey. No Sistema Decimal Yosemite (YDS), um protocolo de avaliação americano para caminhadas e escaladas, ela era classificada como 5,13b, uma nota que representava seu nível avançado de dificuldade. Na época, a via mais difícil do mundo tinha uma nota de 5,14d.

A escalada ficava em um penhasco rochoso em Smith Rock, no qual uma equipe dedicada de escaladores locais e viajantes se reunia para testar sua resistência física e mental. Enquanto me preparava para cada tentativa, Denali se aninhava ao meu lado, ajudando a acalmar meus nervos ao mesmo tempo que eu prendia cuidadosamente minhas sapatilhas e passava magnésio nas mãos, me equipando para o desafio que havia na parede à minha frente. Frequentemente tinha dúvidas se realmente podia subir aquela via, especialmente antes de começar a fazer escaladas de nível mais alto, como quando subi o Aggro Monkey, minha primeira rota 5,13. Minha escalada anterior mais difícil a essa tinha sido uma via 5,12c, mas a presença calma de Denali me ajudava a acreditar em minhas habilidades e ir além do que eu achava ser possível. Quando os primeiros movimentos da escalada começavam, ele se enroscava na base da via. Forçar meus limites muito além do que eu achava possível fisicamente me ajudou a limpar a confusão mental que estava instalada e foi um passo enorme na direção da cura e de me sentir inteiro outra vez.

Minha paixão e educação rudimentar no mundo da fotografia começaram nas horas solitárias após a partida de Melanie. Na biblioteca, eu me debruçava em livros sobre como fotografar, e usei inúmeros rolos de filme Fuji Velvia e Kodak Tri-X. Minhas primeiras fotografias foram estranhas fotos de família, paisagens mal compostas e closes de flores.

Alguns meses após a minha separação de Melanie, fui convidado a me juntar a uma viagem para praticar escalada *boulder*^[5] em Eastern Sierra, Califórnia, à qual John Muir uma vez se referiu como “a cordilheira da luz” por suas paisagens majestosas e a qualidade surreal da iluminação. Essa

experiência ao mesmo tempo me fez deixar a dor de cotovelo e reacendeu meu interesse por fotografia. As cores brilhantes das montanhas brincando nos Buttermilk Boulders de granito, com as White Mountains de um lado e a majestosa Sierra Nevada do outro, abriram minha mente para um jeito todo novo de ver o mundo.

Denali tolerava meus pedidos para posar para as fotos, servindo como um professor caro a cada abrir e fechar do obturador em minha estranha jornada fotográfica. Ele rapidamente reconheceu que, se estivesse em frente à câmera, toda minha atenção estaria concentrada nele. Depois dessa descoberta, foi difícil capturar uma imagem sem que Denali primeiro se metesse no enquadramento.

Mais tarde naquela primavera, tive notícias de Melanie dizendo que havia se mudado para a Virgínia Ocidental e estava trabalhando como guia de passeios nas corredeiras do rio Gauley. Agora que salvar o relacionamento estava fora de questão, minhas razões para ficar em Portland tinham se reduzido a nada. Ela havia deixado todos os nossos bens em uma unidade de armazenamento e me disse que eu poderia ficar com o que quisesse, só precisava pedir a chave a Brody. Para evitar mais sofrimento, abandonei aquela vida, os bens e recusei a oferta dela. Ainda não tenho ideia do que aconteceu com aquelas coisas.

VIDA DE ESCALADOR ANDARILHO^[6]

Eu ansiava por uma vida além dos confins claustrofóbicos de Portland e comecei a procurar trabalho no lado mais ensolarado e seco da Cordilheira das Cascatas. Na manhã de sexta-feira, recebi uma ligação confirmando que eu tinha conseguido um trabalho em Bend, e no domingo à tarde, minha irmã e eu tínhamos embalado o resto de minhas poucas posses enquanto o sol de fim de primavera entrava pelas janelas, testando minhas intenções de deixar a cidade. O ar cheirava a frescor e esperança enquanto eu arrumava as minhas coisas no pequeno porta-malas de meu Subaru. À noite, cada mínimo espaço dentro do veículo e no bagageiro montado no alto dele tinha sido utilizado, até o assento do carona estava empilhado até quase a altura de meu ombro. Ansioso para partir, mandei Denali entrar, e ele se enroscou no banco do motorista, sem querer se enfiar na arrumação apertada no lado do passageiro. Olhei para Denali e cocei sua cabeça com as duas mãos. Sentindo minha euforia, ele se animou, se levantou e abanou o rabo. Depois de uma sacudida completa do corpo, ele subiu para o alto da pilha e se enroscou outra vez.

Obviamente você está empolgado para partir, e deve ser para alguma coisa divertida, porque não

te vejo assim tão feliz há seis meses. Independentemente do que está acontecendo, você não vai me deixar para trás de jeito nenhum, por isso vou me espremer... mas só dessa vez.

Denali se projetou na altura dos meus olhos e deu um suspiro de satisfação quando pegamos a Interestadual 84 e seguimos para o leste, os quilômetros nos separando lentamente de Portland, de minha velha vida e velhas preocupações.

À medida que a estrada ficava para trás e os abetos e a obscuridade nublada davam lugar a *pinus ponderosa* e ao céu claro e cheio de estrelas de High Desert, fui tomado por uma sensação de liberdade de tirar o fôlego. Olhei para Denali e senti o peso saindo de minha alma. Estendi a mão para acariciar de leve sua cabeça e ele me olhou, com as orelhas erguidas em antecipação. O ar parecia mais leve, e Denali sentia que havia uma nova aventura pela frente... uma aventura que logo iria substituir o fardo do conflito e da dor de cotovelo que ele tinha carregado pelos últimos seis meses.

Sussurrei para Denali:

— Somos só você e eu, meu amigo, só você e eu.

Naquela noite, dormimos no chão sob as estrelas em Skull Hollow, um local de acampamento primitivo do Escritório de Gestão de Terras, conhecido extraoficialmente pelos escaladores como Grasslands. Enquanto inspirava o aroma de crescimento recente dos arbustos de sálvia e árvores de zimbro, visualizei alguns dias no passado em que me testei nas paredes verticais de Smith Rock, bem do outro lado da montanha. Dormi profundamente com Denali ao meu lado e acordei com um ar de cheiro limpo. Minha cabeça parecia mais desanuviada do que tinha estado em anos. Comecei a perceber que meu caminho estava mudando da confusão com a qual eu lutava para uma vida ao ar livre, enchendo nossos

dias com as aventuras que eu sonhava para Denali e para mim.

E ali, no ar refrescante da manhã de High Desert, começamos nossa vida nova juntos.

Alguns anos antes, quando dava aulas de escalada na parede de pedra em minha universidade, vi um catálogo de equipamentos de escalada da Metolius que trazia imagens de funcionários trabalhando com seus cães por toda parte: deitados aos seus pés, descansando embaixo de bancadas de costura, a todo vapor na sala das máquinas que trabalhavam com metal ou circulando por falésias locais. A Metolius parecia o lugar ideal de trabalho para um escalador apaixonado e um cachorro aventureiro como Denali, e o fato de cães serem sempre bem-vindos significava que Denali e eu poderíamos passar nossos dias juntos.

Depois de perceber a realidade, de que Melanie não voltaria, comecei a correr atrás para ver se conseguia um emprego lá. Semanas depois, um amigo que trabalhava no atendimento ao cliente da Metolius ligou para me informar de uma vaga na sede, localizada ao norte, nas proximidades do centro recreativo de Bend. Depois de dois longos anos aturando a chuva lúgubre de Portland, eu sabia que qualquer emprego nesse paraíso de High Desert era bom demais para deixar passar.

Me candidatei imediatamente e recebi o telefonema para ir até o escritório para uma entrevista. Não tenho certeza se havia muita concorrência pelo emprego, um trabalho de produção na sala de corte onde os arneses, colchões de proteção, fitas solteiras e equipamentos para paredes grandes eram preparados para a oficina de costura. Eu não me importava com o quanto aquela posição era subalterna –

aquele trabalho era ao mesmo tempo a fuga que eu desejava e uma oportunidade para recriar minha identidade enquanto construía em meus próprios termos uma vida nova com Denali. Adotar um filhote ativo e amante da vida ao ar livre enquanto ainda estava na cidade tinha apresentado inúmeros desafios e causado muita culpa quando percebia que ele estava se sentindo preso. Agora podíamos trabalhar lado a lado juntos em um local que encorajava a aventura e tardes livres.

Limpei a poeira vulcânica de meu colchonete e meu saco de dormir e guardei-os cuidadosamente outra vez no carro. Eu não queria me atrasar em meu primeiro dia no emprego, por isso reservei uma hora para a viagem rumo ao sul, até a sede da Metolius. Situada à vista do constante tráfego norte-sul da US 97, sua fábrica é um aglomerado de prédios velhos e modestos ao lado de um pátio de suprimentos de paisagismo. Lá dentro, em meio ao barulho das máquinas de controle computadorizado cortando alumínio para os *camalots*, a cena parecia um cruzamento entre uma comunidade hippie e o filme *Clube dos cafajestes*.

Todo empregado tinha sua própria chave da fábrica, escolhia a quantidade de horas que queria trabalhar e podia chegar e sair quando quisesse, desde que não estivesse atrasando o cronograma de produção. Os sons de máquinas de costura manuais e máquinas filigrana eletrônicas para materiais pesados ecoavam enquanto uma matilha alegremente andava a esmo pelos corredores da área de costura do segundo andar. Denali, no início, pareceu desconfiado, pressionado pelos estímulos vindos de todos os lados. Ele olhou para mim, e sua cauda começou a abanar rapidamente quando percebeu que estávamos ali para ficar. Denali passou animadamente pelos outros cachorros e

cumprimentou cada costureiro em seu local de trabalho, cutucando seus braços ou troncos com o focinho para chamar sua atenção.

Isso é o paraíso, com tantas pessoas para me amar!

Eu trabalhava como cortador, um emprego básico de produção no andar em que os produtos macios eram costurados. Era responsável por preparar cada peça de tecido de Dyneema e náilon, poliéster e espuma protetora, necessárias para montar arneses de escalada, bolsas de magnésio, costura e colchões de proteção usados para escalada esportiva.

A comunidade tranquila na Metolius e o acesso constante a escaladas ao ar livre ajudaram a me livrar dos sentimentos de culpa que ainda me assolavam devido a minha separação. Melanie tinha se mudado para o leste sem finalizar a questão jurídica de nosso casamento. Em vez de entrar com o pedido de divórcio, ela desapareceu, deixando que eu resolvesse os detalhes. Depois de meses lidando com a separação das contas conjuntas, impostos e aluguel de carros, fiz o possível para suprimir as vozes em minha cabeça, que gritavam: *O divórcio é errado. Se você entrar com o pedido de divórcio é porque não tentou o suficiente e desistiu cedo demais. Você quer marcar “divorciado” no espaço para estado civil em todo questionário pelo resto da vida? Nenhuma mulher vai querer ficar com você se você for divorciado.*

Fui para as repartições do condado para preencher a papelada. Felizmente, a única coisa que eu tinha de valor era meu Subaru usado e alguns equipamentos de camping e escalada, por isso não houve batalha pela divisão de bens. Melanie me deixou ficar com o cachorro e o carro, que na verdade eram tudo o que eu queria. Perder Denali no divórcio teria sido inimaginável e, felizmente, como ele sempre foi

meu companheiro, o assunto nunca veio à tona. Depois de meses de espera para que Melanie completasse a papelada, fiquei aliviado quando a parte jurídica do divórcio foi finalizada. Levaria mais de uma década para que eu tivesse emocionalmente a mesma sensação de conclusão.

A menos que você decida se concentrar apenas em escalar *boulders*, a escalada pode ser uma atividade cara. Uma grande vantagem de trabalhar na Metolius era ter prioridade para comprar equipamentos de escalada com grandes descontos. Todo fim de tarde, eu examinava as caixas com produtos não aproveitados, especialmente *camalots*, antes da inspeção do controle de qualidade disponibilizá-los para a venda ao público. Cada *camalot* custava no varejo entre US\$ 50 e US\$ 100, e um equipamento completo de escalada tradicional, que envolve uma variedade enorme de tipos de *camalots*, abrangia fendas de todos os tamanhos, desde menores que um dedo mindinho até a largura de dois punhos lado a lado. Isso significa que um escalador precisa de, no mínimo, dez *camalots* para cobrir a variedade geral de tamanhos de fendas nas pedras. Para áreas como Indian Creek, em Utah, com fendas paralelas perfeitas – com pouca variação nos mais de trinta metros de cada “enfiada”, ou meia corda de comprimento – até cinco *camalots* de cada tamanho são necessários. Construir um equipamento completo pode custar algo entre US\$ 500 e alguns milhares de dólares. Com acesso aos descontos, pude montar meu equipamento por uma pequena fração do preço no varejo. Como estava determinado a viver gastando pouco e guardar dinheiro para equipamento fotográfico e viagens para escalar, Denali e eu morávamos em meu Subaru. Às vezes, estacionávamos em Grasslands, mas dormíamos com maior frequência no estacionamento ao lado da Metolius, como muitos funcionários tinham feito no passado.

Denali aos poucos fez amizade com os outros cachorros do trabalho, amando a liberdade de ir de uma sala para outra. Ele

também desenvolveu algumas rivalidades. A pior foi com Oliver, um mestiço preto e bobo de labrador com terra-nova. Ele me lembrava um alce, com suas patas magrelas que pareciam não ter condições de sustentar o peso de seu corpo. Ele expulsava Denali da sala em que bolsas de magnésio eram costuradas e ficava de vigia, parecendo um bobo com seu maxilar inferior prógnato e hilariantes patas finas. Um dia, eu estava parado ao lado de Maureen, chefe das costureiras de arneses, perguntando sobre o pedido de um cliente, quando, de repente, senti algo quente na parte de trás das minhas pernas. Andei para frente, achando que estava perto de um aquecedor portátil. Senti, então, algo quente escorrendo pela perna e, quando olhei para trás, vi Ollie com a perna levantada, esvaziando todo o seu xixi na parte de trás de minhas pernas. Ele parecia exultante quando baixou a pata e saiu andando de um jeito estranho.

— Oliver! — gritei no momento em que Denali apareceu ao meu lado. Ele cheirou minhas pernas, e suas orelhas e sua cauda baixaram quando ele reconheceu o que tinha acontecido.

Oliver acabou de marcar território em você?
Nãããooo! Como isso aconteceu?

Corri até o carro e peguei um jeans para substituir o encharcado de urina que estava vestindo e, quando voltei, subi à procura de Denali. Procurei em todas as salas, sem conseguir encontrá-lo em lugar nenhum, até que vi um movimento em uma das grandes caixas de papelão cheias de restos de tecido.

— Você está aí! Venha, parceiro, vamos, preciso tomar um banho.

Denali se recusou a se mexer e virou a cara quando me aproximei. Ele estava nitidamente aborrecido e olhava

fixamente para o canto.

Por que você deixou que ele fizesse isso com você? Entre todos os cachorros, por que Oliver? Ainda posso sentir o cheiro dele em você. Vai embora, eu não vou sair daqui.

Naquele ano, quando o inverno chegou a Bend e camadas grossas de gelo se formaram no interior das janelas do carro, estava determinado a provar a todos os amigos que duvidaram da minha capacidade de passar um inverno congelante no centro do Oregon que eles estavam errados. Em muitas noites, eu dormi totalmente vestido, com calça comprida, camadas de lã e casacos acolchoados com plumas, tremendo embaixo da pilha de cobertores que cobriam meu saco de dormir de plumas. Denali frequentemente se enfiava por baixo das camadas e se enroscava ao meu lado. Eu o aconchegava para dividir calor corporal, uma opção coletiva e quente para escapar do ar gelado em nossa moradia improvisada.

Frequentemente me sentia perdido e inseguro em relação ao que a vida traria a seguir, mas o apoio estoico de Denali me ajudava a me agarrar à esperança de um novo capítulo logo além do horizonte. O espaço apertado e a falta de confortos pessoais eram pequenos sacrifícios na direção desse objetivo, e Denali e eu aprendemos a nos adaptar ao espaço de 2,2 metros quadrados coberto por um teto de noventa centímetros. Era desafiador trocar de roupa todos os dias em posição horizontal, por isso Denali se encolhia perto do volante a fim de me dar espaço para entrar em minhas

camadas. Se estava frio, dormíamos aconchegados à noite, e no calor do verão, Denali e eu dávamos espaço um ao outro para nos espalharmos.

Um benefício de viver em um espaço tão pequeno era a motivação para passar quase todas as horas em que eu estava acordado explorando ou escalando, aproveitando devagar as manhãs para permitir que as temperaturas subissem ou caíssem dependendo da estação. Esse estilo de vida servia bem para mim e Denali. Nós estávamos nisso juntos, em uma aventura que, eu esperava, ia durar muito tempo.

Meu horário de trabalho na Metolius não tinha nada de convencional, o que permitia viagens longas e fins de semana de nove dias se eu planejasse direito. Eu frequentemente forçava os limites das regras já relaxadas, juntando todas as minhas horas semanais atribuídas em apenas alguns dias para que eu e Denali pudéssemos estar livres para explorar, o que normalmente significava escalar em Smith Rock ou viagens rumo ao sul, para meus destinos de escalada favoritos.

Eu mantinha uma pequena unidade de armazenamento na rua da Metolius, na qual guardava os pertences que não cabiam dentro da minha casinha nem no bagageiro que eu tinha na capota, à guisa de “armário”. Certa noite, eu estava trabalhando até tarde, como frequentemente fazia depois de escalar o dia inteiro em Smith Rock. Meu objetivo era acumular horas para fazer uma viagem para o sul, e parei na unidade de armazenamento depois do trabalho para pegar equipamento para a viagem. Fiquei, acidentalmente, até depois da hora em que era permitido usar o portão e disparei o alarme quando saí. Uma sirene estridente berrava enquanto eu acelerava pela rua na direção da sede da Metolius. Estacionei depressa, desliguei todas as luzes internas e me encolhi abaixo do nível da janela na traseira de meu carro no momento em que a gerente da unidade de armazenamento chegou. Eu estava morrendo de vontade de fazer xixi, mas não

ousei sair enquanto ela patrulhava a vizinhança à minha procura. Meia hora mais tarde, ela finalmente desistiu da busca; eu dei um suspiro de alívio, me preparando para mais uma noite no Acampamento Metolius.

Os funcionários da Metolius tinham origens diferentes, mas todos aceitavam de bom grado o sacrifício de salários baixos em troca de liberdades que a atmosfera e o horário tranquilos proporcionavam. Todos dividíamos uma pequena área de cozinha no segundo andar, mas eu não ousava deixar nenhuma comida ali, pois todo mundo tinha a tendência de beliscar indiscriminadamente qualquer coisa que era deixada por lá. Minha irmã, Miranda, me surpreendeu no trabalho no meu aniversário de 27 anos, levando pessoalmente uma dúzia de meus cupcakes favoritos de banana. Uma das minhas memórias de infância mais antiga é de minha avó fazendo esses cupcakes toda vez que a visitávamos. Eles eram irresistíveis, preparados com ingredientes simples: bananas muito maduras e farinha, com uma cobertura amanteigada doce. Minha irmã descobriu a receita anos depois da morte de minha avó e aprendeu a fazê-la à perfeição. Eu sabia que, se deixasse a caixa na área de produção da Metolius, eles seriam consumidos num instante, e eu egoistamente queria guardar todos os doces para mim. Comi um rapidamente, então levei discretamente os onze restantes para o carro antes de subir para o segundo andar, onde iria preparar as peças de tecido de arneses de escalada para o passo seguinte na sala de costura.

É meu aniversário, por que estou trabalhando?, pensei, e apressei minhas tarefas, correndo para ir até a rocha de escalada e aproveitar as temperaturas agradáveis e a umidade baixa, que deixariam as formações vulcânicas em Smith magnéticas para as pontas dos meus dedos cobertas com magnésio e minhas sapatilhas de escalada bem ajustadas. Subir uma parede íngreme de rocha requer, em partes, um pouco de fé, movimentos fluidos e muita força de vontade. Smith Rock é famoso por suas vias enigmáticas e técnicas,

exigindo um trabalho impecável com os pés em saliências do tamanho de uma moeda pequena e apoios para as mãos às vezes com a espessura de um cartão de crédito. Visualizei os pequenos apoios para os dedos do meu projeto ainda “não escalado” – uma via em que eu estava “trabalhando” e que era um pouco além de minha habilidade, o que significava que eu a estava escalando repetidas vezes até meus movimentos se tornarem uma dança fluida e eu pudesse subir da base ao topo sem cair, usando apenas minhas mãos e meus pés para avançar para cima.

Finalmente, eu estava liberado para ir e Denali dançou ao meu redor, empolgado com uma viagem para Smith. Ele subiu na traseira do Subaru quando me lembrei de que havia me esquecido de dizer à chefe das costureiras onde eu havia deixado a caixa de partes de arneses prontas para montagem. Subi correndo até a sala de costura e voltei em alguns minutos. Depois que saí com o carro, olhei pelo retrovisor para ver como Denali estava, e ele virou a cara rapidamente quando o olhei nos olhos. Suas orelhas estavam erguidas em um ângulo estranho, e ele continuou evitando me olhar nos olhos.

Ao notar um brilho de papel alumínio no espelho, percebi que sua expressão era de culpa. *Ah, não, os cupcakes!*, pensei. Parei no acostamento, abri o porta-malas e vi que Denali tinha, sim, consumido totalmente os onze cupcakes que sobraram. Senti a frustração crescer, mas apenas ri.

— Você com certeza tem muito bom gosto, Denali — disse eu. — Espero que tenha gostado. Como está essa sua barriga?

Ele bebeu uma tigela de água inteira naquela noite, mas de algum modo conseguiu segurar todos os cupcake sem passar mal.

Alguns meses depois, precisei pegar um avião para uma viagem de uma semana com minha família para Isla Mujeres, então deixei Denali aos cuidados de minha gerente na seção de costura na Metolius e entreguei a ela sua lata de comida,

que continha um suprimento de ração para um mês. Depois que voltei de viagem, estava no escritório dela conversando e agradecendo por ter cuidado de Denali e aproveitei para perguntar onde ele estava, sem reconhecer o canino gordo ao meu lado.

— Ele está bem do seu lado! — exclamou ela, rindo.

Olhei para baixo e vi um cachorro em forma de barril no local que deveria estar uma cintura fina e pernas traseiras musculosas. Ele estava em êxtase por me ver e estava tentando chamar minha atenção, mas eu havia ignorado esse cachorro obeso ao meu lado que mal se parecia com Denali.

— O que aconteceu? — consegui balbuciar.

Então o filho de minha gerente entrou e disse:

— Denali sempre parecia com fome e implorava por comida, então eu me sentia mal e o alimentava até que parasse de pedir.

Peguei a lata de comida de Denali e percebi que estava vazia.

Foi aí que eu entendi a causa do problema. Denali tinha comido um mês de comida em uma semana. Ajoelhado para saudar meu companheiro corpulento, olhei em seus olhos e tive que rir de sua determinação. Ele sempre sabia conseguir o que queria, e dessa vez tinha sido uma coisa boa demais.

— Você vai para um campo de treinamento — brinquei, meio sério.

Durante as semanas seguintes, ignoramos as piadas de “cachorro gordo” na escalada e comecei a aumentar a quilometragem de suas caminhadas e corridas em trilhas quando achava que sua estrutura aguentaria os sete quilos a mais que ele levava em vez de seus 27 quilos habituais. Ele estava sempre empolgado por estar ao ar livre, por isso raramente ficava para trás durante as nossas saídas. Levou dois meses, mas a estrutura atlética tornou-se mais reconhecível à medida que ele voltava a uma dieta mais saudável.

Denali tinha poucos companheiros de brincadeira caninos, preferindo a companhia de humanos que amava. Não que ele não gostasse dos outros cães, pois se dava bem com a maioria; acho que ele apenas via que qualquer amor que ele oferecesse a uma pessoa resultava em carinhos na cabeça e deliciosos petiscos. Quem, de fato, poderia culpá-lo? Seus olhos suaves convenceriam qualquer pessoa viva a lhe oferecer os bocados mais saborosos.

A natureza extrovertida de Denali também levou a muitas de minhas amizades mais próximas. Sua genética de raça do Norte dava a ele uma tendência de constantemente “vagar” por aí, e como era movido pelo seu amor por comida e atenção humana, frequentemente ia atrás disso quando eu estava distraído no acampamento.

Eu normalmente ficava em Grasslands quando ia escalar a rocha que era minha casa em Smith Rock, e muitas noites Denali saía andando e desaparecia por volta da hora do jantar, sumindo por cinco minutos ou até mesmo algumas horas, frequentemente visitando outros escaladores ali. Como a estrada era bem longe, eu não me preocupava muito, pois ele sempre voltava.

Enquanto escalava a rocha nas manhãs após suas escapadas, com frequência conhecia pessoas novas, e, antes que conseguisse me apresentar, ouvia com entusiasmo sobre o quanto essas pessoas amavam Denali.

— Você é o pai do Denali! Ele ficou com a gente ontem à noite.

— Ontem à noite ele visitou nosso acampamento, e dei a ele algumas sobras. Denali é um cachorro muito bom. Não é, Denali?

Quando o novo amigo se abaixava para coçar um pouco suas orelhas, Denali fazia aquela cara de “faço qualquer coisa por outro pedaço de bife”. Então, a pessoa olhava para mim e dizia:

— Ah, por falar nisso, qual é o seu nome?

Uma apresentação inesperada e feliz aconteceu pouco depois de chegarmos às paredes de paralelepípedo em Maple Canyon durante uma viagem para escalar por Utah. Denali saiu para passear durante o café da manhã, farejando o bacon com ovos que estava sendo preparado no acampamento ao lado. Fui procurar por ele, e logo estava conversando com Jeremy e Lisa Hensel, um casal que estava morando em uma picape transformada em *motorhome* nos destinos de escalada por todo o oeste. Eles receberam Denali em seu acampamento enquanto ele brincava com seus dois cachorros, Maya e Kenai.

Enquanto eles se arrumavam para deixar o acampamento, nós conversamos um pouco e trocamos *betas* – gíria de escaladores em inglês para informação detalhada sobre como escalar uma sequência de movimentos de uma via – sobre suas vias favoritas de escaladas no cânion. Cerca de um mês depois, estávamos todos reunidos em Smith Rock, escalando, acampando juntos e contando histórias no jantar em seu *motorhome*. Eu me senti confortável desabafando sobre detalhes de meus problemas com o divórcio, e Jeremy e Lisa se tornaram amigos próximos e confidentes. Denali me apresentou a muitas pessoas ao longo dos anos, e conhecer essas duas era exatamente do que eu precisava na época.

Naquele outono, quando o clima esfriou, saímos em caravana para as escaladas em fendas no deserto vermelho em Indian Creek, Utah, para as maravilhosas paisagens de granito do Parque Nacional Bishop e Joshua Tree, na Califórnia, e para o Red Rock Canyon em Nevada, a poucos quilômetros a oeste da Strip de Las Vegas. Jeremy e Lisa eram não apenas escaladores talentosos, mas também muito fotogênicos, e não pareciam se importar que eu fosse junto para fotografar suas ascensões. Lisa também era fotógrafa, então nós nos revezávamos fazendo fotos entre as escaladas.

Estava começando a conhecer o editor de fotografia e diretor de marketing da Metolius, um escalador lendário e humilde de Yosemite e Smith Rock chamado Brooke Sandahl.

Reuni coragem para mostrar algumas de minhas imagens para Brooke e, para minha surpresa, ele se interessou pelo meu trabalho. Minhas imagens eram as primeiras tentativas de um entusiasta, mas ele me incentivou e ofereceu conselhos sobre como melhorar minha composição e os ângulos enquanto fotografava escaladores em ação.

Enquanto estava no escritório de Brooke, eu o observava selecionar imagens em slides sobre sua mesa de luz. E assim comecei a entender como as fotos eram editadas e usadas para o marketing e para os catálogos anuais. Brook recebia muita oferta de material de fotógrafos de todo o mundo, e me mostrou as cartas de apresentação e as fotos recebidas dos melhores fotógrafos de escalada da época, como Greg Epperson e Jim Thornburg. Depois de minhas viagens naquele outono com Jeremy e Lisa, reuni minhas imagens favoritas e, para minha surpresa, Brooke escolheu uma delas para ser publicada na edição do catálogo de um distribuidor japonês. Era uma foto de Lisa enquanto ela admirava a linda aresta de uma via de escalada em *boulder* chamada Mandala, em Buttermilks, brilhando à luz do fim de tarde. Denali tinha um jeito natural de entrar em minhas fotos, e fez uma aparição em minha primeira imagem publicada – entrando em quadro quando apertei o obturador – seu traseiro musculoso e sua cauda levantada congelados no tempo. Sua confiança em sua beleza sempre elevava minhas fotografias, por isso nunca reclamei.

Ver meu trabalho impresso fez com que eu sonhasse em poder me concentrar um dia na fotografia como uma carreira, mas isso ainda parecia algo inatingível. Era fascinado pelas fotografias encontradas nas páginas dos catálogos da Patagonia, que traziam os principais fotógrafos de aventura da indústria e eram considerados como o santo graal fotográfico do estilo de vida ao ar livre. As imagens falavam do estilo de vida que eu buscava desde que havia assumido o emprego na Earth's Ridge. O dono da loja de equipamentos,

Karl Tucker, era um escalador e me ajudou a apresentar minha mente de garoto de cidade pequena de Michigan a um mundo desconhecido no qual indivíduos se dedicavam a uma vida que priorizava tempo ao ar livre, aperfeiçoando seus ofícios nas montanhas, penhascos, rios e oceanos. Minha perspectiva nunca mais seria a mesma depois disso. Eu tinha sido criado fora do ritmo das cidades, sob circunstâncias desafiadoras, então não era o desconforto que eu desejava, mas sim buscar paixões pessoais no cenário da natureza, encontrando comunidades em meio a andarilhos de mentalidade semelhante e que seguiam o ritmo da maré, das pedras e do clima em busca de aventuras.

Em meu tempo livre longe da sede da Metolius, continuei a documentar minhas viagens para escalar durante o circuito do outono e do inverno, dividindo meu tempo entre Indian Creek, Bishop, o Parque Nacional Joshua Tree e o Red Rock Canyon. Separei minhas imagens favoritas pelo caminho até ter quarenta fotografias no total, o suficiente para encher duas folhas de slides. Escrevi uma carta de apresentação dirigida ao departamento de fotografia da Patagonia e tentei ignorar a voz da dúvida de que meu trabalho não era bom o suficiente.

Semanas depois, chegou uma resposta de Jane Sievert, principal editora de fotografia da Patagonia. Eu me sentei com Denali em meu carro sob o sol da tarde e preendi a respiração enquanto abria a carta. Jane escreveu que estava guardando quatro imagens nos arquivos da Patagonia e planejava publicar duas delas no catálogo europeu daquele verão.

Amigos estavam sugerindo que talvez minha paixão crescente pela fotografia pudesse se transformar em uma carreira, embora nunca levasse isso em consideração. Mas, quando meus exemplares chegaram e vi minhas imagens publicadas no catálogo da Patagonia, senti uma centelha de possibilidade. Denali olhou para mim, com os olhos dançando de excitação, a cauda batendo no banco enquanto eu olhava

para minhas imagens impressas no catálogo. Ele sempre soube, mas agora eu sentia isso também. Se Jane e Brooke tinham visto alguma coisa em meu trabalho, então talvez essa fosse uma carreira que valesse a pena tentar, e poderia ser a chave para viver ao ar livre, onde Denali e eu pudéssemos andar livremente.

Por causa da criança tímida que ainda vive em mim, levava vários dias para finalmente reunir a coragem de ligar para Jane em seu escritório. Eu discava o número de seu escritório em meu celular flip da Motorola, desligava antes de tocar, depois andava pelo estacionamento de Smith Rock e tentava outra vez. Aprendi a superar esse medo hoje em dia e, quando estou mais saudável, posso alcançar um estado de *flow* de trabalho para fazer contatos em eventos e estabelecer conexões profundas.

Depois de dez meses vivendo na traseira de meu Subaru, estava ficando cansado do ambiente apertado e da constante troca de lugar das coisas toda manhã e toda noite a fim de abrir espaço para dormir, e então comecei a sonhar acordado com outras opções. Depois de um longo dia de escalada em Smith Rock, eu estava exausto e decidi dormir em um canto do estacionamento do Walmart em Redmond, na traseira de meu Subaru, em vez de voltar para Bend.

Sem saber que uma linha de trem corria paralelamente ao estacionamento, comecei a dormir só para ser acordado bruscamente pelo barulho alto e prolongado do apito de uma locomotiva. Esse foi apenas o primeiro do que pareceram ser vinte trens, então tive um sono intermitente, mas aguentei até de manhã.

Na manhã seguinte, estava com dificuldades para trabalhar na mesa de corte quando Ron, meu colega de trabalho, chegou e me deu um pedaço de papel com o nome de uma mulher e um número de telefone.

— Você está tentando me arranjar um encontro? — perguntei.

— Não — ele riu. — Só ligue agora para esse número. Tem uma van de camping perfeita à venda, e está absurdamente barata. Eu compraria, mas minha namorada não deixa. Cara, é um negócio inacreditável... Só ligue para esse número!

Fiz o que ele mandou e, naquela tarde, dei um upgrade para uma nova casinha sobre rodas.

Era uma van Get-Away Ford E-250 ano 1987, totalmente convertida para *motorhome* e com apenas 100 mil quilômetros rodados. Vendi meu Subaru para o filho do prefeito, um esquiador que ficou eufórico com a cama montada na traseira, a qual eu tinha feito naquela mesma mesa na sala de corte em que estava trabalhando quando soube da van que seria minha casa nova pelos três anos seguintes.

Naquela semana, um homem aposentado me perguntou no mercado se poderia dar uma olhada no interior de minha van, e essa foi a primeira experiência com a comunidade entusiasta de vida em vans que parece abarcar todas as idades e faixas demográficas.

— Muito legal — disse ele enquanto admirava a configuração. — É parecida com meu modelo 1988. Se importa se eu perguntar quanto pagou por ela? Comprei a minha por US\$ 12 mil.

— Paguei US\$ 2.750 — respondi.

A expressão de choque dele fez com que eu percebesse a sorte que tinha dado em conseguir o equipamento de camping perfeito e, embora meus pagamentos na Metolius fossem pequenos, não tinha dúvida de que estava vivendo a vida dos meus sonhos.

A van era simples, mas adequada. Ela tinha um painel solar de 80 watts e duas baterias de carrinho de golfe de 6 volts, que forneciam energia para meu laptop, para o escâner de slides e uma impressora por meio de um inversor de 400 watts que comprei por US\$ 30. Esse inversor durou cinco anos, mesmo depois que desliguei a ventoinha de refrigeração para deixá-lo menos barulhento. Minha geladeira não

funcionava quando comprei a van, por isso eu a removi e preenchi o espaço com três gavetas grandes, que serviam como despensa. Testei exaustivamente minha teoria de que ovos não precisam de refrigeração, e nunca, nem uma única vez, passei mal com as duas dúzias de ovos por semana que serviam como minha principal fonte de proteínas naqueles anos na van.

Eu tinha um fogão a gás de três bocas e um aquecedor que era muito útil durante as longas e frias noites de inverno, especialmente em maiores altitudes e em áreas desérticas que congelavam à noite. Meus amigos iam para a cama às 18h em algumas noites, mas eu simplesmente não conseguia dormir mais do que oito ou nove horas seguidas, por isso me enroscava com Denali e lia até tarde ou assistia a filmes que tinha alugado. Na época, havia mais tempo para relaxar sem nenhuma das distrações dos smartphones de hoje.

A vida em uma van é tipicamente pacífica, e a minha van parecia mais um *minimotorhome* de um aposentado do que o equipamento de um escalador andarilho. Porém, na véspera de minha primeira sessão de fotos para a Metolius, decidi acampar no estacionamento da academia de escalada para não arriscar me atrasar para o que me parecia a oportunidade de uma vida. Uma sessão de fotos remunerada! Como tive tanta sorte?

Estava me preparando para dormir e havia reduzido as luzes na van. Estava vestindo minha cueca samba-canção da Patagonia, a única roupa que consigo tolerar durante o sono, e estava me deitando com meu livro, uma nova leitura de *O senhor dos anéis*. Liguei o aquecedor no máximo para cortar o frio da noite e Denali se enroscou embaixo de meu braço para compartilhar um pouco de calor corporal. O pequeno espaço da van esquentou rapidamente e estava começando a ficar um pouco quente demais quando Denali pulou da cama para beber um pouco de água.

No instante seguinte em que suas patas tocaram o chão,

ouvi uma batida forte nas portas laterais. Luzes entravam pelas frestas das cortinas da van, aparentemente estavam vindo de todas as direções.

Um megafone gritou:

— Polícia de Bend. Por favor, saia do veículo!

Perplexo, senti meu coração se acelerar enquanto tentava descobrir o que poderia ter feito de ilegal. Vesti algumas roupas o mais rápido possível, mas meu atraso em abrir as portas só pareceu irritar mais os policiais do lado de fora, e as batidas ficaram mais insistentes.

— Saia *agora*. Com as mãos para cima!

— Estou indo, *shhhh* — sussurrei quando Denali rosnou para os intrusos lá fora.

Assim que liberei a tranca, as portas foram abertas bruscamente e fui puxado pelos pulsos, quase caindo durante a minha saída. Denali rosnou em protesto quando fui arremessado para fora.

— Tem mais alguém aí dentro? — gritou a policial.

— Só meu cachorro e eu, senhora.

Ela me entregou para um dos outros quatro policiais que cercavam a van e entrou para revistar o veículo. Um quinto policial saiu das sombras e meus pés foram afastados com um chute para que eu fosse agressivamente revistado. Percebi que havia pelo menos três carros de polícia.

— Posso perguntar o que eu fiz de errado?

— Recebemos uma denúncia feita por um cidadão dessa área, reportando um veículo suspeito no qual estava acontecendo uma briga.

Eu ri do vizinho, que deve ter visto minha van estacionada e queria aquele personagem perigoso fora dali o mais rápido possível. Como era minha primeira noite naquela área, eles deviam estar extraparanoicos.

A primeira policial saiu da van e sinalizou que estava tudo limpo.

— É bem aconchegante aí dentro — disse ela.

— É. Ainda bem que eu fiz faxina hoje — ironizei secamente.

— Você está liberado — ela completou.

— Er, obrigado?! — murmurei enquanto pensava em como tanto o vizinho quanto a polícia haviam me considerado um encenqueiro ou um sem-teto, embora minha casinha fosse perfeitamente adequada às minhas necessidades.

Se me lembro bem, a sessão de fotos pagou apenas algo em torno de US\$ 150, mais filme e revelação, mas a experiência na época pareceu valer a pena. Muitas de minhas imagens ficaram escuras ou desfocadas porque minha velha Nikon N90 não focava muito bem nas luzes de estúdio. Agora, com as câmeras digitais e, especialmente, com minha mais nova Sony sem espelho, é fácil perceber esses erros, mas na época você não podia olhar na parte de trás de sua câmera para ver se tinha acertado uma foto.

Mesmo assim, é difícil de entender hoje, na era da gratificação instantânea dos smartphones, a emoção de abrir um pacote do laboratório de revelação e olhar para a sequência de fotos em slides em uma mesa de luz pela primeira vez.

Vendo o potencial de minha fotografia, Brooke sugeriu que eu fosse à feira Outdoor Retailer para ver se conseguia encontrar mais marcas com as quais trabalhar. A grande exposição, que costumava ser realizada em Salt Lake City e agora acontece em Denver, é um evento no qual todas as marcas remotamente ligadas à indústria de atividades ao ar livre marcam presença. Fiquei impressionado com o espetáculo, mas vi oportunidade para fazer carreira em uma atividade de que gostava imensamente: tirar fotografias. Voltei para Bend e me senti em uma encruzilhada. Denali e eu tínhamos caminhado até o cume da montanha Tumalo por uma trilha perto do monte Bachelor. Encontrei um lugar com uma vista bonita e me sentei a fim de olhar para os picos próximos. Falei alguns de meus pensamentos em voz alta,

perguntando a Denali quais deviam ser meus próximos passos.

— Ei, D, eu devo sair da Metolius? Será que algum dia vou conseguir ganhar o suficiente com fotografia para nos alimentar? A empresa oferece dinheiro para treinamento profissional, mas faz sentido ir para uma escola de fotografia? O Brooks Institute of Photography custa uns US\$ 100 mil. Não vou conseguir esse dinheiro de jeito nenhum.

Olhei para baixo e vi uma pena de gavião perto no chão. Eu a peguei, olhei para Denali e perguntei:

— Ei, parceiro, você está pronto para voar? Vamos fazer isso! — Ele chegou mais perto, me garantindo que eu tinha o seu apoio não importava o que estivesse reservado para nós.

Vamos! Eu só quero passar todos os dias andando pela natureza com você. Podemos encher a van com um monte de coisas gostosas?

Denali abanou o rabo, olhou para mim, e então saiu correndo pela trilha, seguindo à frente na direção de um futuro desconhecido.

Parei na Metolius para trabalhar por algumas horas e minha gerente me chamou em seu escritório.

— Estou vendo que você desenvolveu um interesse pela fotografia, isso é mesmo ótimo. Nós precisamos dispensar algumas pessoas e me perguntei se você estaria disposto a ser uma delas.

Surpreso pelo momento fortuito e oportuno de sua pergunta, fiquei paralisado por um instante. Estava na Metolius havia dezoito meses e, na verdade, não existia nenhum futuro em trabalhar ali. Estava atraído pela fotografia e pelas aventuras que havia à frente, mas a incerteza era aterrorizante. Esse era o empurrãozinho de que

eu precisava, um empurrão delicado e, ainda assim, óbvio na direção de uma vida nova.

— Estaria — respondi. — Acho que é hora de ver do que se trata toda essa história de fotografia.

Eu a abracei, agradei pelo tempo passado ali e me despedi. Denali sentiu a mudança e começou a andar de um lado para o outro no estacionamento da unidade de armazenamento enquanto eu arrumava as coisas na van. O plano era seguir para o norte, rumo a Squamish, Colúmbia Britânica, e eu não tinha ideia do que viria depois disso. Tudo o que sabia era que a estrada aberta era um convite, e nós estávamos atendendo ao chamado.

Todo verão, escaladores da Costa Oeste fazem uma peregrinação pela Interestadual 5 em direção a Seattle, até Bellingham, entrando em território canadense através do Arco da Paz, até que os limites urbanos de Vancouver, Colúmbia Britânica, dão lugar à panorâmica autoestrada Sea to Sky, que serpenteia para o norte até as cidades recreativas de Squamish, Whistler e Pemberton. A primeira, Squamish, é um paraíso para escaladores com as paredes íngremes de granito do Stawamus Chief erguendo-se 702 metros acima das águas do Estreito de Howe, com *boulders* em formato perfeito para escalar espalhados pelo solo da floresta na base da parede.

Cercada de água salgada por três lados, uma península artificial chamada Spit se projeta além de um lindo estuário, estendendo-se com vistas espetaculares para Chief. Nos anos anteriores à popularidade do kitesurf e, conseqüentemente, à popularidade de Spit, seus arredores eram o lugar ideal para estacionar a van na solidão depois de um longo dia de escalada e acampar com Denali.

Abria as portas laterais toda manhã para deixar que o sol e a brisa fresca do oceano lentamente me aquecessem e despertassem. Não se ouvia nada, exceto a música das aves marinhas e o som dos leões-marinhos, então deixava que Denali passeasse enquanto eu cochilava sob a luz do sol da

manhã. Fui arrancado de minha meditação pacífica e semilúcida com Denali pulando em cima da cama. Antes que pudesse terminar de dizer “ei, parceiro!”, quase vomitei com o cheiro horrível que emanava de sua fina cobertura de pelos.

— Pra fora da cama! — resmunguei enquanto continha a náusea e vestia uma calça jeans.

Corri para a cidade em direção à casa de uma amiga para usar a mangueira de seu jardim. Enquanto esfregava Denali com sabão Dr. Bronner’s, minha amiga riu e disse:

— É a temporada. A temporada dos salmões no outono foi forte este ano. Meus cachorros acham que rolar em carcaças de salmão é um esporte.

Denali pareceu insultado, mas tolerou minhas tentativas de mascarar o aroma de peixe podre com o sabão de menta. Depois que isso aconteceu pela segunda manhã consecutiva, parei de abrir as portas até estar acordado o bastante para ficar de olho nele. Felizmente, ele nunca contraiu o parasita horrível que é encontrado em carcaças de salmão que, agora sei, mata muitos cachorros no noroeste do Pacífico todos os anos.

Denali e eu encontramos nosso estilo de vida na humilde comunidade não muito convencional de pessoas que buscavam aventuras e viajavam entre montanhas para escalar e picos de surfe por todo o oeste norte-americano. *Dirtbag*, um escalador andarilho, é um termo valorizado por aqueles que passam muito tempo ao ar livre, priorizando esse estilo em detrimento dos confortos pessoais e da segurança de salários consistentes e hipotecas de imóveis. De muitas maneiras, era uma vida fácil, graças a sua simplicidade, mas era também cheia de desafios. Procurar um lugar tranquilo para estacionar a Big Blue, minha van e casa sobre rodas, era

um desafio diário. Sem um salário fixo e recebendo apenas os direitos autorais escassos de meus primeiros dias como freelancer, eu precisava lutar para equilibrar as contas e pagar pelo combustível da van, filmes, custos de revelação e comida para mim e Denali.

Mesmo assim, os benefícios de acordar longe do barulho da civilização em um lugar de minha escolha e permitir que os ciclos do sol e do clima ditassem as atividades do dia tinham seus próprios atrativos. Os dias mais curtos do outono me fizeram decidir por uma viagem para o sul, para Red Rock Canyon, Virgin River Gorge, uma área de escalada de calcário perto da autoestrada no canto noroeste do Arizona, El Potrero Chico, o Parque Nacional Joshua Tree e Bishop. As fogueiras nos acampamentos eram acesas mais cedo e as horas de sono se estendiam bastante, geralmente até os momentos mais quentes do meio da manhã. Foram anos felizes antes de os sinais de tecnologia 4G chegarem aos lugares mais remotos e antes da sedução contínua das distrações enviadas por meio de supercomputadores que colocamos em nossos bolsos. O ato de checar e-mails acontecia em bibliotecas locais, que ofereciam empréstimo de livros para as longas noites que já começavam às 16h, perto do solstício.

A Big Blue era equipada com um aquecedor, então, enquanto muitos de meus colegas de acampamento mergulhavam em seus sacos de dormir e barracas quentes imediatamente após o jantar, eu lia livro após livro com o aquecimento no máximo, lutando para permanecer acordado até pelo menos as 21h. Em algumas noites, espreguejava seis ou mais companheiros de escalada em minha van para jantar, enquanto Denali patrulhava o chão por restos caídos e mãos oferecendo um carinho na cabeça ou um bocado embaixo da mesa.

Denali e eu também fazíamos noites de filme, e eu conectava meu laptop em um Apple Cinema Display modesto de 17 polegadas, uma tela quase quadrada revestida por um

plástico claro e chamativo. O áudio era reproduzido em meu sistema de som e todos nos amontoávamos na cama como sardinhas, com Denali aninhado, absolutamente no paraíso com a quantidade de carinhos. Nos intervalos, todo mundo saía para ver as estrelas enquanto nós nos aliviávamos, então voltávamos ao calor para a última parte do filme. Se minha bateria estava ficando fraca, íamos todos para o *motorhome* de quem ainda tinha energia de sobra ou nos despedíamos com um boa-noite.

A primavera dava início à migração para o norte. A temporada em Bishop ia até abril, assim como as fendas perfeitas e as vibrações suaves de arenito de Indian Creek. Smith Rock ficava bom até junho, desde que você se mantivesse na sombra. O alto verão era quente e desagradável demais para escalar as paredes técnicas, e o calor excessivo convidava a turma a atravessar a fronteira para o Canadá, encontrando alívio em meio aos *boulders* e paredes de granito de Squamish, Colúmbia Britânica, ou aos belos penhascos das Montanhas Rochosas do Canadá, em torno de Banff e Canmore.

Minha rotina diária era simples, embora raramente tediosa. Prender cordas em paredes íngremes de rocha para fotografar uma escalada sob o brilho da luz do fim do dia, compartilhar histórias em torno de uma fogueira tremeluzente até de manhã, selecionar e escanear meus melhores slides e enviá-los para os editores da Patagonia e das revistas *Climbing* e *Rock and Ice*, explorar cânions desérticos intocados com Denali à procura de vias de escalada em potencial, cuidar de dedos e antebraços doloridos pelo abuso físico das escaladas – esses, para mim, eram os elementos de uma vida bem vivida. Compartilhar isso com um cachorro que gostava de ficar ao ar livre tornava tudo ainda melhor.

Depois de ser demitido da Metolius, experimentei ser cuidador de cães de trenó em Bend, trabalhando com mais de

cem cachorros em um canil a leste da cidade, com Jerry Scdoris e sua filha Rachel, a primeira corredora cega a completar oficialmente a corrida de trenós puxados por cães de Iditarod, no Alasca. Guiei alguns retiros corporativos para a formação de equipes em torno do Monte Bachelor, guiando excursões em nevascas à noite. Durante uma tarde mais tempestuosa na montanha, prendi Denali com os outros cães de trenó na área cercada. Dez minutos mais tarde, eu o encontrei todo encolhido, tremendo muito. Ele olhou para mim com olhos tão tristes que não consegui mais deixá-lo ali.

— Metade husky, mas com certeza não é um grande fã do frio, hein, D?

Sua genética de pit-bull o deixou com pouco isolamento térmico na parte de baixo do corpo, então ele costumava subir na minha mochila em dias frios em Smith Rock enquanto eu escalava e frequentemente o enrolava em meus casacos acolchoados para que pudesse deitar e dormir. Dessa vez, minha única opção foi colocá-lo delicadamente em um dos pequenos beliches na caminhonete dos cães de trenó. Abri a portinha quadrada de sessenta centímetros na altura de meu rosto e o levantei até o canil forrado de palha. Denali se debateu em protesto, mas rapidamente aceitou o abrigo do frio que o espaço restrito oferecia.

Denali raramente ficava na guia, um hábito proibido em um parque nacional e uma atitude que causa preocupação e oferece perigo nos passeios considerando os coiotes que frequentavam a área. Segundo rumores, às vezes os coiotes usavam um batedor solitário para atrair cães para longe do acampamento com a intenção de brincar e depois atacavam em grupo o cachorro inocente. Denali evitava tanto os coiotes quanto os guardas-florestais e parecia ter um talento incrível para desaparecer toda vez que os guardas patrulhavam a área de acampamento dos escaladores. Tinha ouvido falar de cães de amigos que se escondiam ao ouvir o comando “Guardas!”, mas Denali parecia saber das coisas sem que lhe dissessem.

Nos anos seguintes, a habilidade atlética de Denali tornou-se aparente. Ele tinha ombros largos e musculosos que se estreitavam em uma cintura fina, seguida por quadríceps volumosos. Meus amigos sempre me provocavam, dizendo:

— Os donos sempre são parecidos com seus cães. Olhe para você e D! Ombros largos e cintura fina... como o Sr. Incrível.

Como a escalada era meu principal foco fora da fotografia, Denali e eu passávamos inúmeros dias nos cânions e ravinas de Smith Rock, explorando todos os ângulos, criando vias novas e trabalhando nas escaladas mais difíceis ou “projetos” que eu esperava completar. Havia algumas áreas no parque que eram 5º grau fácil ou 4º grau exposto – o que significava que uma queda podia provocar ferimentos sérios ou até a morte. Eu erguia Denali cuidadosamente por essas seções enquanto subíamos e segurava sua coleira ou seu arnês firmemente quando fazíamos os movimentos mais complicados.

Denali começou a desenvolver confiança o suficiente para ser mais seguro para ele descer sem a coleira e por conta própria em vez de utilizar a minha ajuda. Ele tinha aprendido a descida pedregosa até as escaladas de basalto de Northern Point, e, quando o túnel solto e traiçoeiro – formado por rochedos enormes de mais de quinze metros empilhados uns sobre os outros – até a ravina Cocaine Gully ainda estava aberto, ele descia com habilidade cada nível, até estar seguro. Essa trilha agora está permanentemente fechada depois que uma rocha caiu do alto e se alojou no velho túnel. Outras aproximações às ravinas exigiam que eu o carregasse no ombro por meio das estreitas chaminés que eu subia. Nesses momentos, Denali tinha uma confiança inquestionável em mim e nunca se agitava, pois entendia que isso faria com que nós dois caíssemos nas pedras abaixo.

Em Smith Rock, Denali ficava sem coleira sempre que era mais seguro para ele ou quando eu sabia que estávamos em

uma área na qual os guardas-florestais nunca patrulhavam. Para chegar ao *backside*, subíamos pelo Asterisk Pass, uma fissura na parede com alguns espaços para escalada expostos a cerca de quinze metros do chão. A partir de lá você encontra uma rampa estreita com menos de sessenta centímetros de largura até o chão. Normalmente, eu fazia essa descida com cuidado enquanto carregava Denali em um dos braços, enfiando a outra mão em uma rachadura que eu usava como ancoragem de segurança para nos manter firmes enquanto eu movimentava os pés pela parede. Quando chegávamos até a rampa, eu botava Denali no chão e o segurava na coleira enquanto descíamos pelo espaço estreito. Quando era seguro, eu soltava sua coleira e ele terminava os últimos seis metros sozinho, pois ali não havia nada em que pudesse se prender.

O momento de maior orgulho para Denali foi quando ele aprendeu a descer sem nenhuma ajuda, um acontecimento não planejado que fez por conta própria. Denali estava correndo à frente enquanto caminhávamos até o “Asterisk Boulder”, equilibrado precariamente no alto da passagem. Vi que havia um grupo grande de escaladores de capacete sendo guiados pela passagem, usando cordas de rapel para descerem um a um até o outro lado. Antes que eu pudesse sequer gritar o nome de Denali, ele viu que sua rota de descida estava livre. Enquanto um escalador novo ouvia instruções do guia sobre como descer, Denali saiu correndo na frente, deslizando em meio aos alunos que esperavam, executando com agilidade o movimento pelo qual eu sempre o carregara ao descer, contorcendo o corpo para fazer a curva a tempo de não despencar pela parede íngreme. Ele desceu a rampa correndo e, quando chegou ao fim, parou e se virou para me esperar. Fiquei quase tão surpreso quanto o guia e o grupo para o qual ele havia acabado de falar sobre os perigos daquele lugar. Denali tinha sido carregado por ali muitas vezes anteriormente, e naquele momento decidiu que era plenamente capaz de fazer aquilo sozinho. Já vi alguns cães

saltarem sem olhar, mas Denali era sempre cauteloso, planejava seus movimentos e, ainda assim, era confiante quando o momento deixava pouco espaço para erros. Enquanto esperava por mim no fim da descida, ele andava orgulhosamente de um lado para outro, com um grande sorriso marcando a linha larga de seu maxilar.

A única vez em que realmente temi por sua segurança foi quando atravessamos o rio Crooked até Upper Gorge durante uma época em que os *boulders* de basalto polidos pelo rio estavam expostos pelo fluxo baixo da água. Seguindo à frente, ele saltava de pedra em pedra quando escorregou em uma delas, que estava quase tão lisa quanto vidro. Ele caiu sentado na água e foi arrastado na direção de um “buraco” profundo na corrente do rio turbulento. Ele se segurou na pedra com as patas da frente, olhando fixamente para mim com olhos que transmitiam calmamente um pedido de socorro. Estava em apuros e sabia disso. Atrás dele eu podia ver o buraco fundo – um turbilhão de água contra a corrente de um rochedo que podia prendê-lo ali embaixo indefinidamente – e imediatamente me posicionei para agarrar sua coleira. Eu sempre mantinha sua coleira frouxa para que ele pudesse sair dela se ficasse preso em um galho ou cerca, e nesse momento ela começou a escorregar. Os olhos de Denali se arregalaram e meu coração acelerou enquanto ele sentia a corrente puxá-lo para longe de mim. Reposicionei a mão com firmeza em sua nuca, firmei os pés sobre as pedras dos dois lados e lutei com determinação contra a sucção do rio. Ele empurrava enquanto eu puxava e, finalmente, senti a corrente de água soltá-lo. Ele se sacudiu e arfava pesadamente, bem consciente do perigo do qual tínhamos escapado por pouco. Um mês depois, soube que um estudante tinha se afogado naquela mesma área e seu corpo ficou um bom tempo desaparecido.

Na cidade, Denali parecia entediado e apático, sem o estímulo e a variedade de cenários que a natureza oferecia. Na estrada, algumas vezes Denali ficava agitado enquanto

estávamos viajando, sendo tomado por seu lado selvagem até que conseguisse se recompor. Isso acontecia quase sempre em paradas pelo caminho, nunca em nosso destino final. Aprendi que esses momentos duravam apenas cinco ou dez minutos e, para controlá-lo, eu o mantinha na coleira até que ele se situasse e se sentisse seguro em seu novo ambiente.

Enquanto seguia de Bishop para o norte pela autoestrada US 395, atravessando Eastern Sierra, parei para fazer xixi ao norte de Mammoth Lakes. Estava parado ao lado da van, usando chinelos Chaco, quando Denali escapou e correu para subir por quase um quilômetro uma encosta coberta de árvores com neve até os joelhos. Eu o segui e o encontrei parado perto do cume esperando por mim, com a língua para fora como se estivesse rindo da minha situação. Meus pés estavam dormentes e congelando, mas fiquei tão aliviado por encontrar Denali que não sentia nada. Quando voltamos para a van no acostamento da rodovia, vi as portas de minha casa totalmente abertas, como eu as havia deixado, com todos os meus pertences dentro – que, felizmente, ainda estavam lá.

Nos primeiros anos de minha carreira fotográfica, conseguia ter uma renda que variava entre US\$ 5 mil e US\$ 10 mil anuais. Minhas despesas eram baixas: só gasolina, comida, equipamento e nenhum aluguel. Escalar exigia muita energia, e, para permanecer abastecido em minhas aventuras, procurava promoções de produtos encalhados nas prateleiras, comprava caixas velhas de barras de cereais e macarrão instantâneo por atacado, além de coletar alimentos recém-vencidos, mas não estragados, nas lixeiras da Whole Foods e do Trader Joe's. Durante minha infância, minha família priorizava nossos poucos recursos para a subsistência simples e tínhamos apenas roupas de segunda mão em vez de gastar

com viagens para esquiatar ou outros luxos; assim, esse estilo de vida despojado na estrada enquanto eu mal conseguia me sustentar nos primeiros anos de minha carreira tinha muitas semelhanças com a época em que eu era mais novo.

Meu pai trabalhava no turno da noite em uma siderúrgica e, nas horas em que estava acordado durante o dia, aprendeu a construir uma casa; construiu uma versão funcional fora do sistema convencional de construções. Ela não passaria por muitas das regulamentações atuais, mas nos manteve abrigados nos invernos severos de Michigan. Nossa água era bombeada do poço, aquecíamos nossa casa com um fogão a lenha, líamos à luz de lampiões de querosene e esquentávamos a água do banho em uma chaleira em um fogão a gás. Nosso banheiro era um vaso sanitário portátil de acampamento para emergências quando estava frio demais, mas, em geral, usávamos a casinha externa nos fundos. Um sonho de infância era mergulhar completamente em uma banheira cheia de água quente.

Do ponto de vista de nossa sociedade atual viciada em telas, minha criação foi única. Sempre era provocado por não ter televisão e por não entender nada quando meus colegas de turma riam do último episódio de um programa. Em vez disso, a mata me oferecia diversão infinita quando eu procurava tesouros e brincava de jogos inventados.

Aprendi a matar galinhas para comer, a depená-las e a pegar os ovos das que criávamos soltas com esse propósito. Meu pai caçava veados por necessidade, não por esporte, e, às vezes, quando nosso estoque de comida ficava baixo, ele desrespeitava as leis da temporada de caça para nos manter alimentados. Todos ajudávamos com a horta, cuidando das hortaliças. Tínhamos uma pequena geladeira a gás, então, durante a temporada da colheita, minha mãe passava horas incontáveis em uma cozinha cheia de vapor, enlatando ou fazendo conserva com a carne e com as hortaliças para guardar na despensa que meu pai havia instalado embaixo da

casa. Na distância de minhas memórias, a vida simples fora do padrão parece romântica, mas foi uma criação desafiadora. O estresse por não ter tido o suficiente para alimentar uma família de quatro pessoas cobrou um preço alto de meus pais. Tenho lembranças de receber auxílio-alimentação do governo antes de ter idade suficiente para sentir vergonha disso.

Talvez por isso meus pais nunca questionaram meu estilo de vida e moradia na van. Minha mãe perguntava do meu paradeiro toda vez que eu ligava, um hábito igualmente afetuoso e irritante:

— Onde você está? Nós acampávamos em estacionamentos quando você era bebê — dizia ela, recordando histórias de suas andanças pelo sul dos Estados Unidos e pelo México.

Apreciei o apoio deles quando troquei os galhos das árvores de minha juventude por paredes rochosas escarpadas, meus amados lápis e papel de desenho por uma câmera e rolos de filme, bazares que me vestiam por toda a infância por liquidações da Patagonia e gôndolas de amostras, e o queijo da assistência social por comida vencida da lixeira de mercados. Não era romântico, era simplesmente sobrevivência. Considerava um meio com propósito de alcançar um fim. Em algum lugar do horizonte, lutando para me manter alimentado, havia alívio da dor do coração partido e da depressão. Percebi que continuar escalando nunca saciaria o vazio que eu sentia, e esperava que a fotografia preenchesse esse vazio, independentemente do que isso significava.

Depois de um dia inteiro escalando em Red Rock Canyon, fiquei até o joelho na lixeira de um Trader Joe's em Las Vegas, vasculhando os queijos fechados, as verduras embaladas em plástico e massas de pizza, tudo “vencido” naquele dia. Na época, o Trader Joe's era uma mina de ouro para escaladores que passavam os dias na estrada, e fizemos dezenas de pizzas apenas com ingredientes recolhidos do lixo.

O dia estava quase escuro, e eu estava completamente

concentrado em recolher o máximo que podia daquela variedade abundante de ingredientes, quando me assustei com a visão de um homem parado entre mim e minha van. Meus pés se mexeram em meio aos itens de comida descartados, e algo no comportamento e nos movimentos do homem me deixaram instintivamente em estado de alerta.

— Você está bem, cara? Precisa de ajuda?

Eu estava usando um suéter de lã classudo da Patagonia que tinha comprado por US\$ 12 na liquidação, e tive que rir com a ironia da situação. O que estava fazendo aquele homem aparentemente bem-vestido, com vinte e tantos anos e uma van de acampamento naquela lixeira em um beco escondido?

— Sim, cara, estou bem — murmurei, olhando além do novo conhecido para a porta do lado do motorista da Big Blue, que tinha deixado aberta com as chaves ainda na ignição.

Denali estava lá dentro, junto com meu equipamento fotográfico, meu laptop e todos os bens materiais de que eu precisava para viver. Tentei fazer contato com Denali subconscientemente e disse:

— Ei, rapaz, você vai precisar lidar com isso se ele tentar pegar a van.

Denali olhava pelas cortinas da janela enquanto eu analisava como sair daquela situação.

Não se preocupe com nada. Estou tomando conta de você. Só encontra alguns petiscos no lixo pra mim e tá tudo bem.

Me fitando de alto a baixo, ele achou que eu talvez ainda tivesse algo a oferecer e prosseguiu com uma longa e bem ensaiada história sobre como precisava desesperadamente de dinheiro para uma passagem para ver sua namorada doente, que estava sozinha e sofrendo no hospital.

Mantive contato visual enquanto carregava uma caixa cheia de comida para a minha semana – queijos sofisticados, corações frescos de alcachofra e latas de café amassadas – e passei direto por ele até chegar à porta da van. Fingi procurar dinheiro no suporte lateral da porta do carro enquanto levei a mão ao painel e segurei as chaves. Olhei para Denali e dei um suspiro de alívio. Ele parecia preocupado, mas eu não tinha tempo para tranquilizá-lo. Virando-me outra vez para o homem, disse:

— Desculpe, só tenho essas moedas.

Eu as entreguei a ele, subi rápido na van e fui embora. Denali mantinha um olho atento ao redor, rosnando ferozmente se qualquer um se aproximasse da van. Tendo-o comigo, raramente eu me sentia inseguro, mas o incidente me abalou e jurei ser mais cuidadoso, especialmente em cidades. Brinquei com Denali, referindo-me à vida livre e sem preocupações perto de Indian Creek e Moab enquanto dividia com ele um pouco da comida encontrada na lixeira:

— Nós não estamos mais no deserto.

Denali não tinha preconceitos quando se tratava da comida que consumia, mas era meticuloso sobre como recebia afeto. Enquanto acariciava sua cabeça, Denali erguia sutilmente o queixo, guiando meus dedos para o ponto exato de sua escolha e, por fim, me levando a coçar suas orelhas, pescoço, cabeça e queixo.

Ele frequentemente tentava retribuir o favor e, depois de longos dias de escalada, tentava lambe meus braços suados e encrostados de sal. Eu costumava afastá-lo, mas, depois de uma ocasião especialmente quente de maio, de escaladas em fendas no deserto, eu permiti. Em um fascínio silencioso, fiquei sentado observando enquanto ele cuidava de toda a superfície de meus braços sem deixar escapar nem um ponto de sal. Eu me perguntei se permitir que Denali me desse um “banho” sem nenhuma reclamação era mais um momento de andarilho ou de amante de cães.

Durante os anos em que vivia e dormia na van, sempre tive certo nível de orgulho por nunca parecer nem cheirar como um andarilho. Descobri que um banho na pia e um cabelo limpo ajudavam muito na aceitação razoável da sociedade enquanto estava no mundo real. Embora alguns não tivessem problemas com cinco anos de alumínio – dos mosquetões de escalada – e magnésio, oleosidades corporais, terra do deserto e comida impregnando permanentemente seus casacos acolchoados com isolamento, eu tentava visitar a lavanderia com certa regularidade. O mesmo acontecia com Denali, a menos que ele precisasse de um banho obrigatório após um encontro com um gambá. Eu me assegurava de pelo menos brincar de pegar objetos com ele no rio ou nos lagos das montanhas para manter seu pelo felpudo e macio. Para nós dois, preservar certo nível de higiene mantinha nossas vidas melhores com a companhia de amigos e de interesses amorosos em potencial que queriam acariciar seu pelo ou meu cabelo. Denali e eu éramos escaladores andarilhos, sim, mas ninguém percebia.

PRIMEIRO SANGUE

O Parque Nacional Joshua Tree, que abarca os desertos do Colorado e do Mojave no sul da Califórnia, é um playground de granito frequentado por escaladores que fogem dos invernos longos do norte, com condições desfavoráveis de escalada para a maioria das vias. Seus quilômetros de cúpulas e extensões infinitas de árvores de Josué, uma planta que parece um desenho animado com uma silhueta pontiaguda inconfundível, formam um paraíso para os escaladores.

Certa noite, em dezembro de 2002, estava sentado em torno da fogueira na área de acampamento de Hidden Valley, no parque. Haven e Bo, dois parceiros de escaladas com quem eu estava dividindo o local de acampamento, se juntaram a mim e a Denali. Eu me levantei para atizar o fogo e as brasas se transformaram em bolhas sem formato definido em meu campo visual enquanto meus joelhos cediam e eu desabava sobre o solo granítico áspero. Acordei estatelado no chão e senti Denali me cutucando com o focinho enquanto lambia meu rosto, frenético de preocupação. À medida que lentamente me situava, vi uma expressão de grande preocupação no rosto de Bo e percebi que eu tinha desmaiado.

Minimizando o problema de minha queda com a desculpa de uma tontura, falei que precisava de mais ferro em minha dieta. Estava vivendo em uma van havia oito meses, e a Big Blue não tinha uma geladeira, por isso armazenar carne não era uma opção. Além disso, minha renda baixa com o mundo

da fotografia dava pouco espaço no orçamento para qualquer refeição além das densamente calóricas que meu corpo pedia, abastecendo dias longos de escalada com Denali e meus parceiros. O acesso a muitas áreas desse esporte exigia longas aproximações até as vias de escalada, e minha mochila, em geral, estava cheia de apetrechos, cordas, equipamento fotográfico e água extra para Denali.

Na manhã seguinte, minha preocupação com o desmaio havia desaparecido e, depois do café, fui fazer as minhas “necessidades” em um sanitário no chão de um banheiro do parque, enquanto Haven e Bo se preparavam para os objetivos de escalada do dia. Tentei me apressar dentro das instalações fedorentas de concreto que pareciam uma cela, tanto para evitar o cheiro horrível quanto para não deixar meus amigos esperando. Fiquei imobilizado quando me limpei, inalando de uma vez todo o ar fétido enquanto olhava para uma faixa agourenta vermelho-vivo impressa no papel higiênico.

Espantado, minha mente girava enquanto eu pegava minha mochila no acampamento, tentando agir com naturalidade. Percebi que Denali sabia que algo estava errado. Ele sempre sabia. Eu me ajoelhei e esfreguei suas orelhas.

— Está tudo bem, D, tenho certeza de que não é nada sério.

Você parece preocupado... Devo me preocupar? Quando você caiu no acampamento, precisei te lambe para te acordar! Tem alguma coisa errada... Você fica cansado com muita facilidade e não quer correr comigo pelo mesmo tempo que costumava fazer antes. Tem alguma coisa acontecendo, cara.

Reprimi minha intuição de que havia alguma coisa muito errada até um mês depois, quando contei o que havia acontecido para uma amiga enquanto escalava em Red Rock Canyon. Depois de explicar meus sintomas, ela olhou para mim por um momento antes de responder:

— Você pode ter câncer de cólon.

Ela disse essas palavras sem demonstrar emoção, como se afirmasse um fato imutável. Chocado, minha mente começou a girar, buscando qualquer outra explicação. Naquela noite, pesquisei os sintomas na esperança de contradizer a teoria dela e encontrei um questionário on-line listando os sinais do câncer de cólon. Tive uma sensação de redenção depois de ler a primeira linha.

“Você tem mais de 50 anos?”

Dei um suspiro de alívio, o que só me cegou para as questões condenatórias que vieram em seguida:

“Você tem sangue nas fezes?”

“Tem gases ou inchaços na região abdominal?”

Meu subconsciente desviou seus sentidos enquanto eu lia a última linha:

“Procure cuidados médicos se encontrar sangue ou se tiver qualquer um desses sintomas.”

Como os sintomas pioraram gradativamente durante os dezoito meses seguintes, eu estava constantemente redefinindo o que era uma digestão “normal” para mim. Se eu estivesse inchado e o vaso sanitário, sujo de sangue, eu simplesmente criava novas desculpas para justificar o que havia ocorrido, raciocinando comigo mesmo que deveria ser uma alergia alimentar qualquer. Se passasse por um relevo enquanto fazia mountain bike e sujasse as calças, eu limpava a sujeira e pegava uma cueca limpa que sempre levava comigo.

Devorava livros sobre dieta e digestão, tentando desesperadamente evitar ir ao médico e entender por conta própria o que estava acontecendo. Falava sempre com Jenny

Uehisa (agora Jurek), uma amiga próxima, sobre minhas novas teorias de dieta.

Jenny morava em Seattle e trabalhava para a Montrail, uma antiga fabricante de calçados para fazer trilha. Nós nos conhecemos quando liguei para a central de atendimento ao consumidor da empresa em que ela trabalhava para perguntar se existia algum tipo de desconto nas compras para quem trabalhava na indústria de aventuras. Quando disse meu nome, ela ficou fascinada, achando que eu era Ben Moon, um lendário escalador inglês.

Essa questão cômica de troca de identidade persiste até hoje, ainda sou marcado em *tags* de fotos nas mídias sociais e recebo e-mails dirigidos ao “outro” Ben Moon. Antes de criar sua empresa de escalada, chamada Moon Climbing, ele me enviava cartazes autografados de sua antiga e já extinta marca de roupas, S7, dizendo: “Queria ter um nome tão legal quanto o seu”.

Jenny e eu nos tornamos amigos próximos depois de nos conhecermos pessoalmente na feira Outdoor Retailer, e eu a visitava com frequência em Seattle para ver bandas tocarem enquanto estavam em turnê pela cidade. Certa noite, depois de ver Matt Costa tocar em um pequeno local, estávamos na fila para comprar pizza vegana quando Jenny me olhou com preocupação após eu me dobrar ao sentir muita dor.

— Meu estômago está doendo muito e estou cheio de gases. Acho que sou alérgico a banana e laticínios — disse eu.

— Bom, eu sou alérgica a alho — respondeu ela, tentando fazer com que eu me sentisse melhor.

Mais tarde naquela semana, durante um jogo acirrado de pingue-pongue no porão de sua casa, mostrei a ela um livro sobre como comer os alimentos certos para cada tipo sanguíneo e anunciei:

— Meu tipo sanguíneo é A+, então devo ter aversão a plantas do gênero *Solanum*. Por isso, chega de berinjelas e tomates.

Como se os livros sobre alimentação adequada para o meu tipo sanguíneo ou teorias absurdas sobre várias alergias alimentares pudessem ter a resposta para os meus problemas. Eu estava simplesmente desesperado para entender meu intestino irregular e o monstro que me aterrorizava interiormente.

Algum tempo atrás, liguei para Jenny para conversar e ela se lembrou de quando passei mal.

Toda vez que você vinha me visitar, você falava algo do tipo: “Ah, meu estômago está ruim”.

Algo sempre estava ruim, mas nunca achei que fosse nada além de uma alergia alimentar, porque toda vez que você sentia uma dor, fazia uma conexão com algo da sua dieta que estava causando o problema.

Parecia que você apenas queria descobrir o que acontecia ou se era alérgico a algum alimento. Você não estava reclamando. Não acho que isso estivesse em seu radar como um problema urgente.

Porque parecia que sua vida e sua saúde estavam indo em direções opostas. Eu amava seu estilo de vida, seus amigos e tudo em relação a como você estava vivendo... embora você guardasse todas as suas coisas em um depósito e vivesse em uma grande van azul. Você simplesmente era amigo de todos os garotos legais na cena de escalada.

Sabe quando as pessoas estão doentes? Pode-se ver isso em seu rosto. Você não parecia doente e não agia como tal. Talvez fosse mais fácil ignorar os sintomas porque você era mais novo e não estava levando um estilo de vida “confortável”, só vivendo a vida em uma van, sem casa nem nada.

Eu me lembro de pensar: *Ei, isso é loucura. Como você viveu com isso por tanto tempo sem saber?*

Tinha total consciência da natureza anormal dos sintomas

que estava experimentando e, ainda assim, eles eram suficientemente inconsistentes para que, nos dias em que sentia apenas um pequeno desconforto, simplesmente os descartasse em vez de encarar a realidade do quanto eu estava doente. Em um dia o vaso sanitário ficava respingado de sangue e, no dia seguinte, não havia nada. Eu ficava superinchado e depois bem, fazendo com que fosse mais fácil culpar a comida do que tomar qualquer outra atitude em relação a isso. Pareciam sintomas mais irritantes do que preocupantes, mas, no fundo, eu sabia que precisa descobrir o que era. Meu nível de negação era profundo; eu ignorava minhas fezes, que tinham diminuído o diâmetro normal pela metade, e outros sinais de que algo estava muito errado. Apesar de todas as indicações apontando para uma doença grave, eu esperava descobrir uma causa menor e apenas seguir em frente com minha vida.

Jenny estava na faculdade de design, havia ficado solteira há pouco tempo e foi me visitar um ano antes de meu diagnóstico. Ela sempre havia sonhado em escalar dois dos pontos de múltiplas enfiadas em Smith Rock, Zebra Zion e a variação da face oeste da via Pioneer em Monkey Face. Para animá-la depois de ter sido deixada por um namorado insensível, eu me ofereci para fazer as duas escaladas com ela. Enquanto estávamos no alto da via, Denali comeu todos os lanches de Jenny, parecendo orgulhoso e com azia. Ela era uma estudante universitária com um orçamento limitado, tinha comprado sua comida meticulosamente calculada para a semana na cooperativa local, e Denali tinha comido tudo até o último bocado, o que fez com que ela mantivesse uma brincadeira rancorosa com Denali por anos depois disso, olhando para ele, sorrindo e provocando:

— Você comeu toda a minha comida. Você se lembra disso?

Lembro. Estava deliciosa... mas, nossa, veganos

se sentem cheios? Podia ter comido mais sem me sentir cheio. Depois também fiquei com muitos gases. Ufa.

Hoje, quando vejo fotos do passado, percebo que estava magro e que minhas bochechas estavam chupadas, mas essa transformação foi tão gradual que, na época, era difícil reconhecer.

No inverno de 2004, eu estava fazendo fotos com Sonnie Trotter na garganta do rio Virgin. Quatro anos antes, havia conhecido Sonnie, um escalador profissional canadense, durante o inverno desafiador em que Melanie me deixou. Naquela época, ele tinha me estimulado muito a testar meus limites na escalada, e suas palavras me ajudaram a completar minha primeira via no grau de dificuldade 5,13.

Nessa viagem à garganta do rio Virgin, eu estava tentando encadenar uma via de escalada divertida e exigente de nível 5,13a chamada Joe Six Pack, o que acontece quando o escalador completa a via indo do chão à ancoragem do topo sem cair ou descansar sobre o equipamento, mas estava completamente sem energia enquanto clipava a minha ancoragem. Tentando relaxar para a próxima tentativa, fui para Mentor, uma via de aquecimento 5,12b que tinha um descanso sem mãos no meio da subida. Quando cheguei à metade dessa escalada, meu amigo me ajudava enquanto víamos uma quantidade enorme de corda solta, e eu descansava e sacudia os braços para livrá-los da “bomba” de ácido láctico. Sem nenhum aviso prévio, meu corpo ficou mole, liberando a tensão que pressionava minhas pernas contra a parede na posição de contenção. Gritei e caí oito metros antes que a corda se esticasse e o sistema de segurança de minha ancoragem finalmente me segurasse.

— Ei! O que aconteceu? — ele gritou para mim enquanto me descia até o chão onde Denali estava esperando. —

Desculpa, eu sei que tinha muita corda frouxa, mas ninguém nunca cai ali!

Denali lambeu meu rosto enquanto eu lentamente desatava o nó apertado devido à queda.

Tem alguma coisa errada, mano. Você está com um cheiro estranho. E está ainda mais cansado. Está dormindo demais. E caindo demais. Estou preocupado, fica bem, por favor!

— Não tenho ideia — respondi à pergunta de Sonnie. — Eu simplesmente caí! Foi como se meu corpo tivesse desistido.

Decidi fazer mais uma tentativa em meu projeto de encadenar a via. Passei pelos movimentos mais difíceis e enfrentei momentos de completa exaustão e náusea enquanto me esforçava pelas sequências longas do *headwall* cheio de buracos.

O que está acontecendo comigo?, pensei. *Alguma coisa simplesmente não está certa.*

Depois de clipar a ancoragem no topo, senti ondas de cansaço esmagador se abaterem sobre mim como uma pilha de cobertores de chumbo.

Na base da escalada, procurei em minha mochila um agasalho de lã. Ao encontrá-lo, enrolei-o no formato de um travesseiro e convidei Denali a deitar-se ao meu lado. Ele empurrou meu braço com o focinho e lambeu meu rosto para me acordar duas horas depois. Seu calor reconfortante me ajudou a manter uma sensação de firmeza e normalidade em meio à preocupação crescente em torno de minha condição. Além do olhar preocupado de Denali, vi Sonnie parado acima de mim.

— Uau, mano, você apagou completamente. Eu estava

começando a ficar preocupado com você.

Isso não era normal, mas eu apenas estava tentando enfrentar um dia de cada vez enquanto procurava uma razão para me sentir daquele jeito.

Algumas semanas antes do diagnóstico, minha irmã me deu uma pulseira que dizia “Live Strong” e mencionou que ela e alguns outros amigos do ciclismo começariam a vendê-las a fim de levantar dinheiro para a nova fundação do câncer de Lance Armstrong. Essa parecia ser uma grande causa, por isso a coloquei no pulso esquerdo, sem saber que no meu abdome também se reproduziam rapidamente células cancerígenas. Quando fui diagnosticado, aquela tira de borracha amarela que envolvia meu pulso se tornou uma fonte de força e solidariedade, e eu não a tirei por dois anos.

Recebi um e-mail do editor das revistas *Rock and Ice* e *Trail Runner* na mesma semana. Ele disse que as revistas publicariam minhas imagens nas capas das próximas edições. Fiquei em êxtase.

Capas de revista, duas delas? Ao mesmo tempo? Agora me sinto um fotógrafo de verdade.

Denali olhou para mim com olhar animado. Eu sabia exatamente o que ele estava pensando.

Eu te disse!

Minhas fotos seriam publicadas na capa dessas duas revistas nas edições de junho de 2004. A capa da *Rock and Ice* era com Sonnie Trotter em sua primeira e ousada ascensão livre e tradicional – com todo o equipamento, sem chapeletas – na face leste do Monkey Face, em Smith Rock, quando fiquei pendurado no espaço cem metros acima do fundo do vale, girando sem parar na corda fixada acima de Sonnie enquanto ele subia, os dois sendo bombardeados por uma tempestade repentina de abril com vento, rajadas de neve e

granizo. Entre uma foto e outra, Sonnie teve que se soltar da parede para me ajudar a parar com as piruetas.

Aquelas imagens tinham sido feitas apenas cinco semanas antes de meu diagnóstico, enquanto um tumor com o tamanho de uma bola de golfe entrava em metástase na parte inferior de meu abdome. Fotografar uma escalada de 120 metros no topo de Monkey Face é fisicamente intenso e, quando olho para trás, parece uma realização ainda maior com o câncer que se escondia dentro de mim.

A capa da *Trail Runner* mostrava minha amiga Thereza, aficionada pelo oceano e instrutora de pilates, correndo bem acima das águas esmeralda de Kauai e do parque Na Pali Coast com exuberantes morros pontiagudos ao fundo. A viagem a Kauai tinha ocorrido exatamente um ano antes de meu diagnóstico de câncer.

Meu falecido amigo e parceiro de escaladas Alex Newport-Berra estudava na Universidade do Havaí e me convidou para ficar com ele em Kauai no verão. Fiquei na porção leste e sul da ilha naquela época, durante um período de crescimento pessoal e criativo imensamente fundamental. Estava aprendendo a surfar, mas minha carreira de fotógrafo tinha começado a ganhar algum impulso e minha intuição me dizia que existia razão para estar em um lugar que era ao mesmo tempo visualmente motivador e bom para a alma.

Estava empolgado e hesitante em conhecer as ilhas havaianas pela primeira vez. Denali e eu nunca tínhamos ficado afastados por mais de uma semana, então deixá-lo por quase dois meses causou uma sensação quase desoladora. Nós não tínhamos passado mais de um ou dois dias afastados desde a partida de Melanie. Como poderia deixar para trás meu melhor amigo e minha maior fonte de conforto por essa viagem? Se não fosse a quarentena e não tivesse que submetê-lo à viagem aérea, teria levado ele comigo.

Uma amiga estava guiando escaladas em Smith por todo o verão e se ofereceu para cuidar dele enquanto eu estivesse

viajando.

— Essa viagem vai ser muito boa para você — disse ela. — Além disso, Denali me adora e vai passar todos os dias comigo em seu lugar preferido!

Hesitei, olhando para Denali em busca de segurança.

— O que você acha? É com você!

Ele abanou o rabo e pareceu quase rir de meu estresse.

Eu vou ficar bem! Só volta sorrindo e quem sabe encontra uma mulher legal que possa te animar. Você parecia muito triste ultimamente, por mais que eu me esforçasse para te deixar feliz.

Kauai parecia o paraíso, mas também era um mestre severo. A essência de meu ser relaxou no momento em que cheguei em um clima tão agradável quanto o de lá, quando as únicas roupas exigidas eram bermudas e sandálias, com uma temperatura nunca quente demais e raramente fria demais. As folhagens e as flores tinham cores vivas, e o oceano, uma água-marinha vibrante. A ilha era um banquete visual, e eu esperava conseguir capturar algo de sua beleza em minhas fotografias.

Na minha primeira manhã depois de chegar à ilha, remei em uma onda e, de repente, fui levado por uma força com a qual não estava familiarizado, lançando o bico de minha prancha Mickey Munoz de oito pés para a areia e me jogando por cima da traseira em um arco fechado e invertido. Enquanto estava no ar, a parte interna de minha coxa colidiu de algum modo com as novas quilhas afiadas como navalhas que eu havia acabado de instalar, enterrando uma delas em meu músculo interno do quadríceps. Mesmo que tentasse mil vezes, nunca mais conseguiria repetir essa sequência azarada de acontecimentos.

Uma mulher que estava na praia reconheceu o perigo de o corte ter atingido a minha artéria femoral, considerando a proximidade, e imediatamente aplicou um torniquete com uma toalha enquanto eu entrava em choque. Depois que Alex tentou, sem sucesso, carregar a mim e a minha perna disfuncional para a cabine de sua picape, ele chamou uma ambulância.

Foi uma viagem estranhamente dolorida e vergonhosa até o hospital enquanto eu olhava para os socorristas locais havaianos rindo de um garoto muito branco e eufórico do continente. Aprendi do pior jeito sobre o poder das ondas havaianas, *swells* brutais colidindo com recifes, tão diferentes dos picos de areia e de pedra do continente.

O médico da emergência passou as três horas seguintes removendo areia das profundezas de minha coxa, fazendo com que eu me retorcesse de dor apesar dos analgésicos. Alex precisou deixar a sala, pois quase desmaiou enquanto observava o espetáculo sangrento. *Ei, Denali, se você estiver ouvindo... Sua companhia cairia bem agora. Isso aqui está horrível!*, pensei. Não há nada como estar machucado e sentindo dor para lembrar-se de quem você gosta. Sentia falta de meu companheiro peludo e de seu jeito andarilho e socializador.

O médico pediu que eu ficasse longe do oceano por algumas semanas, uma restrição brutal quando se está em uma ilha tropical cercada de águas convidativas. No fim, essa limitação foi uma bênção, à medida que procurávamos por alternativas ao surfe. Alex sugeriu que passássemos a semana de seu aniversário em Kalalau, uma trilha longa de praia que define o paraíso tropical da costa norte de Kauai. O acesso à praia é uma linda caminhada de vinte quilômetros ao longo da magnífica Na Pali Coast.

Sempre brinco que odeio caminhar depois de ter passado anos fazendo isso com equipamentos pesados de fotografia e escalada. Se você quiser que eu caminhe, basta sugerir que iremos “explorar” uma área e vou de bom grado. Mas

caminhar simplesmente pelo prazer de caminhar? Não, obrigado.

A trilha de Kalalau é uma exceção. Uma folhagem verde exuberante e uma vista maravilhosa nos saudavam a cada curva, com goiaba e lilikoi maduros, ou maracujá amarelo, pendendo ao alcance. A única coisa que faltava era Denali trotando ao meu lado e oferecendo seu apoio. Sabia muito bem o quanto ele gostaria daquele passeio. Ri ao pensar em dividir goiaba, lilikoi e lichia com ele. Ele tinha um estômago de ferro e sempre comia qualquer fruta oferecida, por mais estranha que fosse. Ele teria odiado o calor intenso, mas tínhamos sombra no interior da maior parte das trilhas que fizemos. Sempre me alegrava muito observar o prazer simples que Denali sentia quando explorava lugares novos e selvagens.

Alex se ofereceu para fazer a trilha carregando a maior parte do peso de minha mochila para impedir que minha perna piorasse, e resolveu caminhar só com chinelos que custaram alguns dólares na farmácia local. As sandálias baratas se desgastaram nos primeiros doze quilômetros, mas Alex seguiu em frente sem reclamar, percorrendo o resto da distância descalço sobre as volumosas cascas de castanha kukui que formavam uma textura de pavimento de pedras na trilha.

Alex e eu passamos os dias seguintes explorando as praias, catando frutas e pegando jacarés pelados na vasta praia com águas esmeralda. O único relógio era o sol, e mal conversávamos, entrando em um ritmo fácil, sem pressa e revigorante. Conhecemos duas famílias locais que tinham ido até a praia de caiaque e fomos convidados para nos encontrar mais tarde. Posteriormente, eu passaria bastante tempo com muitas das pessoas que conheci naquela noite.

Com a imersão naquele paraíso tropical, a sensação era de êxtase, uma distração oportuna do estresse que eu sentia para equilibrar as contas como fotógrafo freelancer. Viver em uma

van tinha um custo de vida baixo, mas eu nunca sabia ao certo quando receberia meu próximo pagamento. Ter dinheiro para cobrir as despesas básicas era um desafio e, mesmo assim, eu sabia que precisava investir em equipamentos para trabalhar como profissional e estar ativo no mercado competitivo.

Conversei com Jane sobre fazer algumas fotos para o catálogo da Patagonia enquanto estava em Kauai, e ela prometeu me enviar uma caixa de amostras de roupas que deveriam ser fotografadas. Seu estagiário se esqueceu de enviar a caixa que Jane havia separado para mim enquanto ela estava de férias; fiquei desapontado, mas sabia que precisava aproveitar ao máximo um lugar tão incrível. Perguntei, então, a alguns de meus novos amigos na ilha se estariam dispostos a trabalhar comigo e quais eram seus tamanhos de roupa. Comprei uma seleção de peças no site da Patagonia e paguei com o cartão de crédito, torcendo desesperadamente para que minha aposta desse resultado e algumas imagens fossem selecionadas para publicação.

Os desafios se acumulavam, levando-me às lágrimas, e quase reservei um voo mais cedo para casa, mas não tinha como pagar a tarifa aérea. Depois de meus primeiros dez dias na ilha, Alex percebeu que estava com muita saudade de casa para ficar os dois meses inteiros que havíamos combinado. Ele sentia saudade da namorada e da família no Oregon, então voltou para casa. Nesse momento senti ainda mais a falta de Denali e tentei me distrair aprendendo tudo o que podia sobre surfe, observando como as marés, os padrões de ondulação e a direção do vento afetavam as ondas. O oceano continuava a me punir, mas eu estava determinado a perseverar. A sensação era de paz enquanto pegava ondas, uma trégua das ansiedades que sempre assombravam minha psique.

Concentrei também mais energia em minha fotografia, mas a ilha parecia ter prazer em me empurrar para além do ponto de ruptura. Tive problemas com a minha câmera principal depois de apenas um mês de viagem e, para

continuar fotografando, não tive escolha a não ser comprar outra, uma Nikon F-100 novinha em folha. Filme, revelação, custos de envio, comida, gasolina e serviços públicos eram muito caros na ilha, e as contas continuavam se acumulando. Para ultrapassar meus limites criativos e fotografar abaixo das ondas no oceano, resolvi comprar um suporte à prova d'água especial para minha câmera. Antes da era digital, essa era uma tarefa bem mais desafiadora, pois a cada 36 fotos eu tinha que nadar para a praia, desmontar o suporte, recarregar a câmera e garantir que tudo estivesse hermeticamente fechado antes de voltar a fotografar novamente. No fim do verão, eu estava extremamente comprometido financeiramente e com US\$ 10 mil em dívidas de equipamentos e despesas ocorridas durante a minha estadia ali.

Felizmente, algo dentro de mim afastou o medo de que essa seria uma aposta de tudo ou nada. Aquele momento era decisivo em minha carreira, e fui com tudo. A ilha, com suas belas cores marinhas e brilho tropical, era o incentivo de que eu precisava para criar as imagens que deveria produzir para dar o passo seguinte como fotógrafo profissional. A quem eu recorreria se fracassasse e nunca vendesse outra imagem? Não parecia que a vida de escaladas e as fotografias esportivas poderiam ser um futuro com o qual eu ganharia a vida, tampouco tinha a profundidade de inspiração que buscava. Já havia começado a me sentir inquieto fotografando escaladores e comecei a questionar como poderia ir além em meu trabalho. Documentar atletas de elite forçando seus limites pessoais era satisfatório até certo ponto, mas, além de alcançarem seus próprios objetivos, suas conquistas – ou minhas imagens delas – afetavam alguém fora de nossa pequena comunidade? Sim, eles inspiravam outros a saírem de suas zonas de conforto, mas eu não conseguia evitar sentir que, no fim, isso também era egoísta.

Sabia também que a preferência pela água, especialmente o

oceano, era algo inato a mim. Surfar é mágico. Depois, a sobrecarga sensorial de um dia desafiador começa a fazer sentido. O êxtase é encontrado quando o *flow* toma conta, mesmo assim o oceano sempre nos torna humildes. É por isso que eu o adoro.

É uma sensação muito diferente de chegar a um cume ou de uma escalada em que não podemos parar para descansar... em vez disso, você tem a oportunidade de surfar um pulso de energia formado por uma tempestade e organizado pelo tempo e pela distância, originado a centenas ou milhares de quilômetros, que se quebra como uma impressão digital única sobre os contornos do fundo da areia e sofre influência da atual fase da lua.

Duas ondas nunca são iguais, nem nós, a cada momento.

Precisava encontrar minha voz e meu estilo para ocupar criativamente um nicho. Gostava do desafio de contar as histórias das pessoas, de conhecê-las e mostrar a vida que levavam além de seus momentos atléticos. Enquanto estava em Kauai, fotografei vários atletas em ação e experimentei, pela primeira vez, a fotografia subaquática. Enviei para a Patagonia algumas centenas de slides da viagem, quando Jane me ligou:

— Ben, isso está ótimo. Nunca recebo fotografias de mulheres das ilhas. A maioria dos fotógrafos de surfe só envia fotos de mulheres de biquíni nas praias, mas você fotografou todas elas como atletas.

Uau, pensei. Que tipo de fotógrafo não fotografaria essas lindas mulheres como atletas empoderadas? Então reconheci que, se queria sobreviver como fotógrafo, teria que descobrir um jeito de criar imagens que atendessem aos desejos não preenchidos e únicos de meus clientes. Uma carreira criativa é

uma evolução contínua e até hoje tento reinventar minha voz. Qualquer coisa menor que isso faz com que me sinta entediado e inquieto.

Felizmente, minha aposta acabou compensando no fim. Antes que as contas médicas comessem a se acumular, consegui pagar todos os débitos da viagem. A Patagonia acabou publicando imagens de Kauai até a década seguinte, pagando pela viagem e pelo equipamento várias vezes. Confiar em minha intuição, mesmo em uma viagem na qual tudo parecia ser um desafio, foi uma lição sólida para mim. Jane, mais tarde, publicaria várias imagens de página inteira de Kauai durante o verão que concluiu minha luta de um ano inteiro para sobreviver ao câncer.

Depois dessa viagem, não teve preço o reencontro com Denali após dois meses inteiros separados. Ele correu até mim, cobrindo meu rosto de “lambeijos” antes de pular no meu colo, deitar-se de costas e se remexer. Enquanto eu acariciava suas orelhas e sua barriga, ele se apoiou em mim com os olhos fechados, sorrindo de orelha a orelha antes de relaxar com uma respiração funda e um grande suspiro.

Cara, por que você me deixou por tanto tempo?
Eu me diverti em Smith Rock, mas estava sentindo muito a sua falta.

— Senti sua falta, amigo — disse eu, refletindo os pensamentos de Denali enquanto o apertava com mais força.
— Precisei de você mais do que qualquer coisa nessa viagem e estou feliz por estarmos juntos de novo.





O DIAGNÓSTICO

Era 1º de junho de 2004. Olhei ao redor de modo confuso e vi uma sala com iluminação artificial e expressões sombrias marcadas em todos os rostos. A clareza começou a voltar bem devagar enquanto me esforçava para me situar.

Uma voz registrou o meu despertar.

— Ele acordou.

Fotografias médicas eram seguradas a centímetros de meu rosto, imagens que continham uma feiura tão estranha que pensei: *Isso com certeza não pode ser meu corpo. Onde diabos eu estou?*

Então eu lembrei. Tinha acabado de fazer uma colonoscopia, versão da medicina ocidental para o exame que se parece com um encanador fazendo uma inspeção completa no sistema de esgoto de uma casa. Esse procedimento é tipicamente reservado aos que já passaram a marca de meio século de suas vidas. Apesar disso, eu tinha só 29 anos e era escalador e atleta em tempo integral no auge de minhas habilidades. E essa era a minha casa, o meu corpo.

À medida que os efeitos da anestesia passavam lentamente, o local em que eu estava ficou mais claro. Vi o rosto de meu colega de quarto Byron, que tinha se oferecido para dar carona até em casa a minha figura triste e sedada. Estudei a sua expressão, tão severa como se alguém tivesse dado a ele a notícia de que sua mãe tinha morrido.

O que está acontecendo aqui? Por que todos estão com

expressões tão fechadas?

— Pessoal? — consegui dizer com a voz rouca.

— Nós encontramos um carcinoma — disse, sem rodeios, uma voz distante.

Um carcinoma? Com certeza eles não estão falando de mim. E, mesmo se estiverem, carcinoma não significa necessariamente câncer, significa? Se significar, deve ser um tumor pequeno. E com certeza benigno.

Fui tomado por uma sensação de medo enquanto a negação tentava encobrir minha sanidade.

Minha mente se distraiu por um momento enquanto eu continuava tentando lutar contra os efeitos colaterais da anestesia até que um murmúrio distante me trouxe de volta.

— Até algumas mulheres conseguem usar biquíni depois de um procedimento de colostomia...

Mas do que eles estão falando agora? Nossa, os sedativos que me deram eram fortes. Estou sonhando com certeza. Isso tudo só pode ser com outra pessoa.

Olhando para o leito vazio ao meu lado, aos poucos percebi que era o único paciente na sala de recuperação.

Uma voz continuou:

— Muitos atletas conseguem usar bolsas de colostomia sem muita interrupção de suas atividades. — A voz masculina se aproximou e reconheci o rosto do dr. Bochner, o gastroenterologista que fez a colonoscopia.

O que é uma colostomia? Estava tentando entender tudo. Nunca tinha ouvido essa palavra em minha vida.

Pensei novamente nas palavras do dr. Bochner enquanto era empurrado para a sala de procedimentos.

— Nós só precisamos dar uma olhada para ver o que está acontecendo aí dentro. Duvido que vamos encontrar algo grave, talvez só um pólipó, que vamos remover se for o caso. Se você tiver síndrome do intestino irritável, podemos excluir qualquer problema grande — ele falava com um tom direto, sem preocupação na voz.

Não houve indícios para preocupação, nenhum alerta para que eu me preparasse para o turbilhão de emoções e a luta que viriam em seguida.

— Será que alguém pode me dizer o que está acontecendo? — perguntei, finalmente conseguindo falar. — Eu não uso biquíni e não tenho ideia do que é uma colostomia! — Olhei novamente para Byron à procura de segurança, mas ele desviou os olhos enquanto enfrentava as notícias.

Segurando as imagens ainda mais perto, o dr. Bochner apontou para um tumor feio que parecia uma criatura do fundo do mar na fotografia.

— Você tem câncer de cólon — disse ele. — Precisamos levá-lo imediatamente para uma ultrassonografia e ver em qual estágio está o tumor. Até poderíamos fazer isso aqui em Bend, mas você é muito novo e isso está avançado o suficiente para eu preferir que a avaliação seja feita na Universidade de Saúde e Ciência de Oregon (USCO), em Portland. Quero ter certeza de que sabemos com o que você está lidando.

A guerra em meu intestino estava em andamento até que se tornou explosiva e sangrenta demais para ser ignorada. Arranjei desculpas e evitei as visitas ao médico por mais de um ano apesar de meus sintomas graves. A negação quase custou a minha vida.

Tinha conhecido meu colega de quarto, Byron, no início da primavera enquanto escalava em Smith Rock, quando Dizzy, seu galgo mestiço e convulsivo, e Miles, seu labrador branco quase sempre malcomportado, se juntaram e perturbaram Denali enquanto eu descia de uma escalada.

— Desculpe, cara! — disse Byron. — Se importa se eu escalar uma vez com sua corda?

Depois desse dia, nossos cães passaram a se dar bem e

Byron e eu nos tornamos companheiros frequentes de escalada. Ele sabia que eu estava morando em minha van e perguntou se queria ficar com ele por alguns meses durante um período duro de problemas pessoais.

Um ano antes, enquanto pedalava, sua mulher havia sido atropelada por um carro a toda velocidade e sofrido ferimentos críticos por consequência do atropelamento. Ele se ocupou completamente com seus cuidados por mais de seis meses até que recuperasse a saúde e, depois que isso aconteceu, ela o deixou de repente.

Byron ficou arrasado, e eu conseguia me identificar com alguns dos sentimentos que ele estava enfrentando.

— Claro, cara, eu adoraria ficar com você — disse eu.

Ele vivia em uma casa enorme, e peguei um quarto no porão, de modo que Denali e eu não atrapalhássemos. Gradualmente me acostumei com o conforto de viver em uma casa outra vez, desembalando minhas sacolas e estojos de proteção Pelican e armando um escritório para editar fotos. Era estranho não estar em minha van, mas agora que Denali e eu tínhamos começado a dormir em uma cama de verdade, eu estava deixando a Big Blue estacionada na entrada de carros por vários dias seguidos.

Estava solteiro na época e à procura de qualquer tipo de distração de minha condição ainda não diagnosticada. Convidei uma amiga para ir a um show de Ziggy Marley e Michael Franti. Ela desistiu no último minuto, mas sugeriu que eu convidasse Jeanne, uma talentosa frequentadora de Smith Rock que estava recém-divorciada e tinha acabado de começar a sair outra vez. Ela era uma escaladora forte, que fazia rotas 5,13 com facilidade. Eu tinha uma queda por ela, tanto por sua beleza quanto por seus movimentos graciosos e poderosos na rocha. Jeanne tinha onze anos a mais que eu e dois filhos pequenos, fator que me fez hesitar, mas então pensei: *O que tenho a perder?* E concordei em convidá-la para ir comigo. Essa decisão pode ter salvado minha vida.

Nós nos divertimos no show e começamos a nos ver com regularidade. Como eu tinha praticamente me mudado para a casa de Byron, mas ainda vivia com as malas na van, frequentemente ficava na casa dela. Era impossível esconder minhas visitas violentas ao banheiro dela. Jeanne era uma quiropata atuante que tinha sido casada com um cardiologista, então estava familiarizada com o mundo médico. Ela percebeu que minha condição era muito mais grave do que eu dizia.

Jeanne me perguntou francamente o que estava acontecendo e contei de maneira vaga com o que estava lidando, envergonhado de falar sobre questões tão pessoais. Tentei minimizar a situação, mas, ao me ouvir descrevendo os sintomas, percebi como as coisas tinham ficado ruins. Eu levava comigo agora pelo menos duas mudas de cueca para todo lugar a que fosse. Como poderia ser normal? Felizmente, a intuição e o tato de Jeanne foram mais poderosos que minha negação profunda e ela conseguiu me convencer de que eu precisava procurar ajuda.

Ela se ofereceu inocentemente para solicitar alguns exames no laboratório do hospital local, me assegurando de que eram apenas testes para eliminar a possibilidade de parasitas, anemia e sangue fecal. Eu sabia que, frequentemente, tinha sangramentos retais, então isso era óbvio, mas os outros testes deram negativo. Senti uma onda de esperança. Talvez minha saúde não estivesse tão ruim quanto meus sintomas indicavam.

Jeanne ainda sentia que havia algo muito errado e sua intuição salvadora a motivou a me forçar a seguir em frente. Marcou uma consulta com uma enfermeira e disse despreocupadamente que eu deveria conversar com ela para deixar minha cabeça tranquila.

Durante a visita ao consultório, Gayle Riffle, a enfermeira, fez o primeiro de meus inúmeros exames retais e pediu que eu me sentasse depois, afirmando que havia sentido uma

massa com a extensão aproximada de um dedo em meu reto.

— A massa está com uns quatro centímetros e acho que provavelmente é uma hemorroida — disse ela. — Você provavelmente tem só síndrome do intestino irritável e poderia tentar tomar anti-inflamatórios para ajudar a cuidar disso, mas vamos fazer mais exames. Uma sigmoidoscopia vai nos dizer o que é a massa, mas eu recomendaria uma colonoscopia completa para podermos ver exatamente o que está acontecendo.

Colonoscopia? Com 29 anos? Eu não tinha a menor familiaridade com esse termo.

Agora percebo que a recomendação de Gayle para que eu fizesse uma colonoscopia e a insistência de Jeanne para que eu buscasse tratamento médico para minha condição cada vez pior salvaram minha vida. Dou crédito a essas duas mulheres cada vez que respiro agora. Eu não estaria vivo se tivesse esperado somente algumas semanas a mais, muito menos escrevendo estas palavras. Conto sobre a minha experiência na esperança de que outros em minha situação, ou aqueles que tenham pessoas amadas passando por sintomas similares, não hesitem em procurar ajuda médica. As consequências são vida e morte, e é melhor ter certeza do que enfrentar a batalha que enfrentei. O câncer de cólon é frequentemente uma fogueira em brasas, que arde silenciosamente até chegar aos nódulos linfáticos. Ali, da noite para o dia, o câncer explode em um incêndio selvagem. Sintomas menores, que parecem ser benignos, de repente evoluem muito além do ponto crucial e se espalham, tornando-se tumores metastáticos que passam, rapidamente, para estômago, fígado, pulmões e cérebro.

Durante os dois dias após a minha colonoscopia, os segundos se arrastaram. Meu estômago estava embrulhado enquanto eu aguardava ansiosamente os resultados do exame laboratorial do tumor que tinha sido encontrado. Nuvens agourentas derramavam-se sobre a Cordilheira das Cascatas,

refletindo o peso da ansiedade que me imobilizava. Meu telefone tocou durante o estrondo de um trovão e meu gastroenterologista disse, sem rodeios, que sua suspeita havia sido confirmada: meu tumor era mesmo um carcinoma maligno.

Eu tinha CÂNCER. Um relâmpago brilhou e me encolhi involuntariamente com o barulho que veio em seguida, me forçando a aceitar minha realidade recém-descoberta.

Atordado, puxei Denali para perto e apoiei a testa na dele.

— Ei, D, você é o primeiro a saber disso. Estou doente, Denali, muito doente. Vou precisar de você... mais do que já precisei, está bem?

Ele olhou calmamente para mim, mostrando em seus olhos a profundidade de sua preocupação. Seu olhar impassível e afetuoso foi a segurança de que eu precisava ao saber que ele estaria ao meu lado, não importando o que aconteceria dali para frente.

Estou com você, mano. Você sobreviveu a toda aquela dor de cotovelo e a todas aquelas mulheres que não te tratavam muito bem. Você pode superar isso também! Estou bem aqui. Sempre!

Minha amiga Jenny e eu tínhamos combinado que, se algum de nós enviasse uma mensagem dizendo “Código vermelho!”, o outro responderia, por mais tarde que fosse. Reuni coragem para começar a contar aos meus amigos essa notícia surreal na noite em que fui diagnosticado com câncer de cólon.

CÓDIGO VERMELHO, digitei. Embora fosse 1h da manhã, Jenny me ligou imediatamente.

— Fiz uma colonoscopia hoje para descobrir o que havia de

errado comigo. Eles acham que tenho câncer de cólon. Vou saber com certeza em alguns dias — revelei.

— De jeito nenhum! Você é muito saudável, forte! — exclamou Jenny, tentando compreender a notícia drástica de meu prognóstico.

Na manhã seguinte, uma enfermeira responsável pelas marcações de exames na Universidade de Saúde e Ciência de Oregon me ligou, dizendo que a próxima data disponível para fazer uma ultrassonografia e avaliar o estágio do tumor para decidir os próximos passos do tratamento seria em três semanas. *Três semanas? Cada hora parece um dia. Como vou resistir a três semanas inteiras sem nem saber o quanto isso é sério?*, pensei. Denali estava colado ao meu lado em todos os momentos durante esses telefonemas.

Você vai ficar bem! Prometo. Ei, vamos só sair para brincar, está bem? Você sempre fica mais feliz quando nós saímos!

Contei a Jeanne sobre o atraso e ela começou a ligar imediatamente para todos os médicos que conhecia e cobrou todos os favores que tinha à disposição na comunidade médica até achar que bastasse.

— Não, ele não pode esperar três semanas, ele precisa ser visto *agora*.

Com um leve sorriso, ela anunciou:

— Eles vão ver você em cinco dias!

— Obrigado! — disse eu, aliviado.

Esse ato de compaixão – e imagino que de intuição por parte dela – salvou a minha vida. Três semanas podiam muito bem ter sido tarde demais para mim.

Apreendi, então, que nosso sistema de saúde é uma máquina fria e sem sentimentos e, a menos que você tenha

um defensor para ligar persistentemente em seu nome, ou ter infinitas horas disponíveis para pesquisar e combater o sistema enquanto enfrenta a doença que destrói suas células, seu destino vai depender dos caprichos dos horários de especialistas que trabalham demais e, pior ainda, das empresas de seguros. A constante empatia e amizade cálida de Denali foram o antídoto perfeito para os recônditos estéreis do sistema de saúde. Ele odiava ficar preso em casa, e senti que ele podia entender como me sentia enjaulado durante o tratamento. Nós tínhamos perdido nossa liberdade de viver em um ritmo que aproveitava ao ar livre as horas de luz do dia, escalando ou na praia. Denali estava inquieto, mas, mesmo assim, ficou do meu lado.

Eu estava muito atrasado no dia da minha ultrassonografia para avaliar o estágio do tumor, preso no trânsito de Portland e depois confuso com o estacionamento e com os corredores labirínticos dos prédios de quase 125 anos. Os médicos na USCO não gostam de esperar para realizar procedimentos. Normalmente, eles remarcam e o mandam embora se você se atrasa apenas alguns minutos.

As enfermeiras na recepção podiam ver meu desespero, meu estado arrasado e, com bondade, confirmaram meu exame apesar de estar quarenta e cinco minutos atrasado. Cheguei à sala e encontrei médicos muito aborrecidos, mas que fizeram a gentileza de seguir com o procedimento.

Pediram que eu me deitasse virado para o lado direito e esperei que eles preparassem um sedativo ou algum tipo de anestesia, mas esse momento não chegou. Uma haste de ultrassom foi empurrada em meu reto e, enquanto rangia os dentes, senti que havia alguma coisa errada. Ouvi os residentes dizerem alguma coisa sobre o mau funcionamento enquanto meu reto parecia se encher de ar ou água, mas não tenho certeza do que era.

Depois do que pareceram horas de violação, houve um momento de pausa no exame e os escutei murmurarem entre

si:

— O tumor penetrou totalmente as paredes do cólon e chegou aos nódulos linfáticos.

Apontando para a tela, um médico me mostrou o que eles estavam olhando.

— O tumor está bem aqui, quase tocando os nódulos linfáticos. Você tem sorte por ter chegado aqui a tempo.

O tom impessoal de sua próxima pergunta me surpreendeu.

— Você fez muito sexo anal? Seu tumor está na parte inferior de seu reto, então nós nos perguntamos se há alguma correlação entre isso e a penetração anal frequente. Você é tão novo que estamos tentando entender por que isso aconteceu com você.

Expeli uma resposta.

— Não, a coisa mais próxima de sexo anal que já fiz... é essa haste que você colocou dentro de mim. E é muito desconfortável. Não gosto. Por favor, terminem rápido o que estão fazendo aí dentro. *Por favor!*

A pressão de ar e a invasão da haste foram experiências iniciais de natureza impessoal em meu tratamento com a difundida medicina ocidental. Médicos e enfermeiras trabalham tanto que têm pouca empatia. Luzes fluorescentes, azulejos frios, tubos de soro e bipes de eletrocardiografia ou de sensores de oxigênio no sangue deixam pouco espaço para a calma de que nosso corpo e mente precisam para se curar.

Depois que os médicos avaliaram o estágio do tumor, em Portland, comecei o verão mais desafiador da minha vida, com tratamento quase diário de rádio e quimioterapia antes da cirurgia para remover o câncer, três meses mais tarde. Minha relação com Denali ficou mais próxima naquele verão, enquanto ele fazia o papel tanto de meu principal cuidador quanto o de melhor amigo.

Fiz o possível para processar a notícia de que as células rebeldes dentro do meu corpo formavam, na verdade, um tumor maligno e canceroso. Era desconcertante, mas passava também uma sensação estranhamente reconfortante poder identificar, finalmente, as forças alienígenas que estavam me despedaçando por dentro.

Algumas horas se passaram e meu celular tocou, revelando um velho companheiro de remo da equipe da faculdade ligando para conversar. Ele estava louco de empolgação e queria contar a notícia de que tinha conseguido uma vaga olímpica nas classificatórias para categoria de dupla. Reuni energia suficiente para parabenizá-lo pela honra, contendo uma risada pela ironia mórbida do momento de sua ligação.

— Como você está, cara? Faz um tempão que não nos falamos — perguntou ele.

— Hoje recebi uma notícia... Hum, fui diagnosticado com câncer de cólon. Parece ruim — respondi, sentindo-me entorpecido e distanciado de minha voz.

A ligação ficou muda e me perguntei como ele reagiria. Ouvi um clique do outro lado, seguido por um “tu... tu... tu”. Ele havia desligado na minha cara.

Sua reação foi fria, insensível e mesmo assim eu o entendia de algum modo. Ele estava totalmente obcecado por um objetivo: ir às Olimpíadas de 2004. Sua incapacidade de compreender a batalha mortal que eu encarava agora se devia simplesmente à busca egoísta por excelência esportiva.

Percebi que eu também precisava enfrentar a doença com esse mesmo foco obstinado. Travado no modo sobrevivência, sem espaço para dúvida ou autopiedade. Eu não podia demonstrar compaixão: aquelas células rebeldes precisavam morrer. Minha vida dependia disso.

Denali estava deitado em meu colo enquanto eu refletia pelas horas seguintes sobre a minha situação. Resolvi ligar para Jane Sievert, minha editora de fotografia e mentora na Patagonia. O tempo dela era muito valorizado e ela raramente

estava disponível para muito mais do que uma ligação de três minutos... isso se atendesse o telefone. Na conversa, disse que poderia não conseguir fotografar muito para ela nos meses seguintes porque estava doente, basicamente contando a ela que minha carreira fotográfica estava fazendo uma pausa até que eu soubesse se iria viver ou morrer. Jane me surpreendeu conversando comigo por quase uma hora, oferecendo amor, estímulo e apoio. Ela me garantiu que a equipe de fotografia e a família da Patagonia estariam ao meu lado para qualquer coisa de que eu precisasse.

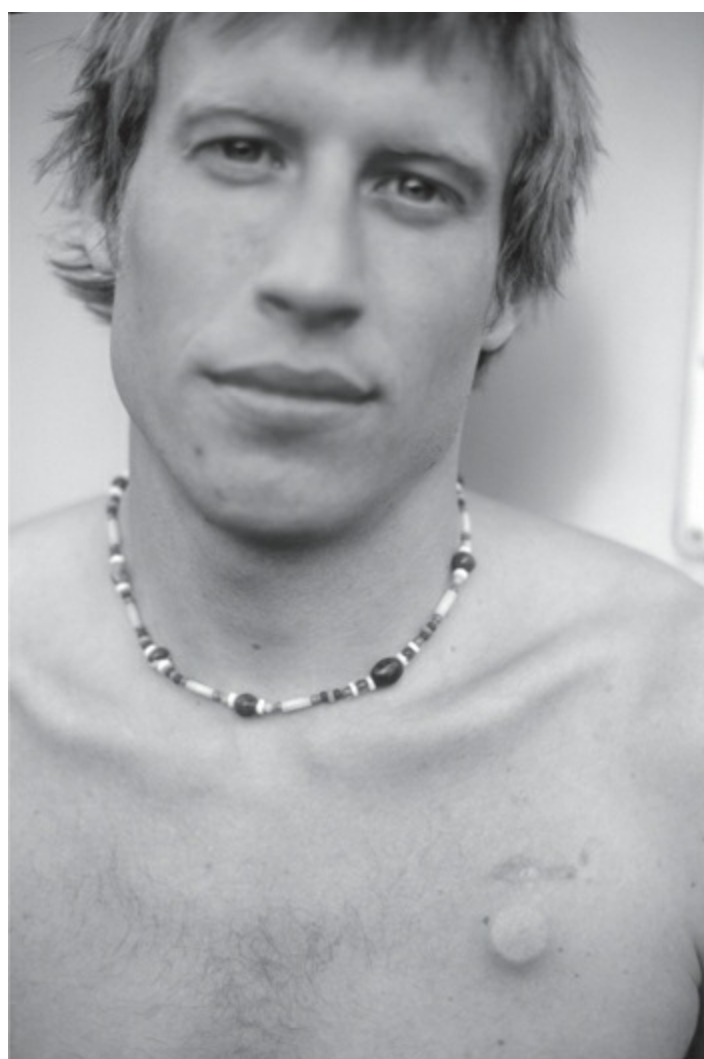
Seis meses depois, ainda me curando de cirurgias dolorosas, queimado pelo tratamento com radiação e fraco devido à quimioterapia, fui com Denali passar o Dia de Ação de Graças com Jane e outros amigos da Patagonia nas antigas florestas de sequoias do norte da Califórnia. Esse tempo ao ar livre com Denali e amigos amorosos me ajudou a me recuperar e a me sentir mais focado. Foi um passo essencial na preparação para as oito rodadas de quimioterapia que eu teria pela frente.

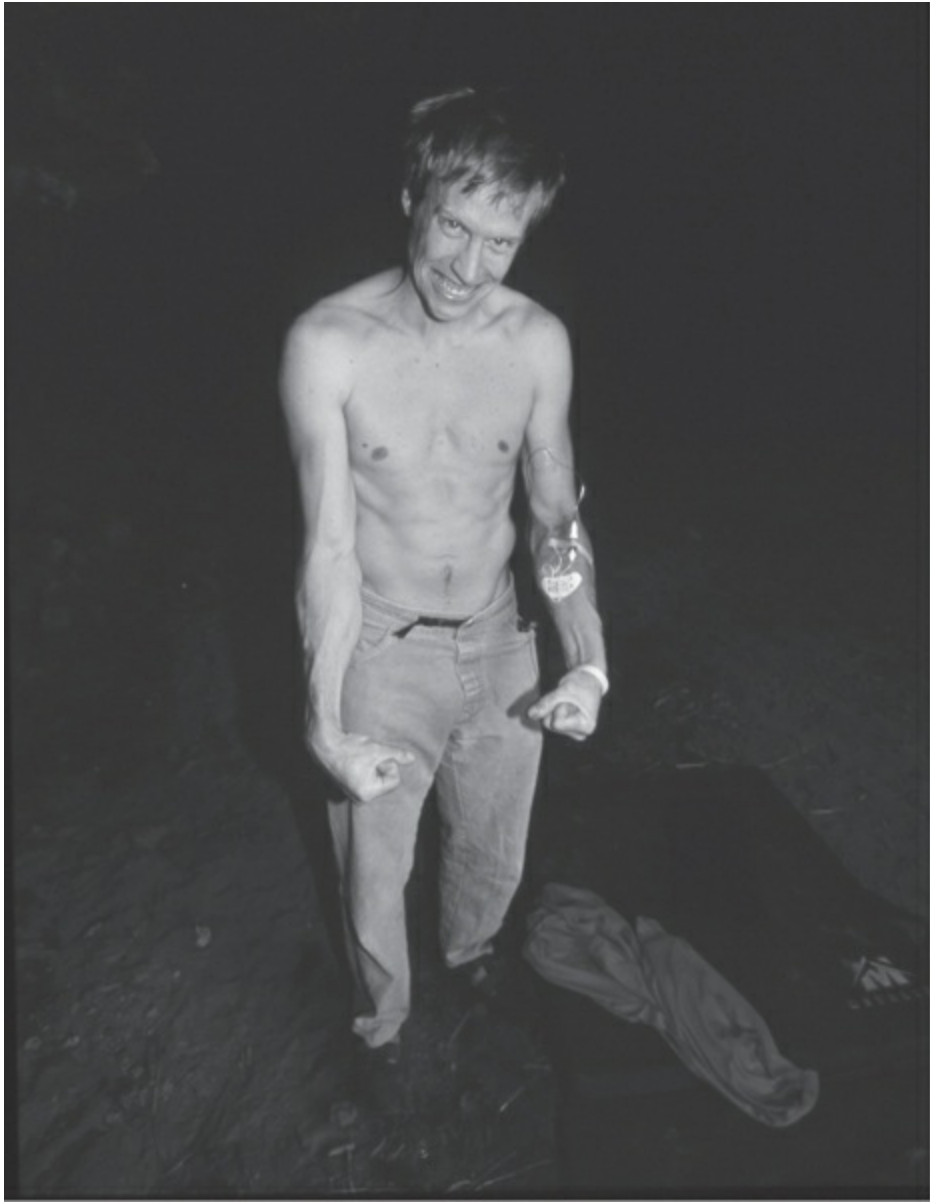
O câncer é brutal, não discrimina prioridades pessoais nem relacionamentos. Todo o foco vai para a sobrevivência e você não pode se dar ao luxo de gastar energia emocional entendendo por que alguns de seus amigos agiam à altura da situação, e outros simplesmente evitavam encarar a realidade anormal da doença. Como eles tinham tanta certeza sobre a imortalidade da juventude se um atleta aparentemente saudável, na casa dos vinte anos, podia ser diagnosticado com essa doença tipicamente associada às pessoas no último terço da vida?

Durante meu encontro com o câncer, amizades que me deram apoio surgiram dos lugares mais improváveis, enquanto outras evaporaram momentos após o meu diagnóstico. Não tinha sequer energia para reconhecer esses amigos que preferiram se afastar e desaparecer. Tudo o que restava era a determinação de viver, o que significava que eu

precisaria estar perto daqueles que abraçavam a vida. Durante todo o turbilhão e a confusão dessa batalha prolongada, houve um amigo que nunca vacilou e sempre cuidou de mim. Ele me mantinha em contato com minha personalidade andarilha, sempre me lembrando de minha necessidade de estar ao ar livre. Seu nome era Denali.







A BATALHA

Nos meses após a minha consulta com a enfermeira, parecia que todos os médicos tinham um contrato que dizia que eles precisavam manusear meu tumor, o que significava luvas de borracha e um dedo no meu ânus. Começou a ficar estranhamente automático baixar a calça até os tornozelos voluntariamente e então me inclinar sobre a mesa de exame e tentar me desassociar do desconforto e da invasão.

O oncologista que cuidou do meu tratamento foi o primeiro a dizer:

— Não, não preciso fazer isso.

Fiquei tão extático ao ouvir suas palavras que quase lhe dei um grande abraço. Esse foi o início de meu relacionamento longo e positivo com o dr. Braich, que envolvia um esforço colaborativo para me manter vivo. Ele era um homem sem rodeios, “mais seco que um martíni”, como um colega médico o descreveu; entretanto, era compreensivo e gentil. Essas são características desafiadoras para se manter no mundo do câncer, no qual muitos pacientes perdem a batalha para a própria doença contra a qual ele os está ajudando a lutar.

Quando olho para trás, não tenho certeza de ter tido total consciência da seriedade de meu prognóstico. *Estou apenas no estágio 2... e eles estão me tratando como se estivesse no estágio 4. Deve ser porque sou jovem e eles acham que posso aguentar*, pensava. Mas, no câncer colorretal, é muito pequena a janela de tempo entre o prognóstico que diferencia o estágio 2 do

estágio 4. As células cancerígenas avançam lentamente, metodicamente, por meses, às vezes anos, e você pode não ter sintomas. E então, apenas alguns dias depois, a mutação invade os nódulos linfáticos e é tarde demais.

O dr. Braich recomendou que eu iniciasse imediatamente o tratamento com radioterapia para reduzir o tumor enquanto começava, simultaneamente, o regime de quimioterapia em tempo integral com uma bomba portátil, um aparelho do tamanho de uma fita VHS que fazia um barulho sinistro, terminando com um “ca-tchunk” a cada dez minutos, enquanto despejava outra dose de veneno em meu sistema circulatório.

A quimioterapia era bombeada para o meu sangue por um fino tubo plástico, chamado cateter central de inserção periférica, ou tubo de CCIP, que entrava por uma grande veia na parte interna do meu braço, ou melhor, no local em que um viciado injetaria drogas. Entretanto, em vez de sentir o êxtase eufórico, eu ficava enjoado e desprovido de todo o desejo de existir.

Não tinha permissão para entrar na água por risco de infecção no pico do verão em Bend. Nunca gostei muito do calor, e fui levado a nadar em riachos ou oceanos sempre que as temperaturas chegavam aos 27 graus Celsius. Ser proibido de entrar na água foi pura tortura naqueles três longos meses e fez com que eu reconhecesse o quanto esses momentos de imersão são essenciais para o meu bem-estar.

Esse era mais um lembrete de como minha vida agora era drasticamente diferente. Sempre jogava a bola para Denali na beira do rio, vivendo indiretamente enquanto ele mergulhava atrás dela na água gelada da neve derretida. Ver o prazer dele diminuía a minha sensação de estar perdendo algo.

Curativos transparentes Tegaderm cobriam o ponto de inserção no qual o cateter desaparecia em meu braço. A área estava vermelha devido ao antisséptico Betadine e à pele irritada por baixo. Mais tarde, no verão, percebi que o tubo de

CCIP estava lentamente saindo de meu braço, ficando cada vez mais comprido na superfície. O enfermeiro que o colocou no lugar parecia estar distraído e realizou o procedimento de maneira apressada, fazendo apenas algumas perguntas antes de enfiar uma versão mais grossa do tubo. Infelizmente, ele não levou a sério o meu nível de prática de atividade física, embora eu tivesse contado que era um escalador e praticante de mountain bike ávido.

Enquanto meu tubo de CCIP e a bomba de quimioterapia estavam sendo preparados, visitei o departamento de radioterapia oncológica para calibrar o tratamento em relação à localização do tumor e ao meu tamanho corporal. Os meticulosos preparativos para o procedimento incluíram me tatuar com um ponto de tinta azul-esverdeada em cada quadril para garantir que o tumor estivesse precisamente localizado. Moldes de chumbo foram feitos para guiar as partículas radioativas que deveriam penetrar minha cavidade pélvica, onde o tumor estava escondido em meu intestino.

Na manhã marcada para a primeira sessão de tratamento com radiação, eu estava discutindo o procedimento com o oncologista quando uma técnica em radioterapia chamada Christy entrou no consultório do médico.

— Dr. Comerford! — exclamou ela. — Ben tem só 29 anos! Ele pode querer ter filhos um dia. Precisamos nos assegurar de que vamos deixar que ele tenha essa oportunidade. — Até Christy fazer essa constatação muito oportuna, eles haviam planejado aplicar a radiação com as minhas bolas nuas entre as coxas, o que teria matado minhas futuras gerações com a primeira rajada de prótons.

Como o protocolo inicial não previa a proteção de minha capacidade reprodutiva, a máquina agora precisava ser recalibrada para dar espaço entre minhas pernas para um dispositivo protetor de chumbo nada sofisticado, que não encaixaria direito meus testículos. Na pressa de corrigir o erro e me colocar novamente no horário, tive que pegar

emprestado o protetor de um paciente anterior. O encaixe não era adequado. Era como usar uma prótese personalizada que não foi feita para você, ou um par de chinelos ou sandálias Birkenstock que outro pé tivesse moldado ao longo de quilômetros e quilômetros de caminhada.

Decidido a preservar minhas capacidades reprodutivas, enfiei obedientemente as dobras de pele escrotal que pareciam estar presas na armadura oca de chumbo. O braço robótico imponente deu a volta em meu corpo deitado de bruços, em um raio de 2,5 metros. Ele parava a cada 90°, emitia um zumbido audível e disparava partículas radioativas invisíveis em meu torso. Toda a experiência era intimidante, exigindo uma discussão comigo mesmo que me convenceria a ficar ali deitado por cada uma das 28 sessões.

Christy ficava fora da sala e perguntava se eu estava bem, enquanto eu estava deitado com o rosto virado para baixo sobre o vinil frio da plataforma estreita, resmungando e me esforçando para enfiar toda a pele no pequeno dispositivo sem beliscar as minhas bolas. O único lugar em que perdi os pelos durante qualquer quimioterapia ou radioterapia foi em torno do ânus e das partes íntimas moles. Fiquei como um adolescente pré-púbere ali embaixo. Algumas pessoas pagam um bom dinheiro para fazer depilação a laser, e, no meu caso, fiquei literalmente livre de pelos depois das primeiras sessões, deixando tudo liso como um bebê.

— Como estão as coisas hoje? — eu perguntava enquanto ela inspecionava a condição de minha pele.

Não acho que haja sensação mais estranha e vulnerável do que ficar deitado preso a uma maca com sua bunda aberta enquanto uma mulher bonita examina atentamente a pele em torno de seu ânus.

Os outros técnicos de radioterapia que cuidavam de mim se chamavam Greg e Vivi, um casal que escalava em Smith Rock e tinha um gato que ficava em sua Kombi adaptada para camping. Ao lado de Christy, eles conversavam comigo

durante as sessões, acrescentando uma empatia bem-vinda ao ato de cuidar e ajudando a humanizar uma experiência totalmente anormal.

Depois de minha dose de radiação, eu atravessava a rua do St. Charles Cancer Center até o prédio pequeno do outro lado em que eles recarregavam minha bomba de quimioterapia com fluorouracil, apelidado de “5-FU”, uma droga comumente usada para tratar câncer de intestino, de mama e de estômago. Sempre achei que isso significava mandar o câncer “se f...” cinco vezes.

Quando voltava para casa depois de cada sessão, Denali me recebia com avidez. Ele era reservado, com cuidado para não ser muito brusco com meu corpo comprometido e fraco. Nós nos deitávamos no sofá caro de couro de meu colega de quarto, com as costas de Denali pressionadas contra mim enquanto víamos Lance Armstrong dominar o Tour de France de 2004. Sempre pegava no sono ao ritmo do pelotão, acordando apenas depois de quatro ou cinco horas.

Byron sempre tentava me convencer a sair para dar uma volta de bicicleta e, para evitar o calor do verão e a poeira, frequentemente optávamos por pedalar nas estradas panorâmicas ao redor de Bend, com o tubo de CCIP se agitando ao vento. Outros ciclistas passavam por nós e perguntavam:

— O que tem no saco?

E eu respondia:

— Estou aplicando eritropoietina, o que esperavam? Querem um pouco?^[7]

Quando estava fresco o bastante para pedalar nas trilhas a oeste de Bend, nós levávamos Denali, Dizzy e Miles, os dois cachorros de Byron. Saíamos de Phil’s Trailhead, seguindo o caminho sinuoso por meio de *pinus ponderosa* em circuitos de terra de pista única aos pés da Cordilheira das Cascatas. Esses momentos na trilha eram revigorantes, permitindo a mim e a Denali escapar das restrições dos horários de tratamento, com

o movimento da velocidade e o ar empoeirado em nosso rosto fornecendo um alívio temporário à gravidade de meu diagnóstico.

Durante as primeiras semanas de tratamento, tentei andar de bicicleta e escalar com frequência. Não percebi que, cada vez que dobrava o braço, o cateter CCIP girava e se retorcia na veia que o levava para o meu coração. Mencionei ao meu médico que, aparentemente, o tubo estava saindo lentamente do meu corpo, e apontei para a extensão extra que estava enrolada na dobra de meu braço.

Ele solicitou uma ultrassonografia para verificar quanto do tubo restava e descobriu um coágulo sanguíneo em meu braço. O tubo foi removido e um CCIP mais fino e flexível foi inserido, dessa vez no lado interno da parte superior do meu braço, uma posição muito mais confortável. Por causa do coágulo sanguíneo, injeções diárias de Lovenox em meu abdome foram acrescentadas à rotina diária de visitas a médicos no amplo campus de hospitais localizados nos dois lados da rua. Essas injeções doíam como uma ferroada de vespa, mas me conformei com o processo. Era só mais uma frente de batalha no ataque prolongado contra as células rebeldes que viviam dentro de mim.

Minha amiga Katie Brown estava visitando Bend em uma longa excursão para escalar em Smith Rock, que ficava a apenas vinte e cinco minutos ao norte da cidade. Ela já foi uma das escaladoras profissionais mais conhecidas do mundo. Logo após sua chegada, Katie percebeu que eu não tinha muito apoio ou família por perto e perguntou se poderia ficar no quarto extra na casa de Byron. Não sei se compreendi totalmente esse gesto na época, pois estava concentrado demais em minha própria sobrevivência. Achei que Katie só quisesse ficar na cidade por causa da proximidade das escaladas em Smith Rock.

Senti-me grato por sua presença simpática e por simplesmente estar presente para mim, pois ela me ajudou a

sair de alguns de meus momentos mais sombrios. Não gosto de pedir ajuda nem dar trabalho a ninguém, mas sabia, com certeza, que não aguentaria ter a minha mãe em volta de mim. Acreditava que, com Denali ao meu lado e Byron no andar de cima, eu ficaria bem, mas a intuição de Katie de que eu precisava de um amigo foi um grande fator em meu processo de cura naquele verão.

Katie contou recentemente que, na época, ela não se sentia capaz de me ajudar com palavras, então achou que ficando ao meu lado ajudaria do jeito que pudesse. Ela se surpreendeu com o quanto eu parecia tranquilo em relação a tudo.

— Eu achava que qualquer outra pessoa estaria com raiva ou furiosa... ou um desastre total — disse ela. — Mas parecia que você estava tão calmo em relação a tudo, como se não houvesse dúvida de que iria melhorar. Para mim, você não pareceu hesitar ou pensar coisas negativas como: “Não acredito que isso está acontecendo comigo”. Você só pareceu estar muito controlado e positivo, e tinha começado a dar os passos seguintes que precisavam acontecer. Você simplesmente seguia em frente com isso, foi a atitude louca que chamou a minha atenção. O que, tenho certeza, não era como você se sentia internamente, mas era o que parecia a mim.

Enquanto descansava certa manhã em casa, me recuperando das últimas rodadas de radioterapia, Katie fez o gesto carinhoso de me levar chá enquanto eu ainda estava na cama, me entregando a bebida quente em minha caneca térmica favorita. Percebi que a tampa estava invertida, por isso tentei girá-la para que voltasse para o lugar, mas em vez disso a joguei sobre o peito. Gritei quando o vapor quente preso sob a tampa escaldou meu peito. Katie se sentiu péssima, mas eu sabia que suas intenções eram boas.

Naquela noite, David Kottkamp, meu amigo atleta fodão,

no início da casa dos sessenta anos que sempre me convidava para passeios de bicicleta e aventuras na neve e nas ondas, nos convidou para ir a sua casa e ver um filme de surfe dos anos 1980. Enquanto tirava o casaco, David me perguntou como estava o tratamento e apontou para o meu peito.

— É a radiografia que está deixando você todo inchado? — disse ele brincando.

Eu ri e respondi:

— Não, por quê?

Então percebi que minha camisa estava mesmo levantada perto de meu esterno. Quando a ergui, percebi uma bolha enorme no local em que o chá havia me escaldado naquela manhã. Eu estava lidando com tantos outros desconfortos do tratamento que nem tinha percebido.

— Uau — disse Katie. — Mil desculpas!

— Katie tentou me assassinar! — provoquei. — Ou você estava tentando me matar com bondade?

Nós continuamos a rir durante a noite enquanto assistíamos a *Surfe no Havaí*, um filme de Hollywood sobre o tema estrelado por Gerry Lopez, Laird Hamilton e outros surfistas profissionais, no qual era hilariante o exagero com que a cultura do surfe era retratada. Era vital que eu risse com amigos durante o tratamento. Humor e otimismo impediram que eu caísse no vazio de ter pena de mim mesmo, e Denali garantia que eu nunca me sentisse sozinho.

Meu tratamento de radioterapia continuou e eu estava conseguindo lidar fisicamente muito bem com ele, mas psicologicamente ele estava cobrando um preço alto. Conteí as sessões que faltavam e percebi que tinha feito cerca de dois terços do previsto. Os médicos tinham me dado folga na sexta-feira e aproveitei um dia longe daquela temida sala de radiação de concreto.

Estava bem o bastante para fazer algumas tarefas, então verifiquei minha caixa postal pela primeira vez em semanas, peguei minha correspondência e segui até a lavanderia para

uma limpeza mais que necessária em meu guarda-roupa. Joguei em uma máquina de lavar muito grande meus casacos acolchoados e manchados e roupas cheias de pelos de Denali e poeira vulcânica de Smith Rock, então me sentei para abrir um grande embrulho retangular que o balconista do correio tinha guardado para mim atrás do balcão.

Dentro havia uma resma de cinco centímetros de documentos e um cheque de mais de US\$ 1,2 mil em nome de Benjamin Moon. *Uau, um reembolso!*, pensei. *Bônus!*

Coloquei o cheque de lado, peguei a carta de apresentação que havia por cima e percebi que era da American Family Insurance. Eu os havia usado para minhas apólices de seguro de automóvel por anos, por isso me perguntei se estavam me dando algum bônus estranho por boa direção ou tinham cometido um erro a meu favor e me enviado um prêmio.

Poucas semanas antes do meu diagnóstico de câncer, eu sabia no fundo que alguma coisa estava errada, muito errada comigo. Por isso liguei para o corretor de seguros, que eu conhecia muito bem por causa dos pedidos de indenização de seguros de automóvel ao longo dos últimos anos. Perguntei a ele se era possível acrescentar a cobertura de um seguro saúde em minha apólice. Eu estava fazendo slackline, me firmando enquanto me equilibrava em um pé, erguendo o braço livre enquanto conversava com ele em meu telefone Motorola flip. Ele confirmou que a cobertura tinha sido acrescentada enquanto eu andava, sem saber que um tumor do tamanho de uma bola de golfe estava crescendo ao lado do meu reto, com células se multiplicando descontroladamente enquanto seguiam na direção de meus nódulos linfáticos.

Infelizmente, o reembolso não foi um gesto simpático, foi o contrário. Minha cobertura estava sendo rescindida devido a uma condição preexistente quando fiz a apólice. Meu diagnóstico de câncer fez que com os corretores ativassem um modo detetive total, examinando registros até encontrarem menção nas anotações de meu gastroenterologista que eu

tinha visto sangue em minhas fezes no ano anterior à data de início de minha apólice. Seu trabalho estava feito e eles cancelaram a apólice sem cerimônias. Quando voltei para casa, Denali sentiu minha derrota.

Ei, cara, o que está acontecendo? Você vai passar por isso. Nós vamos dar um jeito e, além disso, não importa o que acontecer, estou cuidando de você!

A companhia de seguros foi cruel, usando táticas corporativas para evitar o risco e a responsabilidade. Isso podia muito bem ter causado minha ruína financeira, mas a preguiça ou, talvez, a intuição subconsciente, tinha impedido que eu cancelasse a apólice de seguro saúde barata que eu tinha feito no ano anterior. Mesmo com uma renda baixa de aspirante a fotógrafo, o pagamento mensal automático de US\$ 48 da apólice contra catástrofes mal era suficiente para ser sentido em meu saldo bancário pelos primeiros meses. A catástrofe que eu nunca esperava tinha, na verdade, acontecido, e minha abordagem de pouca intervenção ao lidar com as “questões da vida” nesse caso foi uma bênção e me salvou da falência.

Embora ainda estivesse nervoso em relação a pagar por minhas despesas diárias e médicas, o choque inicial de ser rejeitado pelo seguro havia diminuído. Estava encarando um dia de cada vez a situação enquanto chegava ao fim de meu tratamento de radioterapia. Fui para a 25ª de minhas 28 sessões de rádio, mas o dr. Comerford aconselhou com sabedoria que eu tirasse uma folga por uns dias para permitir que minha pele se curasse. Estava determinado a terminar o tratamento, então desafiei seu conselho.

— Eu estou bem — disse eu, determinado a continuar. —

Não há praticamente nenhuma sensibilidade aí.

O médico concordou, mas, infelizmente para mim, logo percebi que deveria ter ouvido seu conselho.

Depois do tratamento do dia, me sentei no vaso sanitário e senti uma dor lancinante que só posso descrever como cacos de vidro rasgando minhas tripas enquanto desciam rodopiando de meu cólon para meu reto. Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu passava o limite da dor. Gritei de agonia, soltando um lamento sobrenatural. Denali, sempre atento à minha condição comprometida, estava esperando por mim do lado de fora do banheiro. Com um empurrão forte com a cabeça e o pescoço, ele forçou e abriu a porta do banheiro. Olhou para mim de maneira preocupada.

Faço qualquer coisa por você. É só dizer o que é, que faço ir embora.

Se enroscando carinhosamente em torno de meus pés, ele tentou ficar o mais perto possível de mim. Ainda me contorcendo de dor, minhas mãos finalmente relaxaram o suficiente para que eu pudesse estendê-las e acariciar suas orelhas, com o coração cheio de gratidão.

— Obrigado, Nali! Você me viu no meu pior estado e isso ainda não acabou. Vou precisar de você mais do que nunca nos dias que vêm por aí. Amo você, parceiro.

Enquanto lutava contra o câncer, o que eu mais desejava eram as águas curativas do oceano.

Nasci em Nova Orleans e fui criado perto das margens do lago Michigan, então tenho uma necessidade visceral de estar

em contato com a água. Especialmente com o oceano, pois sempre me dá firmeza e é um lembrete para manter a humildade diante de minha pequenez dentro do Universo.

Quando era criança, pegamos o trem da Amtrak para visitar meus avós em Front Range, no Colorado, e me lembro de puxar a manga de minha mãe enquanto andávamos perto de um grande reservatório e perguntar a ela:

— Onde está a água, mãe?

Durante meu tratamento de câncer, amigos e clientes me ajudaram a viajar para o México e Kauai para surfar, o que me permitiu recarregar as energias e me curar. Uma dessas viagens foi durante as três semanas de folga que os médicos me deram entre a radioterapia e a cirurgia para remover o meu tumor. Por sugestão de Jane, minha editora de fotografia na Patagonia, fui para a costa sul de Kauai com Lisa B, uma boa amiga minha de Bishop. Ela era uma talentosa escaladora, surfista e instrutora de ioga que tinha ficado inválida devido aos sintomas de seu recente diagnóstico de artrite reumatoide. Lisa estava fazendo quimioterapia para reduzir a inflamação que estava deixando suas articulações inutilizáveis a ponto de mal conseguir girar uma maçaneta.

Foi fácil convencer Lisa a fazer a caminhada até a praia que eu tinha visitado com Alex um ano antes de meu diagnóstico, em Kalalau. Tínhamos concordado em parar e montar acampamento no marco de dez quilômetros, um ponto no meio do caminho que tornava a caminhada mais casual. A chuva caía sem parar enquanto seguíamos nossa trilha passando por vales exuberantes, vistas panorâmicas e travessias de riachos.

Minha pele estava sensível quando partimos e, quando terminamos de montar a barraca, estava convencido de que a derme em torno de meu ânus estava se rasgando a cada passo. Deixando a vergonha de lado, perguntei a Lisa se ela podia examinar a região para garantir que eu não precisava de cuidados médicos.

Sendo uma amiga querida, ela concordou com bravura. Deixando meu ego de lado mais uma vez, abaixei a bermuda e me preparei para a má notícia, certo de que minhas tripas tinham saído para fora.

— Você tem um ânus bonito. É praticamente careca, e todo o pelo que sobrou é louro! — exclamou ela. — Está tudo bem com você aí embaixo.

Aliviado, agradei e me preparei para dormir, feliz por minhas partes traseiras ainda estarem intactas.

Ainda estava chovendo na noite seguinte, assim como quando chegamos na área exposta e de terra vermelha da trilha. Era normalmente minha parte preferida da caminhada, mas a chuva havia deixado o solo extremamente traiçoeiro por estar argiloso. Barro se acumulava dentro e por baixo de minhas sandálias Chaco, sugando meus pés para dentro da terra e escorregando a cada passo. Nós avançamos praticamente de quatro, usando varas como pontos de apoio enquanto percorríamos a encosta íngreme. Cento e cinquenta metros abaixo de onde estávamos, o oceano Pacífico se agitava com um *swell*, lembrando-nos de nosso destino se cometêssemos um erro. Finalmente, a chuva melhorou ao anoitecer e chegamos à praia aberta perto da caverna na qual planejavamos dormir.

Minhas partes traseiras estavam em agonia, e só conseguia pensar em entrar no oceano para aliviar o desconforto. Praticamente sem olhar para o estado do mar, mergulhei de cabeça nas ondas que quebravam perto da praia e nadei na direção do mar aberto. A sensação de queimação lá embaixo aumentou dramaticamente quando minha pele sensível entrou em contato com a água salgada e, no mesmo momento, notei que o *swell* era significativamente maior do que eu havia percebido. A dor em minha bunda foi ofuscada bruscamente pelo fato preocupante de que, para retornar à areia seca, eu precisava passar por uma onda de quase três metros de altura sem acabar com uma lesão na coluna.

Esperei por uma pausa entre as séries de ondas e permiti que a força de uma onda menor me empurrasse outra vez para a praia. Agora minha bunda não estava apenas com sal, mas também cheia de areia. Com um suspiro de resignação pelo drama, ri e olhei para Lisa, que alguns momentos antes estava com os olhos arregalados de preocupação.

Nós brincávamos de nos chamar de Equipe dos Inválidos, os dois pacientes de quimioterapia que estavam arrasados tanto pela doença quanto por um coração partido, em uma viagem da qual os dois precisavam para se restaurar. Lisa e eu abraçávamos nossas deficiências, surfando de *longboard* nas marolas do lado esquerdo do recife perto de onde estávamos ficando, chegando ao amanhecer para ver os moradores locais traçarem linhas graciosas no horizonte e descansarem sobre suas pranchas enquanto riam e falavam em pidgin havaiano, um dialeto nativo. Em retrospecto, não sei ao certo se avaliei o fato de que seria minha última vez usando bermuda de surfe com a cintura baixa sem aparecer uma bolsa de colostomia em minha cintura.

Em um pôr do sol de um dia perto do fim de nossa estadia em Kauai, eu estava fotografando imagens do estilo de vida local para a Patagonia, circulando por piscinas formadas pelas marés nos recifes da costa sul com Lisa B. Estava agachado perto da borda de uma piscina de maré na minha agachada habitual de *malasana*, preparando-me para fazer uma foto, quando minhas sandálias Rainbow perderam tração e jogaram a mim, a minha câmera Nikon F5 e a lente olho de peixe de 15 mm na piscina salgada. Tentei segurar a câmera acima da água, mas minha bunda atingiu o recife primeiro e o impacto jogou meus braços para baixo, afundando meu equipamento. Imediatamente tirei a bateria, mas senti o cheiro de circuitos elétricos queimados e soube que a câmera estava perdida.

Tinha comprado a minha primeira câmera, uma Nikon N90s, no ano 2000, quando os jornais estavam trocando suas câmeras de filme pela facilidade nova das versões digitais.

Meus clientes demoraram muito mais para se converter ao digital, e nas primeiras câmeras digitais profissionais os sensores tinham cerca de apenas oito megapixels e custavam US\$ 8 mil para essa qualidade de imagem facilmente superada hoje pelos atuais modelos de iPhone.

Muitas das imagens que produzi durante a minha doença e as sessões de rádio e quimioterapia não tinham brilho e, frequentemente, pareciam sem graça e sem inspiração. Mesmo assim, durante tudo o que aconteceu, meus clientes na indústria dos esportes de aventura me apoiaram e mantiveram viva minha carreira. Especialmente a Patagonia. Desde o primeiro dia de meu diagnóstico, eles foram mais do que clientes, foram família. Com seu apoio, meu moral permaneceu alto o suficiente para continuar a pegar minha câmera.

Bronzeado depois de surfar muito na minha viagem de cura ao Havaí, fui ver o dr. Higgins para um check-up pré-operatório, pronto para remover o tumor invasivo de meu sistema. Ele disse que eu estava saudável o bastante para o procedimento e, alguns dias depois, fui conduzido para a sala de cirurgia pelo assistente cirúrgico. Sabia bem sobre os riscos da operação devido à proximidade de meu reto canceroso com os feixes nervosos que controlavam a minha função erétil e os músculos para urinar. O dr. Higgins tinha me alertado que havia uma chance de 50% de ficar impotente após a cirurgia. Eu não tinha nem trinta anos e a ideia de não conseguir mais ter uma simples ereção era aterrorizante, mesmo que essa cirurgia fosse necessária para salvar minha vida.

As últimas palavras que falei antes que a anestesia me envolvesse em seu vazio foram dirigidas ao dr. Higgins. Olhei nos olhos dele e disse:

— Cuidado aí dentro. Não quero precisar de um patrocínio do Viagra.

Quando comecei a ver o meu quarto no Centro Médico St. Charles com algum foco, meu cirurgião assistente e amigo de escalada, o dr. Azin, estava sentado em silêncio ao lado de minha cama. Ele se inclinou delicadamente em minha direção e me assegurou que a cirurgia tinha corrido extremamente bem, acrescentando que eles haviam não apenas removido o tumor canceroso, mas também reparado uma hérnia umbilical e removido meu apêndice inchado, que estava prestes a supurar.

— Você levou três por uma! — exclamou ele. — E para que você saiba: o restante de seus órgãos parecia ótimo. Tenho algumas fotos aqui, se você quiser ver.

Estava me sentindo otimista e surpreendentemente sem dor, então comecei a telefonar e a enviar e-mails para amigos para contar as boas notícias.

Liguei para o departamento de fotografia da Patagonia e falei com Jeff Johnson (na época, um fotógrafo da casa, agora mais conhecido por seu papel no documentário *180° South*). contei a ele que a cirurgia tinha sido um sucesso e que estava me sentindo ótimo. Mas meu entusiasmo durou pouco, apenas até que os médicos decidissem que estava na hora de remover minha epidural. Eu senti *tudo* de repente. A dor era tão intensa que mal conseguia me sentar, muito menos ficar de pé, com os músculos fracos demais por causa da incisão longa que tinha aberto meu abdome ao meio. A intensidade daquilo fez com que meu ânimo se deteriorasse rapidamente.

O desânimo começou a lançar uma sombra sobre meu otimismo, até que Denali entrou em meu quarto. Minha mãe e uma enfermeira o haviam levado até ali escondido. Ele me olhou atentamente para me assegurar de que nunca mais deixaria de estar comigo. Denali se sentou ao lado da cama, com a cauda batendo lentamente no chão de lajotas. Ele me observava com atenção, esperando um convite.

— Claro, amigo, você é sempre bem-vindo ao meu lado — disse eu, chamando-o para subir com uma batidinha de

minha mão.

Denali saltou com graça sobre os lençóis, evitando o emaranhado de tubos e sensores de oxigênio no sangue. Enquanto me estudava com um olhar preocupado, ele mais uma vez perguntou se podia chegar mais perto. Eu o convidei a se aproximar e ele se deitou, como se estivesse em câmera lenta, se aninhando delicadamente ao lado do meu corpo. A consciência e o cuidado que ele demonstrou naquele momento se repetiriam inúmeras vezes nas semanas e meses futuros. Eu me senti amado e apoiado de um jeito indescritível.

Jenny foi uma de minhas primeiras visitas depois que os médicos tiraram minha epidural, e ver seu olhar afetuoso ajudou a reduzir a intensidade da dor de minha incisão. Jenny recentemente lembrou algumas memórias dessa época:

Você estava de bata quando o vi no hospital pela primeira vez, e sua bunda estava toda enrolada em gaze. Você estava supermagro e Denali estava bem ali ao seu lado. Ele foi muito gentil ao se levantar da cama.

Denali *sabia* que não devia pular em cima de você na cama de hospital. Ele só ficava parado ao seu lado e o olhava muito preocupado e interessado. Era muuuuuuito fofo.

Foi diferente vê-lo daquele jeito, porque você era muito atlético e cheio de vida. Você escalava, surfava, sabe? Tinha uma vida que eu realmente invejava e, de repente, estava frágil e com o ânus recém-costurado.

Nós não tínhamos ideia de como seria sua vida depois disso. Você não era você mesmo e tudo era simplesmente desconhecido... Você se sentia oprimido pelos gastos médicos e pela insegurança de como seria a sua vida. Você não tinha namorada, então estava preocupado sobre como seria tornar a sair com uma garota. Nosso amigo Julio tinha conversado com você sobre sua própria luta depois de uma cirurgia de câncer do cólon e quanto tempo tinha levado para que sua função sexual voltasse.

Você estava solteiro e se sentindo muito solitário, e eu me senti mal por ver você assim.

Mal tinha forças para me sentar ereto no início, e Shawndi, uma amiga que também era fisioterapeuta em outro departamento no hospital, começou a me visitar algumas vezes por dia para me ajudar a sentar, depois ficar de pé, e então dar alguns passos hesitantes. Alguns dias depois, finalmente consegui dar uma volta completa em torno dos corredores de meu andar no hospital. Dei um grande abraço nela e disse:

— Acho que vou superar isso, muito obrigado, Shawndi.

Perto do fim de minha estadia no hospital, perdi misteriosamente minha capacidade de urinar. Levei meu suporte de soro até o banheiro e parei meio desequilibrado em frente ao vaso sanitário, com uma das mãos sob a água morna da pia e a outra no chuveiro quente, olhando para meu pênis teimoso. Roguei à minha bexiga que liberasse seu conteúdo volumoso.

Enquanto visualizava cachoeiras e rios correndo, finalmente apertei o botão de chamada e implorei que a enfermeira trouxesse um cateter. Observei horrorizado quando ela lubrificou a extremidade do tubo de quarenta centímetros e o enfiou na minha uretra pela ponta de meu pênis até chegar à minha bexiga estendida e a urina começar a sair. Meu desconforto se transformou em um grande alívio quando a pressão diminuiu. Meu momento estranho de êxtase foi interrompido quando a enfermeira exclamou enquanto segurava cuidadosamente o receptáculo que quase transbordou com dois litros do meu xixi:

— Minha nossa! — Com o rosto impassível, ela brincou:
— Uau, você estava mesmo com vontade.

— Eu não estava brincando — retruquei. — Você acha que eu pediria um cateter se não estivesse absolutamente desesperado?

Nunca tinha experimentado um desconforto e um desespero tão estranhos na minha vida como quando não consegui esvaziar a bexiga.

Devido à incapacidade de urinar, o dr. Higgins recomendou que eu fizesse outra viagem ao cilindro impessoal da tomografia computadorizada. Quando saí do teste, ele me disse que o exame tinha mostrado que um abscesso infeccionado havia ocupado o vazio deixado pela remoção do meu reto, fazendo pressão nos nervos que controlavam o funcionamento da bexiga.

Foi preparado um procedimento para inserir um dreno Jackson-Pratt (JP) no local infeccionado da cirurgia. Um dreno JP é basicamente um tubo plástico que extrai fluidos da área problemática para um bulbo em forma de granada, que é espremido antes da inserção para formar uma sucção, mantendo o local do ferimento seco para combater a infecção.

Consegui voltar a dar voltas a pé pelos andares do hospital uma semana depois com a infecção aparentemente sob controle, e então meus médicos me liberaram para ir para casa. Eu fiquei em êxtase. Olhando para Denali, disse:

— Ei, Nali, onde você quer caminhar?

Só queria respirar ar fresco e estar em qualquer lugar que não fossem os corredores antissépticos dos hospitais das últimas semanas.

Algumas semanas após a grande cirurgia para remover meu tumor, Byron estava fazendo um churrasco e, quando entrei para fazer xixi, não consegui.

Não, isso não poder estar acontecendo de novo, pensei.

Desejei que minha bexiga esvaziasse seu conteúdo. Implorei. Me concentrei com toda a minha força de vontade, canalizando a energia em meu abdome. Entrei na banheira e deixei que a água morna do chuveiro caísse sobre mim, rezando para que o calor relaxasse meus músculos e permitisse que minha bexiga se esvaziasse.

Meus esforços determinados de nada adiantaram, então me vesti e saí com Denali e Miles, o labrador de Byron, ligando para o celular do dr. Higgins.

— Oi, cara! Não estou conseguindo fazer xixi de novo.

— Ah, não! Lamento saber, Ben. Sei que você não gostaria de ouvir isso, mas pode existir uma nova infecção, então você tem que vir imediatamente para cá. Você consegue dirigir?

— *Miles, não!* — gritei quando ele tentou enfiar o focinho na churrasqueira quente. — Ah, uau, sim, *não*, ah, não — disse eu enquanto sentia a urina escorrendo por minha perna.

— Estou urinando! Até logo, Andy! — gritei no telefone enquanto abria a calça e sentia um grande alívio.

Corri para o hospital, me internei e fui imediatamente posto na unidade de tratamento intensivo. Minha enfermeira era uma escaladora que eu já tinha visto na academia e por quem tinha uma pequena queda.

— Oi, é bom ver você — disse eu, desconfortavelmente. — Não queria estar aqui... mas acho que minha infecção voltou.

— Vou cuidar bem de você — respondeu ela enquanto prendia um tubo intravenoso e os adesivos de eletrocardiograma no meu peito, ao passo que as máquinas começaram a emitir bipes e zumbidos e as luzes piscaram. Não estava nem remotamente escuro quando tentei dormir depois de eles dizerem que tinham marcado minha cirurgia para a manhã seguinte.

— Você ainda está acordado? — perguntou minha enfermeira. — Você tem visitas.

Katie entrou com Byron e Adam Stack, outro amigo e escalador profissional.

— Trouxe crepes para você — disse ela. — Com recheio de mirtilo!

No início daquela manhã, Katie tinha perguntado qual era a minha comida favorita e respondi que estava louco de desejo pelo doce que comia no café da manhã nos meus aniversários, panquecas suecas finas com recheio de cereja e mirtilo.

Quase comecei a chorar quando fui tomado pela gratidão.

— Obrigado — consegui dizer com voz rouca. — Muito obrigado. Que bom que vocês vieram. Odeio estar aqui outra vez. Essa sala é horrível, barulhenta e iluminada. Hospitais são lugares muito solitários.

Eles se aproximaram e me abraçaram.

— Nada de preocupações. Nós queremos estar aqui.

Durante a cirurgia, os médicos me abriram de novo para limpar e remover o abscesso infeccionado no espaço em que antes ficava meu reto, e o dr. Higgins colocou drenos que saíam desse espaço pelo fantasma que antes era meu ânus. Os drenos eram feitos de um material parecido com uma faixa elástica TheraBand, mas em tubos achatados de 3,8 centímetros de largura que corriam paralelamente ao meu rego. Esses tubos permitiam que meu abscesso fosse drenado por meio de meu falecido ânus, para que meu corpo pudesse se curar onde costumava ficar meu reto.

Mais uma vez, engoli o orgulho, deixei minha dignidade na porta e comprei pacotes de absorvente, forrando minha cueca para absorver os fluidos corporais que vazavam de meu sistema de drenagem temporário.

Depois de alguns dias após receber alta do tratamento intensivo, precisava movimentar o corpo, apesar de estar dopado de opiáceos para combater as ondas de dor da incisão recém-reaberta. Eu me encontrei com um colega fotógrafo e de escaladas chamado Dan para descer algumas ladeiras em meu *longboard*. Nós encontramos uma nova área em construção nos arredores de Bend, com pavimentação novinha, mas nenhum tráfego. Dan estava fazendo fotos

enquanto eu tentava me reconectar com meu corpo ao andar de skate. Quando cruzava com ele, alternava manobras na ponta frontal do skate com a interrupção da tração nas rodas, deslizando e passando por ele em cavadas baixas.

Passei uma vez em alta velocidade, mas minhas rodas se prenderam em uma área em que havia agulhas de pinheiro e levei um grande tombo. De repente, quando parei sobre o asfalto, o lado direito da minha bunda dava pontadas dolorosas em minha incisão recente. A agonia superou minha bolha entorpecida de analgésicos pós-operatórios e parecia que eu podia ter rasgado meu ânus novo. Felizmente, isso não aconteceu.



Meus amigos estavam me ajudando a organizar um leilão beneficente para me auxiliar com as contas e ele aconteceu apenas alguns dias após a cirurgia para cuidar do abscesso. Para todo lugar que ia em Bend, eu levava uma almofada de espuma, pois ficar sentado doía mais do que ficar de pé.

Recebi ajudas mais que generosas de empresas de material de aventura como a Patagonia e a Prana, e houve tanto equipamento doado para o leilão que ele literalmente encheu um quarto extra na casa de Byron do chão até o teto.

Antes da manhã do evento, Kelly e Joi, duas grandes amigas de escalada de Bishop, apareceram em minha casa e interfonaram. Eu as convidei a entrar e abracei as duas por muito tempo, absorvendo todo o amor como uma esponja seca.

— Muito obrigado por terem vindo até aqui! — falei eu, agradecido, mas ainda exausto.

Disse a elas que precisava dormir um pouco mais e elas perguntaram se estava tudo bem se ficassem ali comigo. Quando me deitei para descansar, elas simplesmente ficaram me segurando uma de cada lado pelas horas seguintes, com Denali enroscado no meio daquilo tudo. Absorvi cada minuto de carinho naqueles momentos tranquilos, precisando desesperadamente da bondade e da energia de meus amigos durante aquele período.

Ainda duvidava que alguém fosse aparecer para a festa naquela noite; estava fraco e com dor após a segunda cirurgia, então fiquei pasmo com o apoio que recebi quando quase quatrocentas pessoas apareceram e levantaram praticamente US\$ 35 mil para pagar minhas despesas médicas, muitas delas minhas heroínas no mundo da escalada e da fotografia. Foi uma grande corrente de amor que encheu o vazio solitário que eu estava sentindo desde a minha cirurgia. Apesar de estarem presentes pelo menos cinco fotógrafos profissionais, não tenho nenhuma foto daquela noite, mas o sentimento de apoio permanece.

Todos que estavam ficando comigo foram para casa no dia seguinte, voltando o foco para suas rotinas do dia a dia. Em meu estado enfraquecido, não consegui lidar com a transição de um momento com centenas de abraços e palavras de estímulo para outro, simplesmente sozinho. Senti uma solidão que nunca havia experimentado antes, como se um interruptor tivesse sido apertado para a posição de desligado. Fiquei ali deitado sentindo pena de mim mesmo, duvidando que algum dia teria uma namorada e desejando muito

qualquer tipo de validação de que eu ainda era digno de amor. Quando estava achando que essa solidão era demais para mim, Denali pulou na cama e colocou delicadamente a cabeça em meu peito. Ainda estou aqui, seus olhos falaram comigo enquanto manifestavam seu apoio.

— Preciso de você agora mais do que nunca — disse eu a ele. — Isso é mais difícil do que eu poderia imaginar.

Estava conversando recentemente com Jenny sobre como me senti na manhã após o leilão beneficente, e ela se lembrou de algumas coisas que havia pensado durante aquela experiência.

Seu leilão beneficente foi uma festa muito divertida, mas naquela noite você me disse:

— Eu só queria estar abraçado com alguém.

Vi que todo mundo amava você e pensei que você era uma espécie de cara importante e meio famoso, mas na manhã depois da festa, eu me lembro que você estava supertriste e parecia muito solitário... embora parecesse ter um milhão de pessoas que amavam você.

Acabei me distraíndo enquanto olhava os cartões e objetos deixados no leilão. Chris Malloy, surfista e cineasta profissional, tinha doado vários filmes de surfe para o evento e autografou para mim uma cópia de *Shelter*, seu filme de surfe em dezesseis milímetros.

Na capa do DVD, ele escreveu: “Você pode fazer qualquer coisa”.

Essa era uma frase dita no filme por Britt Caillouette, seu primo de dezesseis anos – agora um importante diretor de comerciais – que tinha acabado de sobreviver a um câncer ósseo, com a perna amputada bem acima do joelho. Era a primeira vez que Britt surfava desde o tratamento e estava muito nervoso em voltar ao oceano. Com a ajuda de seus dois primos, Kevin e Dan Malloy, apoiando-o dos dois lados, ele

largou as muletas na praia e disse:

— Você pode fazer qualquer coisa.

É uma cena muito emocionante e assisti ao filme várias vezes durante meu tratamento de quimioterapia até decorar todas as falas.

Uma parte que sempre adorei era Rob Machado dizendo “Jon Swift é um astrofísico” enquanto tocava uma música no violão, antes que o filme cortasse para uma cena de Jon encontrando solidão no surfe.

Depois do evento beneficente e três semanas após minha segunda cirurgia, senti que estava curado o bastante para escalar um pouco em Smith Rock. Depois de alguns aquecimentos fáceis, comecei a olhar para uma aresta elevada, conhecida tanto por escaladores quanto por fotógrafos de aventura como Chain Reaction, uma escalada classificada como 5,12c tão bonita que ilustrou a capa de várias revistas. Eu amo o movimento da escalada e perguntei impulsivamente se poderia conseguir um apoio de segurança e ver qual seria a sensação. Consegui escalar os primeiros movimentos desafiadores mais baixos e preendi a costura na borda do perfil íngreme de 45 graus.

O último movimento crucial é um impulso que exige grande tensão corporal para manter os pés na parede saliente, mas meu abdome tinha sido literalmente cortado ao meio pelas cirurgias, então os músculos estavam incrivelmente fracos. Só me sentar ereto era exaustivo algumas semanas antes. Eu não conseguia manter a tensão necessária para conectar meus pés à parede e eles escorregaram, deixando minhas pernas penduradas enquanto eu me segurava no canto da aresta com a mão direita e em uma grande agarra com a esquerda. Tentei várias vezes balançar meus pés até a parede, mas meus músculos abdominais simplesmente não respondiam. Fiquei ali balançando no ar, como uma biruta sob o sussurro de uma brisa delicada.

Agarrei-me à corda, resignado.

— Me desçam — gritei.

Descansei por uma hora e soube que precisava tentar outra vez. Dessa vez subi suavemente até a mesma seção da escalada, movendo-me com fluidez e desperdiçando pouca energia. Quando cheguei à borda, apertei a pinça da mão direita com firmeza e deliberadamente pressionei os pés com força para evitar escorregar. Em vez de usar meus inúteis músculos centrais, girei os quadris para posicionar os pés com firmeza nos apoios, de modo a terem o máximo de força sobre a rocha.

Pressionando forte com as duas pernas, relaxei meu torso enfraquecido e me impulsionei para o ar. Segurei a agarra e, depois que meus pés balançaram para trás, usei o impulso de volta para encaixar cuidadosamente o calcanhar e a mão esquerda. Balançando o peso sobre esse pé, pressionei para baixo, fiz os últimos movimentos, cheguei até a ancoragem e me vi de pé sobre a mesma agarra de mão reta sobre a qual eu tinha me jogado.

Fiquei em êxtase por terminar a escalada. *Estou de volta, pensei. Enfrentei o desafio e ainda consigo escalar de verdade! Com bolsa de colostomia e tudo.* Denali esfregou o focinho em mim e lambeu meus braços salgados em um gesto afirmativo.

Todos os meus amigos me deram abraços de encorajamento, mas o comentário mais importante foi feito em voz baixa: partiu de uma escaladora que eu não conhecia; ela tinha observado minhas duas tentativas e depois fez algumas perguntas sobre minha batalha com o câncer.

— Essa foi uma das coisas mais inspiradoras que já vi — disse ela.

Eu? Inspirador? Nunca tinha pensado que minha luta pudesse realmente encorajar outras pessoas. Às vezes, até um pequeno comentário pode nos motivar por meses.

Depois que me recuperei das duas cirurgias, o tumor estava fora de meu corpo, mas a pior parte do tratamento permanecia. Para garantir que nenhuma célula rebelde tivesse escapado das margens cirúrgicas, eu precisaria me submeter a oito rodadas intensas de quimioterapia. Antes da primeira infusão, o dr. Braich sentou-se à minha frente na poltrona da sala em que o procedimento seria feito. Ele perguntou sem rodeios:

— Você guardou esperma?

Sacudi a cabeça e disse:

— Eu devia fazer isso?

— Não temos certeza de como o regime de quimioterapia vai afetar sua capacidade de ter filhos. Por garantia, aconselho você a guardar esperma em um banco, mas vai ter que ser em Portland.

— Bom, estou aqui para a minha primeira sessão, então vamos começar com a quimioterapia. Nem tenho uma namorada, então faça o possível para me manter vivo e depois resolvo o resto.

A ideia de dirigir três horas até a cidade para me masturbar e ejacular em um potinho estava além do que minha mente podia aguentar. Tudo isso era simplesmente demais.

— Posso trazer meu cachorro aqui? — perguntei a uma enfermeira. Já estava sentindo falta de Denali. Sua presença sempre tinha feito com que eu me sentisse melhor.

— Infelizmente, não permitimos cachorros aqui — respondeu ela.

Se você não experimentou uma sala de infusão pessoalmente, ao primeiro olhar ela parece, em resumo, uma sala de estar. Há poltronas de couro que parecem aquelas massageadoras de aeroporto, enfileiradas perto das paredes cheias de imagens encorajadoras da natureza, e as enfermeiras são amigáveis e simpáticas e vão de paciente em paciente. Se olhar com mais atenção, verá o peso por trás de seus sorrisos, a consciência de que muitos pacientes podem

não responder à promessa daqueles tratamentos nocivos. Todas as enfermeiras usavam luvas grossas até o cotovelo e havia bolsas de fluido com símbolos de resíduo biológico penduradas acima das cadeiras muito estofadas. Então você percebe a expressão de resignação apática e a falta de cabelo em algumas das pessoas encolhidas nas poltronas. Alguns pacientes transmitem um otimismo estoico, reconhecendo todo o valor de cada momento. Só quando estamos diante da origem de nossa própria mortalidade que nossas prioridades são reordenadas.

Meu ciclo de tratamento se repetia a cada duas segundas-feiras na sala de infusão, na qual recebia um coquetel de quimioterapia que levava cinco horas para ser administrado.

Em toda sessão, ficava invariavelmente impressionado com a ironia do destino ao ver aqueles líquidos tóxicos gotejarem em minha corrente sanguínea. Como todo paciente de quimioterapia sabe, para sobreviver à doença você primeiro deve sobreviver aos horrores dos metais pesados e a seus efeitos colaterais brutais. Eles têm um desejo quase sádico de matar a doença matando primeiro o corpo que a abriga.

Antes do início das últimas oito sessões de quimioterapia, um cateter portátil foi implantado cirurgicamente em meu peito para proteger minhas veias dos líquidos corrosivos. Esse pequeno dispositivo redondo, com menos de três centímetros de diâmetro com um centro emborrachado parecendo a tampa de um frasco de líquido injetável, foi conectado a um tubo flexível que viajava por minhas veias antes de entrar em meu coração. O dispositivo ficava alguns centímetros abaixo de minha clavícula, sob a pele, parecendo um marca-passo. A enfermeira enfiava uma agulha grossa nele, fazendo com que eu me sentisse a cobaia de um experimento em um filme de ficção científica de baixo orçamento.

As drogas da quimioterapia então eram injetadas em tubos que levavam ao dispositivo, um coquetel volátil de cada vez ou os produtos químicos tóxicos podiam se combinar e entrar em

combustão. De luvas, as enfermeiras passavam horas pacientemente injetando cada mistura no dispositivo circular que formava uma protuberância subcutânea na parte superior de meu peito.

Durante a ida para casa depois dos longos dias na sala de infusão, começava a neuropatia periférica na ponta de meus dedos; a dormência então subia lentamente para minhas mãos e meus braços, um efeito colateral comum da oxaliplatina, droga da quimioterapia, um tratamento derivado da platina. Minha sensibilidade ao frio era extrema, exigindo que eu usasse luvas e cachecol toda vez que encontrava o ar frio de inverno.

Em uma noite gelada de dezembro, logo depois de receber minha segunda infusão, no caminho de casa parei no correio para buscar minha correspondência. A neuropatia periférica já estava começando a mostrar seus efeitos enquanto eu abria minha caixa postal com a chave. Dentro dela havia o primeiro EP de Matt Costa, autointitulado, que tinha a faixa “Astair”, uma de minhas favoritas. Enquanto tentava entrar outra vez em meu Honda Civic (que eu tinha comprado para evitar dirigir minha grande van para as infinitas visitas ao hospital), a dormência estava rapidamente tomando conta de minha função motora. Então fiquei arrasado ao perceber que tinha me trancado do lado de fora.

Felizmente, por ter me trancado para fora tantas vezes antes, eu era adepto de arrombar o meu próprio carro. Peguei uma vara que estava por perto, sobre a neve, e a enfiei na porta, correndo contra o relógio enquanto minhas mãos se transformavam em bastões insensíveis. Consegui abrir bem quando perdi a sensação nas mãos. A viagem de dez minutos para casa foi bem difícil, considerando que não conseguia sentir o volante nem a alavanca de meu câmbio manual.

A neuropatia periférica afetava meu dia a dia. Não podia beber água ou qualquer líquido refrigerado a menos que o esquentasse primeiro. Quatro dias após o tratamento, ficava

tão cansado das limitações que, às vezes, tomava sorvete só para sentir o gelado “queimar” minha garganta. Meu rosto era especialmente sensível ao frio e ao vento gelado, mas fazia snowboard e cobria o rosto da melhor maneira possível. Continuava testando os limites do que podia fazer e quase fui longe demais em uma saída de esqui nórdico com David. Ele esperava por mim no alto de um morro enquanto eu subia e percebeu que algo estava errado.

— Você está se sentindo bem? — perguntou ele. — Nós podemos voltar se você estiver cansado demais.

— Eeeeu sstooou beeeim — disse eu com uma voz indistinta, sentindo meus lábios e bochechas como se tivesse acabado de fazer uma visita ao dentista. Tinha deixado o rosto descoberto e ele estava completamente dormente, coberto de catarro e baba.

— Precisamos levar você de volta para o abrigo agora! — retrucou David com urgência. — Vamos.

Amigos como David me motivaram a sair durante os momentos em que eu não queria fazer mais nada além de ficar deitado no sofá me esforçando ao máximo para não ter pena de mim mesmo. Durante várias de minhas piores sessões de quimioterapia, David me fazia companhia e ficava sentado comigo, um dos gestos mais simpáticos que consigo pensar.

Anos mais tarde, depois de eu estar em remissão, David me levou para tomar café da manhã e pediu conselhos. Ele tinha acabado de receber a notícia de um diagnóstico de leucemia linfóide crônica. Milagrosamente, com a ajuda de meu oncologista, dr. Braich, David conseguiu superar a doença e, de vez em quando, ainda esbarro com ele na academia de escalada em Bend ou vejo sua van Sprinter adaptada na estrada.

Os dias dois, três e quatro após a infusão de drogas eram os piores, quando os produtos químicos em minha corrente sanguínea chegavam ao pico de toxicidade, auxiliados pela

bomba de quimioterapia que eu usava por dois dias após cada infusão para minha dose secundária. Ela entrava em ação a cada dez minutos, aplicando mais uma dose de veneno com pontualidade cruel.

Denali olhava de maneira impotente enquanto eu lutava para enfrentar esses dias nauseados e horríveis tomando comprimidos antieméticos e nebulizando *cannabis*, mas essas 72 horas eram, no máximo, uma existência miserável. Como ficava com zero energia para interação humana, Denali era o único que eu conseguia tolerar durante essas horas sombrias. Nos momentos terríveis em que eu estava passando mal e fraco demais até para falar, Denali se deitava ao meu lado por horas seguidas, sem parecer se importar quando eu me esquecia de colocar o seu jantar até a hora de dormir ou quando eu pegava no sono por horas durante o dia.

Essa é a verdadeira beleza do amor imenso de um cão: Denali nunca pediu nada de mim, sugando meus momentos ruins todos os dias como uma esponja que nunca fica saturada, só para estar pronto novamente para oferecer amor e apoio em retorno.

Quando estava na metade de minhas sessões intensivas de quimioterapia, Byron tinha começado um novo relacionamento e sentiu que precisava recuperar seu espaço e sua privacidade, então comecei a procurar um lugar para morar. Ele tinha oferecido sua casa sem pagar aluguel enquanto estive lá, um benefício recíproco durante seu divórcio e meu diagnóstico. Por meio de um amigo em comum, soube que havia um pequeno bangalô com um quarto disponível por apenas US\$ 150 por mês. Localizado quase no fim de uma rua sem saída, a casinha ficava a uma quadra do rio Deschutes e a uns cinco ou dez minutos a pé do centro de Bend. Melhor ainda, minha nova colega de casa, Courtney, era uma alma tão boa e tinha uma vibe tão tranquila que fez com que eu e Denali nos sentíssemos muito bem recebidos.

Levei meu equipamento para a casa em um dia quente e

ensolarado de janeiro. A porta envelhecida da frente estava aberta e tocava um reggae agradável em um aparelho de som dentro da casa. Era um lugar que precisava de alguns reparos, mas o aluguel era muito barato. Parecia o lugar perfeito para Denali e eu passarmos pelos últimos meses de tratamento de quimioterapia. Os efeitos colaterais eram cumulativos, ficando exponencialmente mais intensos a cada sessão. Eu tinha neuropatia periférica séria nas mãos, como consequência da oxaliplatina, especialmente na ponta dos dedos. Perguntei ao dr. Braich se havia outras drogas de quimioterapia que tivessem o mesmo efeito, preocupado em perder permanentemente a habilidade e a sensibilidade nos dedos.

— Quero ser capaz de escalar, tocar violão e usar minha câmera — disse eu.

Ele então mudou para uma droga alternativa e ao digitar isso me sinto grato até agora.

O novo regime não fez com que eu perdesse o cabelo como achei que aconteceria e meus dedos não ficavam mais dormentes, mas ele me fazia vomitar tão violentamente que eu ficava envergonhado de vomitar dentro de casa.

Courtney tinha preparado para mim uma sopa deliciosa e nutritiva depois de um dia longo de tratamento, mas a satisfação da refeição foi curta. Depois de agradecer a ela por ser tão atenciosa, corri para a noite de inverno e caí de joelhos. Assim que atingi o chão, vomitei e me contorci até que meus músculos abdominais doessem, como se meu estômago estivesse do avesso.

Na mesma noite, estava passando mal demais para perceber quando Denali perseguiu o gato de Courtney, Bill, até o alto de um frondoso pinus no jardim do vizinho. Na manhã seguinte, nós o ouvimos miando no alto dos galhos. Eu ainda estava me sentindo zozinho da infusão, mas não tive escolha além de ajudá-lo a descer. Depois de jogar uma corda por cima de um galho a seis metros de altura, subi apenas com a ajuda das mãos até o gato. Pedi desculpas a Bill pela noite que

ele tinha passado fora e o coloquei em uma bolsa para baixá-lo até o chão.

Denali nunca perdoou aquele primeiro gato que o arranhou no focinho quando era filhote, nem o segundo, quando ele estava fazendo uma radiografia por causa de um dedinho quebrado.

Meus vizinhos eram um casal fenomenal, John Sterling e sua mulher, Heather, que tinha trabalhado para a Patagonia. John era diretor-executivo da Conservation Alliance, um coletivo de empresas de aventuras que pagavam uma quantia anual para proteger lugares selvagens sob ameaça. Bolsas para projetos de conservação dadas a ONGs hoje totalizam milhões de dólares, e é satisfatório ver a dedicação de John e da Conservation Alliance para preservar os lugares de que todos gostamos para as próximas gerações.

Na época em que John e eu trabalhávamos de casa, ele fazia um intervalo e tocava bandolim na varanda da frente, jogando pinhas na janela de meu escritório enquanto eu editava fotos até que eu pegasse meu violão e fosse tocar com ele. Essas *jam sessions* se transformaram em sessões semanais regulares, e aprendi a tocar baixo acústico para contrabalançar todos os violões. Heather se juntava a nós, cantando canções de Gillian Welch e me acompanhando quando eu pegava o microfone e cantava Greg Brown, um de meus compositores favoritos. Ela me lembrou recentemente de que eu sempre estava usando um casaco enorme e acolchoado durante a quimioterapia, por mais calor que fizesse na rua.

Outro efeito colateral da quimioterapia foi um olfato hipersensível. Às vezes, isso era bom, pois eu sabia se tinha um vazamento em minha bolsa de colostomia ou se tinha pisado em cocô de cachorro. Mas, algumas vezes, isso também era frustrante.

Pizza Mondo era meu restaurante favorito em Bend, em se tratando de uma rápida refeição solitária. Mas eu precisava

me lembrar de lavar as mãos antes de chegar lá. Se esquecesse e usasse o banheiro deles, o sabonete me lembrava do sabão da sala de infusão do hospital. Eu quase vomitaria se lavasse as mãos com ele antes da pizza.

Depois da quimioterapia, eu andava pelos corredores do mercado Whole Foods procurando qualquer coisa que parecesse apetitosa para um estômago delicado. Para ficar quente, eu costumava usar um casaco macio e acolchoado com capuz da Patagonia. Esse casaco era como um ímã: consumidoras locais tocavam meus ombros, ofereciam abraços e perguntavam se podiam sentir meu casaco. Na solidão de uma batalha contra o câncer, esses gestos eram mais bem-vindos do que estranhos.

Durante o meu tratamento, eu frequentemente sentia como se liberasse algum feromônio misterioso que me tornava irresistível para as mulheres, embora minha libido estivesse em torno de 3% do normal. A combinação disso e do casaco acolchoado parecia atrair atenção feminina em qualquer lugar aonde eu fosse.

Não tinha nenhum poder sensual e ter uma ereção era frequentemente doloroso. Meu primeiro orgasmo depois da cirurgia foi meses depois e pareceu estranho, lembrando-me de minhas primeiras experiências adolescentes. Apenas me “aninhei” com mulheres por quem me interessei durante essa época. Estava pouco interessado em receber prazer ou ter um orgasmo, mas gostava de proporcionar isso. Mesmo assim eu tinha pouca energia emocional para um relacionamento de longo prazo. Estava concentrado em minha sobrevivência, mas gostava de atenção quando estava disponível.

Estava ainda construindo meu vigor físico de outras maneiras também. Minha força era limitada, mas Denali estava em ótima forma e precisava esticar as pernas de trilheiro com frequência. Nossos passeios por Smith e pela floresta em torno de Bend eram um alívio prazeroso das visitas antissépticas ao hospital, ajudando a impedir que meu

espírito ficasse confinado demais durante meu tratamento. A necessidade que Denali tinha de fazer exercícios era motivação para sair e respirar o ar fresco de High Desert. Sua amizade sempre intuitiva e o movimento na natureza me mantinham em contato com a essência de meu ser. Ela me lembrava pelo que eu estava lutando... por que estava lutando para sobreviver.

Eu me encontrei com Cindy, uma companheira frequente de corrida e bicicleta, em uma dessas saídas para correr por uma trilha. Antes de sair, preparamos cookies com lascas de chocolate. Voltamos e deixamos nossos cachorros em casa enquanto saíamos para comprar comida para o jantar. Duas bandejas cheias de cookies ficaram na bancada, mas, na pressa, nem lembramos delas. Acho que posso culpar meu cérebro sob quimioterapia por isso também.

Quando voltamos, todos os cookies tinham sido comidos. Sem saber a quem culpar, chegamos à conclusão que provavelmente tinha sido um esforço de equipe entre Denali e o cachorro de Cindy, Spot. Os cookies tinham sido preparados com chocolate amargo, tóxico para cachorros em doses mais altas, então decidimos tomar precauções e demos a eles líquidos para induzir vômitos que o veterinário havia recomendado.

Denali foi afetado imediatamente, vomitando o conteúdo de seu estômago no jardim por cinco minutos sem parar. Eu me senti desalentado enquanto o observava em sua infelicidade e me identifiquei com sua condição.

— Eu vomito dez vezes por dia, então estou com você, mano! — disse eu.

Então olhei para Spot, mas ele apenas me encarava e parecia tranquilo. Ele era teimoso demais para vomitar, por mais que se sentisse enjoado. Os dois se recuperaram bem, mas aprendi a não deixar nenhum doce na bancada depois disso.

A medicina ocidental salvou minha vida, mas seus produtos químicos e cuidado impessoal cobraram um preço em meu espírito. No meio de meu regime intenso de quimioterapia, a mulher de meu cirurgião recomendou um acupunturista local que disse estar disposto a me ver. Todo ano, Keith atendia gratuitamente o caso de um paciente. Mal conseguia trabalhar durante meu tratamento, então agradei o apoio, embora não estivesse familiarizado com a acupuntura e com a medicina chinesa. Keith foi fundamental em meu processo de cura, dando apoio ao meu corpo com técnicas de medicina oriental que eu podia sentir no âmago de meu ser, mas não conseguia entender. Quando meu sistema imunológico ficou baixo por causa do massacre da quimioterapia e da radioterapia, suas pequenas agulhas e preparados de ervas chinesas impediram que eu desmoronasse.

Durante uma sessão, Keith disse que estava estudando com um xamã no Peru havia anos e mencionou a ayahuasca, uma infusão medicinal psicodélica. Comentou que essa mesma infusão medicinal poderia me ajudar a curar e a liberar os anos de estresse e tensão acumulados que podiam, originariamente, ter levado ao meu câncer.

Eu não tinha nenhum conhecimento de substâncias psicodélicas, tendo apenas ouvido histórias terríveis sobre o LSD fritando seu cérebro. Fiz muitas pesquisas e resolvi assistir a uma cerimônia de ayahuasca para ver se ela poderia me ajudar. Abracei Denali no carro antes de entrar, com vozes desinformadas ecoando em minha cabeça sobre substâncias psicodélicas. Tinha medo de que a droga, de algum modo, me mudasse para sempre.

Ela me mudou, mas o efeito foi o oposto dos meus medos. Apreendi muito sobre mim mesmo e compreendi profundamente sobre as pessoas que estiveram ao meu lado

no ano anterior. Havia horas de introspecção intensa, tendo experiências indescritíveis que me deixaram ainda mais certo e determinado a afastar aquela nuvem de depressão que, às vezes, perdurava.

Durante uma cerimônia, uma projeção de slides de trinta anos de minha vida passou em minha frente como se fosse um filme com detalhes vívidos, me mostrando cada memória na qual eu ainda me agarrava à culpa por pequenos incidentes do passado. Implicar com a minha irmã quando eu tinha quatro anos, deixar de dizer *obrigado* para minha avó por um cupcake de banana quando eu tinha cinco anos, e por aí vai. Trinta anos de culpa foram comprimidos em uma única hora. Passei o dia seguinte inteiro pensando sobre isso, processando o peso dessa revelação. Como podia me agarrar a essas coisas pequenas?

Você precisa se desprender, Ben.

Para limpar a cabeça, fui fazer uma escalada solo livre em Rock Smith, escalando em vias mais fáceis, sem corda, até me sentir centrado e novamente com os pés no chão.

Naquela noite no acampamento, eu me sentei para mais uma cerimônia em meu conjunto confortável de cobertores, sentindo-me pronto para o que a substância me mostraria em seguida. Nessa noite bebi duas doses, mais do que já tinha ousado tomar antes, torcendo para ter algum esclarecimento sobre o que havia aprendido na noite anterior. Eu queria “expurgar” ou liberar fisicamente as emoções ao vomitar, mas naquela noite isso simplesmente não aconteceu e fiquei me sentindo pesado.

Estava com vontade de fazer xixi e saí para o ar frio de High Desert quando a ayahuasca começou a fazer efeito. Virei para cima e olhei as estrelas que cintilavam brilhantes no céu limpo e sem lua, sem perceber o degrau de quinze centímetros que descia para o pátio. Quando meu pé caiu até o nível seguinte, o impacto me tirou da minha observação das estrelas e trouxe a expurgação que estava buscando na noite

anterior. Tive uma sensação de alívio quando um jato de vômito jorrou, antes de se transformar em cobras soprando fogo em minha direção, se recusando a sair sem lutar.

— *Não!* — gritei, expirando com força.

Incorporei a força de um dragão quando imaginei soprar fogo de volta naquelas cobras, consumindo a vergonha que me assombrava. Nunca mais quero ter aqueles sentimentos de culpa.

Mais tarde na cerimônia, quando estava novamente sentado em silêncio, finalmente consegui me perdoar. Quando terminou, voltei para minha barraca do lado de fora, onde Denali estava me esperando.

— Obrigado, Denali. Por ficar comigo durante essa jornada louca e por todos esses anos que tenho andado aos tropeços... Percebi que ainda tenho muito a aprender.

Ele olhou para mim com sabedoria, se sentindo aliviado por me ver carregar um fardo mais leve.

Você tinha que se livrar disso. Eu te amo, amigo. Estou muito feliz por você ter se livrado de toda aquela preocupação. Estou aqui, não importa o que aconteça. Tudo bem, vamos dormir. Estou há horas te esperando.

Adormeci abraçado com ele e fazia anos que não dormia tão pesado.

A BOLSA

Eu me lembro de me sentir muito triste por Ben quando ele descobriu que ia ter que fazer cocô pelo resto da vida em um saco plástico preso em sua barriga. Principalmente porque ele já tinha que botar todo o meu cocô em sacos plásticos.

– Do curta-metragem Denali

Fisicamente, o maior desafio pós-câncer foi minha colostomia. Usar uma bolsa de colostomia é uma grande mudança, tanto para a autoimagem quanto por pura logística. Preciso me assegurar de sempre levar comigo os produtos apropriados da ostomia, especialmente quando viajo para locais distantes. Ignorar isso pode significar acidentes sujos e vergonhosos. Depois de minha cirurgia, ainda precisei aprender a lidar com um sistema digestivo rebelde, que se tornou incontrolável da noite para o dia. Foi uma experiência estranha.

Psicologicamente, foi ainda mais brutal. Nos primeiros seis meses depois da cirurgia, toda vez que terminava de tomar banho eu puxava a cortina para bloquear a minha visão da deformidade. Era cruel demais a imagem de meu abdome alterado refletida no espelho grande, que cobria toda a extensão da parede. Eu mal conseguia olhar sem que minha

confiança se abalasse e fosse tomado por pensamentos opressores como: *Que mulher ficaria atraída por isso? Como vou voltar a tirar a camiseta em público?*

Acidentes eram inevitáveis na adaptação a essa rotina estranha, e eu costumava me sentir como se tivesse regredido ao estágio infantil, incapaz de controlar minhas próprias funções corporais. Continha as lágrimas, tentando manter a dignidade enquanto limpava a sujeira. Nesses momentos lamentáveis, Denali olhava com uma expressão irônica.

Você vai conseguir, companheiro. Você cuida do meu cocô desde que eu era filhote!

Em público, frequentemente sentia vergonha demais para expor a parte de baixo de minha barriga por medo de que alguém visse minha bolsa. Em vez disso, suspendia meus jeans na altura da cintura para escondê-la de vista. Conseguia escondê-la atrás de meu arnês de escalada quando escalava sem camisa, mas só baixava a guarda quando estava sozinho ou com Denali. Inabalável com minhas inseguranças, Denali nunca me julgava. Em vez disso, oferecia apoio e se encostava delicadamente em mim, reafirmando sua devoção. Para mim, é incrível como alguns minutos de conexão silenciosa com ele acalmavam minhas ansiedades. Esses momentos me ajudavam a parar com a autopiedade e me davam uma confiança renovada para seguir em frente.

A enfermeira que cuidava do ferimento e da ostomia me contou depois da cirurgia que fui o primeiro paciente em trinta anos de profissão que ela permitiu escolher o lugar de seu estoma. Levei para casa várias amostras de bolsas de colostomia e as grudei em potenciais lugares para verificar como ficaria o estoma em meu abdome. Usei minha cadeirinha durante o processo, movendo as bolsas de lugar até ver que tinha descoberto um local em que ela iria

interferir menos no meu estilo de vida ativo. Decidi por uma posição baixa o suficiente para minha cadeirinha não arrastar por cima do estoma quando eu caísse escalando, ainda assim alta o suficiente para não ficar muito perto de minhas partes íntimas.

Por ordem dessa mesma enfermeira, fui visitado por outro paciente com ostomia para me ajudar a me ajustar a minha nova vida com a bolsa. Ele tinha boas intenções, mas era três décadas mais velho que eu e não muito em forma fisicamente para os meus padrões. Eu imediatamente me desliguei do que ele falava. Quais conselhos ele poderia dar a um escalador e surfista de 29 anos? Como poderia levar a sério qualquer conselho sobre como manter um “estilo de vida ativo” de um homem perto da casa dos sessenta anos e acima do peso? A diferença entre nossas realidades era enorme. A dele girava em torno do golfe, e eu só queria voltar para um pico de surfe e me encordar para escalar novamente.

Ouvi desanimado e me contive quando ele explicou que ainda era capaz de aproveitar o golfe e que cuidava de sua digestão “irrigando” o cólon diariamente. Eu me sentei ereto e prestei atenção enquanto ele falava sobre o controle que o processo de irrigação tinha dado ao seu problema.

— Isso mudou minha vida — disse ele.

Não acreditei nem um pouco que suas palavras pudessem ser verdade, mas, para minha surpresa, seu conselho foi o mais valioso de todos os que recebi depois de minha provação. Foi uma lição sobre como eu não deveria tirar conclusões precipitadas sobre alguém, pois sua recomendação ainda ecoa em mim quase todos os dias nos quinze anos desde então.

Decidi que, se conseguisse estabelecer qualquer semelhança de rotina ou controle com aquilo, valeria a pena descobrir mais. Primeiro perguntei ao meu oncologista sobre irrigação, mas ele sabia muito pouco sobre isso e tinha apenas informações vagas retiradas da internet. Vi o que pude e fiz minhas primeiras tentativas de fazer uma irrigação do cólon

por meio de meu “ânus dianteiro”. Os resultados foram desastres emporcalhados de proporções quase cômicas. Essencialmente, enchia uma bolsa de hidratação de dois litros, semelhante a uma bexiga, com água à temperatura do corpo, levantando-a à altura do ombro para que a gravidade levasse o líquido do tubo até a extremidade em forma de cone que eu inseria delicadamente o meu estoma. Era preciso relaxar para permitir a entrada da água, respirando fundo para liberar toda a tensão nos músculos em torno da extremidade de meu cólon. Minha falta de familiaridade com o processo tornava o relaxamento desafiador; meus músculos resistiam, tendo espasmos toda vez que água entrava em meu cólon. Na época eu não sabia que ficar na posição horizontal tanto ajudaria com o relaxamento quanto permitiria que a água corresse para o cólon com mais facilidade, então segui o único conselho que encontrei on-line e me sentei em uma cadeira de frente para o vaso sanitário. Uma mangueira de irrigação era presa ao dispositivo que ficava grudado em torno de meu estoma, com a outra extremidade da mangueira de um metro enfiada no vaso sanitário, conduzindo higienicamente a água com cocô para onde ela devia ir.

A imagem explícita de fezes e comida não digerida saindo de meu abdome por meio da mangueira transparente estava fazendo com que eu me sentisse mal, e o fedor tomou conta do meu nariz extremamente sensível. A náusea que estava sentindo a tarde toda após a sessão de quimioterapia no início da semana ultrapassou o limite violentamente, fazendo com que minha boca formigasse e ficasse cheia de saliva. No momento seguinte, vomitei um jato, errando o vaso sanitário e sujando todo o chão de ladrilhos. Enquanto vomitava, a mangueira de meu estoma saiu do vaso e liberou seu conteúdo imundo no chão, acrescentando pedaços moles de fezes ao vômito espalhado aos meus pés.

O fedor e a visão de vômito e cocô no chão me fizeram vomitar ainda mais intensamente e a violência do ato fez com

que eu ficasse de quatro. Quando finalmente parei, me ergui e sentei sobre os tornozelos, paralisado de vergonha e nojo. Estava ajoelhado em merda, coberto de vômito e me sentindo completamente impotente e nojento. Aquilo era o fundo do poço.

Ouvi uma batida na porta e Byron perguntou baixinho:

— Ei, Ben, tudo certo aí dentro?

Ele empurrou a porta, parando ali com Denali ao seu lado, os dois olhando preocupados para a imagem chocante e a expressão deprimida em meu rosto.

Cara, você está horrível. E, nossa, você está com um cheiro horrível. Como posso ajudar?! Você precisa de um abraço? Não tenho medo de um pouco de cocô.

Byron pareceu não se importar com o banheiro imundo, olhando para mim apenas com compaixão enquanto começava a se movimentar, pegando produtos de limpeza e esfregando o chão até que todas as provas de meu acidente de merda tivessem sido apagadas.

— Queria um abraço... mas preciso mesmo é de um banho — disse eu. — Sério, cara, nem sei como agradecer.

A decisão de aceitar os desafios de viver com minha colostomia literalmente salvou minha vida, pois a cirurgia impediu o retorno de meu tumor. Essa decisão e a adoção de Denali foram as mais importantes da minha vida. Amigos com menos noção faziam piadas sobre como a bolsa ia impedir que eu ficasse com mulheres, mas eu tentava não deixar que a falta de sensibilidade me desestimulasse. Tinha meus momentos ruins e acidentes com vazamentos quando escalava, mas após alguns meses aceitei a condição e jurei que nunca mais deixaria que a utilização daquela bolsa me

detivesse. Não me impediria de ter intimidade com alguém, de escalar, de surfar ou qualquer outra coisa que eu sonhasse fazer. Ouvi inúmeras histórias de outras pessoas com colostomia que evitam encontros, momentos íntimos e atividades que mais amam. Espero que, ao contar sobre a minha experiência, eu possa acabar com o estigma para aqueles que ainda têm medo de viver a vida como viviam antes da bolsa.

Em uma viagem que fiz para surfar no México durante o intervalo de minhas doses pesadas de quimioterapia, tive problemas para manter a bolsa grudada ao meu abdome na passagem das ondas. Depois de duas horas de surfe, a água salgada soltou os adesivos e todo o kit caiu. Enfieei o dispositivo inútil no bolso de minha bermuda e fui para a praia, percebendo que meus outros produtos de ostomia estavam a uma hora de distância na *palapa* em que estava ficando. *Ah, merda, pensei. Como vou manter as coisas sob controle na viagem de volta? Espero que eu não me cague no carro.*

Meu estoma é uma protuberância que fica a cerca de três centímetros de meu abdome, e os tecidos expostos são literalmente membranas mucosas do interior do meu cólon, então são vermelhos e brilhantes. Enquanto andava pela praia com a ponta de meu cólon pendurada acima da minha bermuda, um pescador local se aproximou, olhou para mim e disse:

— *Hola, buen día.*

Então olhou para minha barriga.

Sua atitude mudou para preocupação e ele começou a surtar, a gritar e a apontar para meu abdome, certo de que eu tinha sido empalado. Gesticulando desesperadamente, ele não parava de perguntar se eu estava bem. Eu tentei dispensá-lo, apontando para meu estoma e dizendo “câncer”, o que apenas fez com que seus olhos se arregalassem mais. Ainda me pergunto o que ele pensou do gringo branquelo com o que pareciam ser as tripas penduradas.

De volta ao carro alugado, pedi a meus amigos que me levassem à farmácia mais próxima para comprar esparadrapo, gaze e sacos Ziploc para, com os suprimentos médicos, produzir uma bolsa improvisada de colonoscopia, torcendo para que o *taco* que tinha almoçado não fosse digerido antes de chegarmos novamente em casa. Quando o cheiro ruim começou a vazar pelas frestas do esparadrapo por causa do trabalho feito apressadamente, meus amigos baixaram as janelas e fingiram não perceber.

Ganhei confiança de que podia lidar com as mudanças físicas em meu corpo no verão depois que terminei a quimioterapia. O ajuste emocional havia sido brutal, mas eu estava ansioso para superar esse estigma de meu problema e voltar totalmente ao meu estilo de vida ativo. Katie estava no Vale de Yosemite e me convidou para ir com ela escalar a rota The Nose, em El Capitan. Passar alguns dias na parede parecia um ótimo jeito de deixar para trás muito do que eu havia encarado no ano anterior.

Cheguei ao parque à meia-noite e parei em uma campina para fazer algumas fotos do El Capitan refletindo gloriosamente à luz da lua cheia. Tinha acabado de comer uma lata de ostras defumadas e derramei o óleo fedorento nas mãos, então pulava com qualquer barulho enquanto esperava o fim das longas exposições, certo de que cada ruído era um urso. Quando cheguei lá, percebi que o acampamento já havia excedido o número máximo de escaladores acampados no local que estávamos dividindo, por isso acampeei na traseira do pequeno Ford Focus de Katie. Em alguns locais de acampamento de Yosemite é proibido dormir em carros, especialmente no histórico Acampamento 4, no qual guardas-florestais patrulham com regularidade e usam câmeras com visão térmica para procurar infratores. Enquanto espiava lá fora pela cortina que ela havia colocado para encobrir a vista do pequeno espaço para dormir improvisado por ela, guardas tranquilos passaram por lá, sem sequer considerar o carrinho

hatch de duas portas como um lugar no qual deviam procurar andarilhos dormindo.

Ainda não sabia naquele momento dos baixos níveis de testosterona causados por meu tratamento de rádio ou quimioterapia... ou os dois. Esse suprimento de hormônio masculino abaixo do adequado resultava em um estado de fraqueza e falta de motivação. As poucas reservas de energia que restavam simplesmente não davam conta do recado e, no fim de nosso primeiro dia na parede, eu estava completamente esgotado de escalar e carregar *haul bags* (mochilas de reboque para escaladas) de cinquenta quilos com toda nossa comida e equipamento de camping. Depois de um jantar com comida enlatada fria, acampamos na parede. Katie ficou com o beliche de cima, prendendo sua *portaledge* de dormir em chapeletas na parede, suspensa cerca de 1,5 metro acima da saliência estreita de granito na qual eu dormiria naquela noite. Nós usamos nossos arneses enquanto dormimos. Eu me assegurei de estar amarrado bem perto da parede, para não rolar para fora do equipamento que tinha um metro de largura. Foi difícil dormir, pois a rede tinha uma inclinação antes de mergulhar 150 metros até o fundo do vale. Começava a rolar para fora da rede, parava quando meu arnês me segurava de repente e acordava diante da vista do abismo vazio abaixo.

Fui acordado às 2h da madrugada pela sensação desconfortável de azia em meu estômago e pela minha bolsa de colostomia cheia a ponto de quase explodir. *Ah, por favor, agora não!*, pensei, sentando-me em meu saco de dormir com cuidado para não rolar por cima do reservatório cheio de cocô que se projetava de meu abdome. Se o conteúdo da bolsa de colostomia explodisse, meu saco de dormir e minha única muda de roupa ficariam insuportáveis.

Enquanto trocava a bolsa de fezes cheia à luz de uma lanterna de cabeça, torci para que o cheiro horrível não acordasse Katie, que estava dormindo a apenas alguns

centímetros de distância. Usar uma cadeirinha complicava o processo e meu estômago não dava sinais de se acalmar. Tinha perdido dois dias de minha “lavagem” e minha digestão tinha ficado completamente desordenada. Depois que terminei, estava emocionalmente arrasado, mas pasmo com a beleza do céu noturno límpido. Fiquei ali sentado por uma hora, perdido na magia da Via Láctea e do luar refletido em Middle Cathedral, a grande formação rochosa do outro lado da campina. Apesar de meus problemas, da culpa por sobreviver e do transtorno de estresse pós-traumático da experiência do câncer, ficar ali sentado em meio à majestade daquelas paredes de granito me deixou grato por estar vivo.

Com o passar do tempo, fiquei mais confortável em lidar com a inconveniência e a rotina diária de minha colostomia. No outono de 2006, fui contratado para uma sessão de fotos de seis dias no Parque Nacional Joshua Tree, na Califórnia, para uma nova marca de roupas de aventura chamada Nau. Minha querida amiga Eugénie, diretora de arte da Nau, contratou nossos amigos criativos como equipe para irem junto e posarem para as fotos. Nós nos divertimos muito acampados em meio às cúpulas de granito em que Denali e eu tínhamos passado tantas de nossas primeiras experiências juntos. Durante os dias seguintes, comi barras de cereal demais, muita granola com frutas secas, e essa combinação provocou o caos em meu sistema digestivo. Peidava constantemente e, apesar de o cheiro passar pelos filtros de carvão nas bolsas de colostomia, a estranheza de minha ostomia interrompia os momentos mais pacíficos. Isso acontecia frequentemente quando eu me inclinava para perto de um modelo, compondo uma imagem de fundo com a serenidade de uma cúpula de granito e a vista das árvores de Josué ao pôr do sol.

— Ah, fique quieto! — exclamava eu, tentando superar minha vergonha.

— Earrrrrrrrrrrrrl, por que você precisa ser tão

barulhento? — brincou Eugénie.

— Earl.^[8] Parece apropriado para sua natureza inapropriada... Esse vai ser seu nome de agora em diante — disse eu, rindo alto. E, assim, meu ânus frontal gremlin que peidava pela barriga encontrou seu nome.

Alguns anos mais tarde, estava nos bastidores de um show de Michael Franti & Spearhead. Um membro da banda tinha convidado minha namorada na época e a irmã dela para ficarem lá. Minha cabeça estava em outro lugar enquanto as conversas não conseguiam ir além de assuntos fúteis e superficiais. Entediado, procurava uma desculpa para ir embora cedo e cocei a barriga, levantando involuntariamente a camisa ao fazer isso. O baixista viu minha bolsa de colostomia exposta e disse:

— Cara, o que aconteceu com sua barriga? Você está bem?

Contei rapidamente que tinha sobrevivido a um câncer de cólon e aquilo era apenas minha bolsa de colostomia. O estado de ânimo mudou drasticamente quando as coisas de repente ficaram reais. As conversas que se seguiram tinham muito mais substância. Desde então, frequentemente me vi expondo subconscientemente minha bolsa, usando meu problema como forma de conexão.

Os desastres envolvendo Earl tornaram-se muito menos frequentes, mas ainda tinha minha cota de momentos embaraçosos. Resolvi me encontrar com minha namorada e sua irmã para vermos alguns amigos tocarem no Sasquatch! Music Festival, uma viagem de carro de quatro horas e meia saindo de Portland. Nós nos preparamos para acampar e passar a noite lá, mas acabamos discutindo o dia inteiro, por isso decidimos ir embora cedo, dirigindo até tarde da noite sem jantar.

Quanto mais famintos ficávamos, mais bobas se tornavam as discussões até que, por desespero, paramos em um Burger King, o único estabelecimento funcionando às 3h da madrugada. Era minha primeira vez comendo fast-food em

uma década, então pensei: *Droga, não pode ser tão ruim.*

Estava muito enganado.

Naquela noite, as discussões continuaram quando chegamos a Portland e minha namorada tomou um comprimido de zolpidem.

— Ei. Não é justo, vou tomar um também. Na verdade, só quero metade — disse eu, resignado com o fato de que só precisava terminar o dia, deixando para trás todas as pequenas discussões e começando o dia renovado na manhã seguinte.

O sol me acordou e, enquanto eu me esforçava para abrir as pálpebras drogadas, percebi algo estranho em torno de Earl, como se ele estivesse pressurizado. Grogue demais para entender o que estava acontecendo, rolei de barriga para baixo e enterrei o rosto no travesseiro em uma tentativa inútil de prolongar meu sono. Tive uma sensação de alívio na pressão em torno de meu estoma e então um cheiro horrível me deixou totalmente acordado.

— Ah, não! — gemi, acordando minha parceira.

— Que nojo! Que cheiro é esse?! — exclamou ela.

— Acho que sujei a cama de cocô. Nunca mais como no Burger King. E também nunca mais tomo zolpidem. — Eu me levantei, tirei os lençóis sujos de cocô e corri para o chuveiro.

Lição aprendida, pensei. Alimentei você de merda e você me fez cagar na cama. Earl, você sem dúvida sabe como manter a vida interessante.

Viver com uma bolsa de colostomia me ensinou muito ao longo dos anos sobre consciência, paciência e, o mais importante, como simplesmente desacelerar. Nunca me senti rejeitado por um amigo ou por uma mulher por quem estivesse interessado quando contava sobre a bolsa. Na maioria das vezes, sentia como se isso ajudasse a afastar os fingimentos e levasse as coisas para um espaço autêntico.

Earl me ajudou a ter mais consciência sobre o que coloco em meu corpo, especialmente quando o assunto é hidratação.

Para irrigar e limpar meu sistema para o dia, preciso estar totalmente hidratado, ou então meu intestino teimosamente se recusará a fazer qualquer coisa. Se estou desidratado, meu cólon simplesmente absorve a água em vez de ser estimulado a se mexer.

Se decido ignorar minha saciedade durante uma refeição e pego uma segunda porção ou sobremesa, meu sistema invalida a irrigação diária, deixando meu estômago e meu estoma em espasmos enquanto meu intestino tenta expulsar cocô pelo buraco do tamanho de um mindinho.

A ameaça desse desconforto me ajuda a resistir a impulsos que não são saudáveis. Álcool demais, fico desidratado. Alimentos processados ou açúcar demais, fico cheio de gases. Como consequência, eu me tornei mais consciente de como os alimentos afetam meu ânimo e níveis de energia. Preciso de proteína, especialmente ovos no início da manhã. Preciso de um fluxo constante de petiscos saudáveis, mas prefiro não fazer grandes refeições.

Também me tornei mais consciente de minha imagem corporal, tanto de como vejo a mim mesmo quanto de como os outros me percebem. Se estou estressado, a tensão inibe as coisas de se moverem durante uma lavagem. Quando estou acampando, perceber uma fila se formar em frente à latrina que estou usando para a irrigação me deixa tenso, desacelerando o processo e frustrando ainda mais aqueles que estão à espera. Aprendi a me desprender das opiniões dos outros e de meu próprio estresse ao perceber que não posso forçar meu corpo a fazer nada mais rápido do que ele quer.

Com a bolsa vem a humildade, pois sou forçado a aceitar minhas limitações. Meu corpo mudou permanentemente e estou sempre correndo o risco de desenvolver uma hérnia. Sinto dificuldade em climas tropicais, em picos de surfe, quando estou usando bermuda ou então nos momentos íntimos. A vulnerabilidade vai do visível para o audível quando peido incontrolavelmente durante uma aula de ioga

ou meditação. Ou quando estendo o braço para apertar a mão de alguém em uma reunião de negócios importante. Ou enquanto filmo um músico no estúdio de gravação durante o take perfeito do vocal.

Earl me ajudou a desacelerar. Os vinte ou trinta minutos de que preciso para a irrigação agora são meu momento de silêncio, uma rotina que passei a apreciar. Como leva mais meia hora para acalmar meu estômago depois de uma lavagem, isso significa que, em sessões de foto ou filmagem, preciso acordar uma hora mais cedo do que a equipe. Isso pode significar programar um despertador para às 3h ou 4h da manhã. Outras vezes, preciso ficar acordado até tarde enquanto todas as outras pessoas estão dormindo tranquilamente.

Já fiz a lavagem coberto de mosquitos vorazes em uma ilha no lago Superior, sentado em um tronco na floresta Mexicana – onde também era presa fácil para insetos alados famintos –, dentro de uma latrina congelante depois de um longo dia de escalada e em um banheiro químico quente e fedorento enquanto fritava sob o sol do meio-dia.

Acidentes ainda acontecem quando sou descuidado, me lembrando de estar presente e consciente de minhas ações. Nada o deixa mais humilde do que ter que limpar o próprio cocô do chão da casa de um amigo e ter que lavar a roupa depois de sujá-la de bosta.

Alguns anos atrás, perdi outro amigo para o câncer de cólon e sabia que precisava ser mais aberto em relação a minha própria batalha. Com apreensão, resolvi publicar uma foto minha sem camisa com minha bolsa de colostomia totalmente visível. Foi a primeira vez que compartilhei publicamente uma imagem com a bolsa exposta e a estava mostrando para mais de 100 mil pessoas. Escrevi esta legenda e, com os dedos tremendo, apertei publicar:

Tenho uma colostomia desde 2004 depois de ser

diagnosticado, aos 29 anos, com câncer colorretal, mas levei treze anos para finalmente compartilhar, pela primeira vez, uma imagem minha por inteiro, com a bolsa de colostomia totalmente visível.

É engraçado como o ego, a autoimagem e o medo podem criar um obstáculo tão grande entre mim e a cirurgia que literalmente salvou minha vida. Minhas enfermeiras de ostomia me deixaram escolher o lugar, então fiz com que os médicos a posicionassem abaixo de onde passa o cinto de minha cadeirinha para evitar problemas. Como meu estoma fica abaixo da linha do cinto, frequentemente podia esconder que usava “uma bolsa”.

A quimioterapia e a radioterapia foram brutais, mas se ajustar a ter um “ânus na frente” foi um desafio emocional enorme... não suportei por meses me olhar nu no espelho, e controlar minha digestão foi um processo longo e doloroso.

Felizmente, alguém me apresentou à técnica de irrigação diária – essencialmente uma lavagem – para ter o controle de tudo e, na maioria dos dias, uso uma pequena tampa de estoma em vez de uma bolsa grande, fazendo com que frequentemente eu me esqueça disso.

Aprenda sobre os sintomas de câncer colorretal e faça uma colonoscopia se desconfiar de alguma coisa – eu não estaria aqui hoje se minha enfermeira não tivesse recomendado que eu fizesse uma. Perdi dois amigos com menos de 35 anos para a doença este ano e tenho outros camaradas mais jovens que ainda estão lutando contra essa doença traiçoeira. A idade é irrelevante para o câncer de cólon, não deixe que a informação de que “é uma doença para as pessoas de mais de sessenta anos” o acalme em um falso conforto como quase aconteceu comigo.

Uso produtos de ostomia de uma pequena empresa chamada Cymed há catorze anos. Criados por um nadador, são os únicos produtos para ostomia que permanecem

seguros quando surfo, nado, escalo ou pratico ioga. Se você tem uma ostomia, procure seus produtos. Eles melhoraram drasticamente minha qualidade de vida. Se você tem uma colostomia, não deixe de se informar sobre irrigação. É desafiador, no começo, mas algo realmente capaz de virar o jogo.



ben_moon • I have lived with a colostomy since 2004, but this is the first time I've ever shared an image that actually showed my colostomy bag. I feel that raising awareness about #coloncancer and living with a #colostomy is important so I decided to share it now.

It's funny how ego, self image, and fear can create an obstacle from a surgical procedure that quite literally saved my life. The chemo and radiation treatments after my #colorectalcancer diagnosis were brutal, but adjusting to having a "front butt" was a daunting emotional challenge... I couldn't bear to see myself naked in the mirror for months, and dialing in my digestion and



22,786 likes

MARCH 21, 2018

Meus medos não tinham fundamento. Esse post foi de longe o que teve mais engajamento de todas as minhas publicações, recebendo 23 mil curtidas e mais de 1,6 mil comentários. Recebi várias mensagens durante as semanas seguintes, de pessoas contando que elas ou pessoas amadas tinham sintomas e que minha publicação os havia ajudado a tomar coragem para procurar o médico. Alguns amigos também foram examinados e suas colonoscopias relevaram pólipos pré-cancerígenos, cuja remoção muito provavelmente salvou suas vidas. Esse resultado incrível me convenceu de

que compartilhar minha história naquelas páginas era mais importante que meu desejo de me manter reservado em relação a minha vida.

Uma colostomia é uma bosta de fardo com o qual se vive, mas eu não mudaria nada. Se Earl está feliz, estou feliz. Se ele está mal-humorado, cuidado.

A VOLTA À VIDA

— Seu câncer está em remissão.

Essas palavras pareceram milagrosas quando as ouvi pela primeira vez, mas tal como chegar ao topo de um cume, a batalha está resolvida apenas pela metade. Você precisa descer a montanha em segurança antes de poder voltar para sua vida “normal”. Percebi rapidamente que o novo normal não tinha qualquer semelhança com minhas perspectivas e prioridades egoístas anteriores ao câncer.

Produtos químicos tóxicos permaneceram em minha corrente sanguínea e em meus tecidos por anos, criando alterações adolescentes de ânimo e fazendo com que meu suor fedesse a produtos químicos e metais pesados. A rádio e a quimioterapia reduziram minha produção de testosterona, causando cansaço, depressão e fraqueza muscular.

Quando meus amigos souberam da boa notícia da remissão, cessou o fluxo constante de amor e apoio que eles demonstraram por mim durante o tratamento. Eles com certeza nunca tiveram a intenção de me magoar, mas sou um homem sensível, e a sensação repentina de abandono fez com que eu mergulhasse em uma escuridão densa e desorientadora. A luta de uma pessoa contra o câncer não termina no momento em que as células normais do corpo assumem o controle. As cicatrizes levam anos para se curar.

Durante o auge da batalha e da confusão do diagnóstico até o tratamento debilitante feito em seguida, a vida é vivida em

um estado único do presente. Eu me sentia totalmente envolvido em cada momento porque não tinha a opção de fazer outra coisa. Não era possível fazer nenhum plano de longo prazo, então a única escolha era suportar o que cada hora podia trazer, frequentemente esperando que um médico ligasse com o último prognóstico ou um novo protocolo de tratamento.

De muitas maneiras, lidar com o câncer é como receber o presente que nos permite ver o mundo da maneira como um cachorro vê. Denali nunca pareceu viver no futuro nem no passado. Em vez disso, ele sempre reagia às alegrias, às lutas e aos estímulos que habitam o aqui e o agora. Quando a vida entrava em fases de tempestade e turbilhão, Denali frequentemente dava um grande suspiro, liberando qualquer peso enquanto relaxava no momento presente.

No dia 13 de abril, uma semana antes de meu aniversário de trinta anos, o último coquetel tóxico da quimioterapia foi administrado em minha corrente sanguínea. Meu corpo estava bagunçado e sobrecarregado de produtos químicos, mas o alívio emocional que senti superou qualquer desconforto físico. Nunca mais ficaria sentado sendo submetido a venenos bombeados em minhas veias. Meu objetivo agora era expulsar toda a toxicidade restante e recuperar minha força e forma física.

— Denali! Vamos lááá, amigo. Muito obrigado por ficar do meu lado durante tudo isso.

Ele lambeu minha bochecha e ficamos sentados em silêncio. Eu me inclinei para frente e ele fez o mesmo até que nossas testas se tocaram. Sustentamos ali o peso um do outro por muito, muito tempo, trocando amor e gratidão. Eu estava incrivelmente agradecido por esse cachorro. Meu amigo. E por estar vivo para compartilhar com ele mais tempo e aventuras ao ar livre.

Uma semana depois, acordei no primeiro dia de meus trinta anos. Senti uma mudança monumental, como se

estivesse começando uma vida nova. A perspectiva de não precisar mais estar naquela poltrona de couro na sala de infusão me aliviava. Nunca mais inalaria aqueles cheiros químicos de detergentes antissépticos com fragrância clínica horrível.

Para mim, aniversários são um assunto pessoal. Ninguém mais deve ser responsável por tornar esse dia especial. Depende de você fazer isso. Queria me tratar bem como nunca havia sido tratado antes em meu aniversário. Acordei antes do amanhecer e dei um grande abraço em Denali. Minha primeira parada foi para praticar ioga em meu estúdio favorito no centro de Bend, celebrando depois com uma refeição sozinho em meu lugar preferido de café da manhã e, em seguida, recebi uma massagem profunda.

Animado depois de uma manhã agradável conduzida em meu próprio ritmo, levei Denali para me encontrar com um bom amigo, e caminhamos até o outro lado de Smith Rock; nosso objetivo era escalar uma via popular de muitas enfiadas que subia a formação Monkey Face.

Monkey Face é uma linha de 120 metros que é a peça central do Parque Estadual Smith Rock. Quando vista pelo lado sul, o alto da via parece a cara de um macaco, com boca, nariz e olhos. A vista do topo é de tirar o fôlego – uma bela linha da gigante Cascades de norte a sul que inclui o monte Hood, o monte Jefferson, o Three Fingered Jack, o monte Washington, o North Sister, o Middle Sister, o South Sister, o Broken Top e o monte Bachelor.

Chegamos ao alto de nossa escalada no pôr do sol e ficamos ali sentados um bom tempo. Refleti sobre o que significava para mim fazer trinta anos e ter uma nova chance. Senti que existiam muitas possibilidades à frente e fiquei inebriado com a sensação de viver.

— Chega de tratamentos! — exclamei, quase com medo de dizer isso em voz alta.

Existia um rapel alto no qual se ficava pendurado sem

apoiar os pés, sessenta metros expostos até o chão. Enquanto descia e a corda deslizava suavemente por meu dispositivo de ancoragem, os raios amarelos da última luz do sol se projetavam por meio do entalhe em que o Monkey se conectava com a parede principal. A luz suave pareceu um símbolo de conclusão para o capítulo que eu estava deixando para trás.

Denali estava ali para me receber na base. Eu o abracei muito apertado.

— Nós vamos passar por isso, amigo.

Vamos. Vamos sim. Nunca mais me deixe, está bem?!

Chega de sustos.

A lua cheia estava iluminando as paredes vulcânicas enquanto passávamos pelo Asterisk Pass, um atalho improvisado que levava até a parte da frente, a área mais popular de escalada do parque. Enquanto caminhávamos ao longo da base da parede, vi que o Chain Reaction, minha escalada favorita na área, estava com uma iluminação teatral.

Perguntei a meu parceiro de escalada:

— Você poderia fazer a minha segurança no Chain? Acho que tem luz suficiente para escalar... Foi um dia incrível e seria perfeito terminá-lo conseguindo fazer essa via limpa só com a luz do luar.

Eu me encordei e escalei hesitantemente os cinco metros até a primeira chapeleta. Sentindo mais confiança, deixei que a memória muscular e a intuição assumissem o controle, posicionando cuidadosamente os pés sob a luz suave da lua. Quando cheguei à ancoragem, estava eufórico. Eu me sentei, me segurei na corda, respirei fundo e absorvi o amor que sentia vindo da lua, do dia, da vida, de simplesmente tudo. *Eu*

vou passar por isso. Eu me recuso a apenas sobreviver. Agora devo viver minha vida por inteiro.

Deixei o pior para trás e celebrei meu retorno à vida escalando em todas as oportunidades que tinha. Denali estava em êxtase por estar de volta à velha rotina, vivendo a vida em nossos termos em vez de seguir um horário de quimioterapia. Celebrei com minha comunidade local de escaladores, rindo e compartilhando ancoragens enquanto nos revezávamos para escalar algumas de minhas vias favoritas. Fiquei com um pouco de medo quando as celebrações se acalmaram. A perspectiva de existir um futuro além de apenas o próximo dia ou a próxima semana era avassaladora. Estava vivendo um dia de cada vez havia quase um ano. *Será que posso ousar fazer planos?*, eu me preocupava. *E se o tumor voltar? E se nenhuma mulher me amar agora que estou “bem”? Todas vão se afastar por causa de minha bolsa de cocô? Estou com medo demais para conseguir lidar com uma parceira, ou aborto demais em mim mesmo depois de um ano concentrado apenas em minha batalha?*

Cara, para de se preocupar tanto! Você tem a mim. Vamos fazer uma viagem. Vamos resolver isso.

Denali sempre sabia quais eram suas prioridades.

Pela mesma cicatriz em que havia sido inserida seis meses antes, o dr. Azin removeu o dispositivo em que era aplicada minha medicação duas semanas depois de minha última sessão de quimioterapia. A região estava tão cheia de marcas que foi necessário um cabo de guerra entre o dr. Azin e o

tecido cicatrizado. Com anestesia local, eu sentia apenas a tensão enquanto ele extraía o dispositivo, e o som do tecido se rasgando foi desconcertante. Era como se meu corpo não quisesse abrir mão daquele último lembrete físico da doença e do tratamento que haviam se tornado minha identidade pelo ano anterior.

À medida que fui me sentindo melhor, reconheci que estava bem também para voltar a agendar trabalhos fotográficos. Emocionalmente, ainda não tinha me recuperado completamente. Por mais de um ano não havia considerado fazer planos de longo prazo e era intimidante lidar com a rotina diária da vida e com os desafios contínuos de encontrar trabalhos de fotografia como freelancer.

Vida após o câncer: todo mundo acha que deve ficar alegre e que isso deve ser um motivo para celebrar... e até é. Mas ninguém tem como saber o inferno pelo qual você acabou de passar. Não voltei da guerra nem saí da prisão, mas imagino que nesses cenários existam algumas semelhanças com o mundo assustador e amedrontador que espera por você após uma batalha prolongada contra o câncer. Você se depara, de repente, com possibilidades de escolha aparentemente ilimitadas depois de um ano confinado e sob a segurança de um horário controlado. A quantidade de escolhas pode ser aterrorizante em um mundo no qual ninguém verdadeiramente entende aquilo pelo que você passou.

— Supere, você sobreviveu, agora está aqui. Você deveria parar de falar tanto sobre o câncer.

As palavras machucaram, especialmente considerando que vieram de minha nova namorada. Eu me senti confuso e incompreendido, arrasado por sua falta de sensibilidade.

Como poderia explicar a ela que estava mudado para sempre e que, por mais que quisesse, nunca poderia voltar ao que era? Apesar dos horrores do câncer, reconhecia que praticamente não desejava retornar para os anos anteriores ao diagnóstico. Durante esse período de provação, tinha

involuntariamente chegado a compreensões preciosas demais para serem deixadas para trás.

Conheci uma enfermeira de oncologia em um projeto cinematográfico recente que documentava a jornada de sobreviventes e pacientes de câncer, e ela estava em suas últimas sessões de quimioterapia para câncer colorretal. Ela contou que, durante sua batalha contra o câncer, às vezes sentia que estava com um selo de C e era incompreendida. Eu me identifiquei com isso. Parecia que as pessoas não sabiam como lidar comigo assim que entendiam que eu tinha câncer. Existiam os olhares de pena, os olhares desviados e os comentários estranhos. Meus amigos sentiam dó de mim e mesmo assim frequentemente não sabiam como agir quando estavam por perto ou mesmo se relacionar comigo. Sabia que eles não conseguiam evitar sentir que minha doença era uma sentença de morte.

Alguns até faziam comentários mais insensíveis, mas eu estava lutando pela minha vida e era um desperdício precioso de energia permitir que a falta de cuidado em relação a meus sentimentos me incomodasse.

Era tratado como um fantasma por alguns e observava que evitavam interagir comigo. Não ficava ofendido, mas sim consciente de que meu diagnóstico os colocava possivelmente pela primeira vez cara a cara com a própria mortalidade. O câncer foi como um destilador supremo de amizades, e aqueles que resistiram ao processo de refino ficaram ao meu lado durante tudo, estendendo a mão nos momentos ruins, me levando comida caseira e até mesmo ficando comigo na sala de infusão durante o tratamento de quimioterapia.

O sentimento era semelhante ao que senti depois do divórcio, especialmente após crescer com o estigma de que isso de algum modo significava fracasso ou falta de esforço. A marca do D de divórcio parecia especialmente vergonhosa entre aqueles que frequentavam reuniões bíblicas comigo. Quando finalmente entrei com a ação de separação e limpei

todos os detalhes da vida anterior que haviam me acompanhado, senti uma culpa enorme por terminar o casamento, mesmo após Melanie ter ido embora e deixado claro que preferia não ter contato comigo.

Denali foi o único confidente constante e de confiança durante tudo. Ele não olhava para mim com pena ou simplesmente me mandava “superar isso”. Em vez disso, Denali agia, me firmava e me ajudava a levantar e a me mexer quando tudo o que eu queria fazer era nunca mais falar com ninguém.

Ainda usava Zoloft para a depressão durante meu tratamento de quimioterapia, mas estava tomando tantos comprimidos entre as visitas aos médicos e passadas no hospital e na sala de infusão que sempre esquecia de tomar o antidepressivo. Meu suprimento estava quase acabando e me sentia tão cheio de produtos químicos que resolvi parar com ele bruscamente. Achei que a mudança não me incomodaria, mas foi uma loucura. Por quatro anos, meus níveis de serotonina tinham sido manipulados artificialmente e agora meu cérebro se esforçava para recuperar o equilíbrio. Acrescente a isso os residuais de metais pesados da quimioterapia e o fato de que eu havia passado os últimos quatro anos amortecido em minha capacidade emocional, mas agora, sem o Zoloft para equilibrar meus sentimentos, sentia cada emoção como uma terminação nervosa exposta. Eu me sentia como um adolescente outra vez.

Feliz. Triste. Muito feliz. Feliz. Muito triste. Estava em uma montanha-russa.

Mas superei isso e, desde então, nunca mais tomei antidepressivos.

Desde aquele momento passei a entender bem como o

transtorno afetivo sazonal me influencia. Preciso de viagens aos trópicos e luz do sol durante as semanas mais escuras do inverno. Se não posso viajar, uso todas as ferramentas possíveis para deixar esses meses mais luminosos. Muito surfe e, se não há ondas, nado na piscina local. Quando está escuro de manhã, uso luminoterapia para me ajudar a acordar e permanecer energizado. Nebulizei flores de *cannabis* com alto teor de canabidiol e até usei doses imperceptíveis de substâncias psicodélicas por seus efeitos antidepressivos e ansiolíticos.

Agora também reconheço como o turbilhão de transtornos de estresse e ansiedade pode ser tóxico e distanciador. Um de meus especialistas cirúrgicos não concordou quando contei a ele sobre a minha teoria de que o tumor maligno em meu reto tinha sido causado por estresse e pela internalização da dor que sentia em meio aos sentimentos de traição e fracasso. Na época de meu divórcio, estava com apenas 25 anos e não tinha o apoio de uma verdadeira comunidade e amigos. Não tinha válvula de escape ou um lugar para liberar esses sentimentos em segurança.

Desde então procurei eliminar relações negativas de minha vida e tenho pouca paciência com pessoas que me arrastam continuamente para baixo. Caminho em direção às pessoas que vivem com gratidão e positividade e evito pessoas deprimentes e narcisistas como se fossem uma praga. Essa atitude não tem como objetivo apenas tornar a vida mais agradável, mas faço também pela minha saúde, sobrevivência e existência. Se apegue ao positivo e se desprenda do negativo. Sua vida depende disso.

O câncer também mudou minhas perspectivas em relação às conquistas e aos grandes momentos que giram em torno delas. O desejo do início de minha carreira era fotografar atletas no auge de seu desenvolvimento, subindo a rota de escalada mais difícil ou surfando a onda mais arriscada. O fascínio com o talento atlético se transformou em uma

curiosidade insaciável pelas emoções humanas e todas as suas manifestações. Passei a buscar relacionamentos mais significativos e descobrir histórias mais profundas para documentar, observando e aprendendo sobre conexões e emoções humanas.

Isso resultou em uma mudança drástica em meu trabalho quando comparamos o antes e o depois do câncer. contei sobre essa constatação para famílias, pacientes e sobreviventes do câncer em uma palestra que fiz no hospital que frequentei. Perguntei aos presentes se viam uma mudança em meu trabalho antes e depois do câncer. Todos concordaram que existia uma mudança palpável, indo em direção à sensibilidade e à consciência mais profunda daqueles que fotografava.

Sobreviver ao câncer também me fez perceber como somos interconectados e reconhecer a importância da verdadeira amizade. Depois de passar por aquela batalha, mudei meu foco para relacionamentos e para viver aventuras com as pessoas de quem gosto. Em meus próprios esforços atléticos, ainda contemplo o risco. Tenho consciência de que, para me sentir realmente vivo, tenho que me forçar a sair da zona de conforto, comprometendo-me a dropar uma parede ondulada aparentemente impossível ou encontrar o estado de *flow* enquanto subo com cuidado a zona de queda da escalada.

Essa busca para entender e documentar melhor as emoções humanas me ajudou a superar a timidez e o medo de retratos. Por uma década evitei contato visual com as pessoas em minhas imagens, usando abordagens mais discretas. Minha desculpa era de que a Patagonia preferia imagens naturais, sem poses, então eu trabalhava muito para documentar momentos sem interferir na vibe da cena. Entendo que essa era uma desculpa para reforçar ainda mais a minha timidez. Era aterrorizante fazer retratos porque significava que eu precisava me envolver com outras pessoas.

Nos últimos doze anos, fotografo retratos para uma série

que chamo simplesmente de *Faces*. Voltei a morar em Portland alguns anos após o fim de meu tratamento, revigorado pela energia criativa que encontrei ali, e vivia no canto noroeste da cidade, a poucos passos do parque Forest, de vinte quilômetros quadrados. Toda tarde, a parede branca do prédio ao lado refletia uma luz perfeita em minha cozinha.

Inspirado por uma série de retratos de Mark Seliger feita com luz natural na escada de seu estúdio, comecei a fazer retratos em close de meus amigos e pessoas criativas com as quais eu colaborava. Todos os meus primeiros retratos foram feitos na mesma locação, mas acabei percebendo que podia encontrar a mesma qualidade de luz em quase todos os lugares durante as horas de luz do dia; posteriormente, converti os retratos em imagens em preto e branco para manter a série esteticamente uniforme. O local, a roupa e as cores no retrato são irrelevantes; eles compartilham apenas a essência do indivíduo. O projeto *Faces* permite que eu capture um retrato significativo de qualquer um, em qualquer lugar do mundo, sem a necessidade de planejamento, preparativos e objetos cênicos.

Faço desse projeto pessoal algo permanente e descobri que ele é a série fotográfica mais enriquecedora com a qual já trabalhei. Essas fotografias me ofereceram uma maneira de honrar e me conectar com os indivíduos inspiradores que encontrei durante essa jornada. Ver outras pessoas baixarem a guarda e compartilharem suas verdadeiras personalidades comigo em meus retratos permitiu que eu me curasse de meus anos de timidez e do medo intenso de me abrir ou ser vulnerável com a minha própria história.

Sempre que ouvia Denali suspirar, parecia que ele estava liberando totalmente cada partícula de estresse que havia encontrado no dia. Frequentemente peço às pessoas que fotografo para fecharem os olhos e inspirarem profundamente antes de botar tudo para fora em um enorme suspiro. Essa pausa permite que meus modelos se abram e

mostrem suas verdadeiras personalidades, me proporcionando um vislumbre de suas almas, a destilação de sua essência sem falsos sorrisos ou qualquer outra fachada. No suspiro de Denali havia um lembrete para não levar a vida tão a sério, e essa mesma suspensão momentânea de insegurança me ajuda a capturar a verdadeira essência de uma pessoa com a câmera.

No sentido fisiológico, um suspiro é uma simples exalação do ar respirado, mas é muito mais do que isso. É realmente se desprender, entrando em um momento de aceitação mais profunda do presente. Quando cachorros suspiram, eles oferecem um abraço caloroso de contentamento para aqueles que estão perto o bastante para recebê-lo.

CONEXÕES

Karass: um grupo de pessoas conectadas de maneira cosmicamente significativa, mesmo quando as ligações superficiais não são evidentes.

Estamos todos conectados.

Quando Denali e eu viajavamos pelo oeste antes de meu diagnóstico, eu vivia o estilo de vida de um escalador andarilho e fotógrafo de aventuras ao ar livre com um assistente sábio e experiente sempre ao meu lado. Com o dom que Denali tem de conquistar o coração de estranhos, forjamos juntos novas conexões e expandimos nossa comunidade de viajantes e pessoas criativas com ideias parecidas. Muitas dessas conexões resultaram em amigos para toda a vida e colaboradores frequentes em meus empreendimentos criativos.

Durante meu tratamento de câncer, recebi um apoio imenso dessa comunidade, mas como raramente tinha energia para socializar pessoalmente nos dias após as infusões da quimioterapia, Denali foi meu suporte. Ele ficou ao meu lado durante toda a viagem, me sustentando com o apoio constante do qual eu desesperadamente precisava, mas não podia pedir a nenhum outro humano. Ele nunca se cansava de doar: Denali oferecia seu amor livremente, sem

nunca pedir nada em troca.

O que você precisa, Ben? Eu só quero ajudar. Como posso fazer esses sentimentos nojentos pararem?!

Nossa... você acabou de vomitar de novo!

A última vez que vomitei tanto assim foi quando comi aquele sanduíche estragado na van. Ops. Não queria admitir isso.

Ei, e se eu lamber sua mão e me encostar e você... Ficou bom assim? Porque vou chegar ainda mais perto... estou aqui para você e receba mais essa lambida no rosto para garantir que você sabe disso.

Denali era meu amigo mais íntimo, aquele em quem eu me apoiava nos momentos desoladores, quando o vazio desesperador do mal-estar e da náusea parecia grande demais para superar. Mas, quando recebi o sinal verde dos médicos, apontando que meu câncer estava em remissão, precisei reaprender a viver. Precisei reaprender meu lugar nos círculos sociais, me esforçar para recuperar velhos clientes de fotografia e encontrar novos parceiros de escalada. Denali era meu guia, a única constante em minha confusão. Seu entusiasmo por estar ao ar livre me ajudou a recuperar meu vigor e, durante nossas aventuras perto de casa, comecei a fazer fotos das quais gostei. Quanto melhor eu me sentia física e criativamente, mais forte se tornavam minhas imagens e outras amizades.

Denali também exibia dois traços de personalidade que

refletiam de perto meus próprios conflitos interiores. Um era seu lado amoroso e carinhoso, com necessidade de proximidade e conexão, e o outro era um traço de independência indomável que sempre exercia: a necessidade de sair andando e se sentir livre. Supus que a necessidade de passear indefinidamente vinha de suas origens husky e de canídeo selvagem, e suas qualidades leais e carentes do pedigree de pit-bull terrier.

Tinha a tendência de prolongar relacionamentos românticos muito além da data de validade, com uma sensação de lealdade ao tempo que havia investido em minha parceira, mas meus instintos de autopreservação acabavam entrando em ação, me libertando e passando depois por uma jornada solitária de independência de seis meses a um ano antes de sossegar com alguém novamente.

Um ano após o tratamento, estava começando a me sentir mais como eu mesmo e finalmente capturando imagens que achava dignas de tentar vender para a Patagonia. Estava no auge do processo de uma imensa edição de fotos que ofereceria para publicação mesmo tendo passado do prazo e sabia que Denali precisava dar uma boa corrida ou volta de mountain bike. Queria terminar, já que tinha levado a semana inteira para completar o trabalho, então tentei ganhar uma ou duas horas e dei a Denali um osso de couro para mastigar. Sabia que isso acalmaria sua impaciência e o manteria satisfeito por algum tempo. Voltei para meu home office, disposto a terminar a correção de cor nas quase quinhentas imagens que enviava para Jane Sievert a cada três ou quatro meses.

Quando finalmente saí de minha caverna de edição de fotos, percebi que o ambiente estava estranhamente silencioso. Denali ainda não tinha pedido para entrar, mas tinha certeza de que ele estava feliz com seu osso. Nesse momento o telefone tocou e um representante do Newport Avenue Market, um mercado elegante que ficava a alguns

quilômetros no sentido oeste, perguntou:

— Você perdeu um cachorro? Tem um aqui chamado Denali com esse telefone preso na coleira e ele foi encontrado perambulando pelos corredores de comida, latindo e andando com nossos clientes.

Eu tinha ido ao mercado a pé e de bicicleta várias vezes e, em todas elas, Denali parecia chateado quando eu amarrava sua coleira perto da entrada. Fiquei devastado por ele ter atravessado duas ruas movimentadas em seu caminho até aquele Shangri-la de cheiros deliciosos, mas tive que rir quando o imaginei sentado em frente às portas automáticas até que elas se abrissem, e depois suplicando aos clientes para que dividissem com ele os mimos que estavam empilhados em seus carrinhos.

Perguntei no serviço de atendimento ao cliente onde poderia encontrá-lo, eles riram e disseram que ele estava no escritório no segundo andar. Quando abri a porta da sala, vi que ele estava deitado de costas em um estado de total alegria, cercado de funcionários da loja que acariciavam suas orelhas e sua barriga. Ele pareceu perturbado por eu ter aparecido para buscá-lo tão cedo e interrompido sua diversão antes da hora.

Como poderia ficar com raiva dele? Denali tinha sido extremamente paciente durante meu tratamento e recuperação e agora ele estava tão inquieto quanto eu me sentia. Nós dois estávamos prontos para circular livres por aí outra vez.

Denali era um artista habilidoso de fugas, tão adepto a desaparecer em qualquer cenário como eu era de deixar eventos sociais estranhos. Ele costumava desaparecer, fazendo sua habitual saída à francesa no momento em que eu me sentia aliviado por finalmente estar com tudo arrumado para partir para uma viagem.

Seu comportamento errante continuou pelos anos de seu ápice físico, especialmente durante nossos últimos anos em

Bend depois que meu tratamento de câncer tinha acabado. Denali amava aventuras, mas nunca conseguiu se entender com as viagens dentro de um veículo, então sempre que me via colocar as malas em nosso Honda Element, ele se deitava preguiçosamente perto do sol até que eu desse as costas.

Uma dessas ocorrências aconteceu na manhã de uma sessão de fotos para a Ruffwear, uma marca de equipamentos de aventura caninos para a qual eu costumava fotografar. Nesse dia, Denali estava escalado para ser modelo de mochilas e arneses de segurança. Joguei a bolsa da câmera no carro e o fechei, pronto para sair. Então olhei para a cama de Denali e vi que ele tinha escapado em silêncio.

Fiquei aborrecido por ter que ir para a sessão de fotos sem saber onde ele estava, mas como elas seriam ali perto, eu sabia que ele logo apareceria e, assim, pedi a minha vizinha Heather para ficar de olho nele. Como esperado, Heather ligou trinta minutos depois para me contar que Denali tinha voltado e estava em segurança em minha casa. Brinquei com o diretor de criação que o sr. Redford estava agora no trailer de maquiagem se preparando e estaria pronto depois de um cochilo e uma refeição leve.

Notável e bonito mesmo em sua velhice, Denali tinha sido apelidado de Robert Redford e Paul Newman, especialmente durante as sessões de fotos da Ruffwear. Ele apareceu em catálogos da empresa por mais de uma década, ganhando o título de “modelo mais longo” e superando até mesmo o número de aparições dos cachorros do fundador da Ruffwear, Patrick Kruse.

Sonhava com o dia em que poderia prender um GPS à coleira de Denali e poupar horas de procura e preocupação. Estudando seus padrões com o tempo e recebendo dicas de meus vizinhos e amigos, passei a entender os ritmos de suas explorações e aventuras urbanas. Geralmente, ele saía pelo caminho de terra que leva ao rio Deschutes, então se dirigia ao morro, comendo a comida das tigelas de gatos e cachorros

da vizinhança antes de subir ao topo do Awbrey Butte, às vezes terminando na casa da família Sherpa. Isso aconteceu tantas vezes que eu tinha o telefone deles salvo em meu celular.

Certa vez, um dos filhos dos Sherpa ligou para me dizer que Denali estava de novo em sua casa e, como cheguei no escuro, parei para ver a cena exibida nitidamente através da janela.

Denali estava sentado na cozinha abanando o rabo, cercado por adultos que o paparicavam. Eu bati, entrei em silêncio e fiquei ali até que ele me viu.

Denali se jogou no chão, com uma mistura de vergonha e surpresa, percebendo que tinha sido pego em flagrante pela primeira vez.

— Ele é muito fofo! Nós estávamos dando carne para ele comer — disse alguém.

— Não é surpresa que você venha para cá sempre que pode! — exclamei, enquanto voltávamos de bicicleta para casa.

Seu mau comportamento raramente era pernicioso: era mais como um resultado quase subconsciente de seu apetite insaciável de cachorro do norte e instinto de se banquetear, assim como a grande ambição de expandir o nosso círculo de amigos humanos.

De maneira semelhante ao talento que Denali tinha para se envolver em interações que evoluíam para amizades por toda a vida, minha carreira fotográfica e meu estilo de vida tinham sido construídos organicamente por meio de encontros fortuitos e casualidades oportunas, simplesmente ao ser atraído por pessoas com quem compartilhava emoções similares e frequentemente indescritíveis. Essas amizades na comunidade da aventura e da música, depois que sobrevivi ao câncer e à interconexão dessas tribos, se revelam com frequência até hoje.

Quando trabalhava na Metolius, em 2001, um colega de

trabalho e também surfista chamado Ron House me mostrou várias gravações piratas de um diretor de filmes de surfe promissor chamado Jack Johnson. Na época, muito antes de ficar famoso, Jack estava simplesmente fazendo filmes de surfe e compondo músicas enquanto viajava para surfar com os amigos. Durante meus principais anos de estrada, viajando na van com Denali, a trilha sonora de *Thicker than Water*, seu primeiro filme de surfe feito em dezesseis milímetros, dirigido em parceria com Chris Malloy, forneceu inspiração durante as longas horas ao volante e as noites frias de inverno na estrada. Na época, eu não sabia o impacto que a música de Jack Johnson teria em minha vida e em minha carreira depois da batalha contra o câncer.

Jack tocava todo verão no anfiteatro ao ar livre em Bend quando eu ainda estava me recuperando do tratamento. O que chamou minha atenção em alguns de seus primeiros shows foram seus covers de minhas músicas favoritas de Greg Brown, “Sleeper” e “Spring Wind”, que não costumam ser apreciadas por muitos ouvidos. Eu queria cantar junto com todas as minhas forças.

A música significou muito para mim durante o meu processo de cura, tanto na superação do divórcio, que alterou a trajetória da minha vida, quanto do câncer que quase me matou. Além de Denali, a música era a única coisa à qual eu sentia que podia recorrer. Era minha confidente de confiança, um lugar para abrir meus pensamentos mais vulneráveis em um diálogo privado interior. Achava todo o resto exaustivo demais. Música e Denali. Nenhum deles fazia perguntas e os dois estavam presentes para me dar forças e me erguer sempre que eu precisava deles. Simplesmente abraçava Denali ouvindo música e isso fazia com que eu me sentisse inteiro outra vez.

Durante o tratamento intenso de quimioterapia, Sonnie – meu velho companheiro de escalada – se ofereceu para me apresentar a Gerry Lopez, que ele conhecia por ser

embaixador da Patagonia. Gerry é uma figura lendária no mundo do surfe, da época em que dominava Pipeline, uma onda de fundo de coral na Costa Norte de Oahu. Gerry estava morando em Bend, então fomos até a oficina em que ele fazia pranchas de surfe. Estava nervoso por conhecer uma figura tão lendária, mas o jeito calmo de Gerry me deixou imediatamente à vontade. Quando ele estendeu a mão para apertar a minha, Earl soltou um peido alto antes que eu percebesse o que estava acontecendo. Fiquei horrorizado, mas Gerry apenas sorriu e contou:

— Tudo bem, *bro*. Eu tinha uma coisa dessas também. — Ele levantou a camisa para me mostrar a cicatriz em seu abdome. — Caí na minha quilha enquanto surfava anos atrás e perfurei o cólon. Os médicos fizeram uma colostomia em mim por seis meses enquanto tudo se curava.

Algumas semanas depois, Gerry me convidou para surfar a “onda da vala” no dia do show de Jack Johnson. Jack também estava lá. A Vala era uma onda imóvel localizada inesperadamente em um canal de irrigação despretensioso que percorria a paisagem monocromática do deserto. Formada pela pressão das paredes do canal quando combinada com uma queda na elevação, a onda era estacionária e previsível, fornecendo um lugar para surfistas usarem suas pranchas longe do oceano. Era uma cena bizarra: uma fila de cinco a dez surfistas esperando sua vez na onda, o cheiro de zimbro e sálvia se misturando agradavelmente com o aroma nostálgico de filtro solar e parafina.

Jack surfava de um lado para o outro em uma prancha pequena de cinco pés e quatro polegadas que Gerry tinha feito para aquele pico de água corrente em forma de V, e Denali começou a andar pela margem coberta de concreto e a latir para ele, tentando convencer Jack de que o que ele estava fazendo não era seguro, mas seus avisos não encontraram ouvidos receptivos.

Jack, volta pra margem!

Ben, você também. Por que você foi para o outro lado?

Gritei para Denali que Jack estava bem e que ele deveria, por favor, deixá-lo em paz, enquanto fazia algumas imagens da margem oposta dele surfando. Denali olhou para mim, depois para Jack, sacudiu a cabeça, e recomeçou suas tentativas de convencer Jack a sair da onda no canal de irrigação e ir para terra.

Você não está me ouvindo? Vou tentar falar mais alto...

Por que você não está escutando?

A corrente é muito rápida e essa coisinha flutuante que você está mexendo de um lado para outro não parece segura.

Ah, você está saindo? Finalmente. Eu estava ficando preocupado que você não conseguisse ouvir. Vou me encostar em você um pouco.

Naquela noite, Jack e sua esposa, Kim, me ofereceram uma credencial de livre acesso e me deixaram fotografar o show. Foi empolgante fazer fotos no fosso na frente do palco enquanto Jack tocava para 8 mil fãs. Quando ele tocou o cover de “Spring Wind”, eu me sentei e fechei os olhos para aproveitar o momento. Depois do show, agradei a ele por tocar aquela música e por me dar a oportunidade de fotografar. Kim me ofereceu uma casquinha de sorvete e me

mostrou os bastidores enquanto conversávamos sobre conhecidos em comum no mundo da conservação da natureza.

Nos anos seguintes, Jack e Kim continuaram a me inspirar, tanto por seus esforços de conservação ambiental com a All At Once – eliminando plásticos descartáveis de suas turnês, estimulando o uso de garrafas de água reutilizáveis, promovendo a conscientização sobre a poluição dos plásticos nos oceanos e proporcionando educação por meio da Fundação Kōkua Hawai'i – quanto por aumentar inúmeras vezes a visibilidade de músicos promissores como Matt Costa e, mais recentemente, meu amigo John Craig, dando a eles a oportunidade de se apresentar para públicos maiores. Pela vida que levam, Jack e Kim mostraram o poder da comunidade e como aumentar a divulgação de outros artistas traz positividade para o mundo. O exemplo de Jack de fazer o que se ama, ser uma boa pessoa, se manter fiel ao que você é, retribuir e promover outros artistas foi uma fonte de inspiração em minha própria jornada criativa. Reservar apenas alguns minutos para se conectar e oferecer gentileza podem mudar o futuro de uma pessoa.

Enquanto fotografava Jack se apresentando para 8 mil fãs, senti fluir por mim uma energia criativa que nunca havia experimentado. Meu amor pela música se misturou com o olhar para capturar momentos, e eu me senti totalmente vivo. Nunca imaginei que a oportunidade de fotografar um show me levaria a fotografar tantos outros, a colaborar com eles e a filmar músicos. Muitos desses mesmos artistas hoje são alguns de meus amigos mais próximos.

No início, minha conexão com o mundo musical era apenas fotografar shows com Jack Johnson e Matt Costa, mas depois disso fiz fotos para álbuns e material de imprensa para Blind Pilot, Modest Mouse, Jack Johnson, Brett Dennen, Menomena, Guster, John Craigie, Shook Twins e muitos outros. É uma experiência gratificante em níveis profundos da alma sentir a sinergia de trabalhar com outro artista, especialmente alguém

que cria música.

Colaborar com os músicos e artistas que tinham significado tanto para mim durante aquela época foi algo profundamente satisfatório e me ajudou a recuperar a criatividade que parecia fugir enquanto eu lutava para sobreviver tanto ao câncer quanto ao tratamento de rádio e quimioterapia, que me envenenou e exauriu minha motivação para produzir algo artisticamente significativo. Foi mágico ver jorrar – agora através de um músico – a mesma arte que me manteve inspirado durante o inferno da quimioterapia, e foi profundamente significativo testemunhar outra forma de produzir arte ao ver canções ganharem vida no estúdio, não apenas de uma perspectiva criativa, mas também pelas amizades que se formaram. Cada conexão me ajudou a voltar a ter uma vida mais “normal” depois das infinitas visitas a oncologistas e salas de infusão.

Com o passar do tempo, tive muitas oportunidades de documentar o processo musical, primeiro em estúdios de gravação e, depois, em turnês. Ao ver músicos tocarem ou gravarem, eu entrava em conexão com os criadores, o que me permitia voltar ao espaço de um observador invisível no qual eu me sentia tão confortável como fotógrafo. Observava enquanto canções ganhavam forma, as mesmas músicas que me confortaram tanto quando eu mais precisei.

Foi esclarecedor testemunhar o processo e ver quanta energia e tempo são necessários para completar um álbum. Pode levar anos para terminar um LP com todos os takes ruins, repetições, erros e ideias descartadas de músicas que entram no processo de criação de um trabalho final para um álbum. Estar presente como parte do processo criativo me fez perceber quanto trabalho é necessário para a produção de uma obra de arte significativa e que, como grande parte das mídias sociais, a maioria dos álbuns tem uma curadoria cuidadosa, de modo que você não consiga ver todos os problemas e trabalho de bastidores. Mesmo no auge da fama, artistas podem ficar

empacados por muito tempo antes de voltarem àquele estado de fluxo inefável e afirmativo. O processo criativo é desafiador em todos os níveis, por mais consagrado que um artista seja. A arte é esse lindo esforço. Quando você não consegue sair do lugar, acha que a profundidade que procura parece impossível... mas, quando flui, o processo quase não demanda esforço.

O tempo em que colaborei com músicos me ajudou a ser mais paciente em meus próprios projetos artísticos, especialmente projetos de filmes que podem levar meses ou anos para se realizar. Existiam alguns paralelos com meu próprio processo de cura também, do trauma de uma doença que ameaçou a minha vida e de um término doloroso. A paciência é essencial durante uma jornada prolongada de cura, e é necessário vulnerabilidade e confiança em outras pessoas para ajudarem você a ver o processo chegar ao fim.

Podia ter sido em qualquer dia, mas foi em meu aniversário, durante uma viagem à Austrália para escalar e surfar em 2007, que conheci por acaso Scott Soens, um fotógrafo que eu respeitava havia muitos anos. Amava seu olhar para retratos e cinematografia – ele tinha fotografado as capas dos primeiros álbuns de Jack Johnson e filmado produções de surfe de Chris Malloy chamadas *Shelter* e *180° South*, entre muitos outros. Scott estava em Noosa visitando nossos amigos em comum na casa de surfistas em que eu estava ficando e, depois de se apresentar, perguntou a meus amigos:

— Por que o HD de Ben Moon está aqui? Eu amo o trabalho desse cara.

— Esse sou eu — respondi com timidez. — Sou um grande fã seu há anos.

Eu estava totalmente eufórico. Scott me convidou para ficar por lá e fotografar com ele por mais dez dias em Byron Bay, momento em que aprendi muito com ele, incluindo dicas que ainda hoje uso sobre retratos. Depois de voltarmos para

os EUA, fiquei na casa de Scott e dormi por vinte horas direto para superar o jet lag. Subi grogue as escadas e havia um cara parado ali na cozinha usando exatamente a mesma roupa que eu, dos pés à cabeça. O mesmo jeans cinza e casaco marrom da Patagonia com uma camiseta Shepard Fairey “¡Sin Represas!” do filme *180° South*. Para completar, nós dois estávamos usando chinelos Rainbow.

— Ah, oi, bela roupa — disse eu.

Enquanto ele ria e apertávamos as mãos, percebi que era Jon Swift, um surfista e astrofísico brilhante, embora pé no chão, que aparecia no filme *Shelter* e também tinha composto “Run River”, minha música favorita da trilha sonora. Jon tem uma personalidade muito fácil de se relacionar, embora seja literalmente um gênio que trabalhou para a NASA descobrindo planetas e estrelas. Depois de nosso momento de trajes idênticos, acabamos saindo e viramos amigos. Jon, mais tarde, autografou uma cópia do mesmo filme *Shelter* que tinha sido doado para o meu leilão beneficente. Na capa, ele escreveu: À superação.

A mensagem simples de encorajamento, especialmente de alguém que eu tinha admirado por tanto tempo, me fez parar e pensar. A vida tinha sido feita de muitas lutas nos últimos cinco anos, ainda assim eu agora experimentava conexões casuais e oportunas com uma regularidade que parecia mágica. Estava totalmente determinado a sobreviver ao divórcio, ao câncer e a reveses, mas agora sentia como se estivesse me despindo de toda essa luta. Um passo de cada vez, eu estava me tornando o humano que eu sempre soube que existia, mas nunca acreditei merecer ser. A jornada de minha vida tinha muitas reviravoltas e curvas misteriosas pelo caminho, e eu agora estava aprendendo a realmente florescer, com cicatrizes e tudo.

Obrigado, Denali... por sempre acreditar em mim mesmo quando ninguém mais acreditava, nem eu.

Fazia dois anos que a quimioterapia tinha terminado

quando parei na casa de uma amiga durante uma viagem. Ela estava saindo com um músico chamado Luke Reynolds, que na época estava tocando guitarra com Brett Denen e agora está na banda de rock Guster, com muitos anos de estrada. Luke e eu nos tornamos bons amigos, compartilhando o interesse por música, por atividades ao ar livre e até mesmo o aniversário. Eu tinha parado de fotografar escaladores e começado a fotografar os shows de Brett. Eu me divertia tanto saindo com ele e com a equipe que fui convidado para acompanhar uma turnê.

Isso foi no outono de 2008, quando a câmera Canon 5D Mark II foi lançada, a primeira DSLR a também fazer vídeo de alta qualidade, uma ideia que revolucionou o mundo cinematográfico quase da noite para o dia. Eu tinha filmado e editado um vídeo musical sobre plástico nos oceanos usando uma *camcorder* vagabunda comprada no Costco. Mas nunca realmente sonhei em fazer filmes, pois o custo da película 16 mm e de câmeras de vídeo profissionais era proibitivo. Além disso, eu era um fotógrafo autodidata, então como poderia sonhar trabalhar com cinema?

Quando saí para me encontrar com Brett Denen e sua banda, abracei Denali e disse a ele que só iria me ausentar por dez dias.

— Seja bom para Robert — disse eu para Denali.

Robert, gerente de meu estúdio na época, tinha se oferecido para ficar com Denali enquanto eu saísse em turnê. O primeiro show de Brett na turnê foi no Crystal Ballroom, em Portland. Corri para a área VIP perto do palco, eufórico por ver meus amigos tocarem e pelas quatro datas da turnê que havia pela frente.

Tinha ouvido muitos elogios sobre a capacidade revolucionária de vídeo de minha câmera. Eu a coloquei em modo vídeo. Estava utilizando uma lente grande-angular excelente, usando a maior abertura por causa da pequena quantidade de luz, o que criou uma profundidade de campo

que me impressionou. Era como se as imagens imóveis que eu amava capturar agora estivessem se movimentando e eu fosse capaz de registrar esses momentos por inteiro, exatamente com a sensação que provocavam em mim. Fazer filmes acrescentou profundidade à minha prática criativa e me ensinou o valor da colaboração, sobre como a soma das partes pode ser muito maior do que cada uma sozinha.

Embora Denali não tenha tido permissão de ir à turnê, ele sempre estava nas locações quando eu fotografava ou fazia vídeos de bandas. Sua presença relaxava os músicos envergonhados enquanto eu fazia fotos e ajustava a luz. Enquanto estava filmando com o Blind Pilot no Type Foundry, um estúdio de gravação em Portland com uma luz natural incrível, Denali costumava entrar em quadro enquanto a câmera gravava. Como esperado, ele deu um jeito de aparecer nos vídeos finalizados, preparando-se para seu gesto final de amor pelo mundo, o filme *Denali*.

Cinco anos depois de terminar meu tratamento de câncer, meus médicos tinham esperança de que ele não voltasse. Mais importante, minha força tinha voltado e eu não me sentia mais atrapalhado pelos efeitos duradouros da quimioterapia ou de desequilíbrios hormonais. Também estava me sentindo muito mais positivo emocionalmente, impulsionado pelas novas amizades que tinham se formado desde minha volta para Portland. Essas conexões se estendiam a minhas amizades mais antigas também. Minha amiga Katie estava enfrentando muitos desafios na vida e problemas de relacionamento. Durante meus piores momentos na batalha contra o câncer, Katie esteve ao meu lado, então parecia a oportunidade perfeita para retribuir aquela bondade durante seu próprio processo de cura. Eu me ofereci para viajar com

ela para participarmos de uma cerimônia de ayahuasca com meu xamã, Keith, que também tinha me ajudado a sobreviver oferecendo tratamentos protetores gratuitos de acupuntura durante minha quimioterapia.

Na primeira noite, enquanto estava deitado em minha pilha de cobertores ao lado da dela, experimentei visceralmente todos os sentimentos pelos quais ela estava passando enquanto ela se esforçava para se livrar deles. Medo, ansiedade, apreensão, autodepreciação. Foi doloroso para mim. Mas não consigo imaginar pelo que ela estava passando. Ofereci o máximo possível de amor e energia para apoiá-la.

Passou uma hora e Katie ainda não estava sentindo nenhum efeito da substância. Ela sussurrou para mim:

— Que se dane isso. Vou embora daqui.

E foi embora da sala. Depois de alguns momentos, Keith e eu saímos para procurar por ela e a encontramos deitada em meu carro, enroscada ao lado de Denali. Keith tentou convencê-la a voltar e se juntar a nós no círculo, mas Katie disse com firmeza:

— Não. Vão embora, isso não vai funcionar, nada funciona comigo.

Fiquei ali contemplando suas lutas enquanto sentia gradualmente a substância fazer efeito. Uma hora depois, enquanto Keith encerrava a cerimônia, eu senti que estava indo mais fundo, mas não conseguia falar nem pedir ajuda. O que veio a seguir foi a experiência psicodélica mais intensa de minha vida. Pelas seis horas seguintes, fiquei deitado de lado, com alucinação visual intensa na qual todos os meus medos de infância de guerra, morte e solidão eram enfrentados. Vi mães em cidades bombardeadas aninhando seus bebês para protegê-los. Foi horrendo, mas sabia bem que era uma representação visual do medo e da ansiedade que eu havia sentido em relação à guerra enquanto crescia. Foi profundamente curativo começar a entender esses medos.

Na noite seguinte, Katie bebeu a ayahuasca

espontaneamente, pronta para lidar com seus próprios medos. Uma hora depois de todos os dez participantes da cerimônia terem consumido um copo pequeno da substância, Keith chamou cada pessoa para se aproximar e se sentar de frente para ele enquanto trabalhava com elas isoladamente. Quando chegou a vez de Katie, assim que se sentou, senti que ela estava se liberando. Eu a ouvi chorar baixo, então desmoronar completamente, chorando de modo descontrolado por quase uma hora.

Ah, não, pensei. Ela vai me odiar por isso, ela está tendo uma experiência horrível, especialmente depois de não querer participar ontem à noite.

Fiquei ali sentado em meu pequeno ninho de cobertores e travesseiros e tentei enviar para ela o máximo de apoio possível. Ela começou a se acalmar, e, depois que Keith terminou seu trabalho com ela, Katie voltou e se deitou em seu cobertor ao meu lado. Ela estendeu o braço e segurou a minha mão, apertando-a por um bom tempo como se quisesse dizer *obrigada*. Na viagem para casa na manhã seguinte, ela confidenciou que a noite tinha proporcionado muita clareza sobre seus padrões em relação aos homens e aos relacionamentos.

— Então você ficou feliz por ter ido? — perguntei. — Não me odeia por arrastar você para lá? Eu estava tentando ajudar, mas você parecia horrível!

— Fiquei feliz. Muito obrigada por essa oportunidade e por me aturar. E por querer ajudar. Foi uma noite muito profunda — disse ela.

— O que Keith disse para você enquanto estava lá? — perguntei.

— Ele disse: “Quanto mais você lutar contra isso, mais purgativo vai ser”. Então eu lutei, vomitei, lutei contra de novo e vomitei ainda mais.

— Ah, uau, fico muito satisfeito que você tenha tido uma experiência profunda! Sei que esse tipo de cura e terapia é

muito difícil de descrever, significa muito que você tenha confiado em mim o suficiente para fazer isso.

Enquanto seguíamos de carro, refleti sobre a minha própria jornada de cura, contra o câncer, contra o sofrimento do fim de um relacionamento e de uma doença psiquiátrica. Esse caminho tinha sido aberto por uma série de pequenos gestos de amigos, Denali e outros que me colocaram para cima. Nunca conseguiria ter chegado tão longe sem o apoio e o encorajamento de pessoas amadas, especialmente quando estava em meus piores momentos. Ver Katie dar aquele pequeno passo à frente em seu próprio processo me mostrou o valor de ajudar os outros. Um empurrãozinho oportuno e simpático pode motivar uma pessoa na direção de um futuro diferente.

Na *première* de *180° South* em Portland, eu me encontrei com Jeff Johnson e Chris Malloy nos bastidores, quando Isaac Brock, vocalista do Modest Mouse, chegou com Lisa, sua nova namorada, com quem eu havia saído por pouco tempo antes. Tinha ouvido rumores sobre o temperamento estourado de Isaac, então me encolhi quando ele estendeu a mão e se apresentou. Em vez de raivoso, ele foi cortês e simpático. Depois da exibição do filme, Emmett e Chris Malloy – dois diretores cinematográficos que eu respeitava imensamente – me convidaram para a festa pós-lançamento na casa de Isaac. Eu estava de bicicleta, por isso cheguei antes de todo mundo, e quando subi a escada até a porta da frente, vi Lisa desaparecer no segundo andar, carregando roupa de cama lavada. Hesitantemente, bati e entrei. Tinha acabado de tirar as botas e a bolsa quando Isaac surgiu da outra sala.

— Mas que merda você acha que está fazendo? — disse ele.

— Ahn, desculpe, cara. Chris me disse que tinha uma festa aqui.

— Não, cara, eles desistiram. Nós vamos dormir. É melhor você ir embora para casa.

Desanimado, não consegui vestir as botas rápido o suficiente. Meu coração estava acelerado quando me dirigi à porta. Senti um tapinha nas costas e virei para ver a expressão de contentamento dele.

— Você caiu! — Ele riu.

Eu me permiti respirar pela primeira vez e expirei com alívio por ele estar brincando comigo, uma piada cruel, considerando as circunstâncias. Ele me convidou para ficar, me ofereceu um drinque e me apresentou a sua casa eclética, que poderia muito bem ser um museu.

Horas se passaram e muitos drinques foram consumidos junto com o elenco e a equipe de *180° South*. Eu estava admirando os objetos curiosos nas paredes e vi um par de luvas de boxe. Quando peguei uma delas, Isaac olhou para mim e disse:

— Quer tentar?

Lisa sacudiu a cabeça, preocupada, mas Isaac estava decidido e me levou até a cozinha, onde colocou luvas em frente à sua mãe, seu padrasto, Lisa, Jeff, Chris e Emmett. Foi um momento surreal estar em um círculo com meus heróis do cinema, da fotografia e da música, lado a lado com um astro do rock cujas músicas foram a trilha sonora de meus anos na Metolius.

Isaac estava parado em frente a um conjunto de armários com portas de vidro. À minha direita, sua mãe e seu padrasto estavam parados ao lado de uma panela de sopa que estava esquentando no fogão. Ele dançou de um lado para outro e fingiu algumas esquivas, antes de avançar em minha direção com uma saraivada de socos. Desviei o máximo que pude, tentando racionalizar e entender aquela situação totalmente bizarra. *Será que eu podia realmente dar um soco nele na frente de*

sua mãe e de sua namorada? E meus heróis pessoais, os Malloy? E se eu quebrasse um armário ou o machucasse?

Isaac atacou, acertou alguns golpes rápidos e comecei a ver estrelas. *E se Isaac me nocauteasse?*, pensei. Lisa levantou o braço de Isaac, declarando-o vencedor do primeiro round.

— Vamos de novo — disse eu, com a adrenalina correndo e meu ego no chão. Nós batemos as luvas e começamos a circular. Dessa vez, eu estava mais agressivo e acertei um soco bem no seu queixo, derrubando seu chapéu e jogando-o aos tropeções para trás. Ele era vários centímetros mais baixo que eu e tinha trinta centímetros a menos em envergadura, mas senti que precisava devolver o golpe e salvar um pouco do meu orgulho. Parecia uma espécie de ritual de iniciação, trocar socos com um astro do rock em frente às pessoas que haviam inspirado minha carreira cinematográfica e que também tinham criado filmes e músicas que me ajudaram em meus piores momentos.

Mais tarde Isaac e eu nos encontramos no corredor de legumes e verduras do mercado local. Ele me segurou pelo braço e apertou meu bíceps.

— Cara, você é forte! Você podia ter me batido com muito mais força. Estava se segurando, não estava?

Alguns anos mais tarde, ele me ligou para dar apoio no dia mais doloroso de minha vida, o dia em que Denali deu seu último suspiro.

Cinco anos depois do fim de meu tratamento de quimioterapia, recebi um telefonema da revista *Outside* me chamando para fotografar Alex Honnold, escalador ainda não famoso, mas já lendário especialista em escalada solo. Eu tinha sido publicado na revista várias vezes ao longo dos anos e fiquei em êxtase por finalmente fazer uma matéria

principal. Eu conhecia Alex por intermédio do mundo da escalada, mas ainda não tínhamos trabalhado juntos, por isso estava empolgado com a perspectiva, especialmente em uma reportagem da revista mais popular sobre o mundo das aventuras.

Alex tinha escalado o Moonlight Buttress no parque nacional Zion e a via da face nordeste do Half Dome, ambos sem cordas, e estava se tornando famoso por essas escaladas ousadas. Isso foi antes da entrevista no *60 Minutes* que lançou Alex ao estrelato, quase uma década antes de sua incrível escalada solo da via Free Rider do El Capitan. Esse feito atlético absolutamente impressionante foi registrado no documentário vencedor do Oscar *Free Solo (Escalada solo)*, filme que foi exibido por meses nos cinemas e levou tanto a escalada quanto Alex para os olhos do público.

Depois de anos de viagens como escalador, em 2010 Alex resolveu dar início a uma organização sem fins lucrativos para levar energia solar a comunidades sem acesso à eletricidade e melhorar a qualidade de vida delas. Durante os primeiros anos, ele transferiu impressionantes 30% de sua renda para a organização. Eu me lembro de Alex falando sobre a fundação enquanto estávamos no festival Mountainfilm, dando de ombros antes de dizer de forma bem realista:

— Eu ganho mais dinheiro do que preciso. Quer dizer, moro na minha van.

Fiquei impressionado com sua perspectiva. Anos mais tarde, nós dois nos tornamos embaixadores para o fabricante de um novo veículo elétrico de aventura chamado Rivian e depois firmamos uma parceria para fazer um filme sobre o uso de baterias de veículos elétricos recondicionadas para criar pequenas redes elétricas em Adjuntas, uma comunidade nas montanhas de Porto Rico que estava sem energia há quase um ano depois do furacão Maria.

Para a reportagem na revista *Outside*, Alex e eu fotografamos por uma semana juntos em Smith Rock. Foi

uma alegria revisitar aqueles cânions que eu tinha passado onze anos explorando, e fotografei Alex em várias de minhas vias estéticas favoritas. Certa tarde, fomos expulsos da escalada pela chuva, então fizemos retratos na casa de um amigo. Eu estava ficando sem ideias, então pedi que ele ficasse sem camisa, se pendurasse no teto e se agarrasse às vigas expostas com as mãos nuas. Alex ainda brinca que fui o primeiro fotógrafo a fazê-lo ficar sem camisa.

Na locação final, eu o fotografei escalando sozinho vias em Trout Creek, uma coluna alta de basalto no planalto do centro de Oregon reverenciada por sua escalada tradicional espetacular. As fendas que escalamos eram frequentemente formadas em enormes pilares de basalto, com quase dois metros de largura e mais de quinze de comprimento, tinham caído da parede e descansavam perfeitamente na encosta, formando plataformas perfeitas para se amarrar ou descansar. A área ao redor era bem conhecida de pescadores que entravam pelas águas correntes do rio Deschutes, que divide a paisagem até o horizonte, onde o monte Jefferson permite que seu olhar descanse enquanto admira os crepúsculos espetaculares do mirante privilegiado nas colunas caídas de basalto.

Em uma tarde quente em High Desert, meu assistente de fotografia e eu estávamos andando com Denali pelo caminho plano até o acampamento quando ouvi o chacoalhar de alerta característico de uma cascavel romper o som pacífico de águas correntes do rio abaixo. O barulho me assustou e saltei para longe do corpo raivoso em forma de mola com um reflexo quase sobre-humano, afastando-me três metros para a direita em uma fração de segundo, o tempo todo carregando uma mochila de trinta quilos cheia de equipamentos de escalada, cordas, câmeras e lentes pesadas. Enquanto estava no ar me movimentando, pisei no chão com um dos pés para alterar minha direção, detendo Denali quando ele saltou na direção da ameaça. Emaranhado comigo no chão, ele me

lançou um olhar que transmitia ao mesmo tempo surpresa e aborrecimento.

Por que você me parou? Eu só estava te protegendo.

Uma picada na cabeça ou no pescoço de Denali provavelmente teriam sido fatais para ele em sua investida para neutralizar a agressora.

— Obrigado, Denali — disse eu, grato, abraçando-o apertado enquanto a cobra ia embora. — Sei que você estava me protegendo, mas se isso significasse perder você... não tenho certeza de que conseguiria viver com a dor de você estar morto.

Eu faria isso por você outra vez, a qualquer hora!
Eu cuido de você, meu amigo.

OUTRA ONDA

Apesar da mudança de foco com a minha fotografia em direção às emoções humanas, continuava abraçando oportunidades de documentar esportistas interagindo com a natureza nas formas mais extremas. Eu me recusava a permitir que o desafio físico de viver com uma colostomia me impedisse de fazer algo e adorava qualquer oportunidade de forçar os limites de minha condição.

Em outubro de 2010, um *swell* enorme vindo do oeste submeteu a mim e a Earl ao teste definitivo. Eu tinha sido chamado para fotografar uma competição de grandes ondas em Nelscott Reef a partir de uma plataforma de pedra a menos de um quilômetro da costa de Lincoln City, no Oregon. Pensamentos sobre a competição me despertaram às 2h da manhã e verifiquei as boias on-line para ver o quanto o *swell* tinha crescido.

A boia dizia:

7,5 METROS EM 19 SEGUNDOS

Fiquei pasmo. Isso significava um potencial com mais de quinze metros no recife para as ondas quebrarem, com paredes de doze a vinte metros. Vários dos jet skis deram problema, pranchas de surfe quebraram e se perderam, e mais

tarde alguns surfistas veteranos de ondas grandes preferiram não entrar na competição nesse dia. À tarde, fui até o recife de jet ski para fotografar o evento. Eu estava intimidado por essa manifestação rara do poder da natureza, enquanto avalanches massivas de energia da ondulação da ressaca trovejavam ao meu redor.

Eu estava fotografando de um dos jet skis que haviam restado, mas depois que mais um deu problema, troquei de piloto e fui deixado na parte de trás do equipamento defeituoso de Tao Berman, um remador de caiaque famoso em todo o mundo por enfrentar quedas d'água de trinta metros, mais acostumado com rios e cachoeiras do que com as ondas e correntes do oceano. Fiquei preocupado quando percebi que nossa embarcação estava com sérios problemas e operando com muito menos potência que o normal.

Uma série de acontecimentos azarados me deixou à mercê do maior *swell* já surfado na história do Oregon. Enquanto os competidores e suas equipes de apoio e fotógrafos permaneciam sentados na segurança relativa de um canal entre duas bancadas rochosas de recifes, uma série enorme de ondas fechou o lugar que estávamos e pegou todo mundo desprevenido enquanto os jet skis disparavam para o norte para tentar escapar do lip da onda, correndo em busca de segurança.

Enquanto Tao guiava nosso jet ski direto pela parede da primeira onda daquela que seria uma série monstruosa, o equipamento começou a falhar e parar de funcionar. Em vez de apontar para o alto da onda no local em que ela ainda não estava quebrando, como os homens mais experientes do Havaí, do Brasil e da Austrália tinham acabado de fazer, ele tomou a decisão equivocada de fazer a volta e tentar correr à frente da onda.

Fomos rapidamente alcançados e, enquanto nos aproximávamos do canal à frente da onda, senti o motor falhar outra vez quando o lip da onda quebrou bem atrás de

nós, emitindo um estrondo com o impacto e trazendo a um medo ao meu coração que nunca senti antes ou depois desse episódio. Eu sabia que sobreviver àquele encontro exigiria intervenção divina. Ainda assim, apesar de todo o terror, eu estava estranhamente em paz. Não havia simplesmente margem para erro – entrar em pânico significava morte.

Quando a onda grande como uma montanha explodiu às nossas costas, uma parede de mais de 25 metros de águas brancas nos engolfou como a lâmina de uma máquina de limpar neve. Tao gritou enquanto a onda nos levantava e éramos jogados no ar.

— Se segura!

Eu vi o jet ski ser lançado por cima de minha cabeça e pude ver Tao três metros abaixo de mim. Fui jogado sobre ele em um movimento de empilhamento que teria sido comicamente parecido com luta livre profissional se não estivéssemos enfrentando todo aquele poder selvagem do mar. O jet ski despencou, atingiu o meu ombro e me empurrou para baixo da água uma fração de segundo depois que caí em cima de Tao. Se em vez disso a máquina tivesse me atingido na cabeça, não há dúvida de que teria ficado inconsciente e me afogado.

Fui engolido pela onda e experimentei forças hidráulicas terríveis embaixo da água. Fui dobrado, jogado e puxado com tanta força que três dias depois eu ainda sentia como se todos os meus órgãos internos tivessem sido individualmente esmagados com uma marreta. Eu estava levando a maior surra de minha vida.

Três outras ondas enormes vieram em seguida com precisão quase uniforme, com intervalos de dezenove segundos entre cada uma, e, ao mesmo tempo que me esforçava para respirar ao chegar à superfície depois do quarto caldo, sabia perfeitamente que, se houvesse uma quinta onda, não aguentaria. O ar pareceu ficar calmo e meus sentidos estavam em transe enquanto o tempo desacelerava e

o céu aprofundava seu tom de azul.

Nenhuma outra onda se materializou e houve uma pausa misericordiosa. Lutei desesperadamente para sair da espuma que estava na superfície da água aerada, tornando difícil ver ou respirar direito sem me engasgar. Tao gritou e admitiu calmamente a gravidade de nossa situação:

— Você está bem? Ninguém vem nos buscar com outro jet ski, eles acham que chegamos na praia. Nós precisamos nadar.

Olhei para o céu e vi um monomotor Cessna voando alto em círculo. Mais cedo, eu havia cedido meu lugar no avião porque queria estar na água com os surfistas para sentir e capturar a intensidade e a camaradagem da competição desde o nível do mar. *Ele parece tão quente e confortável*, pensei. *Por que não aceitei ficar lá?* Pensei em Denali, enroscado na cama na traseira de meu Element e desejei desesperadamente poder dar mais uma cochilada com o focinho dele aninhado em meu peito.

Fotografar essa competição vinha com um risco, mas eu não havia considerado a possibilidade de que as coisas dessem tão errado. Havia apenas um jet ski de segurança funcionando durante a competição, o que, na melhor das hipóteses, era inadequado. Ninguém nem sabia que estávamos com problemas. A equipe de segurança e os outros surfistas simplesmente acharam que nós tínhamos voltado para a praia. *Eu sobrevivi ao câncer! Será que vou mesmo acabar assim?*, gritei internamente para mim mesmo.

Enquanto começávamos a longa jornada para nadar na direção da praia, as fortes correntes do pico ondulante de 7,5 metros de profundidade começaram a nos puxar com uma força que nos surpreendeu. Tao gritou:

— Nade!

E rapidamente saiu nadando, afastando-se do último perigo. De algum modo, eu ainda estava segurando minha câmera em seu grande estojo à prova d'água, talvez porque

isso desse um pouco da sensação de normalidade àquela situação insana, uma razão para estar lá fora. Pensei em me livrar dela, mas não tive tempo. Em vez disso, nadei com os últimos fiapos de força que tinha com as pernas e um braço livre. Sem nadadeiras – que eu havia decidido não usar –, meu esforço foi fraco. Quando mergulhei e atravessei o lip da maior onda da série, meu dispositivo de flutuação me manteve perto demais da superfície e tive uma sensação horrível quando o fundo despencou e eu caí por seis metros na direção das pedras. Fechei os olhos e esperei pelo meu fim que agora era certo, mas bati na água bem perto de uma pedra do tamanho de um *motorhome* que, eu sabia mais tarde, tinha estragado nosso jet ski. A parte interna do meu pé esquerdo atingiu a água primeiro, torcendo o joelho e rasgando o ligamento colateral medial.

Enquanto seguia de jacaré na direção da praia ainda aparentemente distante, protegi o rosto e a cabeça com os braços para evitar bater em alguma pedra escondida pelos montes de espuma que se revolviam nas correntes caóticas. Dez minutos depois, meus pés fizeram contato com o fundo de areia e comecei a perceber que sobreviveria. Tao não estava em nenhum lugar à vista e, enquanto eu começava a estranhar e calmamente aceitar que ele poderia não ter conseguido, ele surgiu na praia, quase gritando de euforia.

— Agora sei que consigo nadar em ondas de quinze metros, não é incrível?

Chocado, olhei para ele com uma expressão vazia.

— Você chegou a achar mesmo que morreria?

Ergui dois dedos e admiti docilmente:

— Sim. Duas vezes.

— Duas vezes? — gritou ele com alegria. — Isso não foi incrível?

Parecia que ele queria sair nadando de novo e reviver a experiência.

Posteriormente, soube que ao longo da carreira de Tao, sua

enorme confiança em si mesmo deu a ele uma habilidade inacreditável de suprimir seu medo. Para ele, nossa experiência de quase morte foi apenas uma aventura. Mas os surfistas que experimentaram os *swells* enormes de Nelscott sempre reagiram de forma muito diferente. Depois que contei a história para Gerry Lopez, ele explicou calmamente como a natureza volumosa de uma onda como a de Nelscott pode o prender na perigosa zona de impacto por muito mais tempo do que uma onda normal, como as chamadas Pe'ahi (também conhecidas como Jaws) na costa norte de Maui, que fazem você circular e sair rapidamente por trás dela. Então seus olhos se estreitaram de raiva e ele disse:

— Eles podiam ter matado você. Isso nunca deveria ter acontecido. Da próxima vez você me liga, *bro*. Eu piloto seu jet ski.

Quando Tao e eu saímos da água, não tínhamos ideia de onde estávamos e subimos uma escadaria na face do penhasco até um aglomerado de casas no alto. Uma multidão havia se reunido, e a primeira pessoa que vi foi Sam Beebe, um amigo que estava fazendo fotos desde o caldo dos dois nadadores que lutavam para chegar à praia. Ele não tinha como saber que era eu.

Surpreso por vê-lo, sussurrei com a voz rouca:

— Sam?

E comecei a chorar ao compreender a gravidade da experiência. É difícil descrever as forças de uma onda tão poderosa, mas deve ser parecido como ser desafortunadamente jogado de um lado para outro por um furacão, só que embaixo d'água. Foram os 45 minutos mais intensos de minha vida, entretanto, enfrentar a mortalidade de forma tão próxima gerou uma calma involuntária, uma aceitação profunda de que eu não estava de jeito nenhum no controle de meu destino. Com o câncer, havia tempo para entrar em pânico, longas horas para as tensões sombrias da ansiedade se instalarem e se manifestarem totalmente, mas,

naquelas ondas, foi algo zen. Entrar em pânico ali era perder oxigênio valioso, inspirar espuma, se asfixiar e se afogar. Entrar em pânico simplesmente não era uma opção.

Tentei minimizar a experiência enquanto conversava com os surfistas que haviam competido no evento, mas à medida que senti a exaustão, percebi que precisava de algum tempo sozinho. Depois de voltar aos tropeços para o meu carro, encontrei Denali esperando pacientemente. Ele ergueu uma sobrancelha enquanto me olhava com preocupação e deu um suspiro profundo. Minha guarda baixou e as lágrimas começaram a correr enquanto eu o abraçava apertado e respirava pela primeira vez profundamente desde que tinha sido consumido pelas águas.

Ainda me sentia como se tivesse sido atropelado por um trator dias depois, e só então percebi o quanto estava em choque profundo. Denali me observou com olhos penetrantes nos dias após o acidente, sentindo o grande trauma que eu ainda não havia reconhecido. Ele sempre sabia das coisas e, com frequência, sabia bem antes de mim.

Você está sofrendo, tem mais alguma coisa errada... Você fica assustado com qualquer barulho e parece nervoso, você não é assim. Por favor, não me deixa para trás, preciso estar com você para ter certeza de que está bem.

Esse quase afogamento foi um contato mais focado e intenso com a mortalidade, enquanto o câncer é uma versão estendida disso. Dentro das forças enormes do mar, eu vivia segundo a segundo, mas, ao enfrentar o câncer, eu combatia a doença minuto a minuto, hora a hora, dia a dia, mês a mês. Raramente conseguia ver além de um dia, pois o fardo dos tratamentos tóxicos futuros seria demais para suportar.

O estresse pós-traumático das duas experiências durou anos, cada sugestão de doença ou dor de cabeça se tornava um novo tumor em potencial, e cada onda que quebrava à minha frente no surfe causava um pânico apavorado parecido.

Durante um *swell* forte nas Ilhas Lofoten na Noruega, cinco anos depois, eu estava hiperventilando intensamente, remando forte na direção do horizonte bem além de onde os surfistas estavam alinhados no pico, até que meu amigo gritou, tirando-me de meu transe confuso:

— Ben, aonde você está indo?

A cura de qualquer trauma importante pode levar muitos anos, ou uma vida inteira, se não tiver uma solução. Todas as ondas em que remei desde então me aproximaram de fazer as pazes com a experiência de ondas grandes, e toda respiração livre do câncer me garante que meu tumor não é mais uma ameaça.





A BATALHA DE DENALI

Em uma manhã nublada em Portland, em maio de 2009, eu estava sentado na varanda dos fundos bebendo mate e adiando a grande edição de fotos que precisava fazer para um cliente. Acariciava as costas de Denali, aproveitando o momento de conexão silenciosa com meu melhor amigo antes de me sentar em frente a uma tela pelas seis horas seguintes. Denali tinha nove anos e seis meses de idade, mas ainda assim era um atleta ágil e capaz. Nós costumávamos correr longos trechos nas trilhas da floresta próxima, fazendo circuitos de 16 quilômetros com facilidade dentro do sistema de trilhas de 140 quilômetros do Parque Forest em Portland que se estendia por 21 quilômetros quadrados.

Enquanto acariciava seu pelo, senti um caroço na lateral do corpo de Denali, apenas alguns centímetros à direita de sua coluna. De repente congelei, sabendo muito bem que o caroço não estava ali antes. Liguei imediatamente para o consultório de seu veterinário e disseram que podiam nos atender imediatamente.

Enquanto Denali e eu percorríamos aquelas duas quadras curtas até a clínica perto de nosso apartamento, meu coração ficou pesado de medo. Denali estava tranquilo, puxando sua coleira antecipando os petiscos que o esperavam. Ele era um dos pacientes favoritos dos assistentes do veterinário e usava seu charme para ganhar alguns petiscos saborosos. Denali era constantemente motivado por seu apetite de cachorro do

norte, embora eu nunca o tivesse treinado com comida ou petiscos. Se tivesse feito isso, ele teria um repertório de mil truques.

Durante o exame, o veterinário retirou do carço material para uma biópsia, então encontrou outros três tumores menores, um deles em sua pata dianteira direita. A biópsia confirmou meus piores medos: todos eram tumores de mastócitos.

Denali tinha câncer.

Meu rosto ficou dormente e o consultório ficou indistinto. Era culpa minha? Como isso tinha acontecido? Na confusão, ouvi o veterinário falar enquanto meu ouvido zumbia com o sangue correndo acelerado em minha corrente.

— O tumor na pata dianteira direita de Denali é uma preocupação. Não sei se vamos conseguir retirar com uma margem segura sem amputar sua patinha. Cachorros de três patas sobrevivem muito bem.

Denali amputado? Ele é um atleta! De jeito nenhum. Estava atônito, sentindo-me ser tomado pela culpa.

Naquela tarde, Denali e eu corremos em suas trilhas favoritas e dei a ele todo o amor e os petiscos que consegui reunir. Ele dormiu enroscado perto de mim, embaixo de meu braço durante a noite inteira. Duvido que eu tenha lhe dado escolha, mas ele aceitou alegremente.

Na manhã seguinte, enquanto os técnicos veterinários preparavam Denali para seu procedimento, implorei ao veterinário para que ele fizesse todo o possível para salvar a vida de Denali.

— Se você conseguir mantê-lo com todas as patas, vamos ficar agradecidos para sempre!

Denali era minha rocha, meu pilar, aquele em quem eu me apoiava pesadamente para estabelecer minha identidade e meu bem-estar. Como ele poderia me apoiar se tivesse apenas três patas?

E se o câncer já tivesse entrado em seus nódulos

linfáticos... ou, pior ainda, em seus órgãos? Como eu poderia sobreviver se ele morresse antes da hora? Ele parecia muito forte apenas algumas semanas antes!

Como me perdoaria por não perceber os sintomas mais cedo? Estive em negação em relação ao meu câncer e isso quase custou minha vida, mas deixar que Denali sofresse um destino semelhante parecia imperdoável.

Quando o levei para casa após o procedimento, fiquei chocado com todos os curativos. Uma faixa enorme de pele com trinta centímetros de diâmetro tinha sido removida de um lado, e outra de doze centímetros tinha sido removida do outro.

— Amo você, D... Estou aqui do seu lado, não importa o que aconteça. E também estou muito grato por você ainda ter todas as patas — murmurei.

Carreguei Denali até meu Honda Element e o posicionei delicadamente na cama de acampamento que eu fizera no bagageiro. Grogue, ele ergueu a cabeça. Seus olhos tentaram focalizar os meus enquanto ele lambia minha mão.

Obrigado, amigo. Estou me sentindo muito confuso. E com dor por toda parte. Mas você está comigo, então vai ficar tudo bem.

Depois que a anestesia começou a passar, Denali tentou se levantar e gritou algo, chorando de dor. Seus olhos estavam arregalados enquanto ele olhava ao redor, parecendo confuso pela intensidade da sensação desconhecida. As incisões e áreas quadradas raspadas faziam um xadrez em sua pelagem, iguais à vista aérea de muitas florestas de Oregon, com cortes limpos desfigurando a paisagem. Em uma área de suas costas, as suturas e os pontos faziam força contra a tensão da pele que restou ao longo de sua espinha.

Enquanto Denali andava capengando de um lado para o outro, o cone que estava usando para impedir que lambesse os machucados pegou no batente da porta e ele foi derrubado para trás sobre o traseiro. Sua expressão triste mostrava apenas desalento e desespero, então corri para abraçá-lo e chorei sobre seu pelo.

— Você vai ficar bom, amigo. Nunca vou sair do seu lado, juro.

Naquela noite, dormi no futon na sala, com a cabeça encostada na dele. Apesar dos analgésicos fortes, não se passavam minutos sem que ele gritasse de dor, cada choro rasgando meu coração enquanto eu me esforçava para deixá-lo confortável. Naquelas horas longas e escuras que antecedem o amanhecer, prometi a ele que não iria deixá-lo sofrer.

— Quando for sua hora de ir, só me diga, está bem? Por favor, me diga.

Denali sempre me deu apoio nos piores momentos durante a quimioterapia e ficou firme quando eu mal conseguia me levantar da cama. Como poderia retribuir esse tipo de lealdade? Fiquei deitado acordado, recordando todos os nossos bons momentos e rindo das situações em que Denali e eu tínhamos nos metido.

— Você vai sair dessa, D, eu sei que vai.

Denali era resistente e um lutador que não estava pronto para sair do meu lado. A remoção dos quatro tumores levou alguns meses para cicatrizar completamente, especialmente a maior incisão em suas costas. Nossas corridas de quinze quilômetros se tornaram caminhadas lentas em volta do quarteirão, com Denali usando uma camiseta velha minha para proteger as suturas e uma bota de cachorro da Ruffwear

na pata da qual, felizmente, ele ainda fazia uso completo. A Ruffwear enviou para Denali depois um casaco macio, uma grande evolução em seu estilo depois da camiseta, que o impedia de lambear os pontos. Aos poucos, ele recuperou a força e a mobilidade e provou sua resiliência se recuperando extremamente bem. Denali não voltou mais à sua forma física anterior após aquela provação, mas seu entusiasmo por estar ao ar livre em busca de aventuras nunca passou.

DIMINUINDO A VELOCIDADE



Ser um fotógrafo de aventura ou, na verdade, um fotógrafo profissional, significa estar permanentemente em movimento. Durante a vida boa de Denali, sempre tentei limitar minhas viagens a uma duração de duas ou três semanas no máximo, a menos que ele pudesse ir comigo. Enquanto muitos dos meus colegas se orgulhavam de ficar em casa por apenas três meses no ano, passando meses no Himalaia ou viajando entre um trabalho ou serviço comercial e outro, eu era mais seletivo com os projetos que aceitava para que Denali e eu pudéssemos passar mais tempo juntos. Só

abri duas exceções durante a vida dele, em viagens prolongadas para Kauai e para a Austrália. As duas foram oportunidades cruciais em minha carreira e desenvolvimento pessoal e pareciam compensar a separação temporária. Essa decisão não seria possível sem amigos de confiança que amavam Denali o bastante para cuidar dele enquanto eu estava fora.

Depois da cirurgia para remover os tumores cancerosos de Denali, sinais de sua idade e do desgaste dos procedimentos começaram a se tornar evidentes. Antes de sua cirurgia de câncer, ele podia correr quinze quilômetros comigo e raramente ficava para trás. Denali estava diminuindo muito o ritmo e ficando consideravelmente mais devagar, então ajustei nossas aventuras juntos para garantir que ele ficasse confortável. Um alerta desconfortável de suas limitações ocorreu quando ele tinha onze anos, enquanto estávamos caminhando pelo outro lado do parque Stawamus Chief em Squamish, Colúmbia Britânica. A meio caminho do topo, a respiração de Denali ficou ruidosa, seus olhos estavam arregalados e ele estava visivelmente respirando com dificuldade. Turistas olhavam enquanto ele respirava alto e rouco, tentando obter oxigênio suficiente. No início, não percebi a seriedade da situação e encorajei Denali a continuar, com paradas para descansar a cada poucos minutos. Achei que ele estava apenas cansado e não conseguia imaginar que Denali não chegaria ao topo comigo.

Enquanto continuávamos subindo, a seriedade da situação se tornou mais óbvia. Denali não conseguiria chegar ao cume e, se seguissemos em frente, ele poderia passar mal pelo esforço. Perceber isso foi chocante para mim. Foi a materialização dura de seu envelhecimento, um sinal de que o companheiro sempre disposto que havia me seguido por toda parte durante a década anterior com tanta energia e graça agora teria que ficar para trás em muitas aventuras.

Denali e eu nos sentamos para descansar em um local com

vista para as águas turquesa do estreito de Howe. Ele ainda estava respirando pesadamente, sibilando com algum obstáculo invisível na garganta. Denali se apoiou em mim e, enquanto acariciava seu pelo, minha mente girava com a realidade de que “nossas” aventuras se tornariam “minhas” aventuras. Esse era um conceito difícil demais para lidar. Havia contado com Denali durante todas as experiências desafiadoras por mais de uma década. Onde encontraria forças sem ele ao meu lado?

Ficamos em Squamish por mais uma semana e Denali ficou em casa enquanto eu e Sonnie terminávamos de preparar uma via nova no Squamish Buttress. Trabalhamos intensamente por cinco longos dias para limpar uma variação de três enfiadas em relação à via padrão até o topo do Chief, criando uma opção em uma seção estranha da parede que frustrava a maioria dos iniciantes. O trabalho manual era intenso, mas recompensador e bem acima do fundo do vale.

Para celebrar o fim de nossos esforços, Sonnie convidou seis outros escaladores de elite para se juntarem a nós em uma escalada solo em uma via chamada Face Norte do Squamish Buttress (também conhecida como Butt Light ou Butt Face pelos locais), com uma formação de 550 metros desde o chão. O movimento mais difícil em toda a escalada era apenas de grau 5,9, muito abaixo da habilidade de todo mundo, então subimos rápido pela formação Apron, apenas com nossas bolsas de magnésio e as cervejas que guardamos nelas para fazer peso. Escalamos despreocupadamente, rindo e brincando durante a ascensão. Sempre precisava lembrar a mim mesmo de permanecer focado, pois nenhum de nós estava encordado e um escorregão poderia nos jogar trezentos metros abaixo. Quando começamos a subir a seção que Sonnie e eu tínhamos acabado de abrir, Alex Honnold foi primeiro e gritou para baixo:

— Uau, essa escalada é muito boa!

Alex não tem filtro e diz as coisas exatamente como elas

são, então tomei isso como um grande cumprimento pela energia gasta durante a semana anterior.

Estávamos em oito pessoas e chegamos ao topo apenas 45 minutos depois de deixar o estacionamento. Enquanto apreciávamos a vista, Tim Emmett, um escalador inglês e praticante de *base jump*, brincou:

— Tudo de que precisamos agora são oito paraquedas!

Levamos mais tempo para descer a trilha até os carros do que para subir da base até o alto da parede.

Depois que Denali e eu voltamos para casa, liguei para o veterinário de Denali para conversar sobre seu problema respiratório. Ele foi diagnosticado com paralisia da laringe, o que basicamente significava que suas cordas vocais não estavam saindo do caminho como normalmente deveriam fazer quando ele respirava. Essa paralisia o sufocava, literalmente.

Me lembrei de minha promessa de nunca o deixar sofrer e me perguntei se aquela condição estava causando algum tipo de dor.

— A cirurgia é uma opção viável para um cachorro da idade de Denali? — perguntei.

— O procedimento é caro, mas muitos cães conseguem se recuperar completamente. Há risco de inalar água enquanto estiver se hidratando ou nadando porque seu mecanismo interno de defesa foi alterado. Pneumonia sempre vai ser uma preocupação.

Estava dividido, sem saber se seria prudente submeter Denali a outra cirurgia, pois ele havia sofrido muito após a remoção de seus quatro tumores de mastócitos.

Debati isso por alguns meses e não aguentei mais seus sintomas semelhantes aos da asma. Senti que os benefícios da cirurgia superariam os riscos se isso significasse que Denali podia recuperar parte de seu antigo vigor e força. Estava com pouco dinheiro e, enquanto me perguntava sobre como pagaria pelo procedimento, recebi uma ligação da Patagonia

pedindo que filmasse uma corrida em trilha por meio período em Bend. Aprendi várias vezes que, se me concentro em um resultado positivo de uma situação aparentemente impossível, os detalhes cuidam de si mesmos. Durante a viagem de três horas até a locação da filmagem, eu repetia o mantra:

— Essa é para você, D! Amo você, mano.

Foi desolador ver os técnicos veterinários prepararem Denali para cirurgia mais uma vez. As drogas me fizeram passar mal em quase todos os momentos nos quais estive sob anestesia geral para minhas cirurgias de câncer, então me preocupei se isso não seria demais para seu sistema imunológico de 12 anos enfraquecido. Enquanto o tubo intravenoso era inserido, eu acariciava sua cabeça, o tranquilizava dizendo que aquilo ia ajudá-lo a respirar e nós poderíamos voltar a percorrer trilhas.

Apesar de sua idade e milagrosamente, a cirurgia foi muito menos estressante para Denali do que tinha sido a anterior, para remover seus tumores cancerosos. Ele melhorou rapidamente na semana após a cirurgia. Como seu corpo não estava mais privado de oxigênio, seu rosto pareceu perder anos de tensão e sua respiração ficou constante e relaxada. Aquilo me lembrou da transformação que havia acontecido em meu próprio rosto após me livrar de relacionamentos que tinham visivelmente me envelhecido.

Denali e eu continuamos a explorar o mundo juntos, mas nossas aventuras se tornaram mais limitadas e com um ritmo mais lento. Apesar das restrições físicas de Denali, ainda fazia esforços diários para levá-lo a seus lugares favoritos. Antes de fazer isso, eu me assegurava de que o clima estivesse confortável, nem quente ou frio demais para estressar seu sistema.

Depois do aniversário de catorze anos de Denali, levei-o a Smith Rock para passear enquanto meu amigo Shanjean e eu escalávamos a Tsunami, uma via íngreme de grau 5,12 que eu tinha preparado nos tempos em que vivia na van. Sabia muito

bem que essa poderia ser a última vez que Denali se juntaria a mim.

Subir a trilha íngreme de Smith Rock até o estacionamento normalmente levava vinte minutos, mas, àquela altura, o caminho era um desafio para os quadris veteranos de Denali. Em seu passo sem pressa e sinuoso, vi que aquilo poderia demorar mais de uma hora. Resolvi pegá-lo e carregá-lo com delicadeza, jogando seu corpo sobre meu ombro para que sua estrutura antes musculosa pudesse descansar uniformemente em minhas costas e em minha mochila de escalada. Seus trinta quilos se somaram aos outros trinta da mochila, mas eram um fardo pequeno a carregar para poder ainda escalar com meu velho amigo e companheiro favorito.

Nossas aventuras ao ar livre se tornaram menos frequentes, especialmente no auge do verão. Pegava serviços de fotografia cada vez mais perto de casa e o ritmo da vida se tornou mais lento, com as caminhadas em torno de nossa vizinhança em Portland indo de dez quadras para cinco e depois para três. O passo de Denali ficava cada vez mais cambaleante, mas nossa ligação permanecia firme.

Denali sempre gostou de colher framboesas, e meu jardim em Portland era uma verdadeira festa para seu apetite... ameixas, figos, damascos, morangos, mirtilos sem espinhos, três variedades de cereja, pêssegos, peras-nashi e nectarinas. Durante seu último verão, ele comeu todos os morangos antes que amadurecessem. Rapou todas as cerejas baixas e devorou ameixas e figos caídos. Ri alto durante o cabo de guerra que Denali fez com o galho da pereira, seu quadril trêmulo se tensionando enquanto a árvore se recusava a liberar para ele suas frutas ainda verdes. Não desistiu e puxou até que a força do galho falhou e ele conseguiu comer a fruta.

O único alimento humano que eu dava a ele era o molho de latas de sardinha e de atum, e de vez em quando um miolo de maçã, mas seus genes de cachorro do norte nunca permitiram que ele abandonasse sua obsessão por encher o estômago. Enquanto percorria a trilha que ladeava a base dos locais de escalada em Smith Rock, Denali encontrava miolos de maçã enfiados e escondidos entre pedaços de basalto nas paredes de contenção que haviam sido jogados fora pelos escaladores.

Anos mais tarde, sua audição começou a apresentar problemas e ele ficou quase surdo, mas mesmo assim sempre sabia se eu estava perto da cozinha. Sem responder às minhas sugestões verbais, ele sempre aparecia quando um abridor de latas tirava a tampa de uma lata de atum, ou a tampa de uma lata de sardinhas era puxada para trás.

Meu avô Art, pai de minha mãe, tinha essa mesma audição seletiva no fim da vida.

— *Art! Você ouviu?* — gritava minha avó do outro lado da sala. Depois de gritar pela terceira vez, ele respondia:

— *Ah, Helen, eu ouvi.*

Percebi que, à medida que seu ritmo desacelerava, Denali estava me ensinando sobre paciência, sobre relaxar e saborear cada momento. Em vez de questionar por que o envelhecimento precisava ser tão difícil, comecei a aproveitar a simplicidade de nossa rotina e o humor em suas manias de velho. Nossas corridas de quinze quilômetros diminuíram para dez passos pelo quarteirão, mas o entusiasmo ainda assim permanecia o mesmo por esses dez passos e pelos odores diferentes que conseguia sentir da grama e de cada galho pelo qual passávamos.

Como vou saber quando é a hora?, pensava constantemente. Rezava para que ele se fosse com graça e estilo. Quando viajava, eu me preocupava que ele morresse enquanto eu estava fora da cidade, mas, no fundo, sabia que ele não partiria sem que eu estivesse ao seu lado.

13

FICANDO SOZINHO





Durante o verão de 2013, que seria o último de Denali, ele ainda estava se movimentando bem, embora mais devagar. Sua audição tinha finalmente começado a falhar, embora, às vezes, ainda parecesse que ele pudesse estar teimosamente *fingindo* não ouvir. No Quatro de Julho, estava arrumando o carro para ir acampar na costa e deixei a porta de tela aberta. Denali nunca usava coleira à noite, então enquanto andava pela casa sem coleira, em um momento fiel a sua personalidade, saiu para a rua quando eu estava de costas.

Ao mesmo tempo que o procurava pela casa, senti meu

peito ser tomado pelo pânico. Denali havia desaparecido. Sem coleira, quase surdo, no pior dia do ano para cachorros. *Os fogos de artifício!*, pensei. *Preciso encontrá-lo agora, ou nunca mais vou vê-lo outra vez.*

Cachorros desaparecem e fogem no Quatro de Julho mais do que em qualquer outro dia do ano. Senti uma onda de culpa, então fui tomado pela náusea. *Perdi Denali, e dessa vez é tudo culpa minha.* Saí correndo ao redor do quarteirão, gritando seu nome. Sabia que, mesmo que ele me ouvisse, estaria determinado a prosseguir com sua missão: fazer amigos e encontrar petiscos saborosos usando qualquer meio necessário. Peguei a bicicleta e dei algumas voltas frenéticas pela vizinhança.

Contive as lágrimas quando percebi que podia nunca o encontrar, especialmente se alguém soltasse fogos de artifício enormes e ilegais, uma ocorrência comum no Oregon nessa época do ano, mesmo na área de Portland. Respirei fundo, dei mais uma volta no quarteirão e senti cheiro de carne na grelha. Segui o aroma até um churrasco que estava acontecendo em um jardim e, evidentemente, Denali estava lá, sentado no meio de um grupo de pessoas, sendo acariciado e amado. Ele não viu quando me aproximei, pois estava com toda a atenção na churrasqueira, sonhando com salsichas e bifes com osso.

Logo depois desse incidente, ele sofreu uma crise aterrorizante de síndrome vestibular, também chamada de doença vestibular canina geriátrica. Em cães e na maioria dos mamíferos, o sistema vestibular é responsável pelo equilíbrio e a consciência espacial. Um mau funcionamento desse sistema leva a vertigens, aquela sensação desnorteante em que as coisas parecem estar se movendo quando não estão.

Cães afetados por essa doença podem ter um episódio que acontece sem aviso, causando perda do equilíbrio, frequentemente acompanhada de inclinação da cabeça e caminhada em círculos. Muitos cachorros são “postos para

dormir” por seus donos durante ataques dessa doença misteriosa, pois ela parece ser o sinal de que o fim chegou.

Denali e eu estávamos brincando de “pegar de velho” no jardim dos fundos, uma versão mais lenta do jogo de que, em seu auge, ele participava com o mesmo entusiasmo adorável de um filhote. Depois de arremessar algumas vezes, Denali foi atrás da bola e tudo deu errado. Sem nenhum aviso, sua cabeça de repente pendeu para um lado e ele caiu com força no chão. Corri até ele, olhei em seus olhos e eles giravam confusos enquanto se esforçavam para focá-los em meu rosto. Fiquei aterrorizado que ele estivesse morrendo bem ali. Durante os dez dias seguintes, ele não conseguia se levantar sem cambalear. Doía o coração vê-lo vomitar por causa da vertigem e fazer xixi na cama pela primeira vez na vida.

Toda vez que Denali precisava sair para se aliviar, eu tinha que carregá-lo até o jardim e segurá-lo para que ele se mantivesse de pé enquanto eu sustentava seu peso, ou ele fazia xixi em cima de si mesmo. Ele se deitava em sua cama tentando dormir, olhando para mim com uma expressão confusa. Chorei junto de seu pelo e rezei para que ele não morresse de maneira tão indigna. Ele tinha sido um exemplo nobre de força que eu havia seguido por tanto tempo, e torcia desesperadamente por qualquer recuperação para que ele pudesse terminar seus dias com honra e dignidade.

Nervoso, procurei na internet qualquer sinal de esperança e encontrei Becky Jester, uma veterinária holística que tratava cachorros com acupuntura. A dra. Jester se sentou com Denali em nosso jardim, trabalhando com suas agulhas e administrando pequenas doses de estimulação elétrica aos pontos de acupressão ao longo da coluna e do pescoço de Denali.

Depois de uma hora, Becky terminou o tratamento, e Denali, como Lázaro, se levantou lentamente, foi andando até sua bola de tênis e olhou para mim, abanando o rabo. Chorei lágrimas de alegria sem a menor vergonha por ver meu

melhor amigo voltar à vida tão de repente. Eu não consegui evitar me perguntar o que o estava levando a persistir.

A recuperação milagrosa de Denali daquele desafio aconteceu pouco mais de um ano após o início de meu relacionamento com uma médica naturopata e instrutora de ioga chamada Hannah. Ela era uma de minhas professoras de ioga favoritas muito tempo antes de começarmos a sair. Eu era apaixonado pelo jeito gracioso com que ela se movimentava e o equilíbrio elegante que ela levava para suas aulas. Finalmente reuni coragem para chamá-la para um encontro. Eu tinha esperança em relação a esse novo romance, mas depois de alguns meses saindo juntos, a realidade de nossa incompatibilidade ficou clara.

As coisas ficaram ainda piores quando Hannah foi morar comigo durante o último verão de Denali. Certa manhã, captei meu reflexo no espelho. Fiquei chocado ao ver o quanto eu parecia mais velho e cansado. Novos cabelos brancos eram um sinal da consciência de que eu tinha de sair daquele relacionamento antes que passássemos de um ponto sem retorno. No início, achava sua energia e confiança irresistíveis. Para as outras pessoas, parecíamos um casal perfeito, uma naturopata iogue e um fotógrafo de aventura. Na verdade, o estresse e a negatividade que eu sentia enquanto vivia com ela estavam cobrando um preço muito alto em minha psique e em minha saúde. Simplesmente não podia repetir o estresse e a negatividade que abalaram meu bem-estar depois do fim de meu casamento com Mel.

À noite, em vez de abraçar Hannah perto de mim, eu dormia o mais longe que o colchão *queen* permitia. Uma longa maratona de tentativas para fazer o relacionamento funcionar se transformou em um rompimento exaustivo e prolongado. Eu, caracteristicamente, tinha problemas para desistir de relacionamentos antes de vê-los chegar a um fim amargo, então percebi que sair dessa união não seria fácil. Nós tínhamos conversado sobre a ideia de nos mudarmos para

Santa Barbara para escapar dos invernos sombrios do noroeste do Pacífico, mas não conseguia me ver assumindo esse tipo de compromisso com ela.

Denali estava em seus meses finais, e Emancipator, um amigo e músico de midtempo trip-hop, me procurou para dizer que estava abrindo para o produtor de música eletrônica Pretty Lights. Resolvi ir ao show, achando que uma noite de música podia proporcionar uma fuga da ansiedade que sentia em relação a terminar o meu relacionamento. Comi um chocolate de psilocibina para me dar introspecção e me ajudar a me soltar no show de música e luzes por algumas horas. Torcia para que os cogumelos me dessem alguma clareza sobre meus sentimentos em relação ao relacionamento, e isso aconteceu, com um soco metafórico em minha cara. Cerca de três músicas após o início da apresentação de Pretty Lights, comecei a me sentir enjoado e toquei o ombro de Hannah para dizer a ela que precisava encontrar um banheiro. Quando ela se virou para mim para perguntar por que eu já precisava fazer xixi, ela estava literalmente irreconhecível. Seu rosto tinha se transformado em um demônio horrível e a visão daquilo quase me fez vomitar bem ali.

— Precisamos ir! — gritei mais alto que a música. —
Agora.

Passei o resto da noite olhando para o fogo à lenha com Denali deitado no meu colo, refletindo sobre tudo o que havia acontecido e para onde eu via minha vida caminhando. Senti uma clareza imensa, até leveza, e fui tomado por um desejo de colocar para fora toda a bagunça e objetos desnecessários que agora atulhavam meu porão. Também reconheci nitidamente que não podia mais tolerar o peso desse relacionamento em minha casa.

Mais cedo naquele mesmo verão, Hannah sugeriu que eu trabalhasse com uma sábia e experiente conselheira, na casa dos sessenta anos, chamada Tatyana, na esperança de que as sessões de aconselhamento salvassem nosso relacionamento.

Depois de minha primeira consulta por telefone com Tatyana, percebi que ela transformaria minha vida para melhor. Ela me entendeu imediatamente, com uma profundidade que eu nunca havia alcançado com outros conselheiros. Todas as sessões de noventa minutos que se seguiram resultavam em dez ou vinte páginas de anotações em um esforço para capturar as sacadas e a sabedoria de Tatyana.

Aos 39 anos, ouvi o termo *empata* usado pela primeira vez, em uma sessão com Tatyana.

Ela o descreveu assim:

Quando alguém entra na sala, a maioria das pessoas pode observar como essa pessoa está se sentindo pela expressão em seu rosto, esteja ela alegre, preocupada ou estressada. Você é o que chamo de empata de alto nível. Você não apenas observa suas emoções, mas as sente e precisa ter limites fortes, ou então será oprimido pelos sentimentos de outras pessoas. Você também tem a habilidade de mudar para apaziguar qualquer situação em que esteja, antes mesmo de ter consciência disso.

Ser um empata pode provocar paralisia, porque há muitas influências, emoções e opiniões externas de outras pessoas para processar e enfrentar. Uma chave para minha autodescoberta e crescimento foi quando li um livro sobre um estudo de tipos de personalidade chamado Sistema Eneagrama. Depois de fazer o teste muitas vezes, reconheci que sou a personalidade tipo cinco no gráfico, e esse foi um passo monumental adiante em minha compreensão de como opero no mundo. Também conhecidos como observadores ou investigadores, essa personalidade costuma esperar até ter estudado totalmente um assunto ou situação antes de se sentir seguro e confortável o suficiente para agir. É um potencial para compreensões profundas e produção poderosa de arte, mas pode ser enlouquecedor para amigos e,

especialmente, parceiros impacientes. O engraçado sobre cachorros é que eles não me esgotam, como fazem as pessoas. Nunca.

Não me dispus a ser um contador de histórias, seja na fotografia, no cinema ou na escrita. Sempre fui mais um observador. Percebo detalhes, padrões... Simplesmente *sinto* coisas. Sendo uma criança tímida, eu na verdade não tinha escolha. Nunca entendi completamente por que podia intuir tanto as coisas de um jeito intrincado – eu simplesmente sabia que algumas pessoas fariam meu estômago revirar e sabia que nunca poderia confiar nelas.

Sempre fui um introvertido que deseja experiência social, mas empatia extrema, alta sensibilidade, ou seja lá como você queira descrever isso, é uma característica que vem com uma necessidade clara de recarga, pois estar em comunhão intensa com outras pessoas esgota minhas energias. Não preciso de muito, só de um espaço tranquilo para encher novamente o meu reservatório. Na época em que vivia na estrada, minha van me proporcionava isso e agora posso surfar sozinho no oceano, ou simplesmente considerar o tempo de que preciso todos os dias para irrigar meu cólon. Duas ex-namoradas não respeitavam esse tempo, entravam e se sentavam comigo durante o tempo reservado apenas para Earl e eu. Esse era meu momento pessoal; parecia invasivo, como se eu estivesse encurralado, pois não podia ir a mais nenhum outro lugar.

Depois de seis meses de trabalho pessoal intenso com Tatyana, em vez de querer continuar no relacionamento com Hannah, eu reconhecia com pouca dúvida que tinha que sair fora. Minhas suprarrenais estavam sobrecarregadas, eu via círculos fundos embaixo dos meus olhos e meus cabelos brancos estavam se multiplicando. Por minha própria saúde e bem-estar, precisava seguir adiante.

Na véspera do Dia de Ação de Graças, Hannah e eu tínhamos ido até a costa com meu bom amigo Justin para surfar e relaxar. Nós três fizemos a viagem de noventa

minutos de carro até Manzanita em um silêncio tenso e desconfortável, e Justin e eu deixamos Hannah em um café para que ela pudesse trabalhar. Quando estávamos sozinhos, Justin olhou para mim e disse:

— Não sei o que está acontecendo, mas não quero ver você sofrer assim. Isso me lembra muito de quando estava tentando terminar meu último relacionamento.

Naquele dia, enquanto Justin e eu surfávamos, tentei esquecer a situação, mas sabia que não podia evitar a verdade por muito mais tempo. Quando Hannah se juntou novamente a nós, a viagem de volta foi igualmente desconfortável e tensa. Nós deixamos Justin em seu carro e paramos no mercado. Hannah olhou para mim e disse:

— Vou andando para casa.

Quando virei o volante para entrar na garagem, soube que tinha chegado a hora.

Na noite seguinte, fui à academia de escalada e reuni a confiança necessária para, finalmente, acabar com aquilo. Quando cheguei em casa, respirei fundo na porta me preparando para o pior e entrei.

Senti o cheiro de comida recém-preparada e olhei em torno da sala. Havia velas acesas e aromas deliciosos emanavam da cozinha. *In Rainbows*, o meu álbum favorito do Radiohead, estava girando no toca-discos, uma chama crepitava no fogão a lenha e Hannah estava sentada de pernas cruzadas no sofá, sorrindo para mim com uma calma perturbadora. Tinha entrado na sala me sentindo com os pés no chão, mas então pareceu que existia ali uma realidade alternativa – uma vida com a qual sempre tinha sonhado em ter com ela, mas que nunca havia conseguido.

Abalado pela atmosfera, mas determinado a ir em frente com o rompimento, expliquei que queria terminar as coisas. Ela ouviu com calma e falou:

— Vi outra conselheira hoje e ela me disse que nós ficaríamos juntos para sempre.

Olhei para ela como se fosse um ser alienígena.

— Não — disse eu. — Preciso que você leve suas coisas daqui. Amanhã.

Hannah finalmente se mudou e, logo depois, desabei no sofá em um alívio catártico, livre de todo o peso do ano anterior. A cama de Denali rangeu quando ele se levantou devagar e foi cambaleante até onde eu estava com as pernas bambas. Ele descansou a cabeça no meu colo, deu um suspiro longo e teatral e olhou para mim com uma expressão que dizia:

Finalmente! Por que você demorou tanto?

O estresse e as brigas acabaram, o ar está limpo e somos só você e eu.

Foi então que percebi por que Denali estava resistindo tanto. Ele estava cuidando de mim mais uma vez e não queria me deixar enquanto eu estivesse em um relacionamento que ele sabia não ser bom para mim. Com essa revelação, eu o abracei por bastante tempo, acariciando suas orelhas, e agradeci a ele mais uma vez por estar presente nos momentos em que mais precisava dele.

Durante as horas úmidas e com pouco tempo de luz de dezembro, eu me aninhei com Denali em sua cama e olhei em seus olhos, turvos pela idade, e ainda assim muito bondosos. Aqueles olhos não piscavam durante todos os desafios, testemunhas sem julgamento dos catorze anos e dois meses – mais de cinco mil dias – que tínhamos compartilhado.

Ele estava presente durante meu desespero por fracassar no casamento com Melanie e me guardou em todos aqueles momentos quando as cirurgias e as drogas de quimioterapia me deixavam indefeso. Ele revirava os olhos e dava suspiros divertidos enquanto eu buscava a intimidade de namoradas

que não eram de jeito nenhum compatíveis comigo. Isso acontecia nos momentos em que Denali se voltava para seu lado husky arredio e não dava a mínima para mulheres que saíam comigo. Seu apoio impassível foi a única constante enquanto enfrentei a confusão de reconstruir um sentido para mim mesmo enquanto vivia na estrada com a van, e durante as incontáveis horas em que olhava com uma lupa para slides em cima de uma caixa de luz, tentando reinventar minha carreira. Mais tarde, as horas infinitas que olhava para a tela de meu computador enquanto editava e corrigia a cor de fotografias devem ter parecido bobas para ele.

Eu estava presente durante tudo isso e faria tudo de novo! Está bem, vamos sair para passear. Quero cheirar aquela árvore no fim do quarteirão e saber as últimas notícias do que tem acontecido na vizinhança.

Acaricieei suas costas atrofiadas, sentindo a espinha protuberante enquanto passava os dedos por seu pelo ao longo de seus quadris e sentia o quanto aquelas coxas antes poderosas tinham se deteriorado. Denali estava fisicamente frágil, ainda assim com o espírito muito nobre. O envelhecimento nunca poderia tirar isso dele.

Denali tinha superado o abandono no abrigo quando filhote e as inseguranças decorrentes, quatro tumores cancerosos de mastócitos, uma batalha sufocante com a paralisia da laringe e uma crise confusa de síndrome vestibular. Embora seu corpo agora estivesse frágil, seus olhos ainda brilhavam muito com devoção e lealdade. Denali tinha feito tudo por mim.

E faria tudo outra vez numa boa!

Falei delicadamente com ele, reconhecendo todos os anos de alegria e luta pelos quais ele tinha me visto passar. Minha voz vacilou e meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu sussurrava em sua orelha macia:

— Está tudo bem ir agora, amigo. Você esteve comigo por muita coisa, por tudo, e por isso vou ser sempre grato. Por favor, só me diga quando chegar a hora. Estou aqui por você. Amo você. Obrigado.

Depois de minha conversa aberta e dolorosa com Denali, decidi participar de uma cerimônia de ayahwasca com Keith outra vez, na esperança de encontrar alguma clareza nos meses recentes de turbilhão. No meio da cerimônia, uma revelação me atingiu com força: em minha vida adulta, sempre tive uma companheira, com Melanie e com os relacionamentos sérios após o divórcio.

Denali esteve comigo por todo esse tempo e agora que era sua hora de partir, então eu precisava me erguer e seguir em frente sozinho. Ele tinha me acompanhado até o limiar da próxima era, uma versão mais profunda da idade adulta.

A noite após a cerimônia era a noite de Ano-Novo e resolvi levar Denali para visitar a costa, onde tínhamos passado tanto tempo juntos. Eu me encontrei com meu amigo Page Stephenson, que havia contratado recentemente para me ajudar com a área audiovisual de meu negócio. Em uma continuação da reflexão interna que tinha começado na noite anterior, comemos chocolates de cogumelos mágicos e caminhamos contemplativamente pela praia depois de escurecer. Era uma noite fria de inverno, por isso deixei Denali enroscado perto do fogão à lenha, onde ele podia ficar aquecido e confortável. As estrelas brilhavam no céu e, a cada passo, explodiam na areia centelhas de bioluminescência, iluminando a escuridão. O Chief Kiwanda Rock, um enorme rochedo no mar perto da costa, estava envolto em uma bruma tênue. Olhei para a rocha, maravilhado com sua fortaleza, com o jeito como havia resistido à intensidade das

tempestades de inverno ao longo de milhares de anos. O mantra da noite anterior ecoou em minha mente: *Levante-se, seja um homem. Denali está partindo. Pela primeira vez em sua vida adulta você vai estar sozinho.*

Você é forte o suficiente sozinho.

A voz do próprio Denali ressoou em meu interior. Ele sempre intuía quando a dúvida me paralisava. Estava muito consciente de como Denali havia me apoiado imensamente ao longo dos anos e sabia agora que conseguiria sozinho. Eu não tinha escolha. Denali tinha me ajudado a crescer e a acreditar em mim mesmo o suficiente para superar meus medos.

Um barco de pesca de caranguejos acendeu a rocha, iluminando-a de um jeito dramático e cinematográfico, um momento que logo nos inspiraria a usá-la como fundo para várias cenas em meu curta-metragem *Denali*.

Na manhã seguinte, no dia 1º de janeiro de 2014, fomos surfar. As ondas estavam tão perfeitas quanto a turma reunida no pico. Eu e meus amigos mais próximos surfamos as ondas de fundo de pedra no interior do cabo. Justin gritava me encorajando enquanto eu traçava uma linha alta em uma onda dourada iluminada pelo sol. Ela desapareceu perto da praia e eu saí por cima, percebendo que tudo daria certo no fim das contas. Denali sempre seria parte de mim.

Na semana seguinte, tive uma reunião de criação para um projeto que faria, um filme que havia começado mais como uma peça publicitária sobre meu amor pela escalada e pelo oceano, mas que acabou mudando o foco para o meu relacionamento com Denali. Nós desenvolvemos um plano para fazer imagens de Denali em todos os nossos lugares favoritos, e esperava que outras pessoas pudessem se identificar com o quanto Denali tinha significado para mim e como ele havia me ajudado a superar desafios ao longo dos

últimos catorze anos. Eu sabia que o filme seria um estresse para Denali, mas também achava importante capturar essas imagens de nossos últimos dias juntos.

Tivemos, então, mais uma conversa emocionante entre homem e cachorro. Pressionei minha testa na dele e compartilhei meus pensamentos com Denali.

Sei que sua hora está chegando e vou sentir muito sua falta. Amo você, amigo. Sei que disse que estava tudo bem com a sua partida, mas tenho um último favor para pedir. Você pode se manter forte por mim, só este mês? Depois desse tempo, vamos ter todas as imagens de que precisamos para contar nossa história. Sei que isso vai deixar você cansado, mas vou fazer o possível para ajudar você! Significaria muito para mim se você pudesse aguentar isso. Prometo que vai ser a última coisa que peço. — Eu beijei a sua testa e olhei em seus olhos turvos. — Obrigado, D! Por tudo.

Eu seguro a onda, cara. O que você precisar.
Posso fazer isso!

Durante a filmagem, Denali estava frequentemente cansado, entretanto, mesmo agora quando vejo o que capturamos, me impressiono com sua força naquelas semanas finais. Nós filmamos nas paredes côncavas de Smith Rock e nas praias abertas da costa do Oregon com o Chief Kiwanda Rock erguido inabalável ao fundo. Eram dois lugares sagrados para os quais Denali e eu tínhamos voltado várias vezes, apesar do que eles tinham testemunhado em minhas próprias lutas e relacionamentos fracassados. O paralelo entre esses dois locais era inegável, e eu sabia que eles estarem representados no filme de Denali era imperativo.

Como sempre, ele esteve presente para mim, concedendo meu desejo final quase perfeitamente. Perto da meia-noite de uma sexta-feira, 31 de janeiro, ele começou a desenvolver os

primeiros sintomas de pneumonia. Durante os dois dias seguintes, passamos o fim de semana na mesma praia em Pacific City onde tínhamos jogado bola por horas em anos anteriores, assistido a pores do sol, desfrutado de alegrias e chorado pelas dores do coração. Na manhã de segunda-feira, ele estava morto.

Enquanto Denali dormia um sono inquieto naquela última noite, eu me sentei na beira de sua cama, toquei delicadamente um riff de ukulele que eu ensaiava com frequência e a letra fluíu onde antes havia apenas música:

*Quando eu navegar para o mar,
Por favor, não me siga.
Quando eu navegar com a maré,
Vou estar ao seu lado.
Quando eu navegar para o Sol,
Por favor, não tema,
Pois estarei bem aqui.*

Tinha começado a sair com uma mulher chamada Whitney, uma cientista que também escalava e surfava. Ela agora estava me vendo em um dos momentos mais vulneráveis de toda a minha vida. Estava chorando baixo, com o rosto coberto de lágrimas. Whit se sentou silenciosamente no sofá e tocou meu violão enquanto eu estava deitado ao lado de Denali. Meu coração estava pesado por perceber que era hora de ele partir. Odiava ter um papel em sua partida, mas não podia deixá-lo sofrer.

Minhas mãos tremiam enquanto eu digitava *eutanásia em casa*. Estava chocado, com a voz soando muito distante quando falei com a veterinária que atendia à domicílio.

— Sim, por favor, venha amanhã de manhã — eu comecei a chorar. — Chegou a hora.

Durante a última noite de Denali, eu não dormi. Em vez disso, senti a respiração arrastada e difícil com Denali deitado

em meu peito. Eu o confortei e acariciei sua cabeça durante aquela longa noite. Ele estava pronto para ir. Agora era minha vez de retribuir o favor e apoiá-lo em suas horas mais vulneráveis, como ele tinha feito inúmeras vezes comigo.

Obrigado, amigo, eu te amo. É, estou cansado e vou partir logo... mas nunca vou te deixar. Sempre vou estar aqui. Você é forte agora. Tem toda a força dentro de você para seguir em frente.

ACEITANDO O LUTO



Denali tinha uma presença marcante. Ela era tangível de maneiras difíceis de descrever.

Ele tinha uma nobreza silenciosa, como aquele melhor amigo que entra com facilidade em sua vida antes que você perceba quem é ele. Denali era acolhedor e amoroso, mas ainda assim arredo e forte, um observador de todas as emoções e eventos, embora livre de conexões, abnegado e sempre pronto para seguir para a próxima aventura. Simplificando, ele era o melhor amigo que um homem poderia desejar. Até hoje, o adeus mais difícil que já dei foi

para Denali em sua manhã final. A memória ainda é desoladora, entretanto ela afirma como nossos companheiros caninos ao mesmo tempo simplificam e expandem nossas percepções de como dar e aceitar a forma mais pura de amor.

Nenhum outro ser, nem mesmo a família, nos conhece melhor ou nos viu em nossos piores momentos e ainda assim nos ama e aceita totalmente. É por isso que perdê-los dói tanto e eles são um belo presente. O que posso dizer sobre cachorros? Seu olhar é imune a raça, gênero, inclinação política ou crenças. Eles veem apenas o coração do humano por trás das cicatrizes e da história que forma seu ponto de vista moral e suas opiniões.

Descontando um incidente traumático ou a falta de exposição aos caninos, questiono a integridade de qualquer pessoa que não goste de cachorros. Denali sempre foi correto em seu julgamento de caráter, vendo além do ponto de vista do charme mais sedutor quando eu estava cego por ele. Aprendi a observar suas primeiras impressões daqueles que conhecia e sua aprovação reforçava minha própria intuição. Dessa forma, ele me apresentou a amizades que levei para toda a vida.

Não dormi na última noite de Denali. Saboreei cada segundo e chorei baixo enquanto acariciava sua cabeça e compartilhava minha gratidão por sua amizade.

— Você esteve sempre ao meu lado durante tudo, amigo. Você me ensinou muito e sei que é sua hora de partir. Descanse tranquilo, camarada. Vai ser difícil, mas agora sei que consigo me segurar sozinho.

Obrigado, amigo. Estou muito cansado. E com medo. Por favor, fica comigo até o fim.

Quando o amanhecer de inverno finalmente iluminou a sala, carreguei Denali delicadamente para sua cama macia e

continuei a confortá-lo até a chegada da veterinária. Minha irmã foi até lá para se despedir e dar apoio. Estava deitado ao seu lado, abraçado a ele, e ele lambeu meu rosto uma última vez enquanto a veterinária preparava a injeção que o relaxaria.

— Boas trilhas, amigo. Obrigado. Sempre vou amar você.

Denali deu um último suspiro e ficou imóvel, provocando um gêiser de lágrimas vindas das profundezas de meu ser.

— Ele morreu.

Abracei seu corpo inerte uma última vez, com meu próprio corpo tremendo enquanto tentava conter os soluços. A veterinária e eu levamos o corpo sem vida de Denali pela escada até a traseira de seu pequeno SUV. Ri quando pensei em todos os dias que compartilhei com Denali vivendo na estrada. *Partindo com estilo, estou vendo. Obrigado, amigo, por tudo.*

Olhei para trás enquanto subia os degraus até a casa, sentindo um vazio que nunca havia experimentado. Minha irmã me deu um abraço e agradeceu a ela por estar ali do meu lado. Quando a veterinária fechou a traseira do SUV, um corvo grande voou baixo acima de minha cabeça, mergulhando em um arco cheio de graça a três metros do teto do carro. Todos os pelos de meu corpo se arrepiaram, reconhecendo o significado daquela saudação. Denali estava dizendo adeus. O que ainda não tinha percebido foi que a vida dele estava apenas começando a levantar voo.

Algumas horas se passaram e senti necessidade de escrever sobre ele. As palavras fluíram sem esforço e enxuguei as lágrimas por tempo o bastante para compartilhar essa homenagem no Instagram para informar aos muitos amigos humanos de Denali o que tinha acontecido.

Denali 1999-2014

Hoje de manhã eu me despedi de meu melhor amigo depois de catorze anos e meio compartilhando aventuras ao meu lado. Por

mais difícil que seja a transição, ela é motivo para reflexão e uma celebração do amor e da alegria que esse cachorro incrível trouxe para a minha vida.

Obrigado, Denali, por me dar coragem de cair na estrada com uma câmera, uma van e nenhum plano em 2001, por nunca tirar os olhos de mim durante um ano de tratamento e cirurgias de câncer e inúmeros outros desafios.

Obrigado por sua habilidade incrível de entrar no enquadramento exatamente no momento certo para melhorar uma imagem, por me ensinar sobre paciência e sobre a alegria que existe nos momentos simples e tranquilos enquanto observava você envelhecer e, acima de tudo, por doar de modo altruísta o amor incondicional que apenas um amigo verdadeiro pode dar.

É impossível colocar em palavras tudo o que você foi e sempre será para mim – eu sempre estive convencido de que você era mais humano do que cachorro, e todas as inúmeras vidas que você tocou sentiam o mesmo.

Obrigado por sua crença inabalável em mim. Boas trilhas, amigo!

O vazio que senti depois de perder Denali me chocou pela profundidade. Havia uma solidão silenciosa ao acordar que durava pelo dia todo, enquanto esperava pelo ranger familiar de sua cama e pelo barulho de suas unhas no piso antes de ele se aproximar para dizer um oi. Minha expectativa de receber sua saudação ao chegar em casa era com um silêncio vazio. Enquanto dirigia meu Element, olhava repetidas vezes para trás para me desculpar com Denali por uma parada brusca ou por um barulho incômodo quando passava por um sonorizador. Ele odiava essas vibrações fortes mais do que qualquer coisa.

Tinha perdido meu melhor amigo, então o sofrimento parecia óbvio, mas a magnitude da dor quase me paralisou. A tristeza era opressora e envolvia tudo que estava ao meu

redor. O trabalho se tornou trivial; o foco, evasivo.

Na tarde após a morte de Denali, Isaac Brock me ligou ao saber de minha perda. Primeiro, ele fez uma referência obscura a uma piada que só uma mente tão criativa quanto a dele poderia entender, então foi mais direto.

— Como está você, cara?

— Estou indo bem, obrigado por ligar — respondi. — Eu agradeço.

— Não, você não está bem. Venha ficar um pouco aqui no estúdio.

Passei a tarde no estúdio de Modest Mouse e o gesto pequeno e ainda assim profundamente simpático de Isaac me tirou de casa e de minha cabeça. Ele me ajudou a processar um dos dias mais difíceis de minha vida.

As lágrimas continuavam a me cegar, mesmo muito depois que meus amigos tinham reconhecido a morte e seguido em frente.

Quando você perde um amigo humano ou um membro da família, outros amigos costumam entender que a estrada de volta vai ser longa e desafiadora para você. Mas quando um bicho de estimação morre, a maioria não consegue compreender nem simpatizar com o tempo que leva para se ajustar a essa nova realidade, à do vazio. Eles tendem a se esquecer rápido e uma sugestão de “isso já passou, agora supere” surge rapidamente. É estranhamente parecido com o que acontece quando uma pessoa tem remissão do câncer – aquela solidão quando você percebe que a vida nunca mais vai ser a mesma.

Um mês depois de perder Denali, ainda era difícil para mim compreender como o sentimento de luto podia ser tão constante e intenso. Durante uma sessão com meu acupunturista, falei para ele sobre como as lágrimas não paravam de chegar. Ele refletiu:

— Isso está acontecendo porque sua ligação era muito pura, ele estava sempre ao seu lado sem questionar e você ao

lado dele. *Isso é amor verdadeiro.* Com relacionamentos humanos, há bagagem e ressentimento que os dois lados devem superar, mas um cachorro não abriga nada disso. Nós os amamos, eles nos amam. Incondicionalmente, sem nenhuma bagagem, apenas puro apoio, em qualquer circunstância. Essa é a definição de amor verdadeiro.

Quando você perde sua alma gêmea canina, não perde apenas o cachorro que foi seu companheiro e amigo passando por tantas coisas, mas também precisa se desprender desse capítulo de sua vida, de quem você era. Isso força você a crescer naquilo em que vai se transformar, o último ato de despedida da amizade.

Em uma sessão de fotos para um fabricante de equipamentos de escalada em meio às cúpulas inabaláveis de granito do Parque Nacional Joshua Tree, terminei uma foto e me afastei da equipe para ter alguns momentos sozinho. Caminhei para o fundo de uma ravina entre duas cúpulas gigantes, encontrando privacidade para fazer xixi e trocar minha bolsa de colostomia. Respirei fundo algumas vezes e saboreei aqueles poucos momentos de imobilidade, me impregnando com os sons sutis do deserto. Inspirei fundo e vi um movimento em minha visão periférica. Um corvo grande estava pousado em um tronco a menos de um metro e meio olhando para mim. Enquanto prendia a respiração, o pássaro nobre saltou para mais perto, observando-me com atenção. Ele inclinou a cabeça quando olhamos um para o outro. Expirei lentamente e calafrios percorreram minha espinha enquanto me sentia confortado por uma presença familiar.

Denali estava marcando presença, afirmando que nunca sairia do meu lado.

15

UM NOVO COMEÇO COM NORI



A tristeza insuportável de perder Denali estava sempre presente, mas suavizou-se com o novo relacionamento que eu tinha começado com Whitney e sua pastor-alemão com basset

resgatada de sete anos chamada Sadie. Whitney e eu tínhamos começado a sair logo depois que ela se mudou para o Oregon, vindo do Colorado, após termos uma conversa sobre escalada e surfe. Alguns meses depois de sua mudança para o Oregon, ela estava andando pela praia enquanto fazíamos o filme de Denali e Sadie se apresentou cavando um buraco na areia.

Meu primeiro encontro de verdade com Whit foi durante o último fim de semana de Denali, quando Whit, Denali, Sadie e eu acampamos e surfamos perto do cabo Kiwanda. Antes de seu suspiro final, Denali se assegurou de que eu não apenas estaria livre de um relacionamento tóxico, mas começando um que era mais saudável para mim. Pareceu um gesto final adequado para um amigo que sempre cuidou de mim, mesmo que eu não percebesse como ele estava tentando me ajudar.

No primeiro dia da viagem, Denali estava como sempre foi, andando devagar pela praia, conhecendo pessoas e implorando por petiscos enquanto surfávamos. Quando acordamos no acampamento, no segundo dia, ele recusou comida pela primeira vez na vida, ignorando até atum em lata e uma galinha assada que comprei para ele. Soube então que era sua hora e, quando voltamos para casa naquela noite, Denali me lançou um olhar que fez com que eu soubesse, sem a menor dúvida, que ele estava pronto para ir.

Dois anos mais tarde, Whitney e eu nos mudamos para a costa do Oregon, realizando meu sonho de viver perto o suficiente de um pico de surfe para ir a pé. Com o Chief Kiwanda Rock como fundo, Pacific City oferecia um ambiente incrível tanto para surfar ondas quanto para caminhadas na praia ao pôr do sol. Enquanto arrumávamos nossas malas para partir, garanti a Sadie que ela estaria no paraíso dos cachorros que gostam de praia e que poderia “pescar” à vontade.

Depois que o caminhão de mudança foi descarregado, caminhei rapidamente até o oceano com Sadie e percebi que ela estava agindo um pouco letárgica e fazendo xixi com

muito mais frequência que o normal. Naquela noite, enquanto dormíamos na casa nova perto da água, Sadie bebeu tigelas e mais tigelas de água. Preocupada, Whit a levou para ser examinada e, depois de ver suas radiografias, o veterinário recomendou que levássemos Sadie até o centro de cuidados de urgência em Portland para fazer uma ultrassonografia.

Whit dirigiu em silêncio e senti meu coração pesado com uma premonição enquanto Sadie estava deitada na plataforma de dormir na traseira do Honda Element. Ela estava parada com uma postura régia, como se incorporasse uma última demonstração de força e apoio para seus companheiros humanos. Sadie lambeu meu braço por bastante tempo, então deu um suspiro de aceitação antes de se levantar e começar a girar. Quando ela se deitou novamente, pude sentir que ela estava sentindo dor e tentei confortá-la. Podia sentir que seu estômago estava inchado, mas pelo bem de Whit me mantive tão otimista quanto possível.

Os minutos se arrastavam enquanto aguardávamos que a veterinária voltasse para o consultório. Quando ela voltou, sua expressão estava sombria, combinando com sua camisa branca e unhas pintadas de cor escura. Ela gesticulou para que Whit e eu a seguissemos até a sala da ultrassonografia e, quando entramos, Sadie estava deitada de lado, com a barriga raspada na mesa fria de exame.

Tanto a veterinária quanto sua técnica pareciam sérias, olhando com tristeza para nós enquanto explicavam as imagens na tela.

— Esse é o fígado, o baço e todas essas manchas grandes nos dois são câncer. Lamento dizer isso a vocês, mas, se tentarem levá-la para casa, ela pode sangrar, e seria um jeito horrivelmente doloroso de morrer.

Fiquei chocado, pois apenas algumas horas antes, Sadie estava explorando as piscinas formadas pela maré, correndo pela praia em que Denali tinha passado seus últimos dias, e agora parecia que nunca mais voltaria. Fiz o possível para

confortar Whit e ajudá-la a tomar a decisão difícil com essa notícia repentina e cruel.

Mais uma vez eu me vi chorando, abraçando Whit e sua doce companheira canina enquanto Sadie dava seu último suspiro entre nós em um cobertor no piso de lajotas. Arrasado com a perda de um segundo cachorro em tão pouco tempo, soube que precisaria de mais tempo antes de pensar em adotar outro.

Whit estava trabalhando no Colorado durante o verão e a casa parecia muito vazia sem a energia de um cão. Durante esses momentos sofridos de solidão, comecei a perceber o quanto a amizade de um canino era essencial para as minhas necessidades. Tinha começado a olhar listas de adoção no Petfinder e me perguntei se conseguiria achar outro cachorro com o qual conseguisse me conectar em um nível espiritual como com Denali. Fiz uma viagem até o principal abrigo de animais de Portland, mas a visita só me deixou mais confuso. Parecia mais uma competição do que uma busca por um verdadeiro companheiro, pois eu tinha apenas alguns minutos com os cachorros que gostei antes que os próximos interessados tivessem a sua vez. A maioria das raças e misturas de raça mais desejadas tinham listas de espera com três ou quatro pessoas. Resolvi manter o coração aberto e soube que o filhote certo me acharia sem precisar forçar as coisas.

Em uma segunda-feira depois do fim de semana do Quatro de Julho, Whitney estava voltando para casa para uma visita. Antes de embarcar em seu voo de manhã em Denver, ela enviou uma mensagem de texto simples de uma linha:

Olha só esse filhote fofo ☺

Com a expectativa baixa, dei um suspiro enquanto clicava no link do Petfinder. Quando a primeira imagem baixou, achei que meu coração explodiria no peito. As características de

Nori tinham uma semelhança incrível com as de Denali, mas foram seus olhos que mais me impressionaram. Senti uma alma antiga em seu olhar delicado e, embora ainda não estivesse pronto para um cachorro, de algum modo soube que ela era quem poderia preencher o vazio que sentia desde a partida de Denali.

Sabia que precisava agir sem hesitação e, enquanto estava sentado no vaso sanitário completando minha lavagem diária do cólon, escrevi um e-mail longo para a My Way Home Dog Rescue, que estava abrigando o filhote. Descrevi meu relacionamento com Denali e como daria a Nori uma vida parecida de aventuras. Mencionei que vivia a duas horas de distância, mas iria visitar Nori assim que pegasse minha namorada no aeroporto.

Após dirigir vinte e cinco minutos da viagem de duas horas até o aeroporto, estava passando pelas primeiras fazendas de gado leiteiro perto de Tillamook quando o toque de meu iPhone interrompeu meu fluxo de pensamentos. Eu o atendi e ouvi na ligação a voz de Cheryl, a mãe adotiva do filhote. Ela estava empolgada para me contar que tinha visto meu filme sobre Denali quando foi lançado e ele a havia ajudado em sua própria luta e recuperação de um câncer.

Peguei Whit de seu voo e disse a ela que precisávamos ir direto ao abrigo My Way Home. Depois que Cheryl nos cumprimentou, ela gritou na direção da casa para avisar Nori que ela podia sair. Uma bola de pelos saiu pela porta de correr, indo direto para o local em que Whit e eu estávamos e rolando animada aos meus pés.

Cheryl explicou que Nori tinha sido encontrada com a mãe e a ninhada no deserto do Vale Central da Califórnia, todos quase selvagens, com dois meses de idade. Ela era extremamente tímida e arisca perto de pessoas, se escondendo atrás dos móveis durante grande parte do tempo em que estava naquele lar adotivo.

Nori parecia amistosa apesar de seu passado, e, curioso em

relação à sua personalidade, saí correndo pelo jardim com gramado e ela veio atrás de mim, me perseguindo em círculos enquanto eu rodeava um arbusto. Eu me deitei de repente, Nori parou e deitou seu corpo macio de filhote em cima de minha cabeça, contente só de ficar ali. Foi um momento silencioso de conexão, o suficiente para confirmar que aquele era mesmo o filhote com o qual eu estava sonhando.

Em seu primeiro dia em casa, levei Nori à praia, ao mesmo lugar em que Denali tinha passado seus últimos dias. A vida completa cada vez mais ciclos com o passar do tempo.

Nas semanas seguintes, cada hora ao lado dela derretia qualquer hesitação que eu havia tido sobre receber outro cachorro em meu coração. Tinha me resignado a sentir que nenhum outro cachorro jamais iria se igualar a Denali, mas aquela pequenina estava me lembrando da alegria que cachorros podem nos proporcionar com cada travessura boba deles.

Com apenas três meses de idade, Nori precisava de atenção constante e era um lembrete da realidade louca e insone de adotar um filhote. Apesar disso, tê-la em minha vida compensava qualquer inconveniência. Estava enfaticamente apaixonado por viver perto do oceano e as novas excursões e aventuras na praia ficavam melhores com Nori saltitando ao meu lado. Estava começando a tentar me convencer de que escrever este livro valeria a pena, e seus chamados entusiasmados para sair para um passeio na praia me ajudavam a me manter afastado das dúvidas e do turbilhão de pensamentos enquanto olhava fixamente para o teclado durante toda a tarde.

Conforme os dias com ela se transformaram em meses, comecei a ver muitas das mesmas características que tanto amava em Denali. As semelhanças começavam na cor de seus olhos profundos e emotivos, na coroa em forma de bico de viúva e nas marcas de delineador nos olhos, mas eu as via principalmente nas pequenas singularidades de sua

personalidade. Denali era independente, entretanto sempre queria estar por perto e era superafetuoso. Nori é parecida – ela é superatenciosa, mas é confiante, equilibrada e possui uma doçura delicada que, alguns dizem, só existe em um filhote fêmea.

Uma ligação silenciosa com cada um de nossos companheiros caninos se forma com o tempo, mas minha conexão com Nori pareceu acontecer mais rapidamente. Talvez fosse a estabilidade e o fato de agora me preocupar menos com o que os outros pensam de mim como características que chegaram com a quarta década de vida, mas Nori e eu parecemos encontrar nosso ritmo imediatamente.

Compartilhei a notícia de minha nova companheira nas redes sociais e refleti publicamente que talvez devesse mudar seu nome para sua nova vida comigo. Belinda Baggs, uma *longboarder* australiana muito viajada com quem Denali e eu vivíamos aventuras com frequência, disse que *naminori* significava “pegar uma onda” ou “surfar” em japonês, e que eu tinha que manter o nome. Conforme pesquisei mais o nome Nori, descobri que havia uma profundidade muito maior do que apenas uma alga comestível, por mais apropriada que fosse a nossa vida perto do mar e se encaixasse a ela.

Durante o evento de snowboard de Gerry Lopez no monte Bachelor, eu estava andando em minha prancha com vários dos atletas de Gentemstick, um fabricante de artigos para snowboard com base na meca desse esporte em Hokkaido, no Japão, e eles ficaram muito empolgados ao saber o nome de Nori.

— *Yukinori!* — exclamou um.

— Surfista da neve — disse o outro.

— *Yokonori!* A que anda nas pranchas, snowboard, surfe, skate.

Costumava chamar Denali de “Nali”, então Nori também

parece similar e familiar nesse sentido, e, embora até hoje eu me distraia e a chame de Denali, ela não fica aborrecida comigo por isso.

Nori me fez consciente de todas as coisas ausentes que não havia percebido e do quanto precisava de uma nova companhia canina para minha própria cura e conclusão. A vida agora simplesmente parece completa. Meus muros desmoronaram totalmente e preciso admitir que tinha esquecido como é amar depois da morte de Denali, mas Nori apareceu para mostrar o caminho novamente.

Denali esteve ao meu lado durante a era da internet discada, de telefones fixos, celulares flip e escâneres fotográficos. Ele se acostumou com minhas longas sessões de edição de fotos quando a fotografia digital me transformou em meu próprio laboratório de revelação. Mas não ficou muito satisfeito quando surgiram os primeiros smartphones, depois que passei a ficar olhando para uma tela pequena e brilhante por horas todos os dias. Os primeiros aparelhos Blackberry mudaram a vida de um freelancer como eu, permitindo que respondesse aos e-mails de uma escalada, de um teleférico de esqui ou do início de uma trilha, me libertando do confinamento de um laptop, de horas no escritório e de procurar cafés ou bibliotecas durante viagens.

O Wi-Fi ainda não era importante durante meus primeiros anos na van, mas com o tempo se tornou mais presente. A maioria das redes era aberta na época, sem a necessidade de senhas, então eu dirigia o carro pelas vizinhanças e acampava em frente a qualquer estabelecimento que tivesse um sinal mais forte. Durante seus últimos anos, Denali sempre me lançava aquele olhar perceptivo de resignação e contrariedade quando eu ficava horas olhando para meu telefone, e se perguntava o que havia acontecido com seu velho companheiro de aventuras que costumava passar a maior parte do tempo ao ar livre.

Quando adotei Nori, iPhones tinham passado a ser como

computadores poderosos cheios de aplicativos algoritmicamente atraentes que guardamos no bolso. Para muitos de nós, eles se tornaram um novo vício com o qual lidar, e, antes que o modo noturno reduzisse a nossa exposição à luz azul, eles interrompiam nossas noites e sono assim como as horas em que estávamos acordados. Nori é menos paciente com o tempo que passo no iPhone e não tem problemas em me dizer isso. Ela rasteja até mim na cama, tira o aparelho ofensivo de minha mão e descansa a cabeça em meu peito para chamar a minha atenção a fim de que eu acaricie as suas orelhas. Quando recebeu carinho o suficiente, ela pula com insistência da cama e fica indo até a porta e voltando até irmos para a praia.

Muitos disseram que cada pessoa tem apenas um cachorro do coração ou uma alma gêmea canina. Nori me provou que esse conceito precisa ser expandido para permitir a entrada de um novo amor. Sei que isso também é verdade com relacionamentos humanos. Algumas pessoas que entram em nossas vidas simplesmente abrem nossos corações para o amor, enquanto outras nos alimentam durante tempos sombrios ou nos empurram para cima, e nossos cachorros frequentemente nos apresentam a outros humanos que se tornam amigos para a vida toda.

Seja por uma hora ou por mais de uma década, esses caninos ou humanos que permitimos entrar fundo em nossos corações são exatamente do que precisamos no momento. Denali era um ser desafiador, independente e protetor que esteve do meu lado durante uma quantidade absurda de crescimento. Nori também tem a alma antiga e a sede de aventura que Denali tinha, entretanto, é mais gentil e mais tolerante com minhas peculiaridades. Ela é exatamente do que preciso em minha vida neste momento, e também é o reflexo de minha própria evolução como indivíduo. Nossos cães são espelhos, para o bem ou para o mal.

Faz quinze anos que recebi meu diagnóstico, meus

oncologistas dizem que meu câncer desapareceu totalmente a essa altura e que a chance de recorrência do mesmo tumor é mínima. Sinto que o fato de ter sobrevivido e ainda estar vivo é uma bênção sobre a qual eu deveria pensar todos os dias em busca de perspectiva, e serve também como lembrete para aproveitar ao máximo cada momento. Isso me atinge com mais força sempre que ouço falar de alguém perdendo sua batalha contra essa doença horrível, especialmente aqueles que tiveram câncer colorretal. Isso sempre me lembra de não achar trivial o tempo que tenho aqui. É um sentimento com o qual muitos sobreviventes se identificam, e sempre que tenho um problema de saúde, é fácil reagir exageradamente. Foi encontrada uma pinta suspeita recentemente em minhas costas quando o dermatologista examinou, e foi um desafio não pensar imediatamente na pior situação possível, um melanoma maligno. A pinta acabou não sendo nada, mas todo check-up e visita ao médico continuam sendo uma experiência tensa na qual me pergunto: “E se isso for câncer outra vez?”.

Sinto que atitude é tudo. Um diagnóstico de câncer é uma batalha de vida ou morte com muitas variáveis que estão completamente fora de nosso controle, e nossa atitude em relação a ele é uma escolha. Podemos deixar que os aspectos negativos da situação nos oprimam, ou podemos nos concentrar em fazer o possível para nos manter no caminho da sobrevivência. Um sorriso pode se elevar acima da náusea e da dor horríveis.

Da mesma maneira, é importante se cercar daqueles que possam tratá-lo com normalidade e tirá-lo de casa para sair ou passar algum tempo com você quando estiver se sentindo deprimido e desmotivado. Quando estava superenjoado por causa da quimioterapia, se estivesse disposto, às vezes simplesmente ia para Smith Rock e nem escalava, pois fazia muito bem para o meu ânimo estar perto de amigos à luz do dia e no ar fresco.

Acredito firmemente que meu tumor canceroso foi disparado pelo estresse, a internalização de sentimentos de dor, traição e fracasso, que dispararam mutações em nível celular. Hoje priorizo eliminar relacionamentos negativos de minha vida. Não é apenas para desfrutar de uma vida mais agradável, é por minha saúde, por minha própria existência e sobrevivência.

Cuidar de si mesmo é muito importante e essencial para levar uma vida que o coloque para cima. Se agarre ao positivo e libere o negativo. Sua vida depende disso. Doug Peacock, conservacionista e ativista pela preservação dos ursos-pardos me disse recentemente:

— Arme-se de amizade.

Por quase cinco anos, Whit e eu compartilhamos nossa paixão por paredes de pedra íngremes, ondas perfeitas e por fazer cinema. Eu esperava que pudéssemos superar nossas diferenças e desafios, mas, em última análise, minha intuição me fez ouvir meu coração e tomar a decisão difícil de terminar. Foi o relacionamento mais longo de minha vida, mas não guardei ressentimentos nem arrependimentos, só uma sensação forte de que era hora de seguir em frente.

Durante o sofrimento devido à separação de Whit, eu me lembrava de que não há fracasso além do fracasso em não tentar, ou do fracasso em não abrir seu coração à dor, ao amor, às oportunidades ou aos riscos. Também sei que o maior crescimento chegou por meio das experiências mais dolorosas.

Fui a Smith Rock com Melanie pela primeira vez e continuei a visitá-lo nas últimas duas décadas desde então, amando o tempo passado lá mesmo depois daquela separação. Os dois relacionamentos que se seguiram terminaram igualmente sem cerimônia, mesmo assim ainda amo Smith Rock e me recuso a deixar que essas experiências alterem o quanto o lugar é especial para mim. Sinto a mesma coisa sobre as praias e picos de surfe que frequento agora. Dor de

cotovelo, novos começos e transição contínua, essas praias viram isso tudo, só para se renovar com uma nova maré.

Reescreva sua história, várias e várias vezes. Essa é a essência do crescimento, da vida.

Os que nunca têm que enfrentar o fogo não experimentam realmente toda a amplitude da emoção. Desde as minhas separações arrasadoras até a luta para começar e manter uma carreira criativa e a minha batalha contra o câncer, cada desafio me ensinou lições profundas e estimulou um crescimento que uma vida “fácil” nunca poderia trazer.

Consegui suportar mais e simplesmente desfrutar de cada momento mais plenamente com um amigo como Denali ao meu lado, e Nori já fez o mesmo por mim. Já os abraços dos cães... Eu sempre apertava a minha testa contra a de Denali em uma troca de amor, e Nori é igualmente receptiva a isso também. Ela gosta ainda mais de abraços que Denali e, quando é convidada, joga as patas em volta do meu pescoço e apenas fica ali. Isso quase me faz chorar de alegria toda vez. Em alguns momentos, parece que a conexão com nossos cães pode ser mais preciosa do que aquela que qualquer humano pode oferecer.

Então, abraçe seus amigos, escute seu coração e permita-se ser vulnerável, porque é aí que as melhores e mais verdadeiras experiências vão se manifestar.

A adaptação à vida de solteiro ocorreu mais uma vez e estou há dois anos morando em tempo integral em uma van adaptada que construí com meu pai alguns anos atrás. A van se tornou meu espaço silencioso para escrever este livro enquanto me permite, ao mesmo tempo, economizar para pagar pela casa que estou construindo na praia para dividir com amigos e retribuir toda a generosidade daqueles que me receberam.

Enquanto me preparava para dormir, varri a areia da praia que havia se acumulado no dia e entrei embaixo das cobertas de meu colchão de látex confortável. Nori pulou

delicadamente ao meu lado, aninhando seu corpo magro ao meu e usando o travesseiro desocupado à minha esquerda, então apoiou o maxilar em meu peito e deu um suspiro de olhos fechados.

Sob o peso de sua cabeça, inspirei fundo e olhei para a luz fraca do teto de cedro de minha casinha sobre rodas. *É, posso ser um cara de quarenta e poucos anos vivendo em sua van com seu cachorro, pensei, reconhecendo as muitas formas como eu havia voltado para onde minha jornada tinha começado com Denali. Mas, sabe de uma coisa? Sou muito bom nisso!*

Olhei para Nori, que ainda estava de olhos fechados em estado de contentamento.

— O que você acha? — perguntei a ela.

Ela abriu os olhos, me encarou por um momento, inspirou fundo e deu outro suspiro satisfeito.

— Obrigado, Nori — sussurrei enquanto dava outro abraço sonolento nela.

Somos só você e eu, Nori. Só você e eu.

DENALI CONTINUA VIVO



Enquanto escalava e fazia movimentos escarpados na via Chain Reaction em Smith Rock, usando movimentos ensaiados em centenas de ascensões, lembranças de meu companheiro recém-falecido emanavam do bolso de meu jeans, onde eu havia guardado um saquinho com as cinzas de Denali. Cheguei aos últimos movimentos da via, me preendi à ancoragem e, enquanto estava relaxado e encostado na minha corda, um raio quente de sol da tarde penetrou entre os dois parapeitos vulcânicos que compunham a formação a oeste em forma de castelo. Peguei as cinzas e fiquei hipnotizado quando o pó escorreu entre meus dedos com magnésio. Fragmentos de carne e ossos carbonizados brilharam em padrões iridescentes enquanto caíam lentamente para a Terra, subindo e descendo com o sopro do vento sobre a paisagem de High Desert. Olhei para baixo e percebi um escalador me

observando. Ele parecia vagamente familiar, alguém que reconheci da academia de escalada e de shows musicais em Portland.

Uma semana depois, visitei Smugglers Cove, uma praia de menos de um quilômetro de extensão conhecida entre os surfistas como Short Sands e localizada de frente para o sudoeste. Popular entre os surfistas e amantes de praia de Portland, o pico fica sempre congestionado em dias ensolarados de fim de semana quando a previsão das ondas é favorável. Remei minha prancha calmamente para longe do pico lotado onde eu estava surfando e peguei uma bolsa à prova d'água de dentro da manga do meu traje de neoprene. Quando derramei o conteúdo nas águas claras do oceano Pacífico, as cinzas de Denali rodopiaram e brilharam na corrente enquanto afundavam e desapareciam de vista. Eu me virei para a direita e vi o mesmo rosto que tinha visto ao liberar as cinzas de Denali em Smith Rock olhando curiosamente em minha direção.

As chances de o mesmo indivíduo testemunhar esses momentos profundamente pessoais em dois locais a quase cinco horas de distância um do outro era coincidência demais para ignorar. Eu me apresentei, então, a Matt, e logo nos tornamos companheiros frequentes de escalada e de surfe. A amizade de Matt e suas habilidades arquitetônicas se revelaram importantes. Ele e eu colaboramos no projeto de minha nova casa que estou construindo, que fica a apenas alguns passos da mesma praia em que Denali passou seus últimos dias. Embora o corpo de Denali tenha partido, ele ainda está me ajudando a fazer novos amigos.

Logo depois de jogar as cinzas de Denali, fui convidado para ir a Austin durante o festival SXSW para o lançamento de um livro com Jeff Johnson e James Joiner, quando recebi uma mensagem de texto do cineasta incrivelmente talentoso e meu bom amigo Ben Knight. Eu tinha pedido a ele para ajudar com a edição do curta-metragem sobre meu relacionamento com

Denali, mas ele não tinha se decidido e havia me deixado no silêncio completo.

Fazer o filme já tinha sido para mim uma saga profundamente introspectiva de um ano de duração antes de contratar Ben. Tinha jogado fora várias edições e estava afundado em dívidas, mas incapaz de seguir em frente com minha vida até terminar a produção. O significado da ligação que Denali e eu compartilhamos durante tantas experiências desafiadoras e formadoras ficou evidente nas lágrimas que correram livremente durante esse ano. Ao experimentar essa tristeza, senti profundamente que precisava contar a história de Denali, na esperança de que ela pudesse tocar outras pessoas que experimentaram o mesmo sentimento de apoio amigo durante momentos difíceis. Não podia desistir até que o filme parecesse uma extensão do amor que eu sentia por Denali.

Brincava que era uma violência confiar em um amante de gatos como Ben para contar a minha história com meu cão, mas sabia, no fundo de meu ser, que ele era a pessoa perfeita para organizar a história. Ele tinha um lado de skatista rebelde, mas um coração carinhoso e um jeito inteligente de fazer filmes. Eu estava confiante de que ele acertaria o tom e impediria que o filme ficasse piegas demais, mas não tinha notícias suas havia semanas e estava ficando cada vez mais preocupado que ele desistisse do projeto.

A mensagem de texto de Ben dizia:

Veja seu e-mail. Por favor, encontre um lugar tranquilo para assistir e use fones de ouvido.

Como muitas pessoas maravilhosamente criativas, Ben prefere trabalhar em isolamento. Normalmente participo da edição dos filmes nos quais colaboro, mas dessa vez eu estava no escuro. Não tinha ideia do que esperar quando cliquei no link do Vimeo que ele havia acabado de me enviar. Tinha dado

a ele toda a liberdade para ir tão a fundo e de forma tão pessoal com minha história quanto necessário. Confiei em seus instintos para contá-la do jeito mais gracioso possível e, mesmo assim, ainda esperava ficar completamente desapontado. Como alguém poderia capturar em um curta o amor e a amizade que eu havia compartilhado com meu melhor amigo por catorze anos e meio?

Estava no banco de trás de um carro alugado e coloquei os fones para assistir. Um minuto após o início do filme, a tela de meu iPhone estava quase toda obscurecida por lágrimas grandes e molhadas. Ao fim do vídeo, eu estava quase soluçando e mesmo assim senti um alívio imenso. Jeff e James olharam para o estado estranho em que eu estava e perguntaram:

— Como ficou?

— Incrível. Essa edição está incrível — respondi.

Dez minutos depois, eu o mostrei a eles no hotel e segurei a respiração pela maior parte do filme. Enquanto os créditos corriam, olhei para eles e, para minha surpresa, vi dois homens chorando abertamente, com lágrimas encharcando seus rostos. *Hum, pensei. Isso está tocando mais fundo do que eu esperava.*

Mais tarde naquele mesmo dia, estava sentado em uma mesa em frente a um café movimentado com a também cineasta Alexandria Bombach, que estava em Austin para a *première* de seu longa-metragem *Frame by Frame*, um documentário sobre fotografia no Afeganistão durante o regime talibã. Ela conheceu Denali muito bem em seus últimos anos, então dei a ela meu telefone e os fones e pedi a ela uma opinião honesta sobre a edição de Ben. Fiquei ali sentado me sentindo vulnerável enquanto ela assistia. Alguns minutos depois, Alexandria começou a chorar tão alto que as pessoas que passavam pelo café paravam para ver o que havia de errado.

Foi incrível ver a história de Denali ganhar vida de maneira

tão vívida no filme. Lágrimas catárticas rolavam a cada nova exibição e eu chorei incontrolavelmente nas primeiras vinte ou trinta vezes em que assisti ao filme. Era uma experiência vulnerável contar detalhes íntimos sobre minha vida, em particular a parte sobre a bolsa de colostomia. Nunca tinha revelado sobre essa parte da minha vida em público e não tinha ideia de como ela seria recebida por pessoas fora de meu círculo de amizades.

A primeira exibição pública do filme foi no 5Point Film Festival, um festival íntimo com apenas um local de exibição realizado anualmente no centro de turismo e aventura de Carbondale, Colorado. Com oitocentas pessoas presentes assistindo aos mesmos filmes juntas em uma sala, o festival tem uma sensação mais íntima de comunidade que muitos dos festivais maiores.

Alguns anos depois de minhas primeiras experiências fazendo imagens em movimento, fui convidado para ser o fotógrafo de uma edição do 5Point Film Festival e me senti como um peixe fora d'água. Estava no interior de minha comunidade da indústria dos esportes de aventura e, mesmo assim, sentia que ali não era o meu lugar com os cineastas que estavam presentes. Vi curtas que me emocionaram com sua arte simples, mas nunca sonhei poder fazer a mesma coisa. Tudo isso mudou quando eu me sentei para almoçar e um sujeito chamado Skip Armstrong se sentou ao meu lado. Ele tinha acabado de apresentar dois de seus curtas de aventura da série *Of Souls + Water*, e fiquei impressionado com o quanto eles pareciam mais profundos do que a maioria dos outros filmes de destaque que eu tinha visto no mundo da escalada e do surfe. Skip foi amigável, puxando uma conversa que levou ao meu primeiro papel de diretor de um vídeo musical experimental para a canção “Mino Cause”, do Emancipator. Usamos um drone para filmar, um octocóptero de oito pás que só podia voar por noventa segundos antes de precisar aterrissar para mudar todas as oito baterias.

Dois anos mais tarde, Skip ajudaria a filmar meu curta *Denali*, uma colaboração que mudaria a minha vida para sempre. Nós nos tornamos amigos próximos e colaboramos com frequência nos anos que se seguiram. Durante a *première* do filme, eu me sentei entre Ben Knight e Skip, e os dois me abraçaram para me dar apoio enquanto eu tentava conter meus sentimentos de exposição e vulnerabilidade.

Foi aterrorizante contar a minha história em público, mas sabia que havia um tema universal no filme que era muito maior do que minha amizade com *Denali*. O esforço para fazer o filme começou como um ato pessoal de conclusão, mas eu esperava que outras pessoas pudessem se identificar. Quando ele começou a passar, pensei: *Se apenas uma pessoa for ajudada por eu ter contado essa história, vai ter valido a pena.*

Enquanto passavam os créditos de *Denali*, Ben, Skip e eu nos encolhemos nos bastidores do cinema para a sessão de perguntas e respostas após o filme. Limpei rapidamente as lágrimas, tentando me recompor antes de subir ao palco. Sob o reflexo escuro dos créditos, vi que centenas de membros do público estavam com os olhos vermelhos e fazendo o mesmo.

Depois da exibição, uma mulher em uma cadeira de rodas, que mais tarde descobri ser uma ex-esquiadora profissional, veio falar comigo e me deu um abraço muito caloroso.

— Obrigada, obrigada, obrigada. Eu precisava muito disso. Tinha dois huskies e perdê-los, perder os meus melhores amigos, foi ainda mais difícil para mim do que ficar parálitica.

Naquele momento, me senti satisfeito que aquele um ano e meio de luta para encontrar a profundidade e o tom adequados para o filme tivesse valido a pena. No dia seguinte, quando os vencedores do festival foram anunciados, *Denali* tinha obtido muitos elogios no 5Point e recebemos os prêmios de melhor filme do festival do público e do júri. Para mim, o filme era tão pessoal que antes eu não tinha conseguido ver além de minha história, mas depois da exibição, percebi que tínhamos feito um filme único do ponto de vista

cinematográfico também.

A sobrevivência é uma coisa engraçada. Quando as células rebeldes provocaram o caos na extremidade de meu trato digestivo, meu futuro foi roubado sem cerimônia e não tive escolha além de me concentrar na realidade de permanecer vivo. Olhando para minha mortalidade, descobri dentro de mim mesmo um reservatório intocado de força que, de algum modo, permaneceu sempre presente acima do medo e da náusea paralisante. Todo dia eu tinha que me levantar apesar dos metais pesados e partículas radioativas que eram lançados como coquetéis molotov em minha corrente sanguínea até meu tumor. A família e os amigos fizeram esforços corajosos para ajudar, mas não importava o que eles dissessem ou fizessem, ainda era minha batalha para lutar sozinho.

Durante aqueles meses desafiadores, Denali nunca me deixou sair de sua vista. Quando não tinha energia nem para a comunicação mais básica, ele se aninhava ao meu lado e oferecia seu apoio sem palavras. Com a permissão dos enfermeiros, ele subia com delicadeza em minha cama no hospital, deitando-se com cuidado para não perturbar minhas incisões em processo de cicatrização ou os tubos intravenosos pendurados na cabeceira. Nos meus piores momentos, suas ações ressoaram profundamente em meu ser e seu apoio me ajudou a continuar lutando quando os vômitos me deixavam fraco ou muito desmoralizado para pedir ajuda. Vários anos e incontáveis aventuras depois, quando Denali desenvolveu câncer, tive a oportunidade de retribuir o favor. Sua companhia era um lugar firme e sólido no qual eu podia encontrar apoio em momentos turbulentos.

Eu esperava que o filme honrasse sua amizade, o efeito profundo que ele teve em mim, e que capturasse a essência de

nossa ligação e nossas respectivas batalhas contra o câncer. Narrado do ponto de vista dele, o filme pareceu tocar todo mundo que tinha amado um animal de estimação ou perdido um ente querido.

Seis semanas depois da estreia em festivais, lançamos o filme na internet. A resposta que se seguiu ao lançamento foi absolutamente avassaladora e inesperada. No primeiro dia, meus amigos o compartilharam nas mídias sociais e ele atingiu cerca de cinco mil visualizações, um número modesto, mas eu estava simplesmente agradecido por finalmente lançá-lo para o mundo. Naquela mesma noite, dormi no jardim. Quando o calor do sol de verão me acordou, liguei o telefone e achei que ele fosse explodir com todas as mensagens recebidas. Tinha recados de voz provenientes de todo o país e de Londres, do programa *Today*, do BuzzFeed e de âncoras de noticiários locais. Verifiquei a contagem de visualizações naquela noite e ela já tinha alcançado um milhão. Em sua primeira semana on-line, ele foi visto mais de oito milhões de vezes, e perdi a voz pela quantidade sem fim de entrevistas que dei.

Recebi milhares de e-mails e mensagens emocionadas no Facebook, e Oprah passou o filme em seu programa de TV *Super Soul Sunday*. Desde então, *Denali* continuou a tocar corações e foi exibido em festivais de cinema no mundo inteiro, ganhando vários prêmios. Enquanto escrevo isso, ele foi visto mais de dezoito milhões de vezes on-line e houve interesse considerável em transformá-lo em um longa-metragem, com sondagens dos principais estúdios de Hollywood, assim como de diretores e produtores conhecidos.

A resposta foi muito além de qualquer expectativa que eu jamais poderia ter tido. Foi um verdadeiro testemunho à profundidade da amizade que Denali e eu tínhamos. Ele esteve comigo durante muitas situações e nenhuma vez vacilou.

O filme foi apenas um instantâneo breve de nossa história, mas capturou o sentimento de um jeito que apreciei. Pensei

nas muitas semanas que foram passadas procurando imagens antigas e escaneando negativos e slides, à procura de momentos que pudessem ajudar a transmitir nossa amizade. Quando minha mãe encontrou algumas fotos perdidas que ela tinha feito de Denali em minha cama de hospital, soube que elas eram a chave que eu estava procurando para destravar a história.

Encontrei recentemente uma troca de mensagens de texto com Ben Knight sobre os desafios de fazer com que o filme de Denali ganhasse vida:

Ben:

Desculpe por ficar na defensiva às vezes, eu só sinto a necessidade de pelo menos explicar o processo de meu pensamento em algumas coisas.

Eu:

Isso é tudo o que eu realmente queria para esse filme... que alguém reconhecesse a profundidade de meu relacionamento com Denali e realmente todo o potencial e os temas universais da história. Significa muito para mim colaborar nisso com você, um amigo pelo qual tenho o maior respeito e confiança.

Ben:

Ainda me sinto sortudo por você não ter deixado um saco com cocô em chamas na minha porta.

Eu:

Tinha essa sensação incômoda de que você era a pessoa certa para esse filme um ano atrás e fico feliz por tudo ter funcionado.

Sua combinação rara e loucamente maravilhosa de intuição, sensibilidade, talento e habilidade narrativa, combinada com quem você é como pessoa, fez disso uma obra que não é apenas incrível e comovente, mas também que vai marcar profundamente inúmeras outras pessoas pela capacidade de transcender o tema e tocar qualquer um

que tenha passado por momentos difíceis, por uma perda recente ou até mesmo por ter sentido o poder e amor de uma amizade.

Você fez uma obra de arte, amigo.

É muito pessoal e, ainda assim, você fez algo que é muito maior que Denali e eu. Ficou mais fácil tirar a mim mesmo e as minhas inseguranças da cena e compartilhá-las com todas as pessoas. Obrigado.

Sou muito grato a Ben e a Skip por sua amizade e apoio, por verem o potencial na história e por colocarem o coração e o cuidado em seus talentos, fazendo com que essa obra ganhasse vida. Esse filme foi uma colaboração, e sinto como se suas amizades brilhassem no resultado final. Foi uma história extremamente difícil de contar, mas trabalhar com amigos que gostavam de mim fez com que confiar fosse mais fácil e me permitiu ser vulnerável em relação a minha história.

Torci para que a história tocasse outras pessoas e a resposta foi absolutamente avassaladora.

Um ano mais tarde, após receber todos os e-mails e mensagens de pessoas que viram o filme depois de postado, percebi que ele era mais do que a história de um homem e seu cão. Nós tínhamos explorado temas universais como a amizade e a perda, e criamos uma narrativa sobre superar os desafios que todos enfrentamos na vida, incluindo enfrentar uma doença tão indiscriminada quanto o câncer. Praticamente todo mundo se identifica com a amizade inquestionável de um cachorro, e Denali abriu muitos corações provocando muitas lágrimas. Ter uma recepção tão positiva fez com que os esforços para finalizar a obra tivessem valido realmente a pena e fez com que Denali pudesse agora viver no coração de muitas pessoas.

Sou muito reservado, então contar uma história tão pessoal para milhões de pessoas foi, ao mesmo tempo, incrivelmente

encorajador e desafiador. O impacto de tantas pessoas, de repente, sentindo como se me conhecessem e pudessem se identificar com minha história foi exaustivo e, é claro, foi impossível responder a todas as mensagens. O filme mostrava apenas um pequeno vislumbre do que Denali e eu experimentamos juntos e fez com que muitas pessoas se identificassem profundamente com a história, me ensinando tanto sobre o poder da vulnerabilidade que decidi explorar nossa amizade e as dificuldades que superamos juntos nestas memórias.

Ainda fico furioso hoje com o protocolo médico padrão que recomenda a primeira colonoscopia aos pacientes depois dos cinquenta anos de idade. Tate MacDowell^[9] também é paciente de câncer colorretal no início dos trinta anos e o conheci por intermédio de um amigo em comum na Patagonia quando ele precisou de conselhos sobre como viver com uma colostomia. Ele me apelidou de seu “estomentor” por ajudá-lo a lidar com seu novo estoma. Seu tumor, estágio 2 avançado, estava exatamente no mesmo estágio que o meu, mas em uma parte mais acima de seu cólon, então ele conseguiu reverter a colostomia posteriormente. O câncer voltou logo depois de ele ser totalmente liberado e agora está em metástase estágio 4. Enquanto luta pela vida, fico inspirado todos os dias pelo lema de Tate, “Sem desperdício de tempo”, e por suas aquarelas com o mesmo nome.

No ano passado, soube que duas mulheres jovens e incríveis com quem eu tinha compartilhado minha história e a quem havia oferecido conselhos durante suas batalhas individuais contra o câncer de cólon tinham sucumbido à doença. Amanda tinha 34 anos e Heather tinha acabado de fazer 30.

O câncer é indiscriminado e cruel. Lembro-me nitidamente da conversa que tive com cada uma delas, assegurando que o diagnóstico de câncer e o fato de precisarem lidar com bolsas de colostomia eram obstáculos que podiam superar. Então por que Heather e Amanda sucumbiram à mesma doença que enfrentei? Por que Tate, como um pai jovem e marido, está agora lutando pela sua vida contra essa doença pela segunda vez? Por que eu ainda estou aqui? Essa pergunta me intriga até hoje e me motivou a compartilhar os detalhes de minhas experiências neste livro. Se puder ajudar apenas uma pessoa a superar essa doença, a superar um obstáculo na vida, ou a ver um médico antes que seja tarde demais, todos os momentos em que passei escrevendo esta obra terão valido a pena.

Indivíduos que recebem um diagnóstico de câncer padecem de uma luta pessoal única. O câncer toca quase todos nós de algum modo e, ao compartilhar a minha luta e a de Denali, a esperança é de que outras pessoas possam se identificar e obter forças por meio de nossa jornada. Os tratamentos que destroçaram minha dignidade eram infinitamente desafiadores, mas, ainda assim, me ensinaram lições que levo comigo até hoje. Lições que falam sobre a vida muito além do câncer. A cura é um processo que pode levar décadas e só agora, quinze anos depois, eu me sinto qualificado para articular o que aprendi passando por essa provação.

Uma faceta do câncer frequentemente esquecida pelos médicos, pacientes e cuidadores é que sobreviver a ele, às vezes, pode ser mais desafiador do que os próprios tratamentos horríveis. A montanha-russa emocional de me desintoxicar dos tratamentos de quimioterapia e radioterapia, o medo de um futuro incerto e o choque de ver amigos, de repente, seguindo em frente após a notícia maravilhosa de sua remissão depois de meses em que derramaram sobre mim amor e apoio foram algumas das coisas mais difíceis que enfrentei.

Meu suor fedia a metais pesados depois de doses e mais

doses do coquetel tóxico de veneno que salva vidas. Minhas emoções eram como as de um garoto de quinze anos, mudando dramaticamente da alegria para o desespero. A sobrevivência pode ser o despertar cruel para a realidade de um futuro incerto e, às vezes, intimidante. Essa é uma reviravolta irônica, considerando a abordagem tranquila que é necessária para sobreviver à infelicidade dos tratamentos de câncer. Para resistir, não há opção além de se concentrar apenas no momento presente. O futuro além da sessão atual de quimioterapia e do tratamento tóxico subsequente é opressor demais para sequer ser considerado.

Uma amiga me confidenciou uma vez que sua mãe havia sobrevivido a um câncer de mama e depois tirou a própria vida tragicamente. Isso me fez perceber que eu estava longe de estar sozinho em minha luta para voltar ao que é considerado uma vida “normal” depois do câncer.

Os catorze anos e meio de amizade que compartilhei com Denali foram ricos em aventuras e alegrias, com os dois crescendo juntos e passando pelos obstáculos que todos enfrentamos na vida. Ele estava ao meu lado durante a angústia do divórcio e de uma doença que ameaçou a minha existência, me acompanhando por muitos capítulos enquanto eu caminhava para ser um adulto mais centrado.

Durante meus anos de formação, entre os 24 e os 39 anos, ele me conduziu desde uma dor de cotovelo até uma carreira como fotógrafo profissional e cineasta de aventuras, chegando na porta dos meus quarenta anos, quando resistiu sobre membros frágeis com artrite e me viu sair de um relacionamento tóxico antes de finalmente se entregar.

Denali foi uma dessas criaturas especiais que parecem me conhecer melhor do que eu conheço a mim mesmo. Ele era uma alma mágica e não é exagero dizer que me ajudou a aparecer no mundo, usando minhas cicatrizes e fraquezas sem nenhum tipo de vergonha para que eu pudesse ajudar outras pessoas em suas próprias batalhas nessa jornada

chamada vida. Sabe do que estou falando qualquer um que teve a sorte de ter um cachorro especial assim, que ficou ao seu lado durante os anos mais difíceis.

Acho que Denali conhecia seu propósito, abordando a vida com curiosidade e permanecendo sempre aberto às possibilidades ilimitadas dela.

BEN MOON

Ben Moon é um fotógrafo de aventura e *lifestyle* que virou diretor e cineasta e usa sua sensibilidade intuitiva para dar vida aos indivíduos e às suas histórias: desde imagens de escaladas e surfe até vídeos de música e narrativas de bastidores. Há mais de dezessete anos seu trabalho é publicado nas páginas dos catálogos da Patagonia, nos quais ele procura capturar a beleza e a autenticidade de pessoas que desafiam a si mesmas em todo lugar, transitando entre as paredes íngremes de Yosemite e as ondas de quinze metros no noroeste do Pacífico.

Por ser também escalador, surfista e aventureiro, os insights de Ben das cenas que fotografa são tangíveis. Usa essa habilidade para se conectar com outras pessoas mais profundamente em seu projeto em andamento de retratos em preto e branco chamado *Faces*, no qual a beleza interior de cada indivíduo é revelada de maneira tranquila e íntima.

Fundada em 2014, a Moonhouse, sua produtora, é uma plataforma para colaborar com amigos e pessoas criativas que têm ideias semelhantes e compartilham o compromisso de dar vida às histórias impactantes nas telas. O curta-metragem *Denali*, produzido em 2015, contou a história pessoal de Ben sobre sua batalha contra o câncer colorretal e seu relacionamento com Denali, cachorro amado que morreu de câncer uma década depois que Ben se recuperou da doença. O filme continua emocionando muitas pessoas na internet e em festivais pelo mundo. Entre os curtas mais recentes de Ben estão *Offseason*, protagonizado por seu grande amigo Daniel Norris, arremessador do Detroit Tigers que, no passado, morou em sua van fora da temporada do beisebol, e *Grizzly*

Country, protagonizado por Doug Peacock, guerreiro ecologista e ativista que atua em defesa dos ursos-pardos.

Ben mora atualmente em Pacific City, Oregon, local em que explora as dunas próximas do cabo Kiwanda e as praias do oceano Pacífico com sua cachorra Nori, que tem traços incrivelmente semelhantes aos de Denali e também muitas das melhores características de sua personalidade.

1. *Swell* é um tipo de onda gerada por tempestades oceânicas que acontecem bem longe da praia e podem viajar milhares de quilômetros até chegarem à costa. (N. E.)
2. *Camalot* é um dispositivo utilizado para escalada que, ao ser aplicado em uma fenda, se expande ou retrai para garantir segurança ao praticante do esporte. (N. E.)
3. *Nuts* são peças fixadas na pedra e utilizadas para manter a segurança do escalador no esporte. (N. E.)
4. *Costura* é o termo utilizado para designar uma peça utilizada na escalada, dotada de dois mosquetões intermediados por uma fita. (N. E.)
5. *Boulder* é uma modalidade de escalada na qual o praticante não utiliza equipamentos de segurança convencionais, como cordas e mosquetões. (N. E.)
6. Em inglês, *dirtbag*, que significa “saco sujo”, utilizada para identificar montanhistas com um estilo de vida mais extremo, minimalista, autônomo, seminômade e que, em geral, podem não possuir equipamentos de escalada em bom estado. A palavra não tem uma tradução literal em português. (N. E.)
7. Alguns atletas usam essa droga para aumentar o transporte de oxigênio no sangue e, conseqüentemente, aumentar o desempenho geral. É considerado dopping. (N. E.)
8. A palavra “*earl*”, em inglês, significa “conde” e também é usada como nome próprio. Aqui, é feita uma brincadeira com a bolsa de colostomia, que ficava fazendo barulhos excêntricos. (N. E.)
9. Tate MacDowell faleceu em 4 de outubro 2019 em decorrência de câncer. (N. E.)



© Vivian Moon

BEN MOON é um fotógrafo de aventura e *lifestyle*, diretor e cineasta especialista em dar vida a histórias: desde imagens de surfe e escalada até vídeos de música, momentos dos bastidores e narrativas únicas. Por mais de dezessete anos, seu trabalho aparece no estimado catálogo da marca Patagonia, em que as fotos de Ben capturam a beleza e autenticidade das pessoas que se desafiam em diferentes cantos do mundo, das paredes de rocha do Vale Yosemite até as ondas gigantescas do oceano Pacífico. Ben usa sua sensibilidade para se conectar com outras pessoas por meio do seu projeto Faces, no qual a beleza de cada indivíduo é revelada de maneira íntima e encantadora. Também é fundador de uma produtora chamada Moonhouse, por meio da qual realizou o curta-metragem *Denali*, em que conta sua batalha contra o câncer e seu relacionamento com seu cão Denali. Hoje, Ben mora em Pacific City, Oregon, onde explora as dunas do Cabo Kiwanda e as costas do oceano Pacífico com seu cãozinho, Nori, que divide

muitos traços faciais e de personalidade com seu primeiro melhor amigo.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros